

Instituto Sedes Sapientiae

Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2015/2016

Elcio Gonçalves de Oliveira Filho (Administração e Finanças), Ana Maria Siqueira Leal (Representante da Comissão de Admissão), Alessandra Sapoznik (Eventos), Tera Leopoldi (Relações Internas), João Sérgio Siqueira Telles (Publicações e Comunicação), Roberta Wanderley Kehdy (Relações Externas), Christiana Martins Ribeiro da Cunha Freire (Formação Contínua), Roberto da Costa Moraes Villaboim (Transmissão, Pesquisa e Intervenções Externas), Célia Klouri (Clínica e Instituições)

# Percurso

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXIX : JUN./DEZ. 2016

## Conselho Editorial

Eliana Borges Pereira Leite, Eva Wongtschowski, Leda Maria Codeço Barone, Lilian Quintão, Luciana Cartocci, Mania Deweik, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar, Sergio Zlotnic

## Grupo de Entrevistas

Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky

## Grupo de Debates

Cristiane Curi Abud, Gisela Haddad, Vera Blondina Zimmermann, Thiago Majolo

## Grupo de Debates Clínicos

Beatriz Mendes Coroa, Paula Peron, Sérgio Telles (coordenador)

## Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves (coordenadora), Elisa Ulhôa Cintra, Janaina Namba, Renata Udler Cromberg, Sergio Telles, Susan Markuszower

## Tesouraria

Elcio Gonçalves de Oliveira Filho

## Conselho Científico, Consultores *ad hoc*

Abrão Slavutzky (Porto Alegre), Ana Cecília Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Helena de Staal (Paris), Arthur Nestrovsky (São Paulo), Benny Lafer (Universidade de São Paulo), Daniel Orlievsky (Universidade de Buenos Aires), David Levisky (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Dominique Fingermann (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano), Elias M. da Rocha Barros (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Gilda Sobral Pinto (Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), Heitor O'Dwyer de Macedo (Quatrième Groupe), Inês Marques (Société Psychanalytique de Paris), João A. Frayze-Pereira (Universidade de São Paulo), Joel Birman (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Luís Celes (Universidade de Brasília), Luis Cláudio Figueiredo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Quatrième Groupe), Marcelo Marques (Association Psychanalytique de France), Marcia Neder Bacha (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Rita Kehl (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), Marlise Bassani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Néelson Coelho Jr. (Universidade de São Paulo), Purificación Barcia Gomes (Instituto Sedes Sapientiae), Rosine Perelberg (British Psychoanalytic Society), Urania Tourinho Peres (Colégio de Psicanálise da Bahia)

## Linha editorial

*Percurso* é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, “a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir”.

## Revisão

Simone Zac • Tel.: (11) 9 9897-1362 • simonezac@yahoo.com.br

## Projeto e produção gráfica

Sergio Kon • A Máquina de Ideias • Tel.: (11) 3062-6086 • amaquina@aclnet.com.br

## Assinaturas

Angela Maria Vitorio • Tel./Fax: (11) 3081-4851 • percurso@uol.com.br

## Capa

Secção bidimensional de Calabi Yau em cinco dimensões.

## Coordenação editorial / Recepção de originais para publicação

Renato Mezan • Rua Amália de Noronha, 198 • 05410-010 São Paulo • Tel./Fax: (11) 3081-4851

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Site na Internet: <http://revistapercurso.uol.com.br> • e-mail: [percurso@uol.com.br](mailto:percurso@uol.com.br)

*Percurso* é indexada em *Psychoanalytic Abstracts*, Washington, D.C., USA.



Instituto Sedes Sapientiae  
R. Ministro de Godoy, 1484  
05015-900 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3866-2730  
Secretária do Departamento:  
Claudia Dametta  
[deptodepsicanalise@sedes.org.br](mailto:deptodepsicanalise@sedes.org.br)

A black and white photograph showing a person from the chest down, wearing a dark, quilted puffer jacket. The person is seated in a car, with their hands resting on a dark surface, possibly a dashboard or steering wheel. The background is a dark, textured wall. In the foreground, a white sign is held up, displaying the name 'JEAN LAPLANCHE' in bold, black, serif capital letters.

**JEAN  
LAPLANCHE**



Jean Laplanche, São Paulo (1993).

Jean Laplanche

**Percorso**  $\frac{56}{57}$   
REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXIX : JUN./DEZ. DE 2016

# Sumário

## Table of contents

5 Sumário  
*Table of contents*

5

II Editorial  
*Letter from the editors*

## TEXTOS

### PAPERS

---

15 A revolução copernicana inacabada  
*The unfinished Copernican revolution*  
Jean Laplanche

35 Sublimação e/ou inspiração  
*Sublimation and/or inspiration*  
Jean Laplanche

53 Traduzir: Jean Laplanche & Haroldo de Campos  
*Translating: Jean Laplanche & Haroldo de Campos*  
Núcleo de Psicanálise, Cinema e Vídeo: Heidi Tabacof +  
Maria Aparecida Aidar + Maria Lúcia Lima +  
Maria Marta Azzolini

67 Poesia silêncio psicanálise  
*Poetry silence psychoanalysis*  
André Medina Carone

- 71 As fantasias originárias e o recalçamento primário:  
conceitos dos fundamentos  
*Original fantasies and primary repression: concepts  
of the foundations*  
Ana Maria Sigal
- 81 O conceito de gênero retrabalhado no marco  
da teoria da sedução generalizada  
*The concept of gender revisited in the framework of  
theory of generalized seduction*  
Silvia Leonor Alonso
- 91 O universo mito-simbólico ante a curiosidade  
sexual das crianças  
*The mythosymbolic universe in the light of children's  
sexual curiosity*  
Maria Teresa de Melo Carvalho
- 105 O sexual, o fálico e o orifical a partir da teoria  
da sedução generalizada  
*The sexual, the phallic and the orificial seen from the  
viewpoint of theory of generalized seduction*  
Paulo de Carvalho Ribeiro
- 113 A especificidade da situação psicanalítica no  
pensamento de Jean Laplanche  
*The specificity of the psychoanalytic situation  
according to Jean Laplanche*  
Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila)
- 125 Considerações sobre a sensorialidade na  
constituição do psiquismo  
*Considerations about sensoriality in the constitution  
of the psyche*  
Marcia Regina Bozon de Campos
- 133 A tópica da clivagem e o supereu  
*The topic of splitting and the superego*  
Luiz Carlos Tarelho

143 Hipocondria: um corpo capturado pelo *outro*  
*Hyperchondria: a body captured by the other*  
Marta Rezende Cardoso e Patricia Paraboni

153 Laplanche-e-Pontalis  
*Laplanche-and-Pontalis*  
Jacques André

161 Green, leitor de Laplanche  
*André Green as a reader of Laplanche*  
Renato Mezan

## ENTREVISTA

### INTERVIEW

175 Entre o legado e a criação  
*Between legacy and creation*  
Christophe Dejours

7

## DEBATE

### DEBATE

183 Por que Laplanche?  
*Why Laplanche?*  
Cristiane Abud Curi + Gisela Haddad + Thiago Majolo +  
Vera Zimmermann + Kenia M. Ballvé Behr + Paulo Roberto  
Ceccarelli

## DEBATE CLÍNICO

### CLINICAL DEBATE

189 O guardião de enigmas  
*The guardian of enigmas*  
Paulo de Carvalho Ribeiro + Miguel Calmon du Pin e  
Almeida + Lucía Barbero Fuks

## LEITURAS

### BOOK REVIEWS

203 Apresentação do livro *Ditadura civil-militar no Brasil – o que a psicanálise tem a dizer* [*Ditadura civil-militar no Brasil – o que a psicanálise tem a dizer*]  
*Presentation of the book Civil-military dictatorship in Brazil – what Psychoanalysis has to say*  
Mario Pablo Fuks

- 206 O campo da sublimação e a paisagem da psicanálise  
[*Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*]  
*The territory of sublimation and the landscape of  
Psychoanalysis*  
Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira
- 209 Repetição, entre retorno e acontecimento  
[*Os paradoxos da repetição*]  
*Repetition, between return and event*  
Paulo Antonio de Campos Beer
- 212 Pilares do ofício [Diálogos sobre a clínica  
psicanalítica]  
*Pillars of the profession*  
Camila Salles Gonçalves
- 217 O lapso de tempo nas “Notas bibliográficas” [A  
Subjetividade nos Grupos e Instituições: Constituição,  
mediação e mudança]  
*The lapse of time in the Bibliographical Notes*  
Marilucia Melo Meireles
- 223 O vazio ocupável [Diálogos psicanalíticos  
contemporâneos: o representável e o irrepresentável  
em André Green e Thomas Ogden]  
*The empty pervadable*  
Plínio Carpigiani
- 226 Ficções brevíssimas, metáforas de duplicação e o  
processo criativo [Girassol voltado para a terra]  
*Very brief fictions, metaphors of duplication and the  
creative process*  
Fernanda Sofio



Traduzir, o vídeo  
Biografia de Jean Laplanche  
A revolução copernicana inacabada (texto completo)  
*“Translating”, the video*  
*A biography of Jean Laplanche*  
*The complete text of Laplanche’s paper*  
*“The unfinished Copernican revolution”*  
acesse em [www.revistapercurso.uol.com.br](http://www.revistapercurso.uol.com.br)

231 Colaboradores deste número  
*Contributors to this issue*

233 Normas para envio de artigos e resenhas  
*Rules for contributors*

235 Onde encontrar *Percurso*  
*Where to find Percurso*

239 Para assinar *Percurso*  
*How to subscribe to Percurso*



# Editorial

O encontro que deu origem à participação de Jean Laplanche no documentário *Les Glaneurs et la glaneuse*, de Agnès Varda, realizado em 2000, ocorreu por acaso. E, no entanto, a figura que se desprende desse documentário é sugestiva para todos nós, analistas, quaisquer que sejam os autores que tomemos como referência em nosso percurso.

O documentário trata dos *glaneurs*, pessoas que tradicionalmente na França viviam de apanhar as sobras que ficavam nas plantações depois das colheitas. A prática pode ser traduzida em português por *respiga* e o verbo é inusual: *respigar*. *Respigadores* são, então, catadores de restos que não foram colhidos, pessoas que aproveitam, para uso próprio ou partilha, aquilo que foi deixado por outros, dando um destino às sobras. A cineasta belgo-francesa filma com uma câmara digital, empenhada, ela mesma, como *catadora de imagens*. Em português, o filme recebeu nomes, também eles, sugestivos: no Brasil, *Os catadores e eu*, e em Portugal, *Os respigadores e a respigadora*.

Nesse filme, Laplanche surge, repentinamente, ao lado de sua mulher, Nadine, como um vinicultor. Herdeiro da propriedade de seu pai, o Château de Pommard, na região da Borgonha, conta de sua ligação desde a infância com a produção dos vinhos, da colheita das uvas à fermentação em barris, e lamenta não existirem mais *glaneurs* naquela região. Recita versos de Du Bellay:

– *Cheminant pas à pas*  
*recueillir les reliques* –  
*de ce qui va tombant après le moisseur.*



“o que me faz singular?”

*Tentar colocar na constituição  
do homem a prioridade do outro  
em relação ao sujeito”*

[J. Laplanche]

Quando lhe é perguntado se tem alguma outra atividade, Laplanche responde que sim, “é também psicanalista, um teórico da análise, um filósofo da análise”. Em resposta a uma pergunta, o escutam os dizer: “O que me faz singular? Tentar colocar na constituição do homem a prioridade do outro em relação ao sujeito. Quer dizer, é uma antifilosofia do sujeito”. E acrescenta: “Como o homem experimenta primeiramente sua origem no outro”.

Dando sequência a esse projeto, dois anos depois, a cineasta voltou a percorrer os mesmos lugares, entrevistando também novas pessoas, mas, em especial, aquelas que já havia entrevistado – trajeto que deu origem a um novo documentário: *Les glaneurs et la glaneuse... deux ans après*. Dentre essas pessoas, está novamente Jean Laplanche. A diretora quer mostrar o que restou de sua primeira filmagem, e também o que ficou faltando ou foi perdido em sua primeira colheita. Laplanche responde a ela que na primeira entrevista não estabeleceu a conexão entre os *glaneurs* e a psicanálise.

Em uma cena posterior do filme, é a própria Agnès Varda que nos diz que só depois foi surpreendida e se deu conta da conexão que havia entre a filmagem de si mesma, suas mãos e seu cabelo, em *Les Glaneurs* de 2000, e a forma como havia filmado o adoecimento e morte de Demy, em *Jacquot de Nants* – documentário de 1991 em homenagem a seu marido, o cineasta francês Demy Jacquot, falecido em 1990. A esse propósito, Varda salienta o quanto nós *trabalhamos sem saber*.

Entre acasos e conexões, é por uma feliz junção que uma das traduções deste número de *Percurso* sobre a obra de Jean Laplanche seja de seu artigo “Sublimação e/ou inspiração”, de 1999, no qual o autor nos apresenta seu pensamento

sobre a sublimação a partir da teoria da sedução generalizada, e encerra propondo a produção cultural como um lugar possível de abertura e tradução da relação com o enigma.

De certa forma, um número sobre a obra de Laplanche, falecido há menos de 5 anos, também nos convoca como *catadores* do que fica e solicita um trabalho de tradução, assim como catadores daquilo que aguarda efeitos de significação. Além disso, sua obra demanda continuidade. Na contraface dos *Fundamentos*, que Laplanche defende com tenacidade, são muitas as questões abertas, que exigem novos desenvolvimentos.

São vários os motivos que nos incitaram a levar adiante o projeto de um número da Revista *Percurso* dedicado à obra de Jean Laplanche.

Em primeiro lugar a presença de seu pensamento, enquanto leitor de Freud, no Departamento de Psicanálise, e que suscitou, em 1993, o convite para que viesse ao Brasil. Esse momento da história do Departamento é contado tanto na biografia que está à disposição no site da revista, como também em alguns dos artigos aqui presentes. Artigos que, ao mesmo tempo, dão mostras da atualidade e produtividade de suas ideias entre nós. Naquela ocasião, foi realizado, e filmado, um debate entre Laplanche e Haroldo de Campos sobre tradução, que deu origem a um vídeo. Esse vídeo foi reeditado e legendado para esta edição de *Percurso*, que aporta tanto o *link* para o vídeo, como a transcrição do debate, seguido de um artigo que o comenta. A tradução de “A revolução copernicana inacabada”, efetuada e distribuída naquela ocasião, também está presente na revista. Esse artigo até hoje não foi publicado em livro traduzido para o português.

Outro motivo para este número sobre Laplanche é a falta de publicações de forma organizada de sua obra em português a partir de 1997. Excluindo-se alguns artigos avulsos em revistas, seu último livro traduzido para nossa língua é de 1997: *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante de Freud*, publicado originalmente na França em 1993. Assim, tínhamos poucas e



tínhamos poucas e dispersas  
notícias de seu pensamento por  
um largo período: de 1993 a 2012.

Quase 20 anos!

dispersas notícias de seu pensamento por um largo período: de 1993 a 2012. Quase 20 anos! Para os leitores que acompanhavam suas *Problemáticas*, abria-se uma lacuna em nossa língua, que só podia ser ultrapassada mediante as edições em espanhol ou recorrendo aos originais em francês. No final de 2015, essa lacuna foi parcialmente sanada com a publicação de *O sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*, que abarca artigos escritos entre 2000 e 2006 e corresponde a seu último livro na França.

Além disso, cabia reunir perspectivas abertas por sua obra. Em 2012, por ocasião da morte de Laplanche, o Departamento de Psicanálise promoveu um evento com Christophe Dejours – que é, inclusive, o entrevistado desta edição de *Percurso*, porquanto responsável pela Fundação Jean Laplanche. Partindo da conhecida teoria da sedução generalizada, Dejours apresentava em linhas gerais alguns desdobramentos dos *Novos Fundamentos para a Psicanálise* propostos pelo autor, dentre eles a centralidade da sexualidade e sua relação indissociável com a teoria tradutiva do inconsciente, novos aportes devido à inclusão da noção de apego, os desenvolvimentos sobre as questões de gênero, e consequências clínicas da teoria da sedução. Junto a esses temas, merece ainda destaque a discussão aberta por suas formulações em torno do Édipo e da castração, assim como pela proposição da tópica da clivagem, efetuada por Dejours e articulada por Laplanche, com modificações, à teoria da sedução generalizada. Temas que ora demandavam ser mais conhecidos, ora aguardavam novos desenvolvimentos, e que são, em grande medida, abordados nos artigos dos autores que colaboraram neste número da Revista.

Laplanche é um autor que convoca ao debate. A partir de 1992, têm início as “Jornadas Internacionais Jean Laplanche”, encontros bianuais com vistas à discussão de sua obra. Inicialmente abertos ao público, ocorreram quatro colóquios organizados em torno de grandes eixos temáticos. Esses colóquios foram substituídos, a partir de 2000, por jornadas de trabalho, que seguem existindo até hoje.

Uma publicação especial da *Psychiatrie Française*<sup>1</sup>, em parte disponibilizada em espanhol no site da revista *Alter*<sup>2</sup>, contém o artigo em que Laplanche apresenta sua última elaboração em torno da tópica psíquica<sup>3</sup>, seguido da transcrição de ampla discussão com alguns autores. O que podemos acompanhar por esse material é que o convite a que sua obra seja discutida não o impede de ser rigoroso, e criticar com veemência pontos que pensa não corresponderem aos seus *Novos Fundamentos*. Laplanche não faz concessões em relação ao que pensa ser fundador para a psicanálise e para o ser humano. É incisivo, quer se fazer escutar e reconhecer naquilo que é sua contribuição.

Em “Contracorrente”, artigo que integra o livro *O sexual...*, Laplanche é contundente: quer debater em bases rigorosas, e define sua posição como estando na *contracorrente*.

Essa perspectiva está presente nos artigos que compõem este número, que apresentam sua teoria, delimitam questões deixadas em aberto e avançam em proposições inovadoras. Estão também incluídos artigos críticos, que provavelmente convidariam o homenageado a pegar em armas, e que nos permitem vislumbrar, em alguma medida, a intensidade dos debates na França e o contexto de produção de sua obra.

1 *Psychiatrie Française*, vol. XXXVII, “Le concept d’inconscient selon Jean Laplanche”, 3/06, 2006.

2 Disponível em: <<http://revistaalter.com/numeros-alter/traduccion-y-topica-psiquica/>>.

3 J. Laplanche, “Trois acceptions du mot ‘inconscient’ dans le cadre de la théorie de la séduction généralisée”, in: *Sexual. La sexualité élargie au sens freudien (2000-2006)*, PUF, 2007.

A seção Debates nos permite seguir pensando sobre as marcas deixadas pelo pensamento de Laplanche entre nós, ao propor como tema “Por que é importante falar de Laplanche hoje?”.

A aproximação de uma clínica que busca seus fundamentos principalmente na obra de Laplanche é possibilitada pela seção Debates Clínicos – contribuição importantíssima para este número, uma vez que não encontramos na obra de Laplanche descrições clínicas.

Fechando a revista, a seção Leituras traz, entre outras, as de duas publicações do Departamento: *Ditadura civil-militar no Brasil – o que a psicanálise tem a dizer* e *A subjetividade nos grupos e instituições*.

O acesso ao conteúdo digital da revista, no qual se encontram o vídeo do debate, a biografia de Laplanche e a tradução da Revolução copernicana inacabada, pode ser obtido através do nosso site: **[www.revistapercurso.uol.com.br](http://www.revistapercurso.uol.com.br)**.

Boa leitura!

# A revolução copernicana inacabada

Jean Laplanche

**Resumo** Neste texto, hoje clássico, Laplanche expõe os motivos da sua crítica ao modo como Freud concebe a formação do psiquismo (visão “ptolomaica”, segundo o autor), e ao mesmo tempo deixa pistas para uma formulação mais exata e mais fecunda, que leve em conta o papel fundador do contato com o adulto (visão “copernicana”, já que reconhecer a primazia do outro seria colocá-lo no centro do sistema relacional – algo equivalente ao que fez o astrônomo polonês quando sugeriu que é a Terra que gira em torno do Sol.

**Palavras-chave** revolução copernicana; narcisismo; sujeito; outro; sedução

**Tradução** Mania Deweik e Maria de Lourdes C. da Costa

*Este volume reúne meus principais artigos publicados em diversas revistas desde 1967. Sua disposição não é temática mas simplesmente cronológica. Eles alinham uma reflexão psicanalítica e constituem uma espécie de contraponto aos diferentes livros publicados no mesmo período. Em sua sucessão não encontraremos ruptura, mas poderemos reconhecer um movimento que eu gosto de figurar como uma espiral: passar de maneira cíclica à vertical de certos pontos problemáticos, a cada volta tomando um pouco mais de distância com relação à precedente e desenhando mais nitidamente as opções e as diferenças.*

*É no seio da experiência inaugurada por Freud – experiência indissolúvelmente clínica e teórica – eu diria filosófica – que se situa meu pensamento; não para polir as arestas ou aperfeiçoar os detalhes, mas para fazê-lo trabalhar e, no sentido pleno das palavras, devolver-lhe a alma.*

*Tarefa evidentemente infinita e que o texto inaugural deste volume não pode ter como objetivo concluir: ele é, ao contrário, uma meditação sobre a necessidade de ininterruptamente reabrir a brecha original, outrora aberta pela estranheira do outro.*

*Se aí não estivesse o âmago de nossa prática e o novo de seu (re) começo, a psicanálise não passaria de uma pobre e já obsoleta engenharia da alma.\**

\* (N.T.) O texto acima faz parte da apresentação do livro *La révolution copernicienne inachevée*, do qual extraímos o capítulo de mesmo nome aqui publicado. A tradução brasileira, autorizada pelo convidado, foi feita em 1993 para o colóquio “Jean Laplanche em São Paulo” realizado pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. A versão original foi revista para essa publicação em *Percurso*.



mas tenhamos em mente  
que uma revolução  
não é jamais tão revolucionária  
quanto acredita ser

### A revolução copernicana inacabada

É de forma curiosa que o destino da palavra “revolução” está ligado ao nome de Copérnico. O sentido propriamente astronômico ou geométrico do termo é o único que existe em sua época e o tratado deste autor, *De revolutionibus orbium caelestium*, publicado em 1543, trata do movimento cíclico, eminentemente repetitivo, das esferas celestes<sup>1</sup>.

O aspecto *revolucionário* dessas *revoluções* não está então marcado na terminologia, e é só dezesseis anos mais tarde, em 1559, que Amyot, em suas imortais traduções de Plutarco, começa a fazer evoluir o termo: ilustração, entre tantas outras, da função criadora dos tradutores na evolução da língua. Aliás, a mudança de sentido é progressiva; com Amyot, a revolução certamente significa uma mutação brusca, mas ela permanece *prefixo*, marcada de início por *vários sinais celestes*<sup>2</sup>. Não disponho de documentos suficientes para seguir em detalhe a metabolização desta palavra. Seja como for, na época de Kant, depois de mais de duzentos anos, nosso termo moderno de revolução<sup>3</sup> está consolidado. Em 1787, com o segundo prefácio da *Crítica da razão pura*, revoluções científicas e revoluções políticas andam, aparentemente, par e passo: o pensamento de Copérnico constitui uma “revolução súbita na ciência da natureza”. Mas ao preço de que mal-entendido Kant vai se apoderar disso como um modelo para sua própria filosofia? Diremos algo sobre isso mais adiante.

A revolução de Copérnico em astronomia é invocada, como se sabe, em Freud, como a

primeira humilhação, a primeira ferida narcísica infligida ao homem pela ciência. Vale a pena precisar em que ela consiste, sem antes nos preocuparmos com sua relação com a psicanálise.

A história da astronomia, que remonta como se sabe à mais alta Antiguidade assíria, babilônica e depois grega, não é nada menos que linear naquilo que diz respeito a seu problema maior, que podemos assim enunciar: constatamos movimentos circulares no universo. Mas, finalmente, o que gira em torno do quê?

É simples e pedagógico opor Ptolomeu a Copérnico, o geocentrismo ao heliocentrismo; mas tenhamos em mente que uma revolução não é jamais tão revolucionária quanto acredita ser: no passado ela tem predecessores, e, naquilo que propõe como abertura, traz em si também possibilidades de recaídas potenciais. Finalmente, o que se afronta e se alterna, durante séculos e mesmo milênios de teorias astronômicas, são duas linhas de pensamento, uma ptolomaica e outra dita copernicana, com pensadores notáveis tanto de um lado quanto de outro. Ptolomeu, que se situa no século II d.C., não é mais que o resultado de uma longa e dupla tradição que remonta pelo menos ao século IV ou V a.C.; de uma parte os filósofos: os pitagóricos, Platão, Aristóteles, e de outra parte os sábios, mais próximos da observação, astrônomos, geógrafos e matemáticos. Eudoxo de Cnido (408-355), o primeiro que recompõe os deslocamentos dos astros a partir de movimentos circulares; Autolico (século IV a.C.), Hiparco de Niceia (século II a.C.), ao qual devemos o primeiro grande catálogo das estrelas, enfim o próprio Ptolomeu (138-180 d.C.), que propõe a grande síntese (*Μεγαλη Σύνταξη*)<sup>4</sup>.

Quanto à linhagem copernicana, como sabemos, ela vai prosseguir numa descendência brilhante através de Galileu, Kepler, Newton e depois, mais além, na revolução einsteiniana; o que se ignora geralmente é que ela remonta explicitamente ao século III a.C., com o genial Aristarco de Samos, de quem Copérnico conhecia os trabalhos. Fica-nos dele seu *Tratado sobre*



as grandezas e distâncias do Sol e da Lua, no qual ele tem a audácia de calcular esses parâmetros, com uma aproximação surpreendente para alguns dentre eles, e isso graças à observação e a cálculos trigonométricos originais. Mas sobretudo sabemos que ele é o primeiro a propor um sistema heliocêntrico, incorrendo assim – já no mundo grego – na acusação de impiedade. Essa revolução copernicana, que estaríamos, então, no direito de designar como “aristarquiiana”, quais questões põe em jogo? Podemos distinguir aqui o plano astronômico e o plano filosófico-antropológico.

Do ponto de vista astronômico, trata-se de explicar os deslocamentos dos diferentes corpos celestes com relação à Terra. Deixo de lado um certo número de iniciativas importantes, apesar de tudo extrínsecas em relação à mudança de perspectiva copernicana. Assim a prioridade dada ao movimento circular: ela não será recolocada em questão por Copérnico. Assim a redondeza da Terra: ela é admitida na Antiguidade desde o século IV a.C. O que está em questão não é nem mesmo a rotação da Terra sobre si mesma, responsável pela alternância dos dias e das noites. Atribuída a Heráclides, essa hipótese não é em si mais que uma mudança de coordenadas com relação ao que mostra a observação da vida cotidiana: a rotação imutável da esfera estelar com relação à Terra<sup>5</sup>. De fato, e sem entrar em detalhes, o que põe em xeque uma rotação pura e simples da esfera dita dos “fixos” (digamos: o conjunto das

»  
a questão maior de toda astronomia, até e inclusive a síntese ptolomaica, se situa então sobre a via de um extravio inicial

estrelas longínquas) são os deslocamentos de diferentes corpos celestes em relação a esta esfera: o sol, a lua e, enfim, os “planetas”. Enfim e sobretudo, porque o movimento desses astros errantes, desgarrados<sup>6</sup>, desafia toda explicação simples num sistema onde a Terra permanece como centro de referência.

A questão maior de toda astronomia, até e inclusive a síntese ptolomaica, se situa então sobre a via de um extravio inicial. É a partir de uma hipótese de base errônea que se trata de achar, de inventar, quais movimentos regulares e ordenados é preciso supor para salvar as aparências (isto é, para dar conta das aparências) observadas nos movimentos dos planetas<sup>7</sup>. Como a multiplicação de “esferas”, tendo por centro a Terra, é suficiente apenas para os movimentos do sol e da lua, é preciso apelar para toda uma série de movimentos adventícios, sempre circulares mas excêntricos, depois excêntricos uns com relação aos outros: “excêntricos”, “epíclis”, “deferentes” etc. Todas hipóteses altamente matemáticas que mobilizam a engenhosidade, e mesmo o gênio dos astrônomos, até a suma ptolomaica que vai permanecer durante quatorze séculos a Bíblia da astronomia. Suma à qual é quase impossível adicionar qualquer coisa, dada sua complexidade. Um sistema onde cada detalhe inexplicado, longe de recolocar em questão o conjunto, tornou-se uma hipótese *ad hoc*, suplementar. Sobrecarga e bloqueio: pode-se sonhar com o que se tornou, posto certo grau de complexificação, a metapsicologia freudiana quando se começou a acumular certas insuficiências através de novos conceitos, sem se preocupar em saber se eles se integravam

1 A obra foi publicada logo depois da morte de Copérnico, sem dúvida por precaução: vale mais arriscar o auto-de-fé para seu livro do que para si mesmo.

2 Plutarque: *Vie de Lucullus*, 77. *Vie de Démosthène*, 26. Trad. port.: Plutarco: *Vidas paralelas*.

3 *Revolução* em alemão. Em todo caso, Kant não cria a locução revolução copernicana, e Freud, aliás, não a utiliza. De quem vem ela?

4 A qual, na tradição árabe, tomará o nome sincrético de *Al-mageste*.

5 Supõe-se mesmo que Platão tenha levantado essa hipótese, sinal de que ela não era considerada “ímpia”.

6 Não se pode negligenciar o fato de que os astros errantes tomam sua denominação do verbo *πγαωτε αστερ* que significa desgarrar, seduzir, e que é empregado especialmente nesse sentido na Bíblia, para designar a “sedução” por Deus, ou pelo Cristo. *Jean VII* 47. *João VII*. 47.

7 Platão, citado in: *Histoire générale des sciences*, I, p. 243.



*o descentramento e a infinitude do universo seriam anunciadores de uma infinitude do saber e de um descentramento epistemológico, de outra forma difíceis de aceitar*

ao conjunto ou se não seria o conjunto a ser reconstruído<sup>8</sup>.

O que está em jogo, com aquilo que comodamente chamamos “revolução copernicana”, é uma questão de *centração* que, de início, parece estar limitada a uma mudança de centro astronômico (a Terra, ou o Sol) mas que abre para consequências bem mais vastas.

O heliocentrismo, ponto de vista adotado por Copérnico, traz de saída uma imensa simplificação, ao menos potencial: a ideia que hoje nos parece banal, de que a Terra é um planeta em órbita como os outros em torno do Sol, não simplifica tudo: a forma circular das órbitas obriga a manter uma quantidade de hipóteses adventícias, epíclicas e outras. Mas a via está aberta em direção a progressos unificadores; não somente simplificações, mas também enriquecimentos indefinidos: o sistema não está mais *entupido*; não é somente uma barreira física do mundo que se foi pelos ares, mas também uma barreira epistemológica.

A imensidão do universo, e mesmo sua infinitude, é uma consequência da teoria heliocêntrica e já percebida como tal desde a época de Aristarco. Isto, a partir da objeção seguinte: se a Terra estivesse em movimento, mudando então constantemente o ponto de vista que é o seu, as posições dos “fixos” uns em relação aos outros, “as constelações” deveriam sofrer modificações e deformações..., o que não é o caso. Donde uma dupla conclusão possível: ou a teoria de Aristarco – Copérnico é falsa... ou então as estrelas estão, em relação a nós, a uma distância sem medida comum com as distâncias internas ao sistema solar.

A ideia restrita de heliocentrismo era apenas uma etapa; a revolução copernicana abria parcialmente para a ausência de centro. Num mundo de distâncias quase infinitas, torna-se absurdo tentar conservar ainda uma das estrelas entre as outras, sol ou sistema solar, como centro.

De modo correlativo, se o “centro” do mundo pode estar em todo lugar é que sua “circunferência está em lugar nenhum”. Descentração do nosso mundo, infinitude do mundo, esta dupla afirmação desembocava, tanto no tempo de Aristarco como no Renascimento, na acusação de impiedade. Se o homem não está mais no centro do universo, não somente as cosmogonias e gêneses míticas são contraditas, mas todos os panteons forjados à imagem do homem, ou centrados sobre o homem, são desvalorizados.

Mas, sem dúvida, todo o aferramento da humanidade à visão ptolomaica tem uma raiz mais profunda. Quando Freud fala de ferida narcísica a esse propósito, é de uma humilhação do *homem de carne*, do homem empírico, que ele quer falar.

Mas é preciso ir mais longe: não é somente o homem em sua existência concreta que se acha humilhado por se encontrar em lugar-nenhum, no seio da imensidão do universo: a revolução copernicana é talvez mais radical ainda *ao sugerir* que o homem, mesmo como sujeito cognoscente, não é o sistema de referência central do que ele conhece. Não mais estrelas gravitam em torno dele, não mais reconhecem elas o primado de nosso conhecimento.

Inversamente, se o descentramento copernicano abre para um progresso indefinido (ainda que através de crises) do conhecimento, é sem dúvida porque ele afirma implicitamente que o homem não é, de modo algum, a medida de todas as coisas.

Assim, o descentramento e a infinitude do universo seriam anunciadores de uma infinitude do saber e de um descentramento epistemológico, de outra forma difíceis de aceitar.

Dessa ligação potencial entre descentramento astronômico e descentramento do saber, buscarei a prova em três pensadores, que serão



evocados brevemente por sua relação com Copérnico.

Kant, no segundo prefácio da *Crítica da Razão Pura*, evoca as “revoluções” científicas suscetíveis de servir de modelo a “toda metafísica futura que poderá se apresentar como ciência”. É imediatamente Copérnico que é invocado, na medida em que teve a ideia de “fazer girar o observador e de deixar, por outro lado, as estrelas em repouso”. Segundo Kant, a metafísica deveria “fazer uma tentativa semelhante”...

Ora, longe de nos propor um descentramento à maneira de Copérnico, é justamente um recentramento ptolomaico que Kant quer então operar: de fato, longe de a intuição de um lado e os conceitos de outro “se regularem sobre o objeto”; convém inverter as coisas, admitindo que é o objeto que se “regula” sobre a “natureza de nossa intuição” e sobre os “conceitos de nossa razão”<sup>9</sup>.

Não quero discutir aqui o significado do idealismo kantiano, mas não posso deixar de achar perturbador que um movimento de descentramento radical seja invocado como apoio de um recentramento não menos radical.

A única maneira de salvar Kant é evidente: lembrar que não há nada de comum entre a ciência física “mundana” por natureza e o conhecimento metafísico, cujas condições de possibilidade estão prescritas pela filosofia transcendental. O sujeito empírico está em conformidade com Copérnico, ele é levado não se sabe para onde, no movimento do universo. O sujeito transcendental, este permanece fiel a Ptolomeu: é sobre ele que se regula o movimento dos corpos celestes que são apenas “objetos em geral”. Que seja! Mas neste caso, por que invocar a iniciativa de um para fundar a do outro, e isso contra a corrente?

Há, no entanto, dois autores, após Kant, para não nos contentarmos com esse isolamento demasiado simplista entre o empírico e o transcendental,

o que está em jogo  
na revolução copernicana –  
aceitação ou recusa – vai finalmente  
além do simples domínio técnico  
da ciência astronômica

e isso em dois sentidos diametralmente opostos. Trata-se antes de mais nada de Husserl, o último Husserl, aquele a quem se atribui notoriamente o pensamento de Merleau-Ponty. Este último já citava na *Fenomenologia da Percepção* um texto husserliano de 1934 cujo título é em si um programa completo: *Umsturz der Kopernikanischen Lehre: die Erde als Ur-Arche beweg sich nicht*, que pode ser traduzido por: “Subversão da doutrina copernicana: a Terra, como princípio originário, não se move”<sup>10</sup>. Assim, em Merleau-Ponty, trata-se justamente de reintroduzir no ego “constituente”, o ser humano com sua “carne”, seu “solo” natal, a Terra enfim que é sua morada originária, “a *arché*” que ele partilha com os animais. É um texto surpreendente porque, malgrado certas hesitações e numerosos pontos obscuros, ele combate a “revolução copernicana” em seu próprio terreno, pretendendo mesmo recentrá-la. Pois o “ego apodíctico” que volta a ser “ptolomaico” é ao mesmo tempo o sujeito constituente e o sujeito de carne, contingente, que tem os pés nesta “Terra”.

Isso para mostrar que o que está em jogo na revolução copernicana – aceitação ou recusa – vai finalmente além do simples domínio técnico da ciência astronômica.

Meu segundo testemunho a esse propósito será de um autor chamado Marr. Nome hoje esquecido, mas que teve em sua época uma reputação bem triste. É um linguista russo (1864-1934) que viveu antes da revolução de 1917, depois radicalizou suas ideias sob a revolução, e, no início do stalinismo, no que veio a se chamar “a nova teoria da linguagem”. Ele se tornou uma espécie de Lysenko da linguística: o marrismo foi considerado como sinônimo de marxismo em linguística, e

8 Podemos adicionar ao navio freudiano essas sobrecargas suplementares – posições kleinianas, forclusão, falso-self, self grandioso, espaço transicional, etc. – sem soçobrar o todo? Não seria tempo de passar das problemáticas locais a um questionamento do conjunto?

9 E. Kant, *Kritik der reinen Vernunft*, p. 28.

10 Trad. francesa: *La terre ne se meut pas*, 1989.



*Freud, como se sabe,  
comparou muitas vezes a descoberta  
psicanalítica à revolução copernicana,  
vendo nela duas humilhações maiores  
do narcisismo humano*

todos os que não fizessem juramento de obediência absoluta se achavam perseguidos, obrigados a autocríticas e às vezes “eliminados fisicamente”. Os marristas foram sustentados por Stalin de forma absoluta até 1950, data na qual o próprio autocrata, considerando que tudo isso desembocava em conclusões extravagantes (que alguns consideravam mesmo como delirantes), decretou morte ao marrismo (e, eventualmente, a “alguns marristas...”) pronunciando este oráculo, na verdade tão simplista quanto o que ele combatia: “a língua não é uma superestrutura, a língua não tem uma característica de classe”.

O marrismo sustenta portanto que a língua é um fenômeno de classe e que se pode definir suas etapas segundo o tipo de sociedade de classes: sociedades e línguas aristocráticas, depois sociedades e línguas burguesas e enfim o falar-proletário que é mais importante para os nossos propósitos. Ora, o falar proletário é o falar-ciência; de modo que a sociedade sem classes deve corresponder ao advento de uma “novilíngua”, uma espécie de esperanto mas muito mais ambicioso que este (e que teve, aliás, adeptos antes e depois da revolução). Em que isso toca nosso problema? É que a revolução copernicana que é científica, que é o pensar-ciência, não passou ainda para a língua, que permaneceu burguesa, ou pequeno-burguesa, ou capitalista. Assim, o camponês que diz que o sol se levanta a leste e se deita a oeste é de fato um *kulak*, é um burguês que fala a linguagem ideológica das ciências pré-copernicanas.

Contrariamente, o homem da sociedade sem classes, livre de ideologia, deve inventar uma

linguagem onde se fale verdadeiramente segundo a ciência, isto é, aonde se chegue. Por não sei qual *descentramento na própria língua*, a exprimir diretamente que não é o sol que gira em volta da Terra, mas a Terra que gira sobre si mesma e que gira em torno do Sol, etc.

Com estas duas posições extremas, a do último Husserl e a dos marristas – loucas tanto uma como a outra –, reencontramos talvez ao mesmo tempo o testemunho do caráter fundamental da revolução copernicana e a impossibilidade de sustentar até o fim e de forma constante sua radicalidade. Voltaremos a isso no fim do nosso percurso.

Freud, como se sabe, comparou muitas vezes a descoberta psicanalítica à revolução copernicana, vendo nela duas humilhações maiores do narcisismo humano. Não abordarei diretamente tais textos que merecem uma leitura atenta e eventualmente uma crítica sem concessões. Digamos primeiramente que minha visão da revolução “copernicana” de Freud coincide apenas parcialmente com o que ele mesmo admite naquele momento.

É que efetivamente Freud é para si mesmo seu próprio Copérnico, mas também seu próprio Ptolomeu.

A revolução astronômica durou aproximadamente dois milênios com, quase desde o início, intuições do verdadeiro, mas também com um extravio inicial. Na psicanálise tudo se produz, no que tange ao essencial, num único homem. *Ao mesmo tempo: a descoberta*, muito precocemente afirmada e que é conjuntamente (e, a meu ver, de forma indissociável) a do inconsciente e a da sedução – e o *extravio*, a falsa via adotada cada vez, onde é feito um retorno a uma teoria de autocentrção, e mesmo de autoengendramento.

É somente de forma esquemática que gostaríamos de datar o “extravio ptolomaico” de Freud na famosa carta do equinócio de 1897, em que é solenemente proclamado “o abandono da teoria da sedução”. É preciso falar em Freud, quase que a cada período, de uma alternância de recaídas ptolomaicas e ressurgimentos da visão copernicana, heterocêntrica. Ressurgimentos e reafirmações

que são frequentemente aprofundamentos: é assim que a sedução, ainda que teoricamente renegada em seu valor fundador, continua a perseguir um caminho secreto e um desenvolvimento subterrâneo, mesmo sob o reino do ptolomeísmo dominante, tanto na obra de Freud quanto na de alguns de seus discípulos contemporâneos<sup>11</sup>. O mesmo se diria das reafirmações iniciadoras da heterocentração, entre as quais a mais forte é, sem dúvida, a adoção do *Id* groddeckiano, como uma instância que nos vive mais do que nós a vivemos. Mas é verdade também que essa reafirmação é pelo menos ambígua, uma vez que o movimento termina por recentrar o sujeito sobre o *Id*, como o que está nele desde a origem, e em torno do que, por assim dizer, ele desabrocha<sup>12</sup>.

Mas, da mesma forma que a linha copernicana continua bem depois de 1897, é verdade que o ptolomeísmo freudiano coabita já com o momento mais afirmado da teoria da sedução, como o testemunha notadamente a construção do *Projeto de uma psicologia científica* (1895): a segunda parte, “Psicopatologia da histeria”, desenvolve amplamente uma gênese exógena do inconsciente, enquanto as duas outras partes, a terceira e sobretudo a primeira, são explicitamente de inspiração ptolomaica: reconstruir o aparelho segundo uma espécie de hierarquia a partir do nível  $\Psi$ , concebido como inconsciente e primário, sobre o qual vêm se enxertar os problemas da “consciência”, da “qualidade”, ou simplesmente da sobrevivência; a fórmula “tudo o que é consciente foi antes

11 Cf. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, p. 115-124. Cf. J. Lanonzière, *Histoire secrète de la séduction sous le règne de Freud*.

12 Cf. sobre esse ponto *Problématiques IV – L’inconscient et le ça*, segunda parte – “Problématique du ça”.

13 Ver a esse respeito *Vie et mort en psychanalyse*, p. 87-102 e em particular p. 92-93.

14 O exemplo maior desses epiciclos, de um desses conceitos *ad hoc*, artificiais, é o da pulsão de morte. Tentei indicar de modo cada vez mais preciso seu valor de reequilíbrio no sistema freudiano, seu significado como reafirmação de algo que é da ordem do sexual em seu aspecto mais selvagem. Ora, num sistema que retornou ao não selvagem, ao domesticado e à autocentração, que retornou a um biologismo da pulsão, é digno de nota que a reafirmação daquilo que Freud nomeia, ele mesmo, de “demoníaco”, só possa ter um lugar num quadro completamente desfigurado, sob a forma de um *instinto* biológico.

»  
nessa história conjunta de  
uma inovação e um extravio,  
ora é uma das partes da trança,  
ora a outra que passa  
ao primeiro plano

inconsciente” que envenenará toda a metapsicologia está presente desde o início, paralelamente à tese do inconsciente recalcado mas sem articulação com ela<sup>13</sup>. Nessa história conjunta de uma inovação e um extravio, nessa espécie de entrelaçamento onde ora é uma das partes da trança, ora a outra que passa ao primeiro plano, é preciso levar em conta também o enriquecimento por múltiplas descobertas, vindas da experiência analítica e que devem achar seu lugar ou numa linha copernicana ou mais frequentemente no sistema ptolomaico: assim, a descoberta do narcisismo, a descoberta da compulsão à repetição, a colocação em primeiro plano dos fenômenos de agressividade, etc.

Todas essas descobertas, devidas a um alargamento do campo da experiência – poderíamos citar outras – devem se integrar no seio de uma doutrina que, parcial ou totalmente, apagou a revolução inicial. Onde, exatamente como no sistema ptolomaico, o artifício que consiste em integrar o novo ao preço de complicações suplementares, hipóteses adventícias destinadas a salvar as aparências: os famosos “epiciclos” da antiga astronomia<sup>14</sup>.

A revolução freudiana no descentramento radical que propõe comporta duas aberturas; uma clássica: a descoberta do inconsciente enquanto não sendo nosso centro, mas um centro “excêntrico”; e de outro lado a teoria da sedução, face oculta mas indispensável à primeira, pois é ela que mantém o inconsciente em sua estranheira.

*Das Andere*, a outra coisa em nós, é o inconsciente tal como foi descoberto desde antes de 1897 e tal qual sobressairá em numerosos momentos



*o domínio do inconsciente  
é inseparável de sua forma de  
abordagem, o que já cria um hiato  
em relação a todas as concepções do  
assim dito “inconsciente pré-freudiano”*

da obra incluindo o texto *O Inconsciente* de 1915. É desse inconsciente que Leclaire e eu tentamos marcar os contornos, em nosso artigo de 1966, com o nome de “realismo do inconsciente”<sup>15</sup>.

Só posso enumerar alguns pontos, tão essenciais uns como outros, apoiado nesta estranheza.

Para iniciar, honra lhe seja feita, o método. Pois é preciso insistir incessantemente que o que caracteriza esse domínio inacessível até então é um método novo, um método de descoberta e um método de exploração. O domínio do inconsciente é inseparável de sua forma de abordagem, o que já cria um hiato em relação a todas as concepções do assim dito “inconsciente pré-freudiano”, as quais fazem um impasse com o método, seja postulando simplesmente o inconsciente, seja tentando adivinhá-lo através de não sei qual mântica. O método consiste em associações e recortes, consiste numa desconstrução e é somente no horizonte dessa dissolução ou análise que uma outra realidade pode se desenhar: o que nomeamos fantasia inconsciente. Mas, entre a sequência do comportamento ou do discurso consciente de onde partem associações e o fragmento de sequência inconsciente que pode se esboçar por recorte, não existe nenhuma correspondência ponto por ponto, nenhuma analogia ou similitude. De modo que se acha desqualificado todo método de ordem da “hermenêutica”, como transposição ou tradução direta de um discurso num outro discurso, seja esse segundo discurso jungiano, kleiniano, lacanianos ou mesmo freudiano. Finalmente, implicação recíproca do método e do objeto consiste no fato de que o primeiro não

é somente adaptado ao segundo, mas orientado, imantado por ele.

O segundo ponto que desemboca também numa ideia de um “realismo do inconsciente” (que continua me parecendo importante) é que o objeto procurado não age somente sobre o método, mas também na vida. É o que Freud denomina de inconsciente dinâmico, e Leclaire e eu insistimos no fato de que essa ação implicava que o inconsciente não fosse um puro e simples decalque hermenêutico do consciente.

Em outros termos, da mesma forma que por suas vias de descoberta, o inconsciente não é de modo algum o *analogon* do discurso consciente, igualmente na formação do sintoma, não é a tradução pura e simples do inconsciente. Leclaire e eu insistimos sobre a noção de compromisso: é com um mesmo coeficiente de realidade que se misturam, que se comprometem umas com as outras, de um lado, tendências conscientes e, de outro, tendências vindas do inconsciente.

O terceiro ponto onde se manifesta a especificidade do inconsciente freudiano é a obediência a leis próprias, que são muito cedo denominadas “processo primário”, e descritas desde as *Cartas a Fliess*, nos *Estudos sobre a histeria* e no *Projeto de uma psicologia científica*. Não insisto sobre tais leis.

Em quarto lugar: no período anterior a 1897 e, durante muito tempo ainda, o inconsciente será considerado essencialmente como o resultado do recalçamento. Ainda em um texto como o de 1915, não há lugar para um inconsciente primordial que não fosse recalçado. Antes de 1897, não se pode nem dizer que o recalçado seja a pulsão, pois Freud vai praticamente se abster da noção de pulsão até 1905. Para situar as coisas numa fórmula lapidar, pode-se dizer que a partir de um certo momento o inconsciente nascerá da pulsão, depois a pulsão do somático, mas que, antes de 1897, é a pulsão que nasce do inconsciente.

A última característica é que este inconsciente (lembrança, fragmentos de lembranças – fantasias – pouco importa no momento) é composto de cenas ou fragmentos de cenas, e que sobretudo tais cenas são, no fundo, sexuais.

Isso não tem uma significação contingente: por que, com efeito, um primado do sexual em relação ao alimentar ou à necessidade de segurança, por exemplo? É que o primado do sexual abre diretamente para a questão do outro e, em se tratando da criança, sobre o outro adulto em sua estrangeiridade.

Mas, antes de passar ao outro humano, insisto sobre dois pontos relativos a outra coisa, este “psíquico outro”<sup>16</sup> que é o inconsciente: de uma parte a nítida visão que adquire Freud de sua estrangeiridade, e, de outra, a precariedade desta.

Com a “Comunicação Preliminar” dos *Estudos sobre a Histeria*, é o problema do modo de causação do sintoma que é colocado, uma vez estabelecido que este tem uma relação com o trauma. *A priori*, dois tipos de causalidade poderiam ser encarados: uma histórica, a outra atemporal. A partir da primeira forma de ver, poderíamos crer que “o trauma, como agente provocador, desencadearia o sintoma, o qual tendo se tornado independente subsistiria em seguida”<sup>17</sup>. Ora, a experiência do tratamento catártico, enquanto relacionado não ao histórico, mas a cenas e afetos atualizados, impõe uma outra concepção de causalidade: a causa não age porque está presente, é um corpo estranho que age na atualidade: “É preciso, ao contrário, afirmar que o trauma psíquico, ou antes, sua lembrança age à maneira de um corpo estranho, que muito tempo depois de sua penetração deve ter um valor de um *Agens* atuando no presente”<sup>18</sup>.

E, mais adiante, Freud nos convida a utilizar a proposição inversa de *cessante causa cessat effectus* (portanto: *permanente causa permanet effectus*), para “concluir que o processo ocasionante

15 Cf. *Problématiques IV – L’inconscient et le ça*, op. cit., p. 146-156 e *L’inconscient, une étude psychanalytique* por J. Laplanche e S. Leclaire, p. 261-321.

16 *Ein anderes Psychische*.

17 *GW*, I, p. 85.

18 *Gegenwärtig wirkendes Agens*.

19 *GW*, I, p. 85-86. Retraduzimos essa passagem bem conhecida, mas frequentemente atenuada, na sua significação epistemológica, pela tradução.

20 1917, *GW*, XII, trad. francesa, in: *L’inquiétante étrangeté*, p. 173-187. *GW*, I, p. 31.

»  
“corpo estranho interno”,  
“reminiscência”, é o inconsciente  
como estranho em mim  
e mesmo posto em mim  
pelo estrangeiro

continua a agir de certa forma por muitos anos ainda, não indiretamente pela mediação de cadeias causais interpostas, mas imediatamente enquanto causa desencadeante... A *histerica* sofre principalmente de reminiscências”<sup>19</sup>.

“Corpo estranho interno”, “reminiscência”, é o inconsciente como estranho em mim e mesmo posto em mim pelo estrangeiro. Nos seus momentos mais proféticos, Freud não hesita a respeito de formulações que remetem a uma ideia de possessão, tal como Charcot, que teve o mérito de levá-la a sério, mesmo tendo que retranspô-la em termos científicos. Mas, inversamente a estes avanços copernicanos, sempre difíceis de sustentar além da metáfora, *extravagantes* no que supõem, por assim dizer uma *extravagação* da alma, a tendência maior é a de sempre relativizar a descoberta, e por assim dizer aclimatar e reintegrar o estrangeiro.

Começarei aqui a dizer algumas palavras do texto que precisamente – supõe-se – coloca a descoberta psicanalítica no mesmo pé que a copernicana, com uma mesma significação de humilhação para o egocentrismo humano: “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”<sup>20</sup>.

Pois uma leitura atenta desse texto mostra bem, para além de uma afirmação iniciadora da heteronomia do ser humano, um movimento constante para voltar à autocentração.

“O homem se sente soberano em sua própria alma”, primeira constatação; mas, na realidade, a observação psicanalítica mostra que: “o ego não é mestre em sua própria casa” e é aqui que a palavra “estrangeiro” retorna com insistência, quase a cada linha: “Em certas doenças, pensamentos



*Freud chega a conceder que “o único privilégio” da psicanálise foi o de ter demonstrado clinicamente as teses de Schopenhauer*

surgem repentinamente sem que se saiba de onde eles vêm ... esses hóspedes estranhos parecem ter mais poder que os submetidos ao ego [...] ou então sobrevêm impulsos<sup>21</sup> que parecem com os de um estrangeiro, ainda que o ego os negue [...]”. O ego diz a si mesmo que é uma doença, uma invasão estrangeira<sup>22</sup>.

Mas é então que essa “estrangeiridade” vai se encontrar submetida a duas tentativas de redução: a primeira vem da psiquiatria, mas ela o faz com argumentos pobres, contentando-se em... “levantar os ombros dizendo: degeneração, disposição hereditária, inferioridade constitucional!” Em compensação, a outra iniciativa de reintegração do estrangeiro, a da psicanálise, é bem mais radical: “A psicanálise, por sua vez, tenta elucidar esses casos de doenças estranhamente inquietantes (*unheimlich*)...”, e ela tem o direito de dizer finalmente ao ego: “Nada de estrangeiro entrou em ti. É uma parte de tua própria vida psíquica que se furtou ao teu conhecimento”.

Assim, o movimento mesmo da psicanálise seria o de negar a estrangeiridade do inconsciente propondo sua redução ao mesmo tempo na teoria e na prática do tratamento. E eis como termina esta longa prosopopeia da psicanálise se dirigindo ao ego: “Entra em ti mesmo, nas tuas profundezas e aprende primeiramente a te conhecer...”.<sup>23</sup> Sintetizando: Tu não reconheces aquilo que em realidade é justamente tu mesmo. É o teu próprio núcleo, que tu não reconheces e o inconsciente se revelará estar finalmente “no fundo do homem isso”<sup>24</sup>.

De modo que o texto termina com uma referência a Schopenhauer num sentido completamente oposto ao que afirmei em várias ocasiões – a

saber que procurar antepassados ao inconsciente freudiano no inconsciente do século XIX é enveredar por um caminho falso – mas essa confissão de uma paternidade duvidosa só pode se produzir à medida que o próprio Freud renega a originalidade de sua descoberta: “Apressemos-nos a acrescentar que não é a psicanálise a primeira a dar esse passo. Podemos citar como precursores filósofos de renome, acima de todos o grande pensador Schopenhauer, cuja ‘vontade’ inconsciente pode ser considerada como o equivalente das pulsões psíquicas da psicanálise”. De modo que Freud chega a conceder que “o único privilégio” da psicanálise foi o de ter demonstrado clinicamente as teses de Schopenhauer e que as resistências encontradas por suas próprias ideias são apenas um subproduto da aversão provocada pelo “grande nome do filósofo”! Tanto isso é verdade – a partir do momento em que o inconsciente, desde sua estrangeiridade, é reconduzido ao que se pode chamar, com os teólogos e os homens de certa lei, um *intimior intimo meo*\* – que só podemos constatar um retorno à centração: há em mim algo que separei, que deneguei e que devo reintegrar. Certamente, o ego não é mestre em sua casa, mas afinal, ainda assim ele está em sua casa.

Não nos cansaríamos de mostrar como a domesticação do inconsciente continua operando no pensamento freudiano, e isso a propósito de cada um dos aspectos da estrangeiridade acima expostos. Igualmente para o processo primário e para a lembrança.

Com o processo dito “primário”, Freud descobre uma espécie de legalidade que escapa à racionalidade de nosso pensamento pré-consciente – consciente. Mas esse termo “que escapa” pode querer dizer duas coisas: ou bem ele se subtrai a ela, ou bem ele não estava submetido a ela desde o início, sendo mais originário que ela.

O termo “primário”, em sua própria denominação, comporta toda uma teoria. Inevitavelmente, pensa-se que o primário estava lá antes do secundário, concomitantemente *no tempo* – o secundário vindo a se construir a partir do primário –, e igualmente de direito, o secundário tendo uma



estrutura que pressupõe, como seu fundamento, o primário. Inversamente, a ideia de regressão engloba não somente uma regressão “temporal”, ou seja, um retomo a tempos anteriores da existência do sujeito, mas uma regressão “tópica” (regressão a esse sistema de onde provém a excitação, o inconsciente) e uma regressão dita “formal”, o retorno a esse nível de organização inferior que é o processo primário, menos estruturado que o processo “secundário”, mas tanto a ideia de “primário” quanto a de “regressão” implicam uma coalescência destes três aspectos: aquilo que é menos organizado e aquilo de onde parte a excitação é também aquilo que foi primeiro no tempo.

Freud por vezes prestou homenagem a Hughlings Jackson, o “grande Jackson”, que é o promotor da ideia de uma hierarquia das formas e, reciprocamente, de uma regressão, desinvolução ou dissolução das formas mais elevadas nas formas menos elevadas que as precedem. Essa concepção de Jackson, Freud a retoma não somente, é claro, a propósito da afasia, mas também na teoria do sonho: aquilo que se desfaz é aquilo que é adquirido por último, aquilo que é superior se dissolve para deixar aparecer o que estava antes dele; portanto, aquilo que é reencontrado é o mais primitivo. É assim que a noção jacksoniana de uma progressão e de uma regressão na organização se encontra nessa linha do pensamento freudiano onde se pode situar, com o capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* e com a primeira parte do *Entwurf*, um texto exemplar no extravio: as *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, datado de 1911.

O essencial da arquetetônica desses dois últimos textos é relativamente simples. Há “em primeiro lugar” um funcionamento puramente associativo do organismo – caracterizado pelo fato de que a energia circula no sistema sem obstáculo

»  
o termo “primário” é responsável  
por muitos dos estragos, tanto quanto  
o modelo genético e hierárquico,  
construtivista, imaginado  
pelo fundador da psicanálise

e que ela deve igualmente ser evacuada dele sem obstáculo, ser posta fora do sistema o mais rápido possível –, portanto um funcionamento puramente “primário”, regido, nos diz Freud, pelo “princípio do prazer”. Depois apareceria um funcionamento secundário, regulado, onde a energia se encontra, enfim, barrada em certas vias, permitindo uma acumulação, uma reserva, uma inibição e um comportamento adaptativo, submetido ao “princípio de realidade”. Esse princípio de realidade, sob o nome de *Not des Lebens* (necessidade da vida), longe de estar presente no início do *Projeto*, é introduzido em um determinado momento, se bem que é necessário admitir que nos é descrito de início um organismo que seria ainda... não vital. É apenas de forma secundária que é introduzida a necessidade de uma reserva de energia para tratar as excitações em conformidade com o princípio da realidade. Assim, o nível constante e a homeostase, não obstante características do próprio funcionamento vital, só seriam introduzidos secundariamente naquilo que deveria ser, de início, um organismo<sup>25</sup>.

Portanto, o termo “primário” é responsável por muitos dos estragos, tanto quanto o modelo genético e hierárquico, construtivista, imaginado pelo fundador da psicanálise. A tentativa de dar conta, através de conceitos pretensamente psicanalíticos do conjunto do funcionamento vital, ou mesmo simplesmente do conjunto do funcionamento psíquico, corre o risco, a cada instante, de fazer soçobrar nossa barca. O que é necessário afirmar é o seguinte: se o primário é o inconsciente e o inconsciente é o recalçado, esse “primário” é, por assim dizer, algo “tornado primário”. Ele

21 *Impulse*.

22 Trad. francesa, p. 184.

23 Trad. francesa, p. 186.

24 Segundo a expressão de Groddeck a propósito do *id*, expressão que contesto. Cf. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse, op. cit.*, p. 32.

\* (N.T) Mais íntimo que meu próprio íntimo.

25 Cf. *Vie et Mort en psychanalyse, op. cit.*



*o processo que cria o inconsciente  
é um processo patógeno.*

*Donde a ilusão ou a louca esperança  
de tornar novamente todo  
o inconsciente consciente*

não é primeiro, nem primitivo, mas é uma espécie “de estado reduzido”<sup>26</sup> a partir de outra coisa, de forma que o modelo jacksoniano de uma construção por complexificação é errôneo se quisermos aplicá-lo à psicanálise.

Mas, mais pernicioso ainda que a noção de primário, porque faz apelo a evidências íntimas, seria a noção aparentemente indiscutível de “lembrança recalçada” se não a colocássemos em jogo com relação à de “reminiscência”. Se o inconsciente é constituído de lembranças, que não puderam ser conservadas no ego porque inconciliáveis com ele, fica esta evidência de que uma lembrança, mesmo recalçada, é historicamente minha lembrança. Se ela deve voltar a ser eu mesmo, é bem natural, já que é apenas uma parte de mim mesmo da qual fui forçado, num determinado momento, a me separar. Mais ainda, se o recalçado é apenas uma parte de meu estoque de lembranças, o papel da psicanálise, que consiste em uma abolição do recalçamento e numa supressão do inconsciente, não tem, de direito, limites: a partir do momento em que já era eu mesmo, não há razão para que aquilo não volte a ser, um dia ou outro, eu mesmo!

Uma outra forma de dizer a mesma coisa seria: o inconsciente é patológico. Na medida em que se trata de uma parte de mim mesmo da qual cometi o erro – por pusilanimidade, fraqueza ou defesa – de me separar, o patológico, por direito, deve poder ceder o lugar ao normal e a lembrança ser completamente reintegrada. Só há inconsciente se patológico, ou melhor, o processo que cria o inconsciente é um processo patógeno. Donde, como corolário e de forma recíproca, a ilusão ou a louca esperança de tornar novamente

todo o inconsciente consciente. Tudo enfim vai se revelar: tendo reintegrado a lembrança a partir da qual você adoeceu, você não continuará mais doente... e você não terá mais inconsciente.

É na “carta do equinócio” que vemos, de forma muito clara, perfilar-se – *a posteriori*, uma vez que Freud renuncia a ela – essa ambição desmesurada de suprimir ou dominar completamente o inconsciente. Donde, a desilusão, que é apenas o reverso de uma ilusão: “Quando se vê que o inconsciente não pode jamais superar a resistência do consciente, então cessa também nossa expectativa de que, durante o tratamento, as coisas venham a acontecer no sentido inverso até uma completa dominação do inconsciente pelo consciente”.

Em suma, pode-se colocar assim a questão maior: como é que o inconsciente pode ser algo recalçado, e como é que, apesar disso, pode ser inesgotável, isto é, recuar incessantemente diante de nossas ações? Donde a reviravolta dessa carta 139/69. Primeiramente em negativo: se o inconsciente não pode ser completamente reintegrado, é porque não é da ordem da lembrança; as fantasias inconscientes não são a simples lembrança de cenas vividas. E a isso eu digo: Muito bem! Não é lembrança, procuremos então de outro lado. Mas, a partir desse ponto, Freud é levado a emitir, sobre a natureza da fantasia inconsciente, uma dupla hipótese que não cessará de hipotecar toda sua obra: sob o signo da posterioridade, a ideia da fantasia retroativa<sup>27</sup>; e sob o signo da anterioridade, a ideia da transmissão hereditária.

Não seria, então, possível manter que o inconsciente tem um laço estreito com o passado, com o passado individual, *renunciando concomitantemente à problemática psicológica da lembrança*, com sua intencionalidade visando meu passado, mas também com suas ilusões retrospectivas e seu caráter, finalmente, “indecidível”? Pois aqui Freud negligencia aquilo que constituía o núcleo inovador de sua formulação inicial: não é de lembranças – fossem elas esquecidas – que sofre a histórica, mas de “reminiscências”. Termo que podemos, é claro, restringir à memória – uma



lembrança separada de seu contexto –, mas ao qual podemos aceitar atribuir esse valor de *extravagância*, que não está ausente da doutrina platônica: algo que retorna vindo de outro lugar, talvez uma pseudolembrança vinda... do outro.

Ei-nos chegados ao ponto que consideramos como essencial a esta revolução copernicana iniciada por Freud; o descentramento, na realidade, é duplo; a outra coisa (*das Andere*) que é o inconsciente só se mantém na sua alteridade radical pela outra pessoa (*der Andere*): em suma, pela sedução<sup>28</sup>. Que a alteridade da outra pessoa se esbata, que ela seja reintegrada sob a forma de *minha* fantasia do outro, do *meu* “fantasma de sedução”, e é a alteridade do inconsciente que é posta em perigo. Donde a questão formulada num grau secundário: o que impede a teoria da sedução de “sustentar” sua afirmação do primado da estrangeiridade externa? O que, senão uma apreciação inexata das dimensões dessa descoberta e, não tenhamos medo em afirmar, de sua dimensão filosófica: de que forma o problema da “existência da outra pessoa” não se encontraria subvertida, a partir do momento em que essa outra pessoa é primeira na constituição de mim mesmo: uma prioridade que não

*desde a época em que formula a hipótese da sedução e até bem mais tarde. Freud oscila entre duas posições que são tanto uma quanto outra insuficientes*

é somente postulada na teoria, mas implicada e experimentada na transferência.

A outra pessoa é a da sedução, o adulto que seduz a criança. Ora, desde a época em que formula a hipótese da sedução e até bem mais tarde. Freud oscila entre duas posições que são tanto uma quanto outra insuficientes. De uma parte, uma concepção que se pode dizer subjetiva, interior, levando o outro à percepção que *ego*<sup>29</sup> tem do outro, eventualmente ao traço dessa percepção, ou, uma vez criticada a noção de lembrança, à imaginação dessa percepção do outro. Nada, nessa abordagem, que dê ao outro um lugar que não seja no seio de minha subjetividade. E depois, ao lado disso e por momentos, um intento mais ingênuo filosoficamente, que consiste em... ir procurar o outro na peça ao lado. O outro que me fala sempre a partir da “peça ao lado”, em determinado momento irei ver se ele realmente está ali. Concretamente, na situação da cura, e como que para encontrar o outro atrás dos dizeres do paciente, Freud não se priva de sugerir: questione assim seu servidor ou sua mãe, vá ver nos arquivos familiares se tal pessoa estava viva quando você era criança, e se é possível que você tenha tal lembrança<sup>30</sup>. Ou então, decididamente isto é comum mesmo ainda muito tarde, o próprio Freud não se privará de ir ver, na peça ao lado, se pode encontrar algum traço real do outro, pois, afinal, nunca se está seguro das investigações conduzidas pelo paciente<sup>31</sup>.

Tanto uma como outra posição, a do puro e simples subjetivo quanto a atitude que consiste em “ir ver do outro lado”, tem um único e mesmo pressuposto: o outro só se dá na representação

26 Cf. J. Laplanche e S. Leclaire, “*L’inconscient, une étude psychanalytique*”, cap. “Fiction d’un langage à l’état réduit”, in: *Problématiques IV - L’inconscient et le ça*, op. cit., p. 297 ss.

27 “Mais uma vez parece digno de discussão que sejam somente as experiências vividas ulteriormente que desencadeiem fantasias que remontariam à infância...”, *Correspondance Freud-Flies*, op. cit., p. 284.

28 O que, nem por isso, significa que o inconsciente seja simplesmente o outro implantado em mim. Pois entre a intervenção primeira do outro e a criação da outra-coisa em mim, se intercala um processo chamado recalçamento, muito complexo, implicando, pelo menos, dois tempos reagindo um sobre o outro, e resultando numa verdadeira deslocação/reconfiguração dos elementos (explícitos e implícitos-enigmáticos) do vivido. Metabolismo e ponto de vista tradutivo são a alma da teoria do recalçamento. Ver, por ex., *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, op. cit., p. 129-131.

29 Como faço habitualmente, utilizo o termo *ego*, como o fazem notadamente os etnólogos, para designar, em sua generalidade, a pessoa em questão; por exemplo: o paciente.

30 Ver a esse respeito a reconstituição da lembrança do *Homem dos lobos*.

31 Na carta 52/112 a Fliess, Freud corrobora a sedução de uma jovem mulher pelo seu pai, graças a uma entrevista com o irmão da paciente e a cruzamentos de lembranças e sintomas entre o irmão e a irmã.



a ausência de qualquer abertura  
à noção de mensagens,  
nós a sentimos cruelmente em Freud,  
em numerosas ocorrências

subjetiva de um real bruto. Mas será que se pode acusar Freud de que lhe falta algo que permita ao outro não ser reduzido à subjetividade daquele que o recebe, mas se manter em sua estranheiridade?

O que é que mantém o outro em sua estranheiridade? Pode-se postular aqui, com Lacan, a prioridade da linguagem? Se falo, de minha parte, da “mensagem”, é por razões bem definidas, que são pelo menos duas: por um lado, no sentido em que a mensagem pode ser tanto não verbal quanto verbal; e, na criança pequena, ela é prioritariamente não verbal. Por outro, no sentido que a ênfase dada à “linguagem” apaga a alteridade do outro, em proveito de estruturas transindividuais. Para fazer compreender essa *categoria da mensagem*, insisti em diversas ocasiões na expressão empregada por Freud para designar os dados originários propostos à criança: aquilo que ela tem, antes de tudo, que dominar em sua experiência, que ordenar, que “traduzir” para fazê-lo entrar em seu próprio sistema. Trata-se do *Wahrnehmungszeichen*<sup>32</sup>, termo que indica claramente que esses elementos primeiros a traduzir são dados na percepção, mas que nos deixa numa ambiguidade quanto ao sentido – e à tradução – desse *Zeichen*: “índices de percepção”, ou “signos de percepção”? Se optarmos pela ideia de “índices” somos levados a considerá-los como elementos puramente objetivos da situação, singularizados para a criança enquanto lhe permitiriam revelar outra coisa e ter uma visão mais completa do fenômeno. Pode-se dizer que Freud não vai mais longe do que a relação que denotamos aqui pelo termo de índice: algo que está em relação puramente extrínseca

com seu significado, e que é eventualmente destacado no conjunto perceptivo pelo sujeito que percebe. Mas podemos, em compensação, optar pela tradução “signo de percepção”, conferindo-lhe um sentido muito mais fecundo: esses elementos não são as simples consequências ou detalhes que acompanham a situação; encontrando sua origem naquele que envia a mensagem, eles *fazem sinal* em um duplo sentido conjunto: assumem valor de signos, e isso porque, destacados pelo emissor, são endereçados a ego.

A ausência de qualquer abertura à noção de mensagens, nós a sentimos cruelmente em Freud, em numerosas ocorrências<sup>33</sup>, entre as quais demorar-me-ei um instante naquilo que ele nomeia “experiência de satisfação” (*Befriedigungserlebnis*). Achamos sua descrição no *Projeto de uma psicologia científica*, primeira parte – e o que direi corrobora o aspecto “ptolomaico” – e, de outra parte, na *Interpretação dos sonhos*<sup>34</sup>. Aliás, o *Vocabulário de Psicanálise* delimita bem o que está aqui em questão: o nascimento do *Wunsch*, digamos o nascimento do desejo (*souhait*)<sup>35</sup>, que é da ordem do humano, a partir da necessidade e de sua satisfação que são da ordem do vital. Pois a necessidade visa justamente a seu apaziguamento (*befriedigen* = apaziguar), tratando-se de uma tensão definida enquanto tal num sistema energético que tende para a estabilidade. Esse modelo da necessidade, que não está necessariamente caduco em fisiologia, fornece a base biológica concreta sobre a qual vai se constituir o desejo sexual.

O ponto de partida é indicado como sendo o *Hilflosigkeit* da criança, isto é, sua incapacidade de ajudar a si mesma, sua “desajuda”. Incapaz de prover sozinho suas próprias necessidades, o organismo do lactante é confrontado a um acúmulo de tensão insuportável, comparável à elevação de nível em um reservatório, ao qual ele só pode responder de duas maneiras: seja deixando o reservatório transbordar (ação que Freud considera como *não específica*, inadequada naquilo em que ela não impede o reservatório de ficar cheio), ou de maneira *específica*, por uma série de ações permitindo descarregar a tensão por um certo tempo.



A característica da “desajuda” é precisamente a incapacidade da criança de desencadear nela mesma a ação que pode esvaziar o reservatório de maneira durável. Tudo que ela pode fazer é gritar; gritos, aliás, que não são mais que a expressão puramente mecânica do transbordamento não específico. São os gritos que suscitam “a ajuda estrangeira”, a ação da mãe caracterizada, antes de tudo, pelo aporte de alimento<sup>36</sup>.

O que vai se desenrolar é uma sequência específica de satisfação: uma série de atos consumatórios<sup>37</sup> conduzindo a um relaxamento prolongado. Mas tão importante quanto esta há, segundo Freud, os traços mnésicos, as imagens que se inscrevem e que são em número de três; uma lembrança de satisfação, assim como dois tipos de sinais: sinais ligados ao objeto (uma imagem do alimento) e de outra parte imagens internas correspondendo a uma memorização da sequência consumatória.

Demoremo-nos, e isto vale a pena, na descrição da *Traumdeutung*: “A criança que tem fome vai gritar ou se agitar na desajuda. Mas a situação continua imutável, pois a excitação proveniente da necessidade interior não corresponde a uma força

“o reaparecimento da percepção é a realização de desejo, e o pleno investimento da percepção pela excitação de necessidade é a via mais curta em direção à realização de desejo”  
[S. Freud, *Die Traumdeutung*]

de impacto momentâneo mas a uma força agindo continuamente. Uma reviravolta só pode intervir se [...] pela chegada de ajuda estrangeira é vivida a *experiência de satisfação* que suprime o estímulo interno. [Eis aqui a guinada: passa-se para o nível da representação]. Uma parte essencial desta experiência vivida é a aparição de certa percepção (no exemplo, a percepção do alimento) cuja imagem mnésica, a partir disso, fica associada ao traço mnésico da excitação da necessidade. Assim que essa necessidade aparece novamente, produzir-se-á, graças à ligação que foi estabelecida, uma moção psíquica que reinvestirá a imagem mnésica dessa percepção. Uma tal moção é o que chamamos *desejo*. O reaparecimento da percepção é a realização de *desejo*, e o pleno investimento da percepção pela excitação de necessidade é a via mais curta em direção à *realização de desejo*. Nada nos impede de levantarmos a hipótese de um estado primitivo do aparelho psíquico no qual essa via estaria efetivamente marcada de modo que o desejar desembocaria então em um alucinar”.

Citei longamente essa passagem na medida em que se trata de uma descrição ao mesmo tempo extraordinária e abortada. Extraordinária porque trata-se de fazer nascer alguma outra coisa: a partir da necessidade, o *desejo*. Abortada, pois, como é claro, *da satisfação da necessidade só pode nascer uma reprodução alucinatoria da satisfação da necessidade*. O *desejo* do qual nos é descrita uma espécie de gênese é um *desejo* de alimentação e nada mais.

Se admitirmos que o sexual não é somente o alimentar transportado na alimentação ou alucinado, fica evidente que a alquimia freudiana

32 Carta a Fliess 52/112.

33 É a ausência da “mensagem” que esquarteja a noção de a *posteriori* entre as categorias insuficientes e contraditórias da ação diferida e da interpretação retroativa. Tratei disso no meu seminário de 1989-1990, sob o título “*La Nachträglichkeit dans l’après-coup*”.

34 *Entwurf*; in *GW-Nachtragsband*, p. 410-412. Trad. francesa *La naissance de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1956, p. 336-338. *Traumdeutung*, *GW*, II-III, p. 570-571.

35 Ou do desejo (*désir*). Não argumentarei aqui sobre esse problema de tradução. Cf. *Traduire Freud*, “Terminologie raisonnée, articles: souhait, désir, désirance, plaisir”.

N.T.: Nesta nota, Laplanche se mostra indiferente ao uso das palavras *souhait* ou *désir*. De qualquer forma, na continuação do texto, em vários momentos, algum nível de escolha foi feito. Para sermos fiéis a isso, como em português só existe a palavra *desejo* para a tradução de ambas, deixaremos a palavra *desejo* quando *souhait*, e, *desejo* sem itálico, para *désir*.

36 *Nahrungszufuhr* transcrevem os editores, que, entretanto, tomam o cuidado de nos advertir que eles corrigiram aí o que devia ser um lapso de Freud, o qual escreveu: *Nahrungseinfuhr*, o que significa “introdução”, e até “entuchamento de comida”. O estrangeiro, a mãe, entucha o seio na criança, em todo caso ela o introduz. Se se trata de um lapso, este vai diretamente no sentido profundo que eu dou à teoria da sedução: a intromissão de alguma coisa na criança.

37 Esses não são os termos de Freud, mas os da psicologia animal e da psicofisiologia.



*Freud não suspeitará nunca dessa ideia;  
a cena originária só toma seu impacto  
porque ela veicula uma mensagem,  
um dado-a-ver ou um dado-a-escutar  
da parte dos pais*

fracassou: essa tentativa de fazer nascer ouro do sexual a partir do chumbo do alimentar. Da mesma maneira, se Freud tivesse descrito aqui uma experiência fisiológica sexual ela teria sido reproduzida em seguida em um *desejo* sexual<sup>38</sup>.

É importante dar-mos conta do que falta na “experiência de satisfação”, pois aí está um modelo sempre invocado por psicanalistas, sem que se deem conta de sua incapacidade de produzir o que quer que seja.

Antes de tudo, a propósito da ajuda estrangeira, frisemos que, para Freud, ela se situa somente no tempo inicial do processo. A introdução do alimento se limita a desencadear o conjunto da ação. Tudo em seguida consiste em um funcionamento solipsista. Não resta mais nenhuma marca do estrangeiro no que vai se passar tanto no objeto quanto no objetivo pulsional: o objeto cuja percepção é reproduzida é o alimento; da mesma maneira, é a sequência consumatória alimentar – ingestão, digestão – que deve se reencontrar no cenário rememorado do desejo<sup>39</sup>.

Há aqui dois aspectos que finalmente formam um só. De um lado a ausência do adulto na continuação da sequência, e de outro, o recolhimento por parte de *ego* – o nenê – de índices perceptivos puramente objetivos que são somente representações sem decalagem de certos elementos da situação. De tal modo que, finalmente, o que falta em tudo isso é o signo que “faz sinal”. Um signo proposto pelo adulto à criança, forjado por ele na situação, antes que a própria criança acabe esse recolhimento. Ora, é bem por aí, e unicamente por aí, que podemos conceber a intervenção do sexual na experiência de satisfação. Aqui,

eu vou evidentemente bem além de Freud. É o adulto que coloca em primeiro plano o seio – e não o leite – e isso em função de seu próprio desejo consciente e sobretudo inconsciente. Pois o seio não é somente um órgão destinado a alimentar a criança, mas um órgão sexual, o que é perfeita e completamente escotomizado por Freud e depois de Freud. Nenhum texto, nenhuma alusão, mesmo de Freud, leva em conta a excitabilidade do seio feminino, não somente no aleitamento, mas simplesmente na vida sexual da mulher.

Comentei, uma vez mais, a experiência arcaica do aleitamento. Mas o que nomeamos “cena primitiva” se presta a uma crítica análoga. Todas as observações, todos os comentários das cenas originais cindem, por assim dizer, dois mundos sem comunicação: de um lado um *comportamento* parental, cuja experiência vivida e o contexto estão, por definição, fora do alcance de *ego*; de outro lado, o da criança, um *espetáculo* traumatizante, frequentemente entrevisto mais que visto, adivinhado, e mesmo mencionado por uma simples alusão (coito animal), que a criança deve completar, interpretar, simbolizar. É nisto que insisto, que entre os dois falta esta suposição (que deveria passar pela cabeça de um psicanalista!) de que dar a ver um coito não é jamais um fato puramente objetivo, e mesmo o deixar-ver da parte dos pais é sempre, de certa maneira, um fazer-ver, uma exibição. Mas Freud não suspeitará nunca dessa ideia; a cena originária só toma seu impacto porque ela veicula uma mensagem, um dado-a-ver ou um dado-a-escutar da parte dos pais. Não há somente um outro real em si, para sempre inatingível, os pais e seu gozo e, de outro lado, o outro para mim, puramente imaginado por mim: há de maneira primordial o outro que se endereça a mim, o outro que “me quer” alguma coisa, mesmo somente não se escondendo desse coito. O que me quer esse pai me mostrando, me deixando ver essa cena originária, seja apenas me levando nos campos para assistir os coitos dos animais?

O que falta em Freud – não lhe permitindo levar em conta a alteridade da outra pessoa (o sedutor), o qual por sua vez comanda a alteridade da

outra coisa (o inconsciente) –, podemos nomeá-lo de diferentes maneiras, finalmente próximas: endereçamento, mensagem, signo que “faz sinal”, ou ainda o significante, categoria que Lacan teve o grande mérito de levar adiante sob a condição de lhe dar um valor bem diferente daquele que toma em “o algoritmo saussuriano”<sup>40</sup>.

Sentimo-nos autorizados a gracejar um pouco com o último Husserl abandonando por assim dizer o Ego transcendental e constituinte ao “perigo da astronáutica”, nos perguntando como é que com as naves espaciais (as “arcas-voadoras”) Ego leva a “Terra-sol”, seu arquilar, na sola de seus sapatos<sup>41</sup>. No entanto as mesmas viagens interestelares – em boa via de realização depois desse texto de 1934 – colocaram um outro problema, mais apaixonante e mais autenticamente filosófico: como enviar, nos espaços interestelares, uma mensagem que signifique minha intenção de comunicar e isso para além de toda comunidade de código com o eventual receptor. É assim que, em 3 de março de 1972, o foguete *Pioneer 10* levou consigo uma tal “garrafa ao mar”, uma mensagem que “visa comunicar alguns dados sobre a origem espaço-temporal dos construtores do engenho espacial, e sobre sua natureza”.

38 Como se ele ressentisse o seu fracasso em fazer sair o coelho sexual do chapéu alimentar, Freud parece sugerir, no *Projeto*, uma espécie de relação entre os dois, não mais de emergência mas de analogia: a partir de uma satisfação alimentar, gênese de um *desejo* alimentar, a partir de uma satisfação sexual um *desejo* sexual. Aí está o sentido de várias passagens onde ele quer colocar em *paralelo* alimentação e sexualidade (p. 389: as grandes necessidades: fome, respiração, sexualidade). No contexto da experiência de satisfação, ele propõe como duas situações alternativas possíveis: “aporte (*Zufuhr*) de alimento, proximidade do objeto sexual”. Pena – ou felizmente – que Freud produza lá seu “lapso” que abole o paralelismo: a “introdução (*Einfuhr*) de alimento” recoloca a própria alimentação num contexto sexual, aquele do adulto que “entucha”. Cf. *supra*, nota 52.

39 Para mais detalhes, envio à minha crítica da noção de apoio, em *Problématiques III – La sublimation*, p. 56-69; e no meu artigo “Le fourvoiment biologisant de la sexualité”, *Psychanalyse à l’Université*, 1992, 17, 68.

40 Porquanto o signo “representa alguma coisa para alguém”, logo com um valor puramente denotativo, o “significante representa o sujeito para um outro significante” (*Écrits, op. cit.*, p. 819). Não endosso inteiramente essa definição. Mas, que o significante represente o outro e que ele “faça sinal”, que ele “signifique a” ego, é justo o que entendo por mensagem.

41 *Op. cit. passim*.

42 Carl Sagan, *Cosmic Connexion*.

»  
endereçar-se a alguém  
sem sistema de interpretação  
comum, principalmente de maneira  
extraverbal, tal é a função  
das mensagens adultas

Quaisquer que sejam, aliás, a textura dessa mensagem e a inventividade de que seus autores deram prova<sup>42</sup>, toda diferença reside (situando-nos do lado do receptor) entre, de um lado, capturar um foguete e descobrir em sua constituição os índices da presença de seres inteligentes e, de outro lado, receber os significantes que, sem pressupor nenhum código, nenhuma regra de interpretação comum, testemunham a intenção de comunicar, e talvez expectativas conscientes e até inconscientes dessa invenção.

Endereçar-se a alguém sem sistema de interpretação comum, principalmente de maneira extraverbal, tal é a função das mensagens adultas, desses significantes, dos quais eu afirmo que são, simultânea e indissociavelmente, enigmáticos e sexuais: nisso que não são transparentes em si mesmos, mas comprometidos pela relação do adulto com seu próprio inconsciente, pelas fantasias sexuais inconscientes mobilizadas nele pela sua relação com a criança.

A estrangeiridade interna “mantida” pela estrangeiridade externa, a estrangeiridade externa mantida por sua vez pela relação enigmática do outro com seu próprio estrangeiro interno; tal seria minha conclusão sobre a revolução do descentramento proposto aqui no prolongamento da descoberta freudiana. Falta mostrar em que ela é *inacabada* e qual é a natureza – contingente ou inelutável – desse não acabamento.

Que Freud podia – teria podido – ir além do que fez, como duvidaríamos disso, na medida em que está aí a ambição de nossa própria tentativa? Quanto às razões de seu bloqueio depois de seu extravio, propus em diversos momentos



*mostrar que podemos ir mais longe  
que Freud, manter melhor que ele o  
“copernicanismo” de sua descoberta,  
eis aí o aspecto maior daquilo  
que nomeamos “novos fundamentos  
para a psicanálise”*

explicações parciais, aliás, correlatas umas com relação às outras: centração na patologia, donde a recusa de um inconsciente normal; insuficiência de elaboração da teoria tradutiva; ausência, sobretudo da *categoria de mensagem*, como uma terceira realidade de uma dignidade igual à realidade material e à realidade psicológica. No presente, valorizarei um outro fator que tem diretamente a ver com a oposição centração – descentração, retornando às considerações de Freud sobre as três “humilhações” infligidas ao homem pela ciência.

Com efeito, negligenciei provisoriamente o fato de Freud intercalar, entre a humilhação copernicana e a humilhação psicanalítica, a ferida infligida em nosso orgulho pelas descobertas evolucionistas e atribuídas a “Charles Darwin, seus colaboradores e seus precursores”<sup>43</sup>. O homem que se crê de origem divina, estrangeiro ao mundo animal, aprende da ciência que “é ele próprio originário da série animal”. Ora, esse lugar concedido ao evolucionismo e à humilhação dita biológica, entre as excentrações propostas por Copérnico e por Freud, aparece-nos como ambíguo e perigoso.

Ambíguo, pois religar o homem à sua linhagem biológica, animal, é verdadeiramente descentrá-lo e humilhá-lo? Uma vez passados alguns gritos alarmados provocados pela ideia de que o “o homem descende do macaco” não é um prato bem cheio que nos é servido dessa forma? A árvore genealógica que mais de um, em sua fatuidade, ambiciona reconstituir, eis que remonta além de Abraão, de Isaac e de Jacó, além de Adão, à história da vida inteira. A tal ponto que o termo “filogênese”, comumente reservado à gênese de uma só espécie, acaba por englobar o conjunto

da evolução da vida, da qual a espécie humana é o último elo. Solidamente sentado – bem centrado – sobre a pirâmide animal, o homem não deixa de se considerar como o coroamento e a eflorescência: uma doutrina à Teilhard de Chardin apagou a suposta humilhação evolucionista.

Situada erroneamente por Freud entre as revoluções do descentramento, a doutrina evolucionista recentra em realidade o homem sobre o que vive; mas ela será perigosamente tomada por Freud para colocar em perigo a essência da descoberta psicanalítica. A invocação da filogênese, a hereditariedade das pulsões e mesmo aquela dos cenários e fantasias, retorna ao primeiro plano cada vez que se perde de vista o cenário psicanalítico. É justo ela que subjaz ao próprio texto onde Freud crê afirmar a “humilhação psicológica” do homem. “Volta-te a ti mesmo” e verás que “nada de estrangeiro entrou em ti”: essas pulsões sexuais recalçadas e estranhas não são finalmente mais que a expressão de forças somáticas, sobre as quais a evolução da espécie – e, mais além, aquela da vida – imprimiu sua marca indelével.

Mostrar que podemos ir mais longe que Freud, manter melhor que ele o “copernicanismo” de sua descoberta, eis aí o aspecto maior daquilo que nomeamos “novos fundamentos para a psicanálise”. Mas essa afirmação seria insuficiente se ela simplesmente remetesse Freud ao erro, à cegueira, ou mesmo à insuficiência dos instrumentos conceituais de que dispõe. A retificação de um extravio, tal como o entendo, vai além de uma simples refutação do erro, e até da explicação de suas causas contingentes. É preciso propor uma visão causalista mais profunda: mostrar como, no teórico Freud, o extravio vai par e passo com uma espécie de conivência do lado do objeto, ou seja, um ocultamento da verdade inerente à coisa mesma sobre a qual o pensamento se regula. A reclusão sobre si do sistema psíquico freudiano como *monadologia*, resultando na ideia de um “aparelho da alma” (resultado, aliás, que é anunciado desde o início) estaria profundamente ligado ao fechamento sobre si do ser humano no próprio processo de sua



constituição. Eu propus – em uma formulação humorística paralela à lei de Haeckel, segundo a qual a ontogênese reproduz a filogênese – uma espécie de lei de Laplanche que se enunciaria: a teoreticogênese reproduz a ontogênese. Sem querer propor assim uma lei universal, submetida à prova da falsificação de tipo popperiano, eu só posso constatar que, na evolução da teoria freudiana, encontramos mais de uma vez um paralelismo como desenvolvimento do indivíduo humano. Já tive a ocasião de mostrá-la, a propósito da sucessão das teorias ou ainda do pansexualismo.

Tendo em mente esse paralelismo entre a ontogênese individual e a teoria que a sustenta, é preciso propor a questão: a revolução copernicana da psicanálise pode estar acabada? A revolução copernicana de Copérnico, astronômica, fracassa como entrevimos, na tentativa de Marr: não podemos reformar nossa língua, e com ela nossa percepção e nosso senso íntimo, a ponto de exprimir cotidianamente o movimento do sol, da lua e das estrelas em “língua Copérnico”: a ferida narcísica pela ciência fracassa em nossa centração narcísica como corpo vivo. Com o psiquismo humano as coisas são um pouco diferentes. A chave do problema continua sendo o narcisismo, mas este é tomado na própria evolução do objeto: não podemos dizer que o objeto astronômico, o universo, *seja* nem copernicano, nem ptolomaico, ou ainda, antes ptolomaico e *depois* copernicano. Em compensação temos o direito de afirmar que o ptolomeísmo do psiquismo humano, o recentramento narcísico, sucede, como a seu pressuposto, a uma etapa “copernicana”, onde o pequeno lactante gravita em torno do outro e é passivo em relação às suas mensagens. Além disso, o momento do fechamento narcísico – a constituição do *ego* como instância – é correlativo, nos momentos do recalcamento originário, à constituição do outro

»»

*temos o direito de afirmar  
que o ptolomeísmo do psiquismo  
humano, o recentramento narcísico,  
sucede, como a seu pressuposto,  
a uma etapa “copernicana”*

interno: o inconsciente. Do lado da teoria, a incessante recaída “ptolomaica” de Freud, sua maneira de sempre falar do ponto de vista de *ego* (no que concerne ao interpessoal) depois do *ego* (no que concerne ao intrapessoal) não é mais que o paralelo da reclusão narcísica inelutável do aparelho da alma.

Se o ser humano se fecha muito cedo sobre si mesmo, e se a teoria é incessantemente impulsionada, como por uma força de atração interna a se fechar também, que sentido tem em se manter a abertura trazida pela teoria da sedução generalizada? Será insensato “falar-teoria-da-sedução” assim como é insensato para Marr “falar – copernicano”?

Uma tal constatação de fracasso, a inelutável reclusão da teoria sobre *ego* só seria definitiva se a psicanálise não fosse mais que uma teoria face a um objeto. Mas a psicanálise, como sempre sustentou Freud, é antes um “método” do qual, evidentemente, a situação psicanalítica é indissociável. O que acrescentamos é que essa situação *reitera* a situação originária do ser humano. Enquanto tal, ela é ao mesmo tempo ptolomaica e copernicana. Copernicana enquanto encontra de saída seu centro de gravitação no outro: ao mesmo tempo na observação da regra fundamental – destinada a colocar em evidência essa atração do sol e dos astros inconscientes, que faz gravitar, de maneira oculta, a aparente coerência de nosso discurso – e na transferência<sup>44</sup>.

Mas a própria cura psicanalítica não escapa a uma incessante recentração: o *ego* aí não para de trabalhar para tentar recolocar em ordem os elementos inconscientes “recuperados”.

43 “Une difficulté de la psychanalyse”, trad. francesa, *op. cit.*, p. 182-183. A oposição Lamarck-Darwin não é pertinente em relação à humilhação em questão.

44 Cf. “Du transfert: sa provocation par l’analyste”, in: *Révolution copernicienne inachevée*, p. 417.

*Wo Es war, soll Ich werden*

Aí está uma máxima em seu fundo ptolomaica, mesmo se concedermos que o *ich* em questão não é somente o ego narcísico no sentido limitado que lhe dá a “segunda tópica”. Mas a teoria da sedução impõe a máxima inversa ou complementar.

*Wo Es war, wird (soll? muss?) immer noch Anderes sein*

Lá onde havia id, haverá sempre e ainda o outro. A permanência do inconsciente, a prioridade do endereçamento do outro: é uma das funções da análise mantê-las, e é dever do analista garantir o respeito que lhes é devido.

## Referências bibliográficas

*Bíblia Sagrada*. João VII. 47 [Jean VII 47].

Freud S. *Gegenwärtig wirkendes Agens*. [Trad. francesa *L'inquiétante étrangeté*, Paris, Gallimard, 1985.]

\_\_\_\_\_. *Correspondance Freud-Flies*. Frankfurt-am-Main: Fischer.

\_\_\_\_\_. *GW-Nachtragsband* [Trad. francesa *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1956]

\_\_\_\_\_. *Traumdeutung*, GW, II-III p. 570-571.

34 Freud S. [Trad. Francesa “Une difficulté de la psychanalyse”]

*Histoire générale des sciences*, I. (1966). Paris: PUF.

Husserl E. (1989). *La terre ne se meut pas*. Paris: Éd. de Minuit.

Kant E. (1985). *Kritik der reinen Vernunft*. Stuttgart: Philipp Reclam Jun.

Lacan J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.

Lanonzère J. (1991). *Histoire secrète de la séduction sous le règne de Freud*. Paris: PUF.

Laplanche J. (1970). *Vie et mort en psychanalyse*. Paris: Flammarion.

\_\_\_\_\_. (1980). *Problématiques III – La sublimation*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. (1981). *Problématiques IV – L'inconscient et le ça*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. “*La Nachträglichkeit dans l'après-coup*” [seminário de 1989-1990].

\_\_\_\_\_. (1989). *Traduire Freud*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. (1992). Le fourvoiment biologisant de la sexualité, *Psychanalyse à l'Université*, 17,68.

\_\_\_\_\_. Du transfert: sa provocation par l'analyste. In \_\_\_\_\_. *La révolution copernicienne inachevée*.

Laplanche J.; Leclaire S. (1981). L'inconscient, une étude psychanalytique. In J. Laplanche. *Problématiques IV – L'inconscient et le ça*. Paris: PUF. p. 261-321.

Sagan C. (1975). *Cosmic Connexion*. Paris: Seuil.

## The unfinished Copernican revolution

**Abstract** In this classic paper, Laplanche puts forward his reasons to criticize Freud's usual way of conceiving the formation of mind, and at the same time opens windows towards a more exact and more fruitful solution for this problem. The official version is considered “Ptolomaic”, and Laplanche's own description, “Copernican”. The metaphor refers to an inversion of the positions of the baby and the adult, which in the author's view is equivalent to what Copernicus proposes in Astronomy.

**Keywords** Copernican revolution; narcissism; subject; other; seduction

# Sublimação e/ou inspiração

Jean Laplanche

**Nota de Edição** Esta conferência, extraída do volume *Entre séduction et inspiration* (Paris, PUF, 1999), foi proferida na Universidade de Atenas (14 jan. 1999), e repetida nas *Soirées de l'APF* (21 jan. 1999). *Percorso* agradece à PUF a autorização para a publicar neste volume, no qual, aliás, é comentada mais adiante no artigo de Maria Teresa de Melo Carvalho, “O universo mito-simbólico ante a curiosidade sexual das crianças”.

**Resumo** Este artigo retoma a questão da sublimação, situando-a no contexto da teoria da sedução generalizada. Trabalhando o “Leonardo” e alguns outros textos de Freud, Laplanche a vincula às duas teorias da pulsão, e utiliza o tema da sublimação para reforçar seus argumentos em favor de uma “pulsão sexual de morte”. Passando por uma rápida reflexão sobre o conceito de “inspiração”, o autor conclui com observações sobre o papel da sublimação na conclusão de uma análise.

**Palavras-chave** sublimação; inspiração; teoria das pulsões; criação; função da sublimação no tratamento analítico.

**Tradução** Monica Seincman e Renato Mezan

O conceito de *sublimação* ainda é útil, utilizável, utilizado? Em 1967, Pontalis e eu terminávamos assim nossa reflexão sobre ele: “Recorre-se com frequência ao conceito de sublimação, que é, com efeito, índice de uma exigência que dificilmente poderíamos dispensar. A ausência de uma teoria coerente da sublimação permanece como uma das lacunas do pensamento psicanalítico”.

Isso ainda é válido? Esta é mesmo uma exigência que não podemos dispensar? Cabe indagar se o “índice”, indicação imperiosa da necessidade de manter a questão aberta, não se tornou uma simples referência, obrigatória porém vaga, que às vezes se reverencia, sem que isso implique um uso preciso, nem uma concepção metapsicológica clara. Por outro lado, sabe-se que o próprio Freud abandonou ou destruiu o ensaio sobre a sublimação, que deveria ser incorporado aos seus escritos metapsicológicos.

Não se abandonou a palavra. Já a noção continua sujeita a reservas, quando não é simplesmente deixada de lado! Podemos citar vários exemplos.

É muito raro, quando se fala do tratamento analítico, que a sublimação seja mencionada em nossas reflexões ou discussões clínicas. Há para isso uma excelente razão, que podemos chamar, seguindo Freud, de “razão da Cruz Vermelha”. Em tempos de guerra, a Cruz Vermelha, que deveria prevenir os bombardeios, seria antes o sinal de que o inimigo se refugiou na ambulância para se camuflar. “Não atirar na ambulância” não é uma regra da análise, e por um bom motivo. No início de uma análise, não é conveniente separar como respeitáveis as sublimações que não devem ser tocadas. Na prática, no tratamento não distinguimos, quanto ao objetivo



com frequência me foi assinalado  
o caráter sempre um pouco elitista  
dos nossos exemplos de sublimação.  
Por que sempre o pintor  
e o pesquisador, e não o torneiro,  
o jogador de golfe ou quem cultiva  
seu jardim?

de analisar, entre sublimação e sintoma. Essa escolha de analisar tudo, sem respeito nem reserva, seria a transposição da famosa frase de Montfort “matem todos; Deus reconhecerá os seus” – num “análise tudo, a sublimação reconhecerá os seus”. Quanto ao fim da análise, se acaso ficarmos tentados pelo entusiasmo balintiano de um “novo começo”, ele será contrabalançado por essa regra da recusa, que nos impõe analisar até o último instante, deixando a ferida da análise por assim dizer aberta.

Seria necessário então pensar que a sublimação é um conceito reservado sobretudo à *Psicanálise aplicada*? Não é à toa que o texto principal continua sendo o “Leonardo” de Freud, com todos os prolongamentos que lhe foram dados, entre outros, por Eissler ou Maidani-Gérard. Mas justamente, apesar de tudo aquilo com que este autor pôde contribuir para aproximar os *Cadernos* de Leonardo da rede de associações durante um tratamento, a distância se mantém. Poder-se-ia dizer então que a sublimação constituiria um incômodo quando estamos envolvidos na prática, mas que esse incômodo desaparece quando estamos a sós, sem responsabilidades, deitando no divã um personagem histórico?

Uma terceira série de questões estaria ligada ao termo *sublime*. Sabemos que Freud o retoma ao seu modo, definindo a alquimia que leva a pulsão a se sublimar como vinculada a objetos “socialmente valorizados”. Uma definição pelo “social” que introduz todo um campo

de reflexão, já que no pensamento de Freud não se poderia considerá-la acessória, extrínseca ao próprio processo. Certamente, poderíamos fazer muitas restrições a essa “adaptação social”. Assim, em seu texto “A sublimação e os valores”, Lagache mostra que os valores visados pela sublimação não pertencem necessariamente a um consenso mais ou menos conformista: podem ser os de um grupo restrito, marginal, máfia ou gangue de delinquentes. Num sentido semelhante, com frequência me foi assinalado o caráter sempre um pouco elitista dos nossos exemplos de sublimação. Por que sempre o pintor e o pesquisador, e não o torneiro, o jogador de golfe ou quem cultiva seu jardim? E o que dizer de quem se fascina ao navegar pela Internet?

Mas a questão do “social” não se reduz à sua versão individual. Freud, nisso acompanhado por alguns dinossauros da nossa disciplina, não recuou ante a ambição de confrontar a sublimação com a gênese dos fenômenos sociais em sua generalidade: gênese da linguagem, na esteira dos trabalhos do linguista Sperber, gênese da atividade em sociedade, tal como aparece nos grandes textos meta-antropológicos que escreveu.

Como esse debate se cristaliza no momento do florescimento conjunto e antagônico da antropologia psicanalítica e do freudo-marxismo, não posso resistir a dar um exemplo disso, com uma curta citação de Wilhelm Reich, relatando uma discussão com Géza Róheim:

Falamos com Róheim sobre a interpretação simbólica, e, seguindo o mesmo raciocínio, sobre a interpretação analítica do aparecimento das ferramentas. Propus a ideia de que o machado foi inicialmente concebido por razões racionais – para partir a madeira com mais facilidade – e que, em seguida, secundariamente, pôde assumir também uma significação simbólica, mas que esse simbolismo de forma alguma era necessário. Uma árvore ou um bastão podiam significar um falo no sonho, mas não deviam necessariamente ter essa significação... A tese de Róheim, pelo contrário, dizia que o machado simbolizava o pênis, e que por isso fora inventado; o racional, nesse caso, era secundário<sup>1</sup>.

Em suma, segundo Róheim, a pulsão sexual estava na própria origem da civilização, de modo que esta poderia ser inscrita em seu conjunto sob a rubrica da “sublimação”. Para Reich, a civilização tem uma origem coletiva autônoma, que o desejo sublimatório do indivíduo reutiliza de modo contingente, por meio da simbolização.

Trata-se de um debate obsoleto? O mero termo “freudo-marxista” poderia induzir a pensar assim. Mas, afinal, a sociologia e a antropologia social continuaram a se desenvolver de modo notável sem se submeter quer ao marxismo, quer à psicanálise. Portanto, eu mantenho o termo freudiano intencionalmente modesto de “valorização social” como um questionamento, esperando poder retrabalhá-lo.

A sublimação é um termo marcado pela *metapsicologia* e, mais precisamente, pela *teoria das pulsões*. Talvez isso também já não combine com o espírito atual da psicanálise. Quero dizer que, com frequência, achamos que podemos discutir casos, ou muitas outras coisas que não sejam casos – certos fenômenos culturais, por exemplo – sem nos perguntarmos se existe entre nós um acordo mínimo sobre o que *move* fundamentalmente os seres humanos. Não duvido de que cada um de nós tenha uma ideia bastante precisa do que denomina pulsão de morte – para aceitá-la, refutá-la ou interpretá-la. Seria isso gentileza? Ceticismo em relação a qualquer teoria? “Atitude analítica” transposta para a discussão educada entre colegas? Geralmente, a discussão é realizada com “teoria de pelica” (como se diz “um tapa com luvas de pelica”).

Uma grande diferença, com certeza, frente ao que acontecia na época de Freud, quando obviamente ninguém era “pós-moderno”. Um “paradigma” científico não podia ser escolhido de modo arbitrário dentre um leque de possibilidades. No entanto, o rigor metapsicológico quase intratável de Freud se conjuga com uma evolução que poderia desconcertar: você é partidário da primeira, da segunda ou da terceira teoria das pulsões, da

»  
*não é possível contentar-se em  
observar uma simples contradição  
do pensamento freudiano,  
sem perguntar se neste meio tempo  
outros elementos teóricos  
não mudaram de lugar*

primeira ou da segunda tópica? É aqui que as considerações sobre a estrutura e a evolução devem se conjugar com cuidado, a menos que, como alguns o fizeram, se veja na Psicanálise um meio de afirmar simultaneamente tudo e o seu contrário.

Tomemos um exemplo preciso, mas fundamental: as relações de *ternura*. No contexto da primeira teoria das pulsões, quando o sexual se opõe ao domínio bem delimitado da “autoconservação”, a “corrente terna” remete a este segundo, ligando o bebê à mãe e mais tarde a outras pessoas. Esta corrente terna opõe-se à sexual, ou “sensual”. Pode-se, de certo modo, aproximá-la do “amor de objeto primário” de Bálint. Em contrapartida, na segunda teoria das pulsões, a ternura deve ser derivada da sexualidade, justamente por “inibição quanto à meta” e “sublimação”. No entanto, não é possível contentar-se em observar uma simples contradição do pensamento freudiano, sem perguntar se neste meio tempo outros elementos teóricos não mudaram de lugar. Especificamente, se o “sexual” da primeira teoria é mesmo idêntico ao Eros da segunda.

A questão do dualismo pulsional, dos dois dualismos, é pois fundamental. Para nos orientarmos nela, partamos de um ponto aparentemente polêmico: a acusação de “*pansexualismo*”, contra a qual Freud se defende o tempo todo. O pansexualismo, se afirmado radicalmente, arruína a própria ideia de sublimação. Se “tudo é sexual”, o único problema da Psicanálise é revelar o modo como o sexual se mascara, se traduz sob outras formas.

1 W. Reich, *L'effondrement de la morale sexuelle*, 1932. Citado in E. Borneman, *Psychanalyse de l'argent*, p. 65.



*Freud luta permanentemente  
contra o pansexualismo*

*com esta afirmação:*

*“Em psicanálise, o sexual não é tudo”.*

*Esta é sua maneira de manter  
a especificidade do sexual*

Mas, ao mesmo tempo, a questão se inverte. Se “tudo é sexual”, a palavra “sexual” vira uma denominação insossa, a libido se torna equivalente a termos mais neutros, como *energia*, *atividade psíquica*, etc. Este é um debate que ocupou o mundo intelectual quando das múltiplas resistências à introdução do sexual freudiano. Debate com Jung, mas também, na França, com Claparède, Pichon, Laforgue e muitos outros. Mas essa tentativa se mantém sempre atual, mesmo que o aspecto estritamente energético da discussão tenha se tornado obsoleto. O mesmo se dá com a onipresença – atualmente quase admitida sem discussão – da noção sempre mais ou menos dessexualizada de “relação de objeto”.

Freud, portanto, luta permanentemente contra o pansexualismo com esta afirmação: “Em psicanálise, o sexual não é tudo”. Esta é sua maneira de manter a especificidade do sexual, no sentido próprio. O problema é que aquilo que *não é sexual* assume duas formas completamente heterogêneas no que se costuma denominar as duas teorias das pulsões:

- + sexualidade – autoconservação;
- + Eros – pulsão de morte.

O próprio Freud descreve muitas vezes essa evolução, localizando entre as duas um momento monista transitório de “aproximação aparente com as concepções de Jung”. Um momento no qual a autoconservação é absorvida pela sexualidade

(sob a rubrica do investimento sexual do eu – narcisismo), enquanto a pulsão de morte ainda não apareceu.

Além desse resumo bastante esquemático, o que é importante é que estes dois dualismos são muito diferentes no que diz respeito à nossa prática: um não substitui o outro, de forma alguma.

O primeiro estabelece, com a autoconservação, um verdadeiro exterior tanto em relação à sexualidade quanto em relação à situação analítica. O segundo coloca em cena um par muito mais indissociável, pulsões de vida/pulsões de morte, como duas faces da mesma moeda, um par que avança junto na vida, no tratamento e na teoria.

Na teoria, Eros e pulsão de morte se apresentam, antes de tudo, como dois grandes princípios – ligação e desligamento –, portanto como correlatos. Isso se confirma pelo fato de Freud ter recusado atribuir uma energia própria à pulsão de morte, o que sugere que se trata de *uma única e mesma libido*, ligada ou desligada conforme o caso.

Estou convencido de que a sucessão dos dois dualismos, em Freud, não representa a substituição de um sistema menos válido por outro. Ela tem seu correspondente na realidade do ser humano; a evolução de um para o outro correspondente a uma gênese, à passagem entre dois estados ou posições sucessivas, refletindo talvez o que se chama de passagem da “natureza para a cultura”.

Como deve ser assumido o dualismo pulsão de vida/pulsão de morte?

Para começar, é um dualismo interno à própria sexualidade. Insisto nisso há muito tempo: convém falar de “pulsões sexuais de morte”. A pulsão de morte recupera para si o que Freud, primeiramente, considerou como o aspecto mais inconciliável da sexualidade: Lúcifer-Amor. Não é por acaso que, nos mesmos momentos da infância, Freud situe o autoerotismo, e Melanie Klein o sadismo em seu ápice. Minha hipótese é de que ambos veem *uma única e mesma coisa*, sob dois termos diferentes – o caráter indomável e anárquico da sexualidade. A pulsão de vida, por seu lado, corresponde aos aspectos mais ligados do

sexual: ligados ao objeto e ao objeto-eu. Sugeri, a propósito dessas formas do sexual, os termos “pulsão de índice” e “pulsão de objeto”. Talvez retome isso mais adiante.

A questão poderia, portanto, se colocar da seguinte forma: o tratamento nos leva a rejeitar para fora do enquadre as considerações de oportunidade, de interesse material, e no limite de sobrevivência. Se se trata do atraso de um paciente, ela exclui do seu campo de interpretação os horários das estradas de ferro ou as greves dos ferroviários, exceto quando mediatizados e investidos pelos interesses sexuais ou narcísicos do paciente. No plano teórico, dizemos que Eros, o Eros narcísico, toma a seu cargo os interesses da autoconservação. O paciente se atrasa ou é pontual, enfim, em função do seu investimento sexual de vida ou de morte. Ou, para formular as coisas de modo menos paradoxal, ele somente “associa” a respeito desses fatos na medida em que os investir. Caso contrário, as coisas ficarão fora do enquadre.

Sei que essa leitura é esquemática. Ela me ajuda, contudo, a indagar: o segundo dualismo substituiria mesmo o primeiro? Eros teria colonizado completamente a autoconservação? Esse ponto de vista, que é o do tratamento, seria também transponível para uma consideração metapsicológica geral do ser humano? No homem, Eros se encarregou completamente da autoconservação, assim como que constata na evolução do pensamento freudiano?

E admitindo que tal seja o caso, a própria noção de uma gênese, de um tipo de “pansexualismo em ato”, não nos forçaria a supor que esta gênese, esta colonização, também se produz no ser humano? Isso significa dizer que o primeiro dualismo, na realidade da existência humana, preexistiria ao segundo e constituiria seu fundamento.

No ser humano, há no início, e depois subsiste, algo das tendências não sexuais, e – para dizê-lo claramente – do instinto? Sobre essa questão, não tenho certeza, e minha reflexão ainda oscila um pouco; posso dar apenas indicações sobre como venho pensando no assunto.

»

*se se trata do atraso de um paciente, ela exclui do seu campo de interpretação os horários das estradas de ferro ou as greves dos ferroviários, exceto quando mediatizados e investidos pelos interesses sexuais ou narcísicos do paciente*

Em primeiro lugar, seria necessário fazer uma reavaliação completa do termo “autoconservação”. Termo abstrato, que supõe um indivíduo sobrevivendo de maneira autônoma frente a um universo inanimado. É o sistema do qual parte o “Projeto de uma Psicologia Científica”, que é válido somente para os organismos inferiores, até os peixes inclusive. Esse tipo de autoconservação homeostásica encontra-se amplamente superado na evolução das espécies. Um grande número delas, e em particular os mamíferos, vê sua subsistência vital integrada numa intercomunicação, em especial entre mãe e filho, a qual desde Bowlby se chama “apego”. O retorno atual dessa noção se deve à observação tanto dos animais quanto dos bebês, cujas capacidades precoces de interação haviam sido por muito tempo subestimadas. A existência de relações primárias (ou pelo menos muito precoces) entre o bebê e o ambiente revaloriza a ideia de *amor primário de objeto* de Bálint, em relação à qual, porém, é preciso assinalar enfaticamente que ele não se situa no plano do sexual.

Mas, a meu ver, é também para melhor situar a noção de mensagem enigmática – ponto de partida da pulsão sexual – que precisamos supor uma comunicação de base, não sexual, entre a mãe e o bebê, um tipo de “onda portadora” não sexual, que seria como que modulada (ou melhor, parasitada) pela intervenção do sexual adulto. Sobre a base de uma comunicação recíproca, algo passa de modo vetorizado, unilateral.



*se compreendermos bem que o núcleo do Isso é a pulsão sexual de morte, a fórmula “Wo Es war soll Ich werden” poderia ser transposta da seguinte maneira: lá onde era a pulsão sexual de morte, Eros, a pulsão de vida, deve advir*

Assim acontece na criança; mas também no adulto é difícil não manter, pelo menos virtualmente, este polo autoconservador original, mesmo que amplamente recoberto e reinvestido pelo narcisismo. Para dar um exemplo que não posso desenvolver, em uma *psicologia* da agressividade, ao lado da destrutividade sádica e da rivalidade narcísica, não é em absoluto possível negligenciar um terceiro fator, que se pode chamar, com Denise van Caneghem, de “combatividade”.

Mais uma vez, essa “ordem vital”, esse nível “animal” em sentido estrito permanece no homem como um nível virtual: exatamente da mesma maneira que a primeira teoria das pulsões continua virtualmente presente na segunda.

Tendo apresentado as incertezas e questionamentos abertos pela renovação moderna da teoria do apego, volto ao nosso tema – o de uma mutação possível da pulsão: a “sublimação”. Ora, se considerarmos que no ser humano a oposição pulsões sexuais de morte/pulsões sexuais de vida (e, ainda mais precisamente, a oposição desligamento-ligação) vem recobrir o campo de base, animal, chegamos a um estranho paradoxo.

Por assim dizer, Eros retomou em suas mãos – como ligação – a autoconservação. No combate, o ser humano se sustenta não para sobreviver, mas por amor ao seu Eu, ou então por ódio ao Eu do outro. Por outro lado, Tânatos, a pulsão sexual sem amarras, assumiu o polo do inconciliável – o sexual no sentido freudiano originário do termo.

Do ponto de vista da sublimação, essa espécie de reviravolta, essa inversão dos polos e das significações, tem uma consequência mais que inesperada. Se é efetivamente o Eu, agente maior de Eros, que se reencarrega dos interesses vitais, e se sua energia for, como diz Freud, “dessexualizada e sublimada”, então a sublimação, a mutação da pulsão quanto às suas metas e seus objetos, vai aparecer na verdade como transferência ou transposição da energia sexual de morte em energia sexual de vida, como a domesticação ou ligação de uma pulsão em suas origens anárquica e destrutiva. Essa concepção, insisto, implica ter compreendido bem que na segunda visão de Freud Eros, esse demiurgo que sempre visa a realizar unidades cada vez maiores, nada mais tem a ver com a sexualidade parcial e parcializante dos *Três Ensaios*.

*Wo Es war soll Ich werden*

Se compreendermos bem que o núcleo do Isso é a pulsão sexual de morte, esta fórmula poderia ser transposta da seguinte maneira: lá onde era a pulsão sexual de morte, Eros, a pulsão de vida, deve advir. Freud acrescenta que se trata de um “trabalho cultural, comparável à drenagem do Zuydersee”: isso nos indica explicitamente que o *conjunto deste processo psíquico*, que pode se chamar “ligação”, pode ser finalmente assimilado ao campo anteriormente chamado de sublimação. Explico-me, sublinhando alguns pontos de referência.

1) A sublimação era classicamente assimilada – por assim dizer – a uma espécie de tratamento dos dejetos pré-genitais da genitalização. Cito algumas linhas de Freud em “As transposições pulsionais”:

“A questão de saber onde se instalam posteriormente as moções pulsionais eróticas-anais se tornava assim inevitável. Qual foi seu destino após terem perdido sua importância para a vida sexual, após a instauração da organização genital definitiva?”<sup>2</sup>



Sabe-se que Freud afirmou constantemente que o destino sublimatório era, em primeiro lugar, o dos restos não integrados das pulsões pré-genitais.

Mas a partir do momento em que a incluímos nos processos gerais de ligação, a “genitalização” perde seu privilégio, sua situação singular em relação ao movimento geral de aculturação, e, obviamente, também ao de sexualização. Corro o risco de chocar ao manter a afirmação de que “o Édipo” é intrinsecamente não sexual e dessesexualizante. A “lenda do conquistador”, pela eliminação do pai e pela união com a mãe, relega por completo ao subsolo a sexualidade orgástica que, doravante, se pode apenas suspeitar ter existido no coito com Jocasta e no assassinato gozoso de Laio.

Para falar do cotidiano, refiramo-nos à “relação genital”, sob todas as suas formas – do “amor louco” ao casamento que se torna menos “por amor” e mais “por conveniência”, das uniões efêmeras ao compromisso no interior de uma existência comum e criadora – da união sem filhos ao destino familiar. As formas são ricas e inumeráveis, mas como afirmar que se trata única – e mesmo principalmente – de formas de “vida sexual”? Os aspectos sexuais em sentido estrito, a sexualidade no sentido dos *Três Ensaíos*, quer seja genital ou paragenital, representam apenas uma pequena parcela quantitativa, e sempre integrada qualitativamente numa relação – tanto faz se social ou associal – que os ultrapassa. Quanto a todas essas formas de genitalidade, pode-se falar com propriedade de *modos de sublimação* da sexualidade. A “ternura”, da qual falávamos há pouco, é apenas um aspecto entre outros desse conjunto.

2) Um segundo ponto seria que, em todas essas formas de *vida* (tomando essa palavra no sentido das pulsões de vida, e de Eros), aquilo que se liga são sempre os múltiplos componentes da pulsão sexual de *morte*, do sadismo e do masoquismo. Voltarei em seguida à significação central, desse

»»

*Os aspectos sexuais em sentido estrito, quer seja genital ou paragenital, representam apenas uma pequena parcela quantitativa, e sempre integrada qualitativamente numa relação – tanto faz se social ou associal – que os ultrapassa*

ponto de vista, da analidade. De qualquer forma, não é um acaso que a maioria dos exemplos de sublimação, principalmente profissionais, se refira a uma integração da agressividade. O paradigma do cirurgião permanece central: o manejo do bisturi é dominado, ligado, integrado num cenário, ou melhor, numa multidão de pequenas histórias nas quais a técnica se conjuga com a dimensão médica, e até com a “solicitude” pelo caso humano.

3) Meu terceiro ponto, enfim, será para observar como o elemento que Freud chamava de “valorização social” muda aqui de aspecto: de fator agregado, com a ideia de *processo cultural*, ele se torna algo intrínseco ao próprio processo de ligação.

O que não significa, é preciso assinalar, que isso nos coloque na posição de aprovar esta ou aquela cultura, nem, inversamente, que adotemos um relativismo cultural. Mas essa reserva merece uma explicação, que passa por uma breve evocação dos modos de ligação pelo Eu. Pode-se ordenar a ação sintética do Eu segundo dois tipos bem diferentes. Num primeiro modo, que se poderia denominar gestaltista, o Eu impõe uma unidade ao diverso/anárquico da pulsão, por sua própria forma unitária, especular. Essa ligação é eminentemente narcísica, e como tal rudimentar. O Eu unifica o diverso, seja diretamente, seja por simples oposição, termo a termo. Encontramos aqui a formação dos traços de caráter (obstinação, ordem, economia) que Freud destacou de modo privilegiado no erotismo anal. O traço de



à estupidez da ligação  
narcísico-gestaltista, em que a totalidade  
unificante se impõe sem mediação,  
contrapõe-se a complexidade  
das ligações simbolizantes  
e dos sistemas simbólicos

caráter da obstinação vem diretamente, por bloqueio, continuação e generalização, do conflito anal de oposição. O traço da limpeza e da ordem se apresenta como uma formação reativa, ou seja, como a imagem invertida, por assim dizer em espelho, do interesse pelos excrementos. Quanto à economia, sua derivação remete ao complexo problema da troca, que será retomado por Freud em “Transposições pulsionais”. O que quero sublinhar aqui é apenas que as formações características estabelecem um modo de ligação simples, simplista até, narcísica, muito pouco inserido em redes de significações.

O outro modo de ligação, em contrapartida, efetua-se graças a conexões simbólicas. Propus a ideia de que a ligação da mensagem enigmática do outro se efetua segundo o modelo de uma tradução, graças aos códigos – mais ou menos elementares ou elaborados – fornecidos à criança por seu meio. Essa tradução não se deve somente a mensagens primeiras e recalcamientos originários. Durante toda a infância (e igualmente durante todo o tratamento analítico), produzem-se movimentos de destradição e de retradição, regidos pelo processo do *a posteriori*. À estupidez da ligação narcísico-gestaltista, em que a totalidade unificante se impõe sem mediação, contrapõe-se a complexidade das ligações simbolizantes e dos sistemas simbólicos, nos quais – se quisermos nos remeter a referências filosóficas – o objeto e o conceito são necessariamente correlatos a roteiros, a proposições e a juízos.

Como não tenho tempo para mostrar isso em detalhe, limito-me a indicar que esses dois modos de ligação do Eu são, no entanto, complementares e associados. Assim, os códigos mito-simbólicos podem ser investidos como objetos narcísicos, e inversamente o investimento narcísico de formas distintas faz, por assim dizer, se coagularem objetos ao longo dos roteiros propostos ao sujeito. Para ilustrar esse processo com um exemplo conhecido, não há Aníbal, nem identificação a Aníbal, sem a lenda de Aníbal. Mas não há lenda de Aníbal sem que o Eu consiga, especularmente, destacar o personagem no conjunto da sua história.

“*Transposições pulsionais, em particular no erotismo anal*”: eis um texto que já evoquei, e que propõe uma encruzilhada entre o que pertence à simbolização e também à sublimação. Vemos aí mutações da pulsão, do seu objeto, e necessariamente da sua meta, no âmbito do *objeto-parcial*. Digamos de imediato que, se devêssemos caracterizar esse momento de ligação da pulsão, seria preciso falar de *troca*, na qual o objeto anal permanece como caso particular, embora essencial. Seria um equívoco considerar a analidade como uma fase, pois ela está presente desde os primeiros dias<sup>3</sup>. Lembremo-nos, pois, deste extraordinário quadrilátero ou pentágono que Freud desenha em seu artigo, com suas vias de comunicação, e também com suas saídas. Os quatro polos são o excremento, o pênis, a criança e o presente, aos quais se acrescenta o objeto-homem, o que nos indica que, desta vez, Freud centra sua reflexão sobre a pulsão na mulher. É, portanto, um polígono de trocas, baseado em equivalências. Freud teve bastante dificuldade para fundar este valor de troca no plano empírico, procurando o que ele denomina *tertium comparationis*. É assim que o elemento caracterizado como “o pequeno” não se sustenta quando perguntamos (como se faz desde os socráticos): “pequeno em relação ao quê?”. Isso para deixar pressentir que a troca não pode ser facilmente deduzida do empírico, mesmo no caso da troca do presente-excremento pela recompensa parental.



*Mauss chama nossa atenção  
para os sistemas em que o objeto  
trocado continua ligado ao doador,  
eventualmente ao criador.  
Esse relógio será sempre o relógio de  
Pierre; esse quadro, mesmo tendo  
mudado de proprietário, continua  
sendo um quadro de Picasso*

De fato, depois de Marcel e Lévi-Strauss, seríamos levados a considerar a troca como o sistema simbólico que *mantém junto* o quadrilátero. Mas, principalmente com Marcel Mauss, vem a ideia de que a troca generalizada, recíproca, abstrata, que Freud parece tomar como referência, é somente um código entre outros possíveis. Mauss chama nossa atenção, por exemplo, para os sistemas em que o objeto trocado continua ligado ao doador, eventualmente ao criador. Esse relógio de pêndulo será sempre aquele oferecido por tal amigo, o relógio de Pierre; esse quadro, tendo mudado cem vezes de mãos e de proprietário, continua sendo um quadro de Picasso. Freud, é verdade, parece recusar essa ligação entre a obra e o autor, entre a palavra e aquele que a deu, e até entre o pênis e o homem que o possui. Conhecemos uma frase particularmente violenta nesse texto: “O desejo infantil que visa ao pênis [...] se transforma, então, em desejo que visa ao *homem*; ele se contenta, pois, com o homem enquanto apêndice do pênis”. O homem é a “pequena coisa” do pênis, como o pênis é a “pequena coisa” do homem. Não poderíamos ir mais longe no sistema “de trocas” – quer se entenda este termo no sentido econômico ou sexual.

Essas poucas reflexões não dão conta da riqueza desse texto, e da encruzilhada que ele representa. Nele se trata do nascimento do objeto parcial<sup>4</sup>.

Outro traço notável desse pentágono: a agressividade está ausente dele, ou, em todo caso, cuidadosamente dominada. Green formulou, a propósito das passagens e mutações entre pulsão de morte e pulsão de vida, a noção de “função objetualizante-função desobjetualizante”. Ideia que deveria ser retrabalhada: o termo “função” me parece totalmente injustificado, por sua conotação de funcionalismo. Em contrapartida, nada proíbe reconhecer um movimento objetualizante (em direção ao objeto parcial) e seu inverso desobjetualizante (em direção ao índice inconsciente, ou ao

puro *significante designificado*). Desde que, porém, reconheçamos que a “desobjetualização” não é absolutamente um *desinvestimento*, mas sim um *outro investimento*, o dos índices como fontes da pulsão; essencialmente, fontes da pulsão de morte, a qual, justamente, reduz o objeto a um puro índice.

Citarei aqui uma pequena anedota. Na época da perda dos dentes de leite, um menino costuma colocar o seu dentinho em uma pequena caixa embaixo do seu travesseiro. O rato virá, durante a noite, trocar o dente por um pequeno presente. Ao despertar, portanto, ei-lo confiante a escorregar a mão sob o travesseiro; apalpa... e percebe um pedacinho de papel. Convencido de que se trata de uma carta dizendo-lhe que fora travesso demais para receber um presente, desata a soluçar. E quando a mãe lhe mostra que é uma nota de dinheiro, isso só o consola em parte.

Por que essa mutação do bom em mau, do presente em punição? Arrisco uma hipótese, sugerida pelo próprio termo: “nota” pode ser um bilhete de reprovação, e também uma cédula. Nos dois polos, enquadrando o objeto parcial do presente, encontramos o significante puro: de um lado o significante inconsciente, sempre ligado a certo ataque interno – e sabemos que, diante do inconsciente, ninguém é inocente; mas, do outro, além do presente pessoal oferecido pelo rato, encontra-se o puro significante, como signo monetário, o objeto-moeda que se torna não objeto (Marx dizia: a mercadoria-moeda é uma não mercadoria). Insisto, pois, nesta passagem do índice

3 Mas, nesses primeiros tempos, não sob a forma das fezes.

4 Com uma ausência, todavia: a do seio – e poderíamos formular hipóteses a esse respeito.



*vamos juntar as coisas.*

*A sublimação, tal como fomos*

*levados a concebê-la, não é de forma  
nenhuma um processo isolado.*

*É, deveríamos dizer, o processo normal  
de aculturação, pelo qual o Eu*

*tenta continuamente drenar*

*o Zuydersee do Isso*

ao objeto parcial, e, com Freud, na circulação dos objetos parciais, como determinantes no movimento de simbolização. O fato de a sublimação apresentar as mais íntimas relações com o objeto parcial, de o próprio movimento de simbolização da pulsão de morte se dar por meio de um sistema do qual o pentágono de Freud nos mostra um dos paradigmas, é ainda o que viria atestar certa defasagem terminológica, fazendo com que, desde Klein, talvez se fale mais facilmente de criatividade que de sublimação. O termo *criatividade* supõe que se situe de saída o objeto parcial em relação ao seu doador, autor ou transmissor. Ele se opõe à ideia muito simplista de uma passagem do objeto parcial para o total por meio de não se sabe qual “totalização”. Pois o outro “total”, se pudermos manter esta palavra, está presente desde sempre, ou pelo menos desde muito cedo, desde a fundação do aparelho psíquico, ao mesmo tempo como outro da mensagem e outro specular.

Volto mais uma vez a este esquema da produção, do presente e da troca, a este texto sobre as “transposições das pulsões”, verdadeira placa giratória da sublimação. Nele, é central a relação com os excrementos enquanto primeira produção do ser humano; mas, em contrapartida, é preciso observar que o sexual, como prazer, passou completamente para o segundo plano. Se quisermos retomar, seguindo Hans Blüher e Lou Andreas-Salomé, a distinção entre o anal e o fecal<sup>5</sup>, o erotismo *anal* é um dos grandes recalcados desse sistema.

A passagem da pulsão sexual desligada para uma ligação sob a égide do objeto parcial é obra do Eu, que opera de acordo com um sistema simbólico-ideológico. Aqui se trata de sistemas bem primordiais, que regulam a troca no nível antropológico. Nada indica que algum desses sistemas detenha a exclusividade. Há pouco mencionei Marcel Mauss, que opõe a troca universal abstrata da economia moderna, na qual tudo tem um preço abstrato (inclusive o tempo, um quadro de Van Gogh, ou o custo dos investimentos sociais necessários para “produzir” um piloto de avião), e modos de troca mais restritos, sobre os quais ele escreve: “As coisas vendidas ainda têm alma, ainda são acompanhadas por seu antigo proprietário, e o seguem”<sup>6</sup>. Não se trata de optar por uma mitologia em detrimento de outra, por um sistema simbólico em detrimento de outro. Mas não é possível deixar de observar que com a troca abstrata e generalizada se produz uma espécie de *regressão do objeto parcial para o índice*, da pulsão de vida para a de morte, e junto com ela uma dessublimação. É verdade, aliás, que o objeto parcial, por sua própria parcialidade, contém uma significação de arma e de projétil mortal, que Melanie Klein sempre enfatizou. Já num artigo datado de 1921, Mauss insistia nos dois sentidos da palavra alemã *Gift* – presente e veneno: “A coisa recebida... vinda de alguém fabricada ou apropriada por ele, sendo dele, confere-lhe poder sobre o outro que a aceita”<sup>7</sup>.

Vamos juntar as coisas. A sublimação, tal como fomos levados a concebê-la, não é de forma nenhuma um processo isolado. É, deveríamos dizer, o processo normal de aculturação, pelo qual o Eu tenta continuamente drenar o Zuydersee do Isso, transpondo em parte as pulsões de morte em pulsões de vida. Um processo no qual estamos hoje enfatizando a função do objeto parcial, objeto de produção mantido como tal. Nesse sentido, pode-se confrontá-lo ao puro “objeto” de consumo, índice de um gozo em que desaparecem qualquer especificidade e qualquer origem. Talvez este movimento – que Freud atribui à fase anal, mas que ultrapassa bastante os contornos

temporais dela, e cuja significação para a criatividade é muito importante – venha no *a posteriori* dos recalcamientos originários e da ligação deles com os índices da oralidade<sup>8</sup>.

Por fim, não quero concluir este desenvolvimento, que trata da sublimação comum no sentido mais amplo possível, sem tomar alguma distância em relação ao privilégio que Freud atribui a este movimento conquistador da pulsão de vida. Por mais necessário que seja o processo de ligação, não se deve esquecer que ela é realizada pelo Eu, sob duas modalidades principais: por um lado, ligação pela imagem narcísica, e por outro ligação pelos sistemas mito-simbólicos. Destes nós aprendemos a desconfiar, e uma análise não pode ocorrer se não aceitarmos que sejam questionados, em sua contingência, em sua historicidade, e mesmo nas suas contradições e absurdos. As diatribes de um Bourdieu contra os “sistemas simbólicos” dominantes não nos devem, *a contrario*, nos inibir no que deve ser uma atitude analítica a respeito deles.

Notar-se-á também, diferentemente do que postula um certo lacanismo, que tanto o “simbólico” quanto o “imaginário” estão a serviço do Eu, e por isso submetidos a perspectivas quase inevitáveis do fechamento “ptolomaico”.

Não vejo como se poderia distinguir da sublimação esta progressão de Eros em cada existência individual, principalmente por meio da simbolização. Ela é a própria sublimação, como integração das metas sexuais anárquicas numa perspectiva “socialmente valorizada”.

Pode-se situar este movimento da sublimação entre dois polos: o do *sintoma* e o do que eu designo como *inspiração*.

Sobre o primeiro, lembro apenas que ele também marca uma modificação e uma dessexualização parcial das metas. Mas esta se faz sob o modo principal do compromisso, em que alguma

»»

*é aqui que a sexualidade dita  
pré-genital – mas também a genital  
infantil – recupera a sua preeminência.  
Talvez não se tenha suficientemente  
observado que, diferentemente  
da sexualidade genital adulta,  
as metas das primeiras são  
essencialmente fantasmáticas*

simbolização está certamente presente, mas sempre errática em relação ao conjunto do Eu. Em muitas existências, a uma sublimação que efetivamente existe em todo ser humano vem se justapor uma sexualidade neurótica na qual o sexual retorna frequentemente sob as formas mais cruas, seja infiltrando-se nas tarefas materiais cotidianas, abertas à obsessividade e por vezes a uma analidade patente, seja insinuando-se nas relações inter-humanas, com frequência marcadas pelo sadomasoquismo, ou até pelo ódio.

É aqui que a sexualidade dita pré-genital – mas também a genital infantil – recupera a sua preeminência. Talvez não se tenha suficientemente observado que, diferentemente da sexualidade genital adulta, as metas das primeiras são essencialmente fantasmáticas. Assim, as ações descritas por Klein em conexão com a posição paranoide – atacar o interior do outro, cortar, queimar, etc., elas mesmas amplamente tomadas de esquemas da vida cotidiana – se inserem nela com naturalidade, ainda que sob formas mais ou menos disfarçadas.

Ousaria acrescentar que esta sexualização quase aberta talvez simplesmente ajude uma parte da humanidade a viver – certamente aquela que quase não vemos, ou que não vemos em absoluto, a não ser por meio das mídias.

Acho indispensável mencionar este ponto essencial, porque estamos frente a um tema de antropologia psicanalítica – a sublimação – que exige uma colocação em perspectiva ela mesma

5 H. Blüher *apud* L. Andreas-Salomé, “Anal et sexuel”, in: *Amour du narcissisme*, p. 109.

6 M. Mauss, “Essai sur Le Don”, in: *Sociologie et antropologie*, p. 259.

7 M. Mauss, *Le Monde*, 30 mar. 1968, suplemento p. V.

8 Ver acima a ausência da sexualidade oral no pentágono freudiano.



no mesmo período em que a questão de pansexualismo se tornará urgente, com a absorção da autoconservação em Eros, surge o grande texto de Freud sobre a criatividade científica e artística: “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”

antropológica. Simplesmente, não nos esqueçamos de que a análise encontra em seu campo de experiência efetiva somente 0,000...% dos indivíduos de cuja existência tomamos conhecimento pela tela da televisão: massacradores e massacrados, assassinos, violadores e violados, deportados, aprisionadores e aprisionados, escravos dos tempos modernos e de todos os tempos. O benefício primário (e principalmente secundário) trazido por uma sexualidade não sublimada não pode ser subestimado. Uma sexualização regida antes de tudo pela pulsão sexual de morte sádica, mas principalmente masoquista; o que, entretanto, de forma alguma implica que a tendência à ligação e à simbolização não continue a operar ao lado dela.

Mas não é um dos menores resultados da abordagem psicanalítica, quando acompanhamos excepcionalmente um caso próximo destes que tenho em mente, poder perceber que as próprias tarefas se diversificam, se desligam e se abrem. Há, por vezes, como se diz, ascensão social, mas não necessariamente. É mais uma espécie de mutação. A sexualização persiste, mas se torna menos rígida, menos grosseira, menos extrínseca, e também menos presa num enfrentamento social sem mediação. A via da simbolização parece se desenhar.

Com meu outro polo, o da *inspiração*, chego agora a águas que pareceriam mais calmas – mas apenas em aparência. Para anunciar as coisas: se a sublimação bem-sucedida sempre se desenha sob a égide do Eu e do fechamento ptolomaico – ou

com a bênção de uma “filosofia do sujeito” –, não devemos lembrar aquilo que situamos na origem da pulsão: a relação com a mensagem enigmática do outro? Não devemos conservar alguma reminiscência disso, inclusive de um duplo ponto de vista: na teoria e no próprio ser humano? Pois as reminiscências de uma são também as do outro.

É ainda em Freud que pretendo localizar essa reminiscência, através das suas dificuldades para estruturar a noção de sublimação. É nesse sentido muito preciso que podemos opor aqui duas atitudes teóricas: “situar” a sublimação, e “fazê-la derivar”.

*Situar a sublimação* é ater-se ao jogo das transposições pulsionais conforme o esboçamos, considerando o processo de simbolização como ocorrendo a partir das pulsões já constituídas pelo recalçamento. *Fazer derivar a sublimação* é tentar seguir a pista de uma gênese que se situa no movimento originário da própria pulsão: no recalçamento originário.

Ora, no mesmo período em que a questão de pansexualismo se tornará urgente, com a absorção da autoconservação em Eros, surge o grande texto de Freud sobre a criatividade científica e artística: “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”, de 1910. Para o nosso propósito, é importante constatar que este texto fundamental sobre a sublimação – de qualquer forma o mais inspirado – se apresente ao mesmo tempo como uma das principais reaparições da sedução infantil precoce.

Para a nossa finalidade, o mais simples é tomar as páginas sobre a gênese da “pulsão de saber”: *Wisstrieb* ou *Forschertrieb*. Uma gênese que Freud situa em Leonardo, e talvez em geral, como muito mais originária que as outras sublimações, inclusive as artísticas. No início, Freud localiza duas “pulsões” (diremos: duas “funções”) que provêm da autoconservação: uma é o prazer-desejo de ver, *Schaulust*, a outra é a pulsão de domínio. Essas duas funções, portanto no início não sexuais (poderíamos dizer dois elementos do equipamento psicofisiológico, que nada impede de terem uma força constitucional maior ou menor),

são muito precocemente captadas no processo sexual cuja iniciativa pertence ao adulto. Em outras palavras, essas funções constituem o lugar, o próprio espaço da sedução. Sigamos novamente Freud. A investigação, doravante sexual, pode conhecer três “destinos”, todos precedidos por – e ligados a – um recalçamento qualificado enfaticamente de “enérgico”.

- 1) A inibição intelectual. Vitória do recalçamento (com frequência apoiado pela religião).
- 2) A obsessivação do pensamento. O sexual invade a defesa via formação reativa: “investigar torna-se aqui atividade sexual, uma atividade com frequência exclusiva [...] mas o caráter sem conclusão possível da pesquisa infantil se repete no fato de que essa ruminação não termina nunca”.
- 3) ... *mas*, antes de passar para o terceiro tipo, é preciso assinalar que esses três modos não são exclusivos entre si. O caso “mais raro e mais perfeito” (o terceiro) pode coexistir ou se alternar com momentos de inibição e ruminação. É o caso de Leonardo. Também pode ser visto em Giacometti, cuja figura evoco aqui pela primeira vez.

Com efeito, esse terceiro tipo nos deixa, no texto de Freud, com sublimes aberturas – e também com uma insatisfação. Há recalçamento, mas não de um determinado componente, o ligado à *pesquisa* sexual. Mas há, no entanto, recalçamento... já que a pesquisa evitaria os “temas sexuais”. O que é de certa forma falso, justamente em Leonardo.

As palavras mais sugestivas de Freud são as que expressam a ideia de uma sublimação “desde o início” (*von Anfang an*):

A libido se subtrai ao destino do recalçamento, sublimando-se desde o início em desejo de saber e se colocando como um reforço ao lado da vigorosa pulsão de pesquisa<sup>9</sup>.

Essa não é a única passagem: “A sublimação original é preparada no momento do primeiro recalçamento”.

9 S. Freud, *OCF-P*, X, p. 105.



*não se pode negligenciar aqui  
que o “Leonardo” marca  
o ressurgimento, temporário em Freud,  
da sedução, sob a rubrica dos efeitos da  
sedução materna. Certamente, a teoria  
da sedução não reaparece como tal.  
Cabe-nos convocá-la*

Isso nos incentiva a passar do nível dos recalçamentos secundários (com as pulsões já constituídas) para o do *recalçamento originário*. Em outras palavras, *este início da sublimação* nos remete ao *início da pulsão sexual*.

Não se pode negligenciar aqui que o “Leonardo” marca o *ressurgimento*, temporário em Freud, da *sedução*, sob a rubrica dos efeitos da sedução materna. Certamente, a teoria da sedução não reaparece como tal. Cabe-nos convocá-la. Mais precisamente, por trás da vetorização secundária, pulsional, convém buscar uma vetorização mais primitiva, que talvez não ocorra entre forças intrapsíquicas, mas sim na relação interindividual. A partir de uma relação original recíproca, dá-se algo que também é originário: o caráter unilateral do que entra na comunicação adulta como sexual, como compromisso sexual.

A mensagem enigmática é o que assinala a dimensão irreduzível da alteridade. Não em virtude de alguma alquimia ou metafísica, mas por trazer em si o traço irreduzível e ilegível do inconsciente sexual do outro, do outro adulto. A vetorização da mensagem enigmática é “copernicana”: inscreve-se sobre o fundo de uma vetorização interpessoal, a saber a do apego não sexual.

A *mensagem enigmática* se inscreve na criança como mensagem. Como “significando para”, e não como traço ou representação: uma metapsicologia do traço ou da representação permaneceria irreduzivelmente solipsista.



é essa manutenção da dimensão  
do enigma, a despeito  
dos avatares do recalçamento,  
que segundo penso Freud tenta  
nos mostrar em Leonardo

A partir de então, o que a criança pode fazer  
com essa mensagem? Seus destinos são múltiplos.

1) A mensagem pode ficar não traduzida, for-  
cluída. Temos então a mensagem persecutória, e  
sua prima, a mensagem superegoica.

2) A mensagem pode ser tratada, ou seja, tradu-  
zida, aparentemente sem resto. “Aparentemente”,  
pois o resto não traduzido é recalçado, e portanto,  
para o Eu é como um nada. O Eu é sempre quem,  
parafrazeando O. Mannoni, diz: “Eu sei”, ou seja,  
englobo em uma tradução. E sobre o resto: “não  
quero saber nada dele”.

Esse é justamente o recalçamento que Freud  
define constantemente como um não-querer-  
-saber.

3) Seria possível agora imaginar o terceiro “tra-  
tamento” do qual Freud fala nesta passagem sobre  
a sublimação desde a origem? *Um relacionamento,  
mas mantendo o aguilhão do enigma?* Algo como:  
“eu sei; e do que não sei, nada quero saber sobre  
o seu conteúdo; mas, mesmo assim, pressinto –  
para sempre – que não sei”. É essa manutenção  
da dimensão do enigma, a despeito dos avatares  
do recalçamento, que segundo penso Freud tenta  
nos mostrar em Leonardo. Ele opõe constante-  
mente duas sublimações: a pictural, mais tardia,  
ligada à “alegria de viver”; e a sublimação intelec-  
tual – originária – que vem animar, mas também  
paralisar a criação artística.

Cabe aqui mencionar novamente este au-  
têntico irmão de Leonardo: Giacometti. Ao lado

do Leonardo de Freud, o Giacometti que Bon-  
nefoy acompanhou durante um ano de trabalho  
coletivo.

Em Giacometti, a diferença seria que a pes-  
quisa – a investigação – *anima diretamente* a pin-  
tura ou a escultura. Mas quando a olhamos de  
perto, ela praticamente desaparece. Evoco as pá-  
ginas conhecidas em que Freud retoma a grande  
oposição entre por um lado conhecer e por ou-  
tro amar e odiar. Amar, odiar, estão do lado da  
pintura; o conhecer se coloca inicialmente como  
auxiliar indispensável da arte, mas às vezes pode  
se tornar inimigo dela:

Não se pode amar ou odiar nada que não se conheça.  
Mas, finalmente, a pesquisa se impõe, e pode chegar a  
paralisar a criação<sup>10</sup>.

O artista tomara antigamente a seu serviço, como auxi-  
liar, o investigador; e eis que o servidor se tornou mais  
forte, reprimindo o senhor<sup>11</sup>.

*E em Giacometti:*

A arte me interessa muito, mas a verdade me interessa  
infinitamente mais<sup>12</sup>. “Nem fazer belas esculturas, nem  
me expressar: é o tema que importa”. A ponto de fre-  
quentemente afirmar que jogaria fora a escultura, como  
a concha vazia, quando estivesse terminada: “de certa  
forma, isso ainda não começou.

Faço esculturas para me livrar delas.

É para as deixar de lado”. (Entrevista em “Les heu-  
res chaudes de Montparnasse”).

Em Giacometti, o aspecto da *sexualidade* que  
chamo secundário não está por certo ausente.  
Freud também observa em Leonardo esta intri-  
cação de diferentes níveis: “É assim que recalca-  
mento, fixação e sublimação repartem entre si as  
contribuições que a pulsão sexual oferece à vida  
psíquica de Leonardo<sup>13</sup>”.

Em Giacometti, isso acontece com a partici-  
pação de componentes – principalmente sádico-  
-anais – extremamente próximos ao Leonardo.  
Anais – quero dizer desde que, muito pequeno,



lambuzou com excrementos uma tela do seu pai – até esses gessos pintados, lambuzados igualmente de forma quase sacrílega.

E, em Leonardo, todas as palhaçadas escatológicas que conhecemos.

A prática da escultura, de modo mais imediato que a pintura – quero dizer a modelagem – está diretamente ligada, é claro, à analidade, e Giacometti (que conhece Freud) sabe bem disso: “É uma mania como outras de remexer a terra, a pretexto de trabalhar”.

Quanto ao sadismo e à morte...

Antes de dizer uma palavra sobre eles, porém, gostaria de reunir alguns pontos em Giacometti e em Leonardo.

A criação, em Leonardo e principalmente em Giacometti, está como que *transfixada pelo vetor da “investigação”,* ou, melhor dizendo, da “busca”. Mas em que sentido orientar este vetor? Sem dúvida, a investigação e a criação vêm do indivíduo, e neste sentido é centrífuga. Mas o que a convoca e a orienta é um vetor que provém do outro. Para Leonardo, “o olho é a janela da alma”, o que assinala uma abertura, e mesmo uma exposição, da alma ao trauma do outro.

Em *Giacometti*, é o olhar do outro que deve ser restituído. Não é um “tema” qualquer, é a figura humana, e sobretudo, o olhar. Não um determinado olhar pessoal, nem um olhar abstrato, mas o que é o olhar do outro como enigma. Segundo Yves Bonnefoy: “Fazer parecido, para Giacometti, foi compreender a expressar a tensão que faz que este ser de dentro, esta “alma”, para arriscar um nome, se apodere dos olhos, da boca, da frente, para os retirar do espaço”<sup>14</sup>.

Isso, que é tão manifesto em Giacometti, encontra-se em Leonardo com o sorriso – o sorriso que é ele próprio um “dirigir-se a” – para sempre



*sem dúvida, a investigação  
e a criação vêm do indivíduo,  
e neste sentido é centrífuga.*

*Mas o que a convoca e a orienta  
é um vetor que provém  
do outro*

indecifrável. E isso apesar de todos os sarcasmos de Dali ao rabiscar *La Gioconda*.

Utilizei o termo “transfixar” para caracterizar o vetor dito da investigação. Mas é preciso sublinhar que não se trata de um vetor centrífugo, dirigindo por assim dizer o sujeito para o seu objeto. É um vetor centrípeto, vindo do outro. E tudo o que o sujeito pode fazer é ficar aberto ao trauma e pelo trauma.

Esse trauma do enigma não é adquirido nem aberto de uma vez por todas: ocorre por eclipses. A abertura é justamente a disponibilidade para o outro que virá me surpreender.

Pareço empregar um tom um pouco místico. No entanto é assim, maravilhado, que Freud fala do envelhecimento de Leonardo e do seu encontro com a Joconda:

Ao atingir o ápice de sua vida, quando entrava na casa dos cinquenta [...], é assaltado por uma nova transformação. Camadas ainda mais profundas do seu conteúdo psíquico voltam a se ativar; mas essa nova regressão beneficia sua arte, que estava se ressecando. Encontra a mulher, que desperta nele a lembrança do sorriso feliz e sensual fascinado da sua mãe... Pinta a *Mona Lisa*, a *Santa Ana* como terceira, e a série de retratos misteriosos caracterizados pelo sorriso enigmático...<sup>15</sup>

Obviamente, não temos fotos de Leonardo criança. De Giacometti, porém, há um extraordinário retrato de família, com uma troca de olhares impossível de descrever: nele se confrontam

10 S. Freud, *OCF-P*, X, p. 97.

11 S. Freud, *OCF-P*, X, p. 101.

12 Y. Bonnefoy, *Écrits*, p. 267.

13 S. Freud, *OCF-P*, X, p. 159.

14 Y. Bonnefoy, *Giacometti*, p. 374.

15 S. Freud, *OCF-P*, X, p. 160-161.



*a inspiração, por certo, nunca é pura, nem sempre totalmente irreduzível ao olhar analítico. A interferência com elementos neuróticos, e mais ainda psicóticos, é muitas vezes patente. Mas a psicose não é também uma reminiscência da primazia do outro?*

o sorriso verdadeiramente leonardesco da mãe e o olho perscrutador, duro como pedra, de Alberto<sup>16</sup>.

Um olhar perscrutador que se imagina também ser o de Leonardo quando acompanhava os condenados à força para captar o enigma último.

Longe de mim a ideia de que o enigma do outro seja sempre, como quer Lévinas, mediatizado, vetorizado pelo olhar. Mas, em contrapartida, estou convencido de que *é o enigma do outro – do outro humano adulto – que veicula outros enigmas considerados primeiros.*

Em Giacometti, os encontros com o rosto, com o olhar do outro, vêm pontuar, relançar a investigação. Ele possui alguns modelos privilegiados, que precisa literalmente esgotar. Há o olhar do outro morrendo, em dois episódios famosos e com frequência relatados (*Morte de Van M., Morte de T.*). Repetirei aqui a meditação profunda de Freud: o enigma da morte pessoal, da nossa própria morte, é mediatizado pela morte da pessoa próxima; o “homem não mais podia manter a morte à distância, já que a havia experimentado na dor sentida pelo defunto”<sup>17</sup>.

O mesmo acontece, a meu ver, no que diz respeito ao que desigmo, não sem reservas, como o enigma do ser, para o qual generalizaria a fórmula de Bonnefoy sobre Giacometti: “Há pensamento do ser somente no encontro dos seres”<sup>18</sup>.

É portanto aqui que tento reintroduzir o velho termo de *inspiração*, usado antigamente pelos românticos, mas sobre o qual é preciso dizer que

a explicação, mesmo nos românticos alemães, não nos conduz muito longe.

Por que colocar esse termo como alternativo, ou talvez mesmo como mais adequado que essa forma de sublimação originária da qual fala Freud?

É que, com efeito, não se trata de um mecanismo substituindo outro. Um mecanismo se conjuga sempre em Eu, ou em sujeito. Ora, a inspiração se conjuga em outro. Seu sujeito não é “o” sujeito, mas o outro, assim como para a sedução, a perseguição ou a revelação. Em ressonância com o outro adulto originário, esse outro, em momentos privilegiados, vem reabrir a ferida do inesperado, do enigma.

Sem referência a um conteúdo particular, aberto a múltiplas traduções, o sorriso do *São João Batista* suscita para sempre a perturbação:

Esses quadros respiram uma mística cujo segredo ninguém ousa penetrar... Essas figuras são novamente andrógenas, mas não mais no sentido da fantasia do abutre. São jovens lindos, de uma delicadeza feminina e com formas afeminadas; não baixam os olhos, mas têm um olhar misteriosamente triunfante, como se conhecessem uma grande felicidade que convém calar. O familiar sorriso enfeitador nos faz pressentir que é um segredo de amor<sup>19</sup>.

Os próprios termos de Freud estão aí para dizer que a explicação em primeira pessoa é sem dúvida possível, mas insuficiente: “uma mística cujo segredo ninguém ousa penetrar”, “uma grande felicidade que convém calar”, “um segredo de amor”, “a criança perturbada pela mãe”. São termos impregnados de respeito, num personagem tão pouco respeitoso quanto o inventor da Psicanálise.

A inspiração, por certo, nunca é pura, nem sempre totalmente irreduzível ao olhar analítico. A interferência com elementos neuróticos, e mais ainda psicóticos, é muitas vezes patente. Mas a psicose não é também uma reminiscência da primazia do outro?



Antes de deixar aquele que chamamos de criador, tratemos de um último paradoxo. Além do outro cuja ação traumática tentamos desvendar, outro do encontro, e também, trazidos por ele, o outro da Morte e até da Natureza, o poeta ou criador em geral está exposto a um outro apelo: o do público.

Existe, claro, o público determinado sobre o qual se deseja produzir certo efeito, por meios apropriados e calculados. Pode-se definir esse público como sendo objeto de uma *pragmática*, e mesmo de uma técnica, num movimento cuja meta é sempre ptolomaica. Mas além deste há o outro indeterminado, ao qual se dirige uma mensagem infinita e sem recurso, o outro do século por vir, para parafrasear Stendhal.

Não creio que se possa reduzir esse momento do “dirigir-se a” aos seus aspectos narcísicos, como parece fazer Freud em “O poeta e a fantasia”, um movimento que vai do criador que se “expressa” ao público “receptor”, do qual se espera, como resposta, algum benefício. O movimento ptolomaico-narcísico da criação é inegável. Mas, além dele, e justamente com ele, produz-se uma inversão: é a espera do público, ela mesma enigmática, que é o agente provocador do trabalho da obra.

Há então abertura, no duplo sentido de *ser aberto por* e *estar aberto para*: abertura pelo encontro, que renova o traumatismo dos enigmas originários, abertura para, e, pelo público indeterminado, disperso no futuro.

Do artigo de Daniel Lagache “A psicanálise como sublimação”<sup>20</sup>, destaco o questionamento ligado ao título. E, para mudar de barco, diria: “A Psicanálise como sublimação e/ou como inspiração”. Pois apenas podemos nos manter nesta prática – a menos que a consideremos um instrumento profissional entre outros – se estivermos intimamente convencidos de que tem algo a ver com o originário do ser humano. A situação

*o movimento ptolomaico-narcísico da criação é inegável. Mas, além dele, e justamente com ele, produz-se uma inversão: é a espera do público, ela mesma enigmática, que é o agente provocador do trabalho da obra.*

analítica reitera o questionamento frente ao enigma do outro. Restaura e mantém com firmeza a abertura dele. Seu oposto inevitável e indispensável é o movimento psicoterápico, interno à própria análise, mas que constitui claramente o seu polo egoico, correspondente à incessante tendência ao fechamento.

Na situação que a presença do analista cria para o analisante, se reencontrariam as *duas alteridades* que caracterizam o que chamei de inspiração. Por um lado, o que quer *para mim* esse analista, emissor enigmático, portador de um desejo que ele próprio ignora; por outro o que quer *de mim* essa espécie de “público”, de destinatário cuja espera está para sempre suspensa, feita para não ser preenchida.

Freud chegou a comparar a análise a uma operação cirúrgica. “Você não vai”, diz ele ao paciente, “deixar as coisas desse jeito e pular, com a barriga aberta da mesa de operação!” Comparação pertinente, pois a análise é antes de tudo um trabalho de desligamento. Poder-se-ia dizer que é uma prática controlada de retirar as amarras, até da pulsão sexual de morte.

Análises que fecham as feridas: o que pode haver de mais legítimo? Análises que se fecham, às vezes, *sobre* as feridas. Não levemos tão longe a comparação. Aliás, é pouco comum que a decisão de “fechar” venha de nós.

Mas o que acredito saber é que há um tipo de abertura que a análise às vezes mantém: justamente a que é sua marca de origem, sua marca

16 Ver Y. Bonnefoy, *Giacometti*, op. cit., p. 37.

17 S. Freud, *OCF-P*, X, p. 156.

18 S. Freud, op. cit., p. 365.

19 S. Freud, *OCF-P*, X, p. 144.

20 D. Lagache, *Oeuvres*, V, 1984.

pela origem. E que esta pode ser mantida, transportada para fora, em direção a outros campos de alteridade e inspiração. É algo que devemos realmente chamar de “transferência de transferência”. Transferência da transferência em oco, evidentemente, ou seja, transferência da relação com o enigma enquanto tal.

Sem dúvida, pensamos sobretudo na passagem à prática analítica, que implica, não um “dêsser” qualquer, mas a possibilidade de ser surpreendido, atravessado pelo questionamento sem fundo daquele que vem ao nosso encontro. Mas há com certeza muitos outros campos de

inspiração sobre os quais se abre o desposseimento, o luto que marca o término de uma análise. Formulei a hipótese de que o essencial desse desposseimento não era a perda de um objeto, mas a irreparável constatação de que a fala do outro – do defunto – ficaria para sempre inacabada.

É esse mesmo inacabamento que marca a fala do analista, tanto nos últimos minutos como ao longo de toda a análise. Um inacabamento que compete ao analisante transportar para outro lugar. É neste sentido é bem vão o temor, muitas vezes formulado, de que a análise corra o risco de fazer secar a inspiração.

### Referências bibliográficas

- Andreas-Salomé L. (1980). “Anal et sexuel”. In *Amour du narcissisme*. Paris: Galimard.
- Bonnefoy Y. (1990). *Écrits*. Paris: Hermann.
- \_\_\_\_ (1991). *Giacometti*. Paris: Flammarion.
- Borneman E. (1978). *Psychanalyse de l'argent*. Paris: PUF.
- Freud S. *OCF-P*. Paris: Seuil, x.
- \_\_\_\_. *OCF-P*. Paris: Seuil, xv.
- Lagache D. (1984). *Oeuvres*, V. Paris: PUF.
- Mauss M. (1960). “Essai sur Le Don”. In *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_. *Le Monde*, 30 mar. 1968, suplemento p. V.

### Sublimation and/or inspiration

**Abstract** This paper focuses on the subject of sublimation, placing it in the context of the theory of generalized seduction. Freud’s “Leonardo” and other texts of him offer a bridge to link sublimation to the theory of instincts, which Laplanche has reformulated to absorb the death impulses into a “death sexual instinct”. A quick reflection on the concept of “inspiration” leads to some remarks about the role of sublimation in the course of an analysis.

**Keywords** sublimation; inspiration; theory of instincts; creation; role of sublimation in the analytic work.

# Traduzir: Jean Laplanche e Haroldo de Campos

Núcleo de Psicanálise, Cinema e Vídeo

Heidi Tabacof • Maria Aparecida Aidar •  
Maria Lúcia Lima • Maria Marta Azzolini

**Heidi Tabacof** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Maria Aparecida Aidar** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Maria Lúcia Lima** é psicanalista.

**Maria Marta Azzolini** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Tradução** Claudia Berliner

O vídeo *Traduzir*, realizado em 1993, é o registro valioso e raro de uma conversa memorável entre Laplanche e Haroldo de Campos. Grandes mestres, o psicanalista e o poeta desafiam-se como se diante de um tabuleiro de xadrez onde o tema da tradução derruba reis, rainhas e encalacra peões. Instigados pelas próprias excelências, abandonam suas torres, trançam conhecimentos e nos colocam frente a frente com o processo de criação.

Laplanche se expressa de forma tão incisiva diante das proposições haroldianas que seus tradutores – após acesso ao material num colóquio em Cerisy, na França, em 2014 – disseram que teriam conduzido os trabalhos por outro caminho, se tivessem visto o vídeo antes.

O reconhecimento tardio da importância desse encontro nos leva a refletir – psicanalistas que somos – sobre períodos de latência e vicissitudes institucionais que o tempo e a maturidade dissipam. Bom para todos.

A divulgação do vídeo *Traduzir* em *Percurso* é o desfecho de uma parceria em coprodução entre o Departamento de Psicanálise e o Núcleo de Psicanálise, Cinema e Vídeo. Sua redescoberta acontece promissora-mente quando a informação circula numa velocidade quase mágica nas redes sociais e atinge um público impensável anteriormente.

O Núcleo de Psicanálise, Cinema e Vídeo começou como o que são hoje chamados de coletivos – cinco jovens psicanalistas reuniram-se para estudar, trocar ideias e somar experiências: Heidi Tabacof, Maria Aparecida Aidar, Maria Lúcia Lima, Maria Marta Azzolini e Maria Rita Kehl. Ao mesmo tempo, o cinema paulista passava por um ciclo criativo contagiante com extraordinário poder de mobilização, o que motivou a escolha do audiovisual como via para realizar o desejo de documentar, ampliar e democratizar o acesso aos intrincados temas psicanalíticos. Além disso, Maria Aparecida Aidar já havia feito o filme *Mulheres da Boca*



*Traduzir, agora também  
homenagem póstuma, oferece  
o prazer da presença viva-virtual  
do mestre: seu corpo,  
gestos, olhar e voz*

com Inês Castilho, o que nos levou a uma primeira colaboração como grupo em 1983 no filme *Hysterias*, autoria da última. Não sabíamos ainda que o mais difícil seria aprender a trabalhar em grupo.

Logo éramos quatro e durante todo o processo buscamos supervisões que foram ajuda valiosa e decisiva. Muito cacique e pouco índio, os males de um grupo são. Entremeando fizemos *Psycuba* em 1986 – trabalho fundador – e *A Mulher do Atirador de Facas* em 1989. Em 2000, lançamos o documentário *Nós, outros e a psicanálise*, filmado em 1995.

*Traduzir, de 1993, foi gerado pelo nosso grupo no evento “Jean Laplanche em São Paulo”, a partir da proposta do encontro entre Laplanche e Haroldo de Campos, feita por Ana Maria Sigal. Nesse trabalho, a direção cinematográfica foi de Heidi Tabacof, com mediação de Miriam Chnaiderman e Renato Mezan. Concluir esse vídeo em parceria, após tanto tempo, só foi possível com a participação do atual Conselho de Direção. Entregá-lo ao público através da Percursos é uma chave de ouro no obstinado trabalho de ser-coletivo.*

*Traduzir, agora também homenagem póstuma, oferece o prazer da presença viva-virtual do mestre: seu corpo, gestos, olhar e voz. O ato da reflexão em tempo real, com seus ritmos e variações, experiência sensível que acompanha o trabalho intelectual de acordo com a tradição oral na transmissão da Psicanálise.*

O vídeo legendado do debate entre Laplanche e Haroldo de Campos pode ser visto no site da revista (<http://revistapercurso.uol.com.br>), em PERCURSO DIGITAL.

HEIDI TABACOF

MARIA APARECIDA AIDAR

MARIA LÚCIA LIMA

MARIA MARTA AZZOLINI

## Traduzir: Jean Laplanche e Haroldo de Campos

Transcrição do debate Laplanche & Haroldo de Campos (DVD)

**JEAN LAPLANCHE** Em que língua?

**ANA MARIA SIGAL** Em francês.

**HAROLDO DE CAMPOS** Para começar tenho uma pequena dúvida, é um detalhe, uma espécie de curiosidade. É mais uma curiosidade do que uma questão. O senhor disse no trabalho “Enigmas da tradução freudiana”, numa nota, que para o tradutor o problema começa além desta... “Seele”, com efeito, tem um adjetivo, “seelisch”, e um adjetivo substantivado, “das Seelische”. Em francês,

não há adjetivo para “âme”. É preciso forjar um? Em português, temos “anímico” e “alma”, vem do latim “anima”, como em francês. Temos “anímico”. Por que não “animique” em francês?

**JEAN LAPLANCHE** Foi o que fizemos, forjamos a palavra “animique”...

**HAROLDO DE CAMPOS** Existe em português, não é um neologismo.

**JEAN LAPLANCHE** ...mas percebemos que não a havíamos forjado. Porque a maioria dos

neologismos que acreditamos forjar já existe. Por exemplo, fomos muito criticados por alguns lacanianos, mas “animique” é encontrado em Lacan...

**HAROLDO DE CAMPOS** (risos)

**JEAN LAPLANCHE** ... De modo que acreditamos criar um neologismo, mas, em 90% dos casos, percebemos que ele já existe. E há muitos criadores de neologismos. Gide e muitos outros são grandes fabricantes de neologismos.

**HAROLDO DE CAMPOS** Há também esse aspecto curioso: a gramática francesa é muito severa e considerada de uma maneira ainda mais rigorosa por alguns tradutores e pessoas que trabalham com tradução. Às vezes me pergunto: será que os franceses esquecem que Rabelais era um escritor francês, que é o mestre de Joyce?

**JEAN LAPLANCHE** O senhor tem toda razão, porque os grandes modificadores de uma língua são os tradutores. E não somente em francês. Lutero transformou a língua alemã, e atualmente há certa teoria da tradução, que é a tradução minimalista. Quer dizer que se deve empregar a frase francesa o mais século XVIII possível, o mais Voltaire ou o mais Vaugelas possível. Isto é, o mais gramatical possível, não se deve usar neologismos, etc. Ora, acredito que os grandes tradutores foram inventores em sua própria língua. Portanto, em nossa tradução de Freud, primeiro, Freud é também um inventor em sua própria língua, e, igualmente, porque falamos de estilo e não só de terminologia, no estilo percebe-se que é necessário flexibilizar consideravelmente a língua francesa para exprimir o movimento, inclusive as coisas não muito corretas. Porque se diz que Freud é fácil, o que não é verdade. Frequentemente é uma frase extremamente pedregosa, como se diz...

Primeiro é preciso dizer que o senhor é um tradutor – pelo que sei do senhor – um tradutor principalmente de poesia ...

**HAROLDO DE CAMPOS** ... de textos difíceis...

**JEAN LAPLANCHE** ... de textos difíceis literários. Eu sou um tradutor de uma obra teórica e creio que há uma grande diferença. A obra de Freud, mesmo tendo aspectos poéticos, é uma obra teórica. E uma obra teórica não exige a mesma

»  
*a psicanálise não trabalha só  
com as ideias, trabalha também  
com a expressão das ideias, com a  
linguagem, e eu diria: com todas as  
formas de linguagem,  
não só a linguagem verbal*

abordagem que uma obra poética. Portanto, o que digo sobre tradução nesse texto é explicitamente sobre traduzir Freud e traduzir Freud como uma obra teórica, como se poderia dizer traduzir Kant ou traduzir Hegel, etc. Passemos ao que, na psicanálise, se aproximará de certo modo da poesia. Isto é, a psicanálise não trabalha só com as ideias, trabalha também com a expressão das ideias, com a linguagem, e eu diria: com todas as formas de linguagem, não só a linguagem verbal. Então estamos num limite quando, nos textos freudianos que são textos clínicos, em que a questão da forma da linguagem é muito importante, e em que o inconsciente se manifesta através de certas formas verbais. Há aí... tomemos um sonho, um sonho contado por Freud. Houve uma doutrina de tradução (que não era idiota): quando se tratou de traduzir Freud para o inglês pela primeira vez, os americanos disseram: “Vejam, tal sonho quer demonstrar tal coisa”, não sei, por exemplo, a existência do deslocamento, etc. “Traduzir esse sonho alemão não quer dizer nada, é preciso colocar outros sonhos sonhados em análises de pacientes americanos”. Isso não era idiotice. Porque traduzir um sonho de um paciente para outra língua não é como traduzir um poema. Traduzir um poema é causar um efeito, enquanto traduzir um sonho é mostrar/demonstrar um mecanismo. Se você demonstra um mecanismo, ou o demonstra em sua língua original, ou coloca o sonho em alemão, faz uma tradução, mas explicando a todo momento por que a tradução é insuficiente. Mas não pode fazer como um poema, tentar produzir o mesmo efeito, porque não se trata de produzir um efeito.



*acho, por exemplo, que se poderia, se deveria adotar a solução que o senhor propõe e que se poderia ter, na equipe de tradução, um poeta com a função de colaborar na medida do possível para a tradução dos Witze*

Mesmo quando Freud apresenta um sonho ou um Witz, não se trata de fazer rir; quando ele escreve um Witz, não o faz para que as pessoas riam, não escreve o Witz para causar um efeito de Witz, escreve um Witz para demonstrar algo. Mesmo quando conta um Witz ou sonho, ele não é poeta. Mesmo que haja um aspecto poético, ele é um demonstrador de ideias. E naquele momento havia a opção, que foi a opção dos primeiros..., que não foi mantida, mas que era interessante, de dizer, explicar: “pronto, colocamos sonhos em francês ou inglês, porque, para mostrar a mesma coisa, a gente não pode fazer..., é demorado demais mostrar no sonho alemão, é preciso reconhecê-lo”. Ou então coloca-se o texto alemão, uma tradução literal que não quer dizer nada, porque num Witz, por exemplo, num chiste, a tradução é boba, no limite, não tem sentido nenhum tentar reproduzir os chistes numa outra língua. Ou então colocamos o Witz em nossa língua, o traduzimos e explicamos seu funcionamento na língua alemã. Foi a nossa opção, e se os senhores observarem a tradução recente de “Witz” que foi feita na coleção de Pontalis, bem, a opção é a inversa. Ele tentou fazer falsos Witz em francês conservando as histórias de Freud. Ele conserva as histórias de Freud, tenta encontrar uma espécie de equivalente que em geral não é muito engraçado, enquanto os chistes que Freud conta frequentemente o são. Acho que é uma má solução. Diferentemente da poesia, não se trata de causar o mesmo efeito, mas de mostrar o que acontece num Witz.

**HAROLDO DE CAMPOS** Concordo plenamente, mas acho que pode haver uma possibilidade de

compatibilização entre a tradução explicada e a tradução de tipo... da tradução que chamo de transcrição. Porque, quando pela primeira vez escrevi sobre os problemas de tradução, terminei meu trabalho, era um trabalho de 1962, um dos dois que foram publicados na revista *Echanges*. Terminei meu trabalho, meu ensaio, propondo a criação de um laboratório de textos com a participação de linguistas, porque são as pessoas que conhecem bem a língua de origem, e de poetas. E esse laboratório funcionou, por exemplo, para... a tradução da poesia russa mais difícil, Khlébnikov, Maiakóvski, etc. Havíamos estudado russo, eu e meu irmão Augusto, com o professor Boris Schnaiderman, o pai da Miriam, e depois trabalhamos juntos. Ele fazia uma espécie de versão, nós já conhecíamos russo, já tínhamos estudado russo, havíamos adquirido um conhecimento de russo; então, com a participação de Boris Schnaiderman, os problemas do ponto de vista da significação já estavam resolvidos, porque ele fazia uma espécie de tradução literal e depois nos dava indicações precisas sobre a sonoridade. Às vezes, registrávamos a leitura de Boris e em seguida fazíamos a recriação, a transcrição do texto. Ou então eu fazia minha tradução com dificuldades e depois Boris contribuía para corrigir, para dar a última forma a essa tradução. É muito curioso, acho que o chiste intelectual pertence ao que se chama, no barroco... as duas tendências do barroco eram o conceptismo e o culteranismo. O conceptismo é exatamente, à maneira de Quevedo, por exemplo, é exatamente os chistes intelectuais, são jogos sintáticos e jogos que não incidem necessariamente no lado fônico da palavra; e Góngora dá um privilégio ao lado fônico da língua espanhola. Esses dois modos de fazer do barroco se combinam num mesmo poeta. Acho, por exemplo, que se poderia, se deveria adotar a solução que o senhor propõe e que se poderia ter, na equipe de tradução, um poeta com a função de colaborar na medida do possível para a tradução dos Witze, por exemplo. Só que o Witz deveria ter, mesmo traduzido de uma maneira transcriadora, uma nota que explicasse o seu funcionamento, mas dando também a imagem de...



**JEAN LAPLANCHE** Não concordo. Primeiro porque na equipe de tradutores somos todos um pouco poetas.

**HAROLDO DE CAMPOS** Evidentemente (risos).

**JEAN LAPLANCHE** Não temos necessidade de um especialista em poesia ademais.

**HAROLDO DE CAMPOS** Então já está resolvido...

**JEAN LAPLANCHE** Não, não está. Não – logo voltarei à questão do recalque – nosso ponto de vista é colocar um leitor francês diante do texto na mesma posição do leitor alemão, talvez numa posição melhor, mas, pelo menos, na mesma posição. Tomando a *Traumdeutung* e os sonhos de Freud que aí se encontram. O trabalho que Anzieu fez sobre a autoanálise de Freud a partir dos sonhos da *Traumdeutung* teria sido impossível a partir de uma transcrição. Esse trabalho é impossível se não se tem a textualidade dos sonhos, e nossa finalidade, mais uma vez, não é obter um efeito poético, o sonho não existe para obter um efeito poético em Freud – ele existe para ser analisado e para ser desconstruído. E é preciso que o leitor possa desconstruir o sonho, e para poder desconstruí-lo, quando a língua é importante, é preciso ter a língua de origem. É diferente, na minha opinião, da obra teórica em geral. Faço uma diferença entre os textos sobre os quais Freud trabalha, que são seus próprios sonhos, ou textos, etc., que são os textos que se pode chamar de clínicos, no sentido mais amplo do termo, e os textos, justamente, de ideias de Freud. Tenho agora de trazer a ideia de que toda tradução é um recalque. Para mim, toda tradução é um recalque. Diria igualmente que o autor de uma obra teórica – prezo muito a diferença –

**HAROLDO DE CAMPOS** ...tradução literal...

**JEAN LAPLANCHE** Também a tradução literal é certamente importante. Tomo um exemplo: se os senhores têm a frase em francês: “l’*étalon court dans la ferme*” (o garanhão corre na fazenda) – suponho que os senhores possam traduzi-la para o espanhol, não conheço as palavras, o *étalon* é o cavalo que... Se traduzo “l’*étalon court dans la ferme*”, traduzo, evidentemente, segundo o contexto, traduzo uma mensagem para outra

»  
faço uma diferença entre os textos  
sobre os quais Freud trabalha,  
que são os textos que se pode chamar  
de clínicos, no sentido mais amplo  
do termo, e os textos, justamente,  
de ideias de Freud

mensagem, uma cena para outra cena. Forçosamente houve um recalque porque, em francês, *étalon* não é apenas o cavalo, mas também o *étalon-or* (padrão-ouro), porque se diz *étalon-or* e não sei se é a mesma coisa em espanhol e em português. Portanto, recalquei o “*étalon-or*”. E a *ferme* tem dois sentidos, existem duas palavras *ferme* em francês: “la *ferme*” é a fazenda e, por outro lado, é uma peça do madeiramento. Quando traduzi “o garanhão corre na fazenda” recalquei tanto o padrão-ouro quanto a peça do madeiramento. Além disso, o recalque divide a mensagem – é por isso que o inconsciente é dividido –, quer dizer que entre o que foi recalcado, o padrão-ouro e a peça do madeiramento, não há nenhuma relação. Enquanto na frase “l’*étalon court dans la ferme*” há uma construção e há um conjunto. Portanto, se um sonhador francês tem esse sonho muito simples e me conta: “l’*étalon court dans la ferme*, é meu sonho”, se traduzo isso para outra língua, não é um problema de poesia, é um problema das associações que em seu inconsciente talvez tenham levado ao padrão-ouro porque seu pai é financista, suponhamos, e a “*ferme*”, porque seu avô era carpinteiro – “*ferme*” quer dizer viga, é uma espécie de viga. Onde talvez o poeta encontre transcrições e transelaborações, mas não discuto poesia. Mas discuto tradução da obra freudiana que trabalha com o mesmo material que o poeta, mas, ao mesmo tempo, deve dar ao leitor a possibilidade de compreender por que meu paciente que está no meu divã sonhou: “l’*étalon court dans la ferme*” Acredita-se que é um cavalo que corre como um gaúcho, e na realidade é outra coisa.



*eu não trabalharia com Mallarmé  
ou Joyce como trabalho com Freud,  
mas acredito que o senhor não tem  
o direito de trabalhar com Freud  
como trabalha com Mallarmé*

**RENATO MEZAN** Gostaria de intervir, porque agora saímos do terreno estrito, e será difícil o diálogo, porque os senhores trabalham com coisas precisas e diferentes de... Um pouco diferentes do que...

**JEAN LAPLANCHE** Muito diferentes. Gostaria de saber, porque não irrompo no domínio da poesia. Traduzi Hölderlin algumas vezes e quando traduzo Hölderlin não trabalho do mesmo jeito que para traduzir Freud.

**RENATO MEZAN** É isso. Então gostaria de propor: uma vez que os senhores têm contribuições essenciais para esta discussão, talvez pudéssemos dirigi-la um pouco, sobretudo para os princípios gerais, como acabaram de fazer. Porque evidentemente se o senhor trabalha há 20 anos com Freud e o senhor trabalha há 30 anos com poesia, cada um dos senhores tem posições estabelecidas, frutos de suas ideias, suas práticas, sem que seja...

**JEAN LAPLANCHE** Sim, mas na minha opinião são pontos de vista que só se opõem se um entra no terreno do outro. Eu não trabalharia com Mallarmé ou Joyce como trabalho com Freud, mas acredito que o senhor não tem o direito de trabalhar com Freud como trabalha com Mallarmé. Então, se o senhor quer entrar no meu território, eu me defendo, porque não entro no seu.

**RENATO MEZAN** Ainda assim o senhor extraiu de sua prática da tradução e de 30 anos como psicanalista alguns princípios gerais; o senhor tem ideias sobre tradução em geral baseadas em seu trabalho de tradução de Freud. Então isso seria, talvez, o projeto de uma teoria geral da tradução, por exemplo, que não é estritamente linguística.

Enfim, há terrenos comuns, seguramente, entre vocês dois, que evidentemente não se reduzem a tal ou qual tecnicidade desta palavra... Quando o senhor diz, por exemplo, que toda tradução acarreta um recalque, isso é um princípio geral. Contudo, uma tradução pode acarretar um desrecalque e liberar recursos de significação, na língua de origem e na língua de chegada. Foi o que se passou, por exemplo, quando Haroldo traduziu textos de poesia ou textos bíblicos, japoneses, hebraicos, russos, etc. Há possibilidades de significação e de expressão na língua portuguesa, isto é, na língua de chegada, que são impulsivados, promovidos por um esforço de tradução. Então há seguramente um recalque de alguns lados, como no exemplo que o senhor deu, ... na língua de partida, mas há também na língua de chegada, textos que não são de recalque, ou talvez o sejam, não sei.

**JEAN LAPLANCHE** Conheço melhor Chouraqui que Hölderlin. Efetivamente é um trabalho de destradição e, na minha opinião, para traduzir, há sempre um trabalho de destradição que é feito. Mas, quando falei de recalque quero ir mais longe, quando – volto à obra teórica – digo que a obra teórica habita parcialmente a linguagem, ao passo que talvez o poeta habite, no limite, totalmente a linguagem; como alguém como Mallarmé tenta habitar totalmente a linguagem, um autor habita parcialmente a linguagem. Se quiserem, comparo a linguagem a uma espécie de palácio imenso, como o Palácio do Louvre, ou até maior, com grande quantidade de cômodos. Pois bem, o autor de teoria viaja sempre segundo os mesmos corredores, segundo os mesmos cômodos, e finalmente traça nesse imenso edifício da linguagem caminhos que são seus próprios caminhos e que, no fim, são relativamente restritos. Penso tanto em Kant, em Hegel e evidentemente em Freud. Por exemplo, sou categórico sobre este ponto: o termo “Aufhebung”, na língua alemã, foi utilizado por Hegel com o duplo sentido de “manter” e de “suprimir”, e talvez com um triplo sentido. O próprio Hegel disse que “aufheben” era um jogo de palavras, porque na língua alemã as pessoas sabem muito bem

quando querem dizer “suprimir” e quando querem dizer “conservar”. Quando se diz: “Ich habe die Briefe aufgehoben”, sabe-se o que isso quer dizer: quer dizer que (a carta) foi guardada. Sabe-se muito bem quando se emprega num sentido ou no outro. Hegel jogou com isso, jogou com esse sentido, claro, para a sua dialética, Mas, se queremos, em Freud, conservar essa ideia, na minha opinião isso é um total anacronismo. Quer dizer que Freud emprega “aufheben” no sentido de “suprimir”, só isso. E se queremos empregá-la em outro sentido, introduzimos contrassensos no texto. Portanto, quero dizer com isso que ele traça, entre as vias oferecidas pela linguagem, por exemplo, aquela que Hegel explorou, ele não explora, ele conserva um caminho. Contudo, talvez um dos seus sonhadores vá reutilizar esse jogo, isso que é um jogo de palavras. Mas, por definição, ele, o autor de teorias, suprime acepções. Também é verdade, perdão, falo muito...

**HAROLDO DE CAMPOS** Não, não...

**JEAN LAPLANCHE** Alguém como Freud... disseram, não há uma linguagem técnica de Freud, não é verdade, ele diz, ele diz “unsere Termine”, nossos termos técnicos; “unsere Fachsprache”, nossa língua de técnicos. Ele diz isso e tenta definir e limitar, justamente, palavras que lhe parecem muito imprecisas, ele as limita, ao contrário...

**HAROLDO DE CAMPOS** Acho que seria interessante continuar um pouco num território um tanto conflituoso porque há coisas a dizer a esse propósito. Por exemplo: a Bíblia é um texto teórico ou um texto poético? E Nietzsche, é um texto teórico ou poético, filosófico?

**JEAN LAPLANCHE** Não sei, não traduzo a Bíblia. Acho que Chouraqui...

**HAROLDO DE CAMPOS** Mas o senhor disse a propósito de Chouraqui: “Chouraqui, tradutor inspirado da Bíblia, atento sobretudo ao vocábulo e suas ressonâncias...” É o elogio da tradução poética.

**JEAN LAPLANCHE** Sim, mas atenção, porque Chouraqui faz algo muito especial.

**HAROLDO DE CAMPOS** Conheço bem o trabalho de Chouraqui...

»»

*disseram, não há uma  
linguagem técnica de Freud,  
não é verdade, ele diz, ele diz “unsere  
Termine”, nossos termos técnicos;  
“unsere Fachsprache”,  
nossa língua de técnicos*

**JEAN LAPLANCHE** Porque quando Chouraqui traduz sempre “fonte” – porque em hebraico a mesma palavra quer dizer “olho” e “fonte” – traduz “fonte” por “olho”, faz um trabalho, aí ele a toma como uma obra que, de uma vez por todas, escolheu uma via e uma associação, isto é, a de traduzir “fonte” por “olho”. O que ele faz é grave, bom, porque ele a tomou um pouco por uma obra teórica, na medida em que diz: cada vez que encontro esse termo – só existe um em hebraico ou nas línguas semitas, há dois em nossas línguas –, suprimo um deles. Isto é, ele finalmente suprimiu “source” da língua francesa. Isso significa: sabem, cada vez que ele vê essa palavra “ayn”, algo assim – aliás, o rio francês Ain é *ayn*, é curioso, ninguém pensa nisso, é perto de minha casa e o Ain é *ayn*, sem dúvida, por causa das invasões árabes – sempre que encontra essa palavra *ayn* traduz por “olho”. Tanto que suprimiu “source” da língua francesa. É uma opção que, eu diria, é ao mesmo tempo poética – porque é muito poético dizer o “olho do rio”, é mais bonito que dizer a “fonte do rio”, mas, ao mesmo tempo, ele fez uma espécie de opção sistemática. E eu não sou responsável por isso.

**HAROLDO DE CAMPOS** É preciso fazê-lo porque são rimas semânticas na Bíblia, a estrutura poética da Bíblia provém do paralelismo, das repetições das mesmas palavras-chave semanticamente repetidas, deve-se traduzir essa palavra pela mesma palavra. Isso não se encontra apenas em Chouraqui, encontra-se em Buber, tradutor da Bíblia, e em Meschonnic, que é crítico de Chouraqui. – Mas, o que quero dizer é que às vezes meus amigos psicanalistas me consultam sobre questões de como



*se temos sucesso em fazer uma recriação verdadeiramente efetiva, que dê o lado fônico e que dê o lado de sentido, então por que não adotar essa versão com um comentário para mostrar o funcionamento do jogo?*

reproduzir... Porque, por exemplo, há pessoas que trabalham sobre um texto de Lacan. Lacan inventa a palavra, “lalangue”. Há um psicanalista brasileiro que, como “la” é o artigo em francês, “a” em português, batiza de “alíngua”. Mas “alíngua” é o contrário do que Lacan queria dizer. Além disso, não tem a sonoridade de “lalangue” e é praticamente o contrário, porque “alíngua” em português dá a ideia de um afásico, de alguém que não tem uma língua, porque “a” é privativo, não é o artigo. Em Lacan, o artigo justaposto continua o artigo. Em português é o contrário, é dizer não. Então eu digo, em português existe, pode-se dizer “la” para dizer “la Garbo”, “la Monroe”. Por que não dizer em português “lalíngua”, que tem a mesma sonoridade, lembra a lalação, lembra glossolalia...

**MIRIAM CHNAIDERMAN** Que é mais fiel...

**HAROLDO DE CAMPOS** ... que é mais fiel, mais poético como tradução. Penso que é nesse momento que se pode introduzir a função poética, não em todas as hipóteses, porque existem infinitas hipóteses.

**JEAN LAPLANCHE** A diferença é que Lacan quis que houvesse uma função poética desse texto, é a grande diferença, é que Lacan quis provocar um efeito poético e Freud certamente não.

**MIRIAM CHNAIDERMAN** Sabe, Haroldo, será que se pode pensar se toda tradução não é poética?

**HAROLDO DE CAMPOS** Concordo...

**JEAN LAPLANCHE** Para mim, não, não penso assim. Penso que tentamos fazer uma tradução que não seja poética. Certamente tratamos de manter a estilística de Freud, tratamos de mantê-la, mas não queremos recriar Freud em outra língua.

Nossa opção é colocar o leitor francês na mesma posição que o leitor alemão. Isto é, colocá-lo eventualmente diante das ambiguidades, das contradições ou das dificuldades. Frequentemente não são opções, ao contrário, são não-opções. Nossas opções frequentemente são não-opções. Isto é, quando uma passagem é ambígua, nós a deixamos igualmente ambígua em francês.

**HAROLDO DE CAMPOS** Na Bíblia, há uma passagem do *Eclesiastes* em que, por exemplo, Deus faz o homem saber que ele não passa de um animal, é apenas um animal. E quando se traduz esse texto na Bíblia de Jerusalém, por exemplo, diz-se que o homem não passa de um animal, não é mais que um animal. Mas esse texto é composto, no texto bíblico, de quatro paronomásias, não só para traduzir o lado fônico, mas no sentido indicado por Jakobson de reforçar a mensagem, isso faz parte da mensagem. Então, em hebraico é: “she hem behema hema la hem”, em português, “não são mais que animais ademais/ não mais”. Então traduzi o pensamento e traduzi a forma. E esse não é um texto poético propriamente dito, é um texto em que uma mensagem de tipo teológico é transmitida. O que quero dizer é uma coisa muito modesta; não é impossível fazer a recriação de um Witz. Então, se temos sucesso em fazer uma recriação verdadeiramente efetiva, que dê o lado fônico e que dê o lado de sentido, então por que não adotar essa versão com um comentário para mostrar o funcionamento do jogo? Porque se poderia colocar em evidência o lado fônico, o lado “paronomástico”, e se daria uma indicação precisa do sentido.

**JEAN LAPLANCHE** Sim. Quando coloca um Witz ou um sonho, Freud se serve deles para demonstrar um mecanismo. Seria preciso encontrar exatamente um Witz correspondente para demonstrar exatamente o mesmo mecanismo, o que é muito difícil. Creio que, diante disso, melhor seria criar um outro Witz; como falei ao senhor dos sonhos, é mais interessante do que tentar criar uma espécie de reprodução com falsos jogos de palavras, que frequentemente provam outra coisa. Pena que eu não tenho a tradução de Messier, mas ele tenta fazer jogos de palavras...



**HAROLDO DE CAMPOS** Já existentes em francês?

**JEAN LAPLANCHE** Sim, existentes, mas diferentes. Ele joga com outras partes do texto, e finalmente não se demonstra nada. E Freud quer mostrar frequentemente uma coisa precisa, e acho que isso é mais interessante de mostrar no texto alemão.

**HAROLDO DE CAMPOS** Mas sua equipe ainda não traduziu o “Witz”.

**JEAN LAPLANCHE** Não, ainda não traduzimos o “Witz”, estamos traduzindo. Nossa doutrina, para a “Traumdeutung” e para o “Witz”, nossa opção é totalmente diferente de uma recriação.

**HAROLDO DE CAMPOS** dar as interpretações...

**JEAN LAPLANCHE** Não, é dar o texto alemão, dar uma tradução literal, mas que perde frequentemente coisas da palavra, e explicamos o que se perde. Em outros termos, se traduzo meu exemplo “l'étalon court dans la ferme”, vou traduzi-lo em português ou espanhol, vou explicar o que se perde nas associações e que só existe em francês.

**HAROLDO DE CAMPOS** É muito fácil. Não há jogo de palavras. Há dois sentidos diferentes.

**JEAN LAPLANCHE** Não, não há dois sentidos diferentes, porque há linhas associativas, mas que não dão um segundo sentido. Não há um segundo sentido.

**HAROLDO DE CAMPOS** *L'étalon*, o garanhão, o corcel, é o reprodutor...

**JEAN LAPLANCHE** Este exemplo é muito simples, mas se eu digo ao senhor: um paciente me trouxe este sonho: “l'étalon court dans la ferme”, vocês traduzem.

**HAROLDO DE CAMPOS** “O garanhão corre na fazenda”.

**JEAN LAPLANCHE** Não, não há dois sentidos diferentes, porque há linhas associativas, mas que não dão um segundo sentido.

**HAROLDO DE CAMPOS** *L'étalon*, o garanhão, o corcel, é o reprodutor...

**JEAN LAPLANCHE** Este exemplo é muito simples, mas se eu digo ao senhor: um paciente me trouxe este sonho: “l'étalon court dans la ferme”, vocês traduzem.

**HAROLDO DE CAMPOS** “O garanhão corre na fazenda”.

**JEAN LAPLANCHE** Bom. Em seguida eu digo: a partir daí ele me falou de seu pai financista em Wall Street. Bom, o que o senhor faz?

**HAROLDO DE CAMPOS** Já dei minha contribuição...

**JEAN LAPLANCHE** Sim, mas agora, como o senhor explica a seu leitor que...

**HAROLDO DE CAMPOS** Ponho uma nota.

*para o leitor, o que importa é ver como, com efeito, esse paciente, que tinha um pai que era financista em Wall Street, sonhou com isso. É o que importa para Freud, saber o que se passa com seu paciente, no aparelho psíquico*

**JEAN LAPLANCHE** Ah, o senhor põe uma nota. Bom, é o que eu quero dizer, é o que é preciso fazer. Portanto, passa pela língua francesa. O senhor vai tentar recriar algo que tenha a mesma ambiguidade em português? O senhor não pode recriar.

**HAROLDO DE CAMPOS** No limite, tentaria, mas não sei se teria sucesso.

**JEAN LAPLANCHE** Então, que importância isso tem? Para o leitor, o que importa é ver como, com efeito, esse paciente, que tinha um pai que era financista em Wall Street, sonhou com isso. É o que importa para Freud, saber o que se passa com seu paciente, no aparelho psíquico.

**HAROLDO DE CAMPOS** Não sei, mas acho que às vezes seria interessante, ao lado da tradução literal/literária, literal, fazer também, se possível, e se isso enriquece o texto, fazer uma transcrição. Se for possível.

**JEAN LAPLANCHE** Meu exemplo não é poético, é trivial.

**HAROLDO DE CAMPOS** É trivial, mas para esse exemplo não é necessária a função poética.

**JEAN LAPLANCHE** É isso, é o que penso. Na minha opinião, uma coisa é querer – mas eu não entro no seu território.

**RENATO MEZAN** O senhor traduziu Hölderlin, o senhor disse.

**JEAN LAPLANCHE** Sim, mas quando traduzo Hölderlin não o traduzo como Freud. Não tento descobrir – exceto em certos textos, também há textos teóricos – fazer algo que mostre como Hölderlin habita a linguagem de uma única maneira. Tento traduzi-lo o mais poeticamente possível e



*se o senhor traz uma ideologia,  
seja ela lacaniana ou laplancheana,  
para o texto, o senhor não faz  
uma tradução de Freud,  
e eu não carrego  
uma ideologia*

poema por poema. Porque também há uma questão de contexto.

**RENATO MEZAN** É isso.

**JEAN LAPLANCHE** Na obra teórica temos – peço desculpas por dizer isso, vou ser muito trivial – temos Freud em alemão no computador. E quando encontramos uma palavra como “aufheben”, procuramos “aufheben” em toda a obra, e constatamos todos os contextos em que Freud utiliza esta palavra. E tentamos ver se ele a utiliza à sua maneira, portanto, se ele habita a linguagem à sua maneira, ou se ele é guiado pela língua alemã. Ele não é guiado, como Hegel, pela ambiguidade da palavra, nele não há ambiguidade; pelo menos até onde conferi. Portanto, fazemos um trabalho global, digamos, onde sempre damos prioridade ao, já expliquei, diferentemente do poeta, ao contexto geral sobre o contexto local e ao contexto da obra sobre o contexto da passagem.

**RENATO MEZAN** Sim, isso acontece porque o senhor tem de traduzir uma obra que não é apenas uma obra argumentativa, em que existe uma intenção de demonstração, o que não é necessariamente o caso de outros pensadores ou de outros autores. Mas há também uma questão de coerência em torno de uma coisa que se desenrola por cinquenta anos, numa diversidade de gêneros literários. Então o senhor tem aí uma posição mais difícil que a de um tradutor que deve trabalhar uma passagem, ou um capítulo, enfim, algo *self contained*, de certa maneira.

**HAROLDO DE CAMPOS** Um capítulo da Bíblia não é jamais *self contained*. Há traduções completamente diferentes, dependendo da posição

teológica do tradutor. O mesmo texto é traduzido de duas maneiras opostas, por exemplo. Há casos em que o mesmo texto é traduzido de modo contrário por tradutores de ideologias diferentes. **RENATO MEZAN** Pode-se desempatar entre as ideologias por critérios literários, poéticos, transcriativos?

**HAROLDO DE CAMPOS** É preciso tentar fazê-lo. É o que tento fazer, tento manter as duas interpretações possíveis.

**JEAN LAPLANCHE** Então aqui estamos de acordo. **MIRIAM CHNAIDERMAN** Mas isso não se passa também com Freud? Porque acredito que se possa também traduzir Freud... se os senhores pensarem o inconsciente como linguagem ou não, traduzirão Freud de uma maneira ou de outra.

**JEAN LAPLANCHE** Não, acho que não. Acho que se o senhor traz uma ideologia, seja ela lacaniana ou laplancheana, para o texto, o senhor não faz uma tradução de Freud, e eu não carrego uma ideologia. Eu poderia fazer um Freud laplancheano. Dou um exemplo muito preciso a respeito da palavra “Sachvorstellung”: é uma palavra composta, traduzida correntemente e corretamente por “representação de coisa”. Por que é correto? Porque há textos de Freud que nos explicam, nos quais ele nos diz, por exemplo: “o traço mnêmico da coisa”. Portanto, se ele nos diz que é o traço da coisa, existe o traço e existe a coisa. A coisa deixou um traço, a “Vorstellung” remete a uma coisa que existe. É simples em Freud, não é complicado. Se os senhores tomam o contexto de Freud, percebem que ele tem uma concepção da “Sachvorstellung” em que a “Vorstellung” é diferente da coisa. Fiz um Witz com isso: Eu, Laplanche, fiz um Witz que consiste em dizer: esta concepção é criticável, tanto quanto a diferença entre “Sachvorstellung” e “Wortvorstellung” e penso que a verdadeira “Sachvorstellung” é uma representação-coisa. Portanto, penso que, para mim, o que se chama representação inconsciente é uma coisa no inconsciente. É a interpretação de Laplanche. Mas não faço uma tradução de Freud para colocar a ideia de Laplanche que está em minha tradução de Freud. Por quê? Primeiramente porque

quero conservar a originalidade de Freud e, em segundo lugar, porque quero conservar a originalidade de Laplanche, porque não quero dizer que ele tem essa ideia, se ele não tem essa ideia. Freud pensa que a “Sachvorstellung” é uma representação-coisa. E recentemente eu li, vou mais longe, meu jogo de palavras sobre representação-coisa fez tal progresso que recentemente vi um artigo de Widlöcher no qual ele diz: Freud trouxe a ideia da representação-coisa. Estou furioso porque foi Laplanche quem trouxe a ideia da representação-coisa. Então digo francamente que não faço uma tradução de Freud com a ideologia de Laplanche, faço uma tradução de Freud tentando dizer o mais próximo do que ele disse. Pelo contrário, Lacan e os lacanianos poriam as ideias de Lacan em Freud. Eu não coloco ideias de Lacan, de X ou de Y em Freud. Trato de deixar o texto de Freud e, conforme todo seu contexto, o mais próximo possível do que ele disse e de suas ambiguidades, se elas existem. Isso me parece muito importante porque não é uma leitura. Penso que a tradução de uma obra teórica não é uma leitura. Lamento, é uma transcrição que deve colocar o leitor diante da posição mais semelhante possível ao texto original, com, apesar de tudo, efeitos. Perdão, falo muito. Existem efeitos apesar de tudo. Por que apesar de tudo existem efeitos? Porque algumas palavras na língua alemã são mais correntes que na língua francesa. De modo que a tradução faz os alemães descobrirem coisas. Por exemplo, eu digo “étayage” (apoio) “Anlehnung”. Para os alemães “Anlehnung” é corrente. Em francês “étayage” (apoio) não é um termo de todos os dias. Os motoristas de táxi não empregam todos os dias “étayage” (apoio) exceto se há uma árvore, uma casa, onde ele coloca um “étaï” (esteio). Portanto, o fato de haver escolhido uma palavra como “étayage” (apoio), que traduz bem “Anlehnung”, tem um efeito em retorno sobre o texto alemão. Isto é, os alemães dizem uns aos outros: “ah, sim, não notamos que Freud utilizava ‘Anlehnung’ com um sentido específico” e, portanto, não nego que exista um efeito de retorno. Mas não é um efeito de retorno laplancheano ou

»  
*em Freud, há um jogo entre o uso da língua de todos os dias, e um jogo, do qual ele faz conceitos, de uma língua especializada. É certo que toda tradução tem tendência a especializar, concordo, um pouco, a língua*

lacaniano. É um efeito de retorno, sim, porque fomos forçados, existe a relação entre a língua corrente e a “Fachsprache”, “Fachgebrauch”, isto é, o uso dos especialistas, como diz Freud. Portanto, em Freud, há um jogo entre o uso da língua de todos os dias, e um jogo, do qual ele faz conceitos, de uma língua especializada. É certo que toda tradução tem tendência a especializar, concordo, um pouco, a língua. O máximo é Strachey, porque Strachey empregava até palavras do latim ou do grego. Agora, se os senhores empregam palavras latinas ou gregas, os senhores constroem blocos *self contained*.

**HAROLDO DE CAMPOS** Então seu livro sobre a tradução de Freud é muito coerente e acho que é um trabalho admirável. Mas, eu diria que não estou persuadido de que a possibilidade de compatibilizar os sentidos seja, digamos, que não exista. Acho que seria possível em algum momento preciso do texto de Freud sobre o Witz, por exemplo, se encontramos uma maneira tão eficaz de traduzir esse Witz como encontrei uma maneira eficaz de traduzir as quatro paronomásias do texto bíblico, que são paronomásias que ao mesmo tempo trazem uma mensagem; poderíamos fazer algo semelhante com o texto de Freud em momentos precisos, sem eliminar a tradução literal e sem eliminar eventualmente... Seria algo a acrescentar, não...

**JEAN LAPLANCHE** Vou apresentar outro argumento. Uma tradução tal como o senhor propõe é uma tradução que passa pela universalidade da linguagem. Por exemplo, a Bíblia passa pela universalidade, o hebraico e a Bíblia são a mesma coisa. Portanto, o senhor passa pela universalidade da



*um Witz em Freud não é  
a universalidade da linguagem,  
é a especificidade de uma pessoa.  
Portanto, tentar traduzir um Witz  
por outro é esquecer a pessoa  
que fez o Witz*

linguagem, Mallarmé também, de certa maneira, passa pela universalidade da linguagem. Um Witz em Freud não é a universalidade da linguagem, é a especificidade de uma pessoa. Portanto, tentar traduzir um Witz por outro é esquecer a pessoa que fez o Witz. Seria o seu inconsciente que estaria nele, e não mais o de Arthur. Arthur Heine fez um Witz. Freud teve um sonho e os sonhos de Freud, se Anzieu pôde fazer um trabalho sobre a análise de Freud, não foi a partir de uma reprodução poética dos sonhos de Freud. Se ele só tivesse o texto dos sonhos de Freud, os sonhos da “Traumdeutung” repoezizados, não poderia ter feito esse trabalho.

**MIRIAM CHNAIDERMAN** Mas se Freud escolheu colocar os Witz no texto é porque há alguma coisa também que ele quer mostrar.

**JEAN LAPLANCHE** Sim, mas ele quer mostrá-la sempre em “höchst individuell”, o inconsciente é individual, o inconsciente é altamente individual, e acredito que fomos intoxicados pela ideia de que o inconsciente é transindividual, o que é uma ideia lacaniana. Para mim, o inconsciente trabalha altamente individualmente. Em outros termos, essa frase que contei aos senhores, “l’étalon court dans la ferme”, para alguns, se meu paciente tem um pai que trabalha em Wall Street, existe alguma coisa, mas para outro paciente que tivesse esse sonho, talvez não existisse... Portanto, não é na universalidade da linguagem que trabalhamos. Diferentemente do poeta, o autor de teorias escolhe, como acabei de explicar, e ao mesmo tempo o paciente escolhe. Isto é, se ele sonhar isso, não é outra coisa.

**RENATO MEZAN** Sim, porque há diversos níveis num texto como o de Freud. Existe o nível da singularidade do paciente que sonhou com o garanhão ou algo equivalente, e existem planos sucessivos de universalidade de conceitos. Por exemplo, quando o senhor escolheu traduzir “Zwang” por “contrainte” (compulsão, coerção), chocou os psicanalistas, que disseram que a partir dali haveria neuroses de compulsão e não mais as velhas neuroses obsessivas, que não há adjetivo para isso, etc. O senhor encontrou algo que está ao mesmo tempo, a meu ver, do lado do poético, tal como Haroldo propõe, pelas ressonâncias, quero dizer, pelo efeito de “Na”.

**HAROLDO DE CAMPOS** “Zwang” e “Contrainte” compartilham o mesmo fonema. Isto é tradução poética.

**RENATO MEZAN** “Zwang”, “contrainte”. Sim, é a mesma nasalização. Mas não acredito que o senhor tenha pensado...

**JEAN LAPLANCHE** Não!

**RENATO MEZAN** ... nisso quando encontrou essa palavra, mas há uma certa coerência conceitual que não é da mesma ordem que “o garanhão corre na fazenda”.

**JEAN LAPLANCHE** Aqui estamos no nível da língua da obra teórica freudiana. Quero voltar a esse exemplo. Em primeiro lugar, a “Zwangsneurose” é uma criação dos anos 1900, e “Zwang” existe na língua alemã há séculos. Portanto, certos psiquiatras, e Freud também quando psiquiatrizou, criou a “Zwangsneurose”. Temos excelentes razões para abrir a generalidade desse termo, ou pelo menos certa generalidade. Por quê? Porque ele existe em Freud. Por exemplo, se Freud nos fala do “Zwang” da histeria, não se pode dizer a obsessão da histeria. É a compulsão histérica, não há nada a fazer. Se ele nos fala do “Zwang” do oráculo, em “Édipo”, não se pode dizer a obsessão do oráculo, é absurdo. E, no entanto, é o mesmo “Zwang”, isto é uma compulsão/coerção psíquica. Se ele nos fala do “Zwang” do perverso, Freud diz constantemente o “Zwang” do perverso, não é a obsessão do perverso. É aquilo que o coage a fazer um ato perverso, etc. Portanto, é uma relação, por um lado, com certa



universalidade da língua alemã, e, por outro, com certa universalidade do pensamento freudiano. Portanto, aqui não procuramos poetizar de jeito nenhum. Falamos de neurose de compulsão para mostrar que, na realidade, o que era muito psiquiatrizado, muito especializado, muito nosológico, era na realidade uma coisa muito mais vasta no pensamento de Freud. Portanto, as pessoas podem continuar a falar de neuroses obsessivas, isso não é incômodo. Quando Freud diz: “eine Zwangneurose mit Obsessionen”, como traduzir isso? Uma neurose obsessiva com obsessões?! É o começo do absurdo do obsessivo. A tradução da Gallimard diz: “uma neurose obsessiva com ideias fixas”. Isto é, ela retraduz “Obsessionen” por ideias fixas para não... Aonde vamos parar? Vai-se de cascata em cascata, muda-se um peão sobre o tabuleiro, então outro peão se desloca e assim por diante. Mas fico contente por “Zwang” e “contrainte” serem nasais.

**HAROLDO DE CAMPOS** Um encontro poético, não é?

**JEAN LAPLANCHE** É algo a mais.

**HAROLDO DE CAMPOS** É exatamente esse algo a mais que propus acrescentar a... Numa página em que o senhor fala de Chouraqui, o senhor também fala de Walter Benjamin, para quem é no palavra por palavra, “Wortlichkeit”, e não na frase que acontece a tradução da grande poesia. Isto é – o texto é de “A tarefa do tradutor” –; isso não pode ser aplicado à tradução de um pensador, porque é apenas a tradução poética. É totalmente dirigido para a tradução poética, ele considera mesmo a tradução do conteúdo como uma coisa que não é necessária, mas em todo caso, o problema da “Wortlichkeit” é muito curioso. Estudei muito Benjamin e tenho uma ideia a propósito disso, e gostaria de expô-la para ouvir a opinião do senhor. Fala-se sempre dessa “Wortlichkeit” de Benjamin, mas ele também fala de...

**JEAN LAPLANCHE** Faça um parêntese. Mesmo a tradução de “Wortlichkeit” por “mot pour mot” (palavra por palavra) não é a tradução habitual, porque habitualmente se diz “litteralité” (literalidade).

**HAROLDO DE CAMPOS** Há a palavra *Wort*.

»»

*falamos de neurose de compulsão  
para mostrar que, na realidade,  
o que era muito psiquiatrizado,  
muito especializado, muito nosológico,  
era na realidade uma coisa muito mais  
vasta no pensamento de Freud*

**JEAN LAPLANCHE** Quando se diz “litteralité” não se traduz.

**HAROLDO DE CAMPOS** Esse é um problema que eu gostaria de tocar. Por exemplo, em português, em vez de dizer “literalidade”, se deveria dizer “vocabularidade”. Isso faz uma diferença.

**JEAN LAPLANCHE** O que eu traduzo por “mot pour mot” (palavra por palavra).

**HAROLDO DE CAMPOS** Isso faz uma diferença porque Walter Benjamin também fala da “Wortlichkeit” pelo lado sintático: “Wortlichkeit in der Übertragung der Syntax”. Isso é curioso, porque as palavras, para Walter Benjamin, nesse artigo, nesse ensaio, ele compara as palavras a um arco, o lado sintático a uma arcada. Portanto, acho que quando ele fala de “Wortlichkeit”, fala, no limite, de “Wortlichkeit” em relação, não é a palavra isolada, é sempre a palavra em relação porque ele pensa sempre no arco de uma arcada. É por isso que ele pode falar da *Wortlichkeit* na reprodução, na restituição da sintaxe, o lado sintático da linguagem. Portanto, para os que olham o lado sintático acho que as considerações de Benjamin são pertinentes numa certa medida ao seu trabalho. Como o senhor faz para reproduzir o lado sintático do texto de Freud?

**JEAN LAPLANCHE** Ficamos o mais próximo possível, com exceção de colocar o verbo no fim das frases, o que é praticamente impossível.

**HAROLDO DE CAMPOS** Mas isso causa escândalo aos muito conservadores.

**JEAN LAPLANCHE** Certamente. Nós torturamos um pouco a sintaxe francesa.

**HAROLDO DE CAMPOS** Então estamos de acordo.

**JEAN LAPLANCHE** Somos considerados pessoas que não sabem francês.

**HAROLDO DE CAMPOS** Poetas malditos.

**JEAN LAPLANCHE** Não. Não tanto assim.

**HAROLDO DE CAMPOS** O poeta é quem faz alguma coisa. O poeta não é um...

**JEAN LAPLANCHE** Somos "poietes".

**ANA MARIA SIGAL** Era para ter uma conversa, não um debate tão difícil... para os dois, mas, para nós, foi fantástico. Eu acho que vamos poder trabalhar bastante em cima das ideias dos dois e eu agradeço muito a todos.

**JEAN LAPLANCHE** Sim, obrigado a todos.

**ANA MARIA SIGAL** Ter-se esforçado, foi muito difícil a situação... eu achei que estávamos esperando mais uma conversa.

**HAROLDO DE CAMPOS** É isso que é bom. Fazer as ideias dançarem um pouco.

**ANA MARIA SIGAL** É muito bom, até conseguir entrar na discussão com mais tranquilidade foi difícil. Eu acho que o Sr. Laplanche não esperava alguém...

**HAROLDO DE CAMPOS** Quando se escolhe o difícil, se encontra o difícil.

**HAROLDO DE CAMPOS** Vou deixar meu endereço aqui e gostaria de ter o seu para lhe mandar os xerox de meus textos.

**JEAN LAPLANCHE** E o senhor talvez não conheça, mas escrevi um artigo que se chama "Le mur et l'arcade" (O muro e a arcada).

**HAROLDO DE CAMPOS** Não, mas com certeza me interessa muito.

**JEAN LAPLANCHE** Na "Revolução copernicana". Bem, obrigado, obrigado.

**JEAN LAPLANCHE** Também vou lhe dar um cartão.

**HAROLDO DE CAMPOS** É o jeito japonês.

# Poesia silêncio psicanálise

André Medina Carone

**Resumo** A conversa entre o poeta Haroldo de Campos e o psicanalista Jean Laplanche acerca das traduções da obra de Freud evidencia a existência de duas posições opostas: enquanto a psicanálise busca a legitimidade a partir da coerência interna dos conceitos freudianos, o campo literário tenta atrair a psicanálise para um espaço comum, partilhado pela literatura, pela poesia e pelos estudos da linguagem. As diferenças entre os autores são uma breve ilustração da própria natureza dos debates internacionais em torno das traduções de Freud.

**Palavras-chave** Psicanálise; Poesia; Tradução; Jean Laplanche; Haroldo de Campos.

**André Medina Carone** é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

No ano de 1993 o Sedes Sapientiae promoveu um histórico encontro entre o poeta brasileiro Haroldo de Campos e o psicanalista francês Jean Laplanche. Distantes do olhar do público, conversaram em francês por aproximadamente uma hora a respeito da tradução das obras de Freud e da teoria da tradução, seguidos pelo olhar atento e curioso de Ana Maria Sigal, Miriam Chnaiderman e Renato Mezan, que realizam breves intervenções em meio ao debate.

Mais do que a reunião de dois autores e tradutores, esta belíssima gravação nos apresenta duas figuras que representam paradigmas em cada um de seus territórios. Haroldo de Campos, tradutor múltiplo, poeta e teórico da tradução e da linguagem, sempre foi mais do que um autor ou tradutor individual – basta recordar a constante redescoberta que promoveu dos precursores da poesia concreta e a aproximação infinita entre línguas, linguagens e correntes poéticas que formavam diante de seus olhos uma unidade antes insondável: falar sobre Haroldo de Campos significa falar sobre o universo que ele conseguiu mobilizar ao seu redor. Jean Laplanche, psicanalista e teórico da psicanálise, líder de uma equipe de tradutores e teórico da tradução freudiana, é um interlocutor inescapável para quem queira decifrar as articulações internas na obra do criador da psicanálise. Todo aquele que venha a traduzir Freud se vê em algum momento acompanhado pela sombra de Laplanche, por mais que queira rechaçar a sua influência: os impasses e dilemas da tradução freudiana sempre parecem ser aqueles descritos por Laplanche, mesmo se não quisermos aceitar a solução que ele nos apresenta. Com ele descobrimos o mapa de um labirinto cujas saídas nem sempre aceitamos, mesmo quando não encontramos alguma saída. Sua teoria sobre a



*percebemos com nitidez a cautela adotada por Laplanche ao expor suas ideias a um poeta e tradutor de língua estrangeira, bem como a sua surpresa diante da familiaridade de Haroldo com seus escritos. As premissas elementares da equipe francesa são ilustradas por seu diretor de maneira bastante didática*

tradução freudiana ultrapassa as fronteiras da língua francesa e impõe-se como referência para tradutores de diversos idiomas.

No centro do debate estão as teses de *Traduire Freud*, o volume teórico dirigido por Laplanche que fundamenta e sistematiza a coleção das *Oeuvres Complètes* editada pela Presses Universitaires de France (PUF). Percebemos com nitidez a cautela adotada por Laplanche ao expor suas ideias a um poeta e tradutor de língua estrangeira, bem como a sua surpresa diante da familiaridade de Haroldo com seus escritos. As premissas elementares da equipe francesa são ilustradas por seu diretor de maneira bastante didática. O ponto de partida adotado por Laplanche é a demarcação de uma “língua de Freud” (*langue de Freud*) no interior do idioma alemão. Entretanto essa demarcação não está restrita a um conjunto de termos fundamentais: trata-se antes de uma concepção do texto original como uma arquitetura de referentes cujas posições relativas devem ser preservadas em uma versão estrangeira que se destina sobretudo a *colocar o leitor francês na mesma posição do leitor de língua alemã*, ele afirma: neste trabalho de tradução o horizonte da *precisão* é muito mais

vasto do que faria supor o clássico *Vocabulário da Psicanálise* que elaborou em parceria com o também psicanalista e tradutor Jean Bertrand Pontalis. A proposta laplancheana avança na contramão das antigas traduções de Freud que se orientavam pelo contexto ou pela preservação de um sentido geral das formulações presentes no texto original. O estranhamento semântico e sintático que resulta desse procedimento seria justificado – sempre de acordo com Laplanche – por uma distinção abrangente entre as “obras de pensamento” e as “obras poéticas”: ao relatar um sonho ou um chiste, Freud não tem a intenção de produzir um efeito, mas sim demonstrar um mecanismo. Na concepção de Laplanche, o poeta habita inteiramente a linguagem e os efeitos que ele provoca pertencem à ordem do universal (o que justificaria, ao menos em princípio, a livre substituição das referências culturais ou do contexto linguístico em uma tradução literária), enquanto o pensador teórico habita parcialmente a linguagem: sua argumentação possui uma intenção demonstrativa e os casos particulares aos quais se refere não são intercambiáveis.

Embora o teor da argumentação esteja muito próximo das teses que comparecem na primeira parte de *Traduire Freud*, a presença do poeta neste debate altera por completo a relação de forças e o próprio objetivo da exposição: enquanto o volume teórico destina-se principalmente a demarcar o alcance da terminologia e de sua sistematização no interior da própria psicanálise, nesse encontro com Haroldo de Campos é a teoria psicanalítica, representada na figura de Laplanche, que deve justificar a demarcação entre o *dentro* e o *fora* de sua própria linguagem. Em sua versão mais extremada, o dilema poderia ser formulado nos seguintes termos: se a psicanálise pode falar indiscriminadamente a respeito do mundo e abordar todo e qualquer objeto, então ela não possui nem consistência e nem especificidade (sendo este o risco que Laplanche busca evitar, com extrema medida e rigor); mas se a psicanálise é uma linguagem específica e consistente, que articula um sistema distinto de toda forma de linguagem que

se organiza em seu exterior, ela nada pode dizer a respeito daquilo que não seja ela mesma (eis a barreira que os argumentos de Haroldo de Campos procuram romper a cada novo passo da discussão). Enquanto o psicanalista francês quer legitimar a psicanálise a partir de uma linguagem autônoma e de um sistema interno de correspondências, o poeta brasileiro tenta arrastar a psicanálise para fora de si mesma, conduzindo-a a uma terra média entre a função poética e a função referencial. “Eu não tento entrar em seu território, mas o senhor está tentando entrar no meu”, adverte Laplanche a certa altura: a menção ao “território” ocorre, aliás, em vários momentos da conversa. A certa altura Haroldo de Campos pergunta ao psicanalista se a Bíblia e a obra de Nietzsche seriam “obras de pensamento” ou “obras poéticas”. Laplanche responde com simplicidade que não está traduzindo a Bíblia. A persistência do poeta sobre essa questão me parece justificada, pois, ao contrário do que afirma Laplanche, a perspectiva literária não é estranha ao projeto francês: bastaria recordar sua afirmação de que no texto de Freud “o inconsciente se manifesta através de certas formas verbais”, ou a necessidade de “torturar um pouco a sintaxe francesa”, com a qual o poeta brasileiro está de pleno acordo.

As intervenções de Renato Mezan e Miriam Chnaiderman, que parecem pressentir a necessidade de um terreno comum, alcançam um resultado apenas parcial: Chnaiderman pergunta simplesmente se o mais correto não seria afirmar que toda tradução é poética, uma tese rejeitada de maneira categórica por Laplanche, enquanto Mezan propõe que ambos apresentem suas reflexões acerca da linguagem e da tradução, nascidas em campos do saber e experiências que são bastante distintos. As tensões do diálogo persistem apesar das inúmeras aproximações que se anunciam mas não se sustentam no correr da conversa: logo no início Laplanche assinala que praticamente todos

»»

*resumindo: nesse belo debate encontraremos divergências manifestas e convergências latentes. Mais do que um entre vários debates sobre a sua tradução, este parece ser o encontro que simboliza os desencontros da própria história das traduções de Freud*

os neologismos que a equipe francesa imaginava ter inventado já existiam (um fenômeno que Haroldo de Campos identificou na literatura brasileira, mais precisamente na poesia de Gregório de Matos e nas traduções de Odorico Mendes, se eu não estiver enganado) e afirma em seguida que os tradutores são os verdadeiros transformadores de uma língua. Haroldo de Campos, por sua vez, apresenta uma leitura original da *Wortlichkeit* (“vocabularidade”, segundo ele) em *A tarefa do tradutor*, ensaio de Walter Benjamin que serve de esteio teórico para a edição francesa dirigida por Laplanche.

Resumindo: nesse belo debate encontraremos divergências manifestas e convergências latentes, fronteiras teóricas e entrelaçamentos reais, sistemas de linguagem e fragmentos do inconsciente que orbitam ao redor da obra de Freud: mais do que um entre vários debates sobre a sua tradução, este parece ser o encontro que simboliza os desencontros da própria história das traduções de Freud.

### Referências bibliográficas

- Benjamin W. A tarefa do tradutor. In Universidade Federal de Santa Catarina (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução), *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: EDUFSC. p. 202-233 (Trad. Susana Kampff Lages).
- Bourguignon A.; Cotet P.; Laplanche J.; Robert F. (1989). *Traduire Freud*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Campos H. (1992). Da tradução como Criação e como Crítica. In *Metalinguagem e Outras Metas*. São Paulo: Perspectiva. p. 31-48.

### Poetry silence psychoanalysis

**Abstract** The conversation between the brazilian poet Haroldo de Campos and the french psychoanalyst Jean Laplanche on translating Freud brings to light to opposite approaches: while psychoanalysis hold on to the internal coherence of Freudian concepts to legitimize its discipline, the literary field efforts to lure psychoanalysis and bring to a domain shared by literature, poetry and linguistics. The differences between these two authors illustrate the very nature of the international debate about translating Freud.

**Keywords** Psychoanalysis; Poetry; Translation; Jean Laplanche; Haroldo de Campos.

**Texto recebido:** 05/2016

**Aprovado:** 07/2016

# As fantasias originárias e o recalçamento primário

## conceitos dos fundamentos

Ana Maria Sigal

**Resumo** O presente artigo relembra a visita de Jean Laplanche ao Brasil, em 1993, e expõe os principais elementos das suas teorias, que a autora considera muito úteis para a prática clínica. Retoma a importância da metapsicologia na escuta clínica e posiciona o pensamento de Laplanche em relação às fantasias originárias, frisando o fato de que para este autor não seriam profantasias herdadas filogeneticamente mas que seu fundamento está ligado à forma em que a sexualidade se implanta através do outro adulto com sua própria sexualidade infantil recalçada.

**Palavras-chave** fantasias originárias; sexualidade; recalçamento primário; metapsicologia.

**Ana Maria Sigal** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professora do curso de Psicanálise e coordenadora do Curso Conflito e Sintoma, ambos do Instituto Sedes Sapientiae, coordenadora, autora de vários livros, entre os quais *O lugar dos pais na psicanálise de crianças* (Escuta), *Escritos metapsicológicos e clínicos* (Casa do Psicólogo).

*São Paulo, le 1 octobre 1992*

*M. le Professeur Jean Laplanche  
Université de Paris VII - Paris - France*

*Cher monsieur,*

*Il y a déjà plusieurs années que je désire avoir le plaisir de vous inviter à São Paulo; je vous l'ai dit en 1987 à Paris, et j'ai renouvelé l'invitation à Buenos Aires, lors du colloque où vous étiez l'hôte d'honneur.*

*Je vous écris aujourd'hui pour savoir si effectivement vous pensez venir à São Paulo, auquel cas votre visite pourrait être organisée par l'institution à laquelle j'appartiens, le Département de Psychanalyse de l'Institut Sedes Sapientiae. Je vous envoie également, ci-joint, un exemplaire de notre revue *Percurso*.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> São Paulo, 1 de outubro de 1992  
Professor Jean Laplanche,  
Universidade de Paris VII – França  
Prezado senhor,

Há alguns anos desejo ter o prazer de convidá-lo a vir a São Paulo; já havia comentado em Paris em 1987, e renovei o convite em Buenos Aires, ocasião em que foi convidado de honra.

Escrevo agora a fim de saber se o senhor de fato pensa em vir a São Paulo; nesse caso, sua visita poderia ser organizada pela instituição à qual pertence, o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Incluo também um exemplar de nossa revista *Percurso*.

## Convite a Jean Laplanche

Em outubro de 1992, escrevi essa carta a Jean Laplanche convidando-o para vir a São Paulo. A proposta era que pudesse apresentar seu pensamento em uma atividade organizada pelo Departamento de Psicanálise. Enviei juntamente um exemplar de *Percurso*. Seu aceite seria a concretização de um sonho.

Leitora de Laplanche desde o início da minha formação, aspirei durante muitos anos a conhecer a obra deste autor a partir de um encontro pessoal. Visitei-o em Paris em 1987, com o objetivo de



*Laplanche foi um estudioso da obra de Freud. Escreveu com Pontalis o Vocabulário de Psicanálise, com o objetivo de precisar os diversos conceitos psicanalíticos, a partir de Freud. Foi cuidadoso ao colocar como comentários opiniões de diferentes autores, evitando que pudessem ser lidos como verdades a partir de uma interpretação própria do texto freudiano*

72

PERCURSO 56/57 : jun./dez. 2016

intermediar a publicação de seus textos em espanhol, e manteve uma correspondência em que me encaminhava seus artigos mais recentes. Desejava que o Sedes, nossa querida instituição de pertinência, fosse o lugar no qual pudesse transmitir seu pensamento em São Paulo. Esse convite culminou com a apresentação de Laplanche à comunidade psicanalítica paulista em 1993, no evento organizado pelo Departamento de Psicanálise que se realizou no Centro Rebouças para uma plateia de 500 pessoas.

Essa aproximação foi precedida de encontros em que apresentamos a Carta de Princípios do Sedes, o Departamento e o Curso de Psicanálise, explicitando os postulados que marcavam nossa transmissão. Apresentamos a revista *Percurso*, para que pudesse conhecer a produção teórica, científica e ideológica de nossa instituição. Laplanche considerou haver coincidências significativas com seu pensamento, e decidiu aceitar o convite.

## Coincidências

Na APF – Associação Psicanalítica Francesa – instituição à qual pertencia, a análise didática não fazia parte do projeto de formação. Agradou-lhe

a coincidência de que nossa instituição também defendesse esta concepção como marca de origem: a análise, como parte do tripé de formação, deveria estar ligada ao desejo de se analisar, e não a uma imposição institucional.

Desde a fundação do Departamento como espaço de formação e transmissão, trabalhávamos com um projeto de ensino que tomava a obra freudiana como o eixo teórico a partir do qual outros autores poderiam ser estudados. Um estudo consistente partiria sempre de um conhecimento apurado das bases nas quais esse pensamento encontra seus fundamentos. Não concebíamos a hipótese de ler Lacan, Bion, Melanie Klein, Winnicott ou outros sem conhecer previamente a obra de Freud. Por outro lado, considerávamos que os autores pós-freudianos devessem ser lidos para que novas vias se abrissem para aprofundar o pensamento freudiano. Laplanche pensava da mesma forma. Considerava que o ecletismo não poderia ser vencido pelo dogmatismo. Afirmava que aquele confunde e este esteriliza. Propunha trabalhar autores como forma de superar a oposição estéril das escolas, verdadeira praga do mundo analítico<sup>2</sup>.

## Conceitos e fundamentos

Laplanche foi um estudioso da obra de Freud. Escreveu com Pontalis o *Vocabulário de Psicanálise*, com o objetivo de precisar os diversos conceitos psicanalíticos, a partir de Freud. Foi cuidadoso ao colocar como comentários opiniões de diferentes autores, evitando que pudessem ser lidos como verdades a partir de uma interpretação própria do texto freudiano. Aproveitou a noção hegeliana de “fazer justiça ao texto”, afirmando que é necessário diferenciar a leitura da obra de um autor da interpretação dela.

No decorrer de sua vida publicou numerosos livros. Entre os que deixaram marcas estão:

<sup>2</sup> A. M. Sigal, in: J. Laplanche, *Sexual*. Comentário da nota citada na p. 13.



Fax enviado à 18.12.1992.

JEAN LEBLANCHE  
105, RUE DE VARENNES  
75002 PARIS  
FRANCE

Madame Ana Maria SIGAL  
Instituto Socdes Sapiëntiae

Chère Collègue,

J'ai bien reçu votre lettre du 4 et du 16 décembre. Voici ce que je suggère.

1) 2 conférences avec 1 jour d'intervalle. Comme j'aurai parlé à Rio auparavant, je souhaiterai me reposer samedi, dimanche et lundi, de sorte que les conférences pourraient être le mardi et le jeudi, si du moins cela vous semble acceptable du point de vue organisation.

La première conférence porterait sur l'interprétation, ceci en relation avec la théorie "traductive" du refluxement.

La seconde conférence pourrait porter sur la révolution copernicienne et le problème de l'autre.

La question du transfert sera abordée dans l'une ou l'autre conférence.

2) Le mercredi, je pourrai aller à l'Université pour un débat, mais le thème ne me paraît pas encore bien clair. En effet il est bien difficile d'intervenir sur la formation. Ce qui dans un pays donné a toujours des implications locales bien déterminées et des résonances difficiles à prévoir. Il faudrait donc que vous me précisiez le public qui pourrait participer à ce débat et quels seraient les participants éventuels. Nous conviendrons alors du thème.

Pour revenir aux conférences, il est bien évident que je souhaite qu'elles aussi soient suivies de discussions et qu'en outre quelques collègues aient une bonne connaissance de vos idées sur les thèmes abordés.

Marcello Marquez prendra contact avec vous pour vous faire parvenir les traductions qu'il est en train de mettre au point.

En ce qui concerne les honoraires, je vous demanderai la somme de 1000 dollars par conférence, laissant la question ouverte pour le débat à l'Université. Ceci non compris le séjour prévu et le déplacement pour ma femme et pour moi.

Je vous prie de croire, chère Collègue, l'expression de mes sentiments les meilleurs.



*as últimas formulações de Laplanche estão em A revolução copernicana inacabada, texto sobre o qual falou em suas conferências de São Paulo. A tradução desse livro de 600 páginas, publicado originalmente em francês, foi divulgada em pequenas publicações, separadamente, para que a circulação dos conceitos se tornasse mais ágil.*

74 *Origem das fantasias e fantasias das origens e Vida e morte em psicanálise*<sup>3</sup>. Publicou as *Problemáticas* em espanhol pela editora Amorrortu, em seis volumes<sup>4</sup>, que realizam uma extensa revisão de conceitos centrais da teoria freudiana. Nessa obra apresenta sua leitura, delimita as diferenças em relação aos conceitos de Freud, faz comentários às obras de Lacan e Melanie Klein, e recolhe os ensinamentos que desenvolveu desde 1969 na Universidade de Paris VII. Em 1987, publica *Nouveaux fondaments pour la psychanalyse: la séduction originnaire*<sup>5</sup>. Nesse livro, Laplanche retorna aos fundamentos para renová-los, esclarecendo que não se trata de uma nova psicanálise, mas de repensar seus alicerces, voltando a eles a fim de questionar e renovar aquilo que funda a psicanálise. Laplanche prefere se referir a esse movimento como “retorno sobre Freud”, diferentemente de Lacan, que propõe um “retorno a Freud”<sup>6</sup>. As últimas formulações de Laplanche estão em *A revolução copernicana inacabada*, texto sobre o qual falou em suas conferências de São Paulo. A tradução desse livro de 600 páginas, publicado originalmente em francês, foi divulgada em pequenas publicações, separadamente, para que a circulação dos conceitos se tornasse mais ágil. Recentemente foi publicado o livro *Sexual*<sup>7</sup>,

com os últimos textos de Laplanche (de 2000 a 2006), nos quais trabalha a sexualidade ampliada, os temas do sexo, sexualidade e do gênero, a partir de uma revisão do Édipo e da castração como esquemas narrativos.

Laplanche faz trabalhar o texto freudiano a fim de trazer à luz esses novos fundamentos. Recusa-se a falar de um pensamento laplancheano, mas não nega a possibilidade de que na pressão metapsicológica que aplica ao texto surjam novas ideias e formas de pensamento, novas organizações e novos conceitos. Toma partido também em relação a diversos caminhos que despontam no texto freudiano. Problematiza, questiona, debate e submete à prova seus fundamentos. Para dar um exemplo desses questionamentos, podemos observar que não adere totalmente à segunda teoria pulsional, questionando o conceito de pulsão de morte a fim de desenvolver a ideia de uma *pulsão sexual de morte*. Entende também que Freud abandona o caminho da sedução enunciado na carta 69 a Fliess<sup>8</sup> e faz um trabalho de volta às primeiras origens, abordando a sedução do adulto em relação à criança, que denomina “sedução originária”.

A partir de então Laplanche propõe um novo fundamento para a leitura dos textos freudianos, a “teoria da sedução generalizada”. Ela leva em conta, na sedução, a passividade da criança em relação ao adulto, que implanta – sempre de forma traumática – a sexualidade na criança. A partir dessa colocação, a inclusão da alteridade torna-se elemento central para explicar a fonte da pulsão. Os conceitos de Laplanche nos levam a pensar novos conjuntos e organizações, que nos posicionam de forma diversa em relação a Freud e às escolas de seus seguidores.

## Bases metapsicológicas da clínica

A clínica sempre me levou a tentar encontrar bases metapsicológicas que dessem conta da prática e da escuta. Sempre afirmei que a metapsicologia não é uma aventura epistemofílica, uma elaboração

teórica que tivesse como finalidade buscar uma coerência interna dos postulados. A metapsicologia determina o modo pelo qual conduziremos o trabalho de análise. Nossa clínica vai se pautar pela forma de pensar o aparelho psíquico e pelo lugar que os conceitos ocupam na construção teórica. A concepção do Édipo nos últimos anos tem sofrido grandes questionamentos a partir das teorias de gênero, que nos obrigam a rever o processo de sexuação, incluindo as mudanças antropológicas e socioeconômicas que aportam elementos para produzir novas leituras<sup>9</sup>. Mas a sexuação ainda é um pilar que pauta a estruturação subjetiva. Como diz Enrique Carpintero:

O complexo de Édipo organiza o aparelho psíquico ao instalar, com a proibição do incesto, a alteridade, suporte de nosso desvalimento originário. Sua sombra fala da falta que nos constitui, mas também da luz da potência – no sentido espinosiano do termo – ao reconhecer-se no outro humano que nos afirma no amor. Isto nos leva a sustentar a prática da psicanálise na potência do ser<sup>10</sup>.

Torna-se necessário rever o Complexo de Édipo à luz dos novos papéis que homens e mulheres ocupam na atualidade. O papel ativo que as mulheres desempenham no mercado de trabalho não estaria necessariamente ligado à falicidade ou

»  
*com relação ao desejo de cuidar dos filhos em suas necessidades básicas, no que diz respeito à constituição masculina, não mais será considerado um aspecto feminino do homem. Atualmente trabalhamos com a noção de diferença não oposicional, em que o traço, de acordo com Derrida, não pressupõe simplesmente um oposto, mas sim uma multiplicidade de diferentes.*

à inveja ao pênis, a menos que se trate de uma estrutura histórica. A maternidade não pode mais ser considerada como anseio natural da feminilidade ou um modo de curar o que seria um déficit, a castração – entendendo o desejo de filho como algo mais que um brilho fálico<sup>11</sup>. Compreender o lugar da mulher adulta-genital permite interpretar que nela não há desejo de pênis, mas sim exercer sua potência feminina, a menos que se trate de uma estrutura neurótica ou histórica. Nesse caso, permanece em uma posição infantil de inveja do pênis.

Com relação ao desejo de cuidar dos filhos em suas necessidades básicas, no que diz respeito à constituição masculina, não mais será considerado um aspecto feminino do homem. Atualmente trabalhamos com a noção de diferença não oposicional, em que o traço, de acordo com Derrida, não pressupõe simplesmente um oposto, mas sim uma multiplicidade de diferentes. É necessário incorporar o conceito de diversidade para melhor pensar a sexuação. Entre homem e mulher há numerosas diversidades que dependerão de traços identificatórios, compostos de variações de gênero e marcas deixadas na formação subjetiva que se instauram na relação com o outro<sup>12</sup>.

3 J. Laplanche, *Vida e morte em Psicanálise*.

4 J. Laplanche, *Problemáticas*, constituídas pelos volumes: 1 – *La angustia*; 2 – *Castración y simbolizaciones*; 3 – *Sublimación*; 4 – *El inconsciente y el ello*; 5 – *La cubeta, Trascendencia de la Transferencia*; 6 – *El Après-coup*. Publicados em espanhol pela Ed. Amorrortu.

5 Ed. Presses Universitaires, cuja tradução em espanhol foi publicada em 1989, pela Ed. Amorrortu, bem como *Nuevos fundamentos para el Psicoanálisis*.

6 Uma ampla discussão sobre essa temática poderá ser encontrada em *Nuevos fundamentos para el Psicoanálisis*, Ed. Amorrortu, p. 11-25.

7 J. Laplanche, *Sexual*.

8 Carta 69 de Freud a Fliess, 21 set. 1897.

9 Texto lido na III Jornada sobre sexualidade feminina, realizada no Instituto Sedes Sapientiae, e publicado em espanhol na revista *Gerações*, pela editora da Universidade de Buenos Aires, aprofunda essa questão.

10 E. Carpintero, “La crisis del mito de Edipo patriarcal”, “El patriarcarado neoliberal”.

11 A. M. Sigal, “Algo mais que um brilho fálico: considerações acerca da inveja do pênis”, in: *Escritos metapsicológicos e clínicos*.

12 M. Chnaiderman, filme *De gravata e unha vermelha*, 2014.



*segundo Laplanche, não se trata de uma discussão entre o herdado e o adquirido, mas de retomar as séries complementares, longamente esquecidas, para considerar o herdado, o constitucional e o congênito, diferenciando aquilo que o corpo herda e o que a psique herda, se é que podemos aceitar essa ideia*

## O que oferecem as novas teorias epistemológicas

As novas teorias epistemológicas, tais como a teoria do caos de I. Prigogine, do acaso de E. Lorenz, das estruturas dissipativas, e da complexidade de E. Morin<sup>13</sup>, oferecem alternativas possíveis para pensar o psíquico, diferentemente do modo com que Freud aplicava, por exemplo, a termodinâmica à construção do aparelho psíquico. Isso nos permite, por sua vez, compreender novas teorias da inscrição psíquica. Os estudos da linguagem (Saussure e Lévi-Strauss) ofereceram parâmetros para que algumas escolas aplicassem o estruturalismo à psicanálise. Os estudos da epigenética alteraram completamente certas concepções sobre o biológico e o meio ambiente. Exercemos uma psicanálise viva, em mudança, mas que mantém os pilares conceituais freudianos e – como Laplanche – pensamos novas possibilidades.

Alguns dos temas que ele desenvolveu fizeram profundo eco em minha escuta e me levaram a estudar especialmente suas decorrências na clínica, pois oferecem elementos para abordar impasses da teoria freudiana. Assim, ao trabalhar os conceitos de profantasias ou fantasias originárias, Laplanche revê alguns aspectos

biologizantes na obra de Freud, e retoma/recoloca a origem delas no encontro da criança com o adulto, sem que seja necessário apelar para a noção de herança filogenética. Através do desenvolvimento do conceito de recalque primário, o autor nos permite entender metapsicologicamente as patologias mais primitivas, que não são nem da ordem das neuroses nem do recalque secundário, e que guardam pontos de contato com as neuroses atuais.

Considerando a metapsicologia freudiana formulada até 1915, vemos que privilegia um inconsciente constituído fundamentalmente por representações. Na base dessas representações encontram-se as fantasias originárias (coito ou cena originária, sedução, castração e eventualmente retorno ao seio materno), que Freud considera como filogeneticamente herdadas, marcadas pela ordem biológica, patrimônio da espécie que iria além das inscrições individuais. Os fantasmas originários em Freud seriam categorias *a priori*, não apenas conceitos, mas roteiros ou scripts que enquadrariam ou completariam as singularidades pessoais. Naquele momento, Freud colocou em dúvida a singularidade da formação subjetiva, apelando a fantasias da espécie sobre as quais se inscreveriam as neuroses pessoais. Segundo Laplanche, não se trata de uma discussão entre o herdado e o adquirido, mas de retomar as séries complementares, longamente esquecidas, para considerar o herdado, o constitucional e o congênito, diferenciando aquilo que o corpo herda e o que a psique herda, se é que podemos aceitar essa ideia. Trata-se de questionar se o que precede o sujeito se deve a uma herança filogenética ou a um mundo de fantasias ao qual a criança advém, e que é determinado pela condição sexualizada do adulto. É esta que torna *sedutor* o contato inicial dele com a criança. Essa sedução marca o *infans* com o inconsciente dele, adulto, através de mensagens enigmáticas. As fantasias originárias se implantam com a sedução do adulto que gera o objeto-fonte da pulsão. Não se pode conceber as instâncias do aparelho da alma a não ser pela sua origem: o impacto das mensagens enigmáticas

sexuais do outro sobre um organismo biológico em vias de desenvolvimento. Laplanche propõe que mais do que falar de *instância da letra*, conceito do estruturalismo, deveríamos falar da instância do outro. Esta *prioridade do outro externo na constituição do aparelho psíquico* se repetirá na instância do outro interno: no Id. Este não está primordialmente desde toda a eternidade. O recalque originário é aquilo que não foi possível ser integralmente traduzido e metabolizado da mensagem enigmática que vem do outro. Dito de outra forma, essas mensagens se fixam como inscrições, marcas da sexualidade do adulto, que lança sobre a criança seu mundo sexual inconsciente. Ao incluir a alteridade no campo da fundação pulsional, Laplanche nos oferece elementos para entender a constituição do sujeito psíquico no encontro do *infans* com o outro da relação, já que o que se inscreve funda o objeto-fonte da pulsão porque determina a forma em que a sexualidade do adulto faz marca. Os aportes de Laplanche permitem questionar os modelos endogenistas e inatistas com os quais a psicanálise clássica tentava dar conta não apenas da formação do inconsciente, mas também da noção de pulsão. Desde o primeiro momento se faz necessário, segundo Laplanche, pensar que o psíquico e o somático estão indissoluvelmente ligados. O funcionamento autoconservativo é recoberto pela sexualidade materna, o apego e a ternura, que produzem essa ligação. Nessa passagem do autoconservativo para o sexual infantil como sexualidade ampliada temos que considerar as consequências das transformações do instinto da espécie (ligado à sobrevivência) em algo diferente: a pulsão como especificamente humana, revestindo o objeto autoconservativo com o desejo e com a ternura. Laplanche amplia a trilha aberta (e depois

13 A. M. Sigal, "Todavía el psicoanálisis en el campo de la sexuación".

14 Sobre esse tema encontraremos vastas referências no livro de J. Laplanche *Sexual*, no capítulo "Sexualidade e apego na metapsicologia".

15 No texto "O originário: um conceito que ganha visibilidade", faço uma profunda análise desse conceito na obra de Laplanche. Publicado em A. M. Sigal, *Escritos metapsicológicos e clínicos*, cap. 10.

para Laplanche, o originário terá um estatuto privilegiado que dará conta do momento de fundação do inconsciente, e traz elementos para o estudo de novas patologias nas quais há vazamento dos representantes do recalque originário

abandonada) por Freud quando fala da sequência satisfação sexual ligada à necessidade/autoerotismo/narcisismo<sup>14</sup>. Lembremos também que a pulsão está aquém da distinção entre consciente e inconsciente. Ela jamais poderia tornar-se objeto de consciência, já que é preciso que seja representada no próprio inconsciente por uma ideia (representante ideativo). Abre-se assim um campo fundamental no pensamento de Laplanche em relação ao originário.

### O recalque originário e a clínica

O conceito de recalque originário tem pouco espaço na obra freudiana, mas é pré-condição para os recalques secundários. Para Laplanche, o originário terá um estatuto privilegiado que dará conta do momento de fundação do inconsciente<sup>15</sup>, e traz elementos para o estudo de novas patologias nas quais há vazamento dos representantes do recalque originário: estes não ficam bem soldados na malha que deveria compor esse recalque.

Ao afirmarmos que não há inconsciente desde as origens, e que o recalque é o responsável pela cisão do psiquismo, pela divisão em





*a sexualidade materna, a sedução, os significantes enigmáticos tornar-se-ão internos e se transformarão em fontes autônomas de excitação, portanto de pulsão. Num segundo momento, o recalque originário define essas fixações e gera um lugar para essas representações*

sistemas, podemos dizer que ao mesmo tempo que recalca essa operação, inaugura e funda o inconsciente.

O recalque originário corresponde portanto a uma primeira inscrição e a uma primeira fixação. A representação fixada passa a se comportar como se fosse recalçada, pois, ao se fixar, não sofre reordenamentos ou retranscrições, comporta-se como se fizesse parte do inconsciente, e permanece fora da roda que formaria, com outros representantes, novas figuras. Não tramita, não é traduzida, não é ligada. Permanece indisponível, e por isso inconsciente. O sujeito ficaria bloqueado, fixado, e isso em dois sentidos: num momento de sua evolução libidinal, e em uma lembrança que, como uma fotografia, fixa o representante pulsional<sup>16</sup>.

É preciso reforçar a ideia de que, após a fixação de uma pulsão, sua representação corresponde à inscrição num sistema mnêmico, como inscrição que é inconsciente mas não é o *inconsciente*. Memória e marca mnêmica não pertencem ao mesmo sistema. A primeira é patrimônio do Eu, e a segunda, do Inconsciente.

Em resumo, de acordo com Laplanche, podem-se distinguir dois tempos na teoria do recalque originário:

- a. um tempo exógeno, traumático em si, no qual aparecem representações implantadas pelo mundo dos adultos. São mensagens que veiculam pura energia sexual, excitação, algo que marca, sem no momento se saber por quê. Por excesso de gratificação, por impossibilidade de compreensão ou tramitação, por excesso de frustração? São fantasmas ou marcas sem estatuto tópico preciso.
- b. um segundo tempo no qual o traumatismo se torna autotraumático e provoca o recalque em si, cujos movimentos pulsam a partir do interior.

O recalque originário tem assim um primeiro momento passivo, no qual se implantam os objetos-fonte da pulsão, inscritos num estatuto de espera, e um segundo momento, que corresponde à tentativa que a criança faz de *ligar* essas representações. Esse segundo momento pode se tornar autotraumático e provocar outra fixação, agora pela impossibilidade de tradução. O *infans* recebe da mãe mensagens que apenas veiculam energia, um *quantum* de excitação incapaz de ser dominado pela compreensão – tanto da mãe quanto da criança, sobre a qual se impõe um trabalho de simbolização, de tradução. Aqui o conceito de originário se relaciona com outro conceito fundamental, o da sedução generalizada e das mensagens enigmáticas que impõem a alteridade, sob a forma do “outro adulto”.

A sexualidade materna, a sedução, os significantes enigmáticos tornar-se-ão internos e se transformarão em fontes autônomas de excitação, portanto de pulsão. Num segundo momento, o recalque originário define essas fixações e gera um lugar para essas representações, que permanecerão alheias ao sujeito até emergirem sem passar pelas representações-palavra. A importância desses conceitos na clínica nos permite a abordagem das patologias mais primitivas, nas quais o recalque secundário não é o elemento primordial – como nas neuroses – já que são as representações-coisa que ganham importância. No caso dessas patologias foi provocada uma

invasão no Eu por elementos arcaicos inscritos na psique sem a possibilidade de tradução: o recalçamento primário não conseguiu sepultá-los definitivamente. Na Carta 52 a Fliess de 6.12.1896, Freud diz que, porque fracassaram em sua possibilidade de ligação, esses elementos não favorecem nem facilitam a aparição da angústia-sinal, irrompendo como energia não ligada. Isso determina um colapso do Eu, acompanhado de descargas neurofisiológicas e distúrbios na representação. Em outras palavras, um desamparo do Eu frente à invasão pulsional, um reencontro com o objeto-fonte da pulsão.

Considero que a síndrome do pânico<sup>17</sup>, as diversas compulsões, o *acting*, e muitas patologias que comprometem o corpo, se originam nesses processos. Podemos também pensar que as patologias de inscrição no corpo, como tatuagens – que se transformam numa marca identificatória externa – funcionam como representações-coisa que expressam fantasmas sem palavras na superfície epidérmica.

A revisão que Laplanche faz desses dois conceitos que analisamos confere sustento ao edifício das construções metapsicológicas que Freud desenvolve em sua obra. Aproxima novas leituras e amplia os fundamentos que encontramos no texto freudiano. Em minha opinião, isso

»  
*a revisão que Laplanche faz  
desses dois conceitos que  
analisamos confere sustento ao edifício  
das construções metapsicológicas  
que Freud desenvolve em sua obra.  
Aproxima novas leituras e amplia  
os fundamentos que encontramos  
no texto freudiano*

exemplifica o que significa “voltar sobre os fundamentos”, sem estabelecer uma mudança nos fundamentos. As cenas primárias se mantêm na origem da neuroses, mas esta é profundamente revista. Laplanche avança quanto a conceitos que em Freud não encontram um desenvolvimento satisfatório, e assume como próprio o que não estaria dito por ele. Disponibiliza seu pensamento para que possamos adotá-lo. Retorna a Freud, e faz trabalhar sua obra.

16 J. Laplanche, *op. cit.*, 1978, p. 87-88.

17 A. M. Sigal, “Francis Bacon e o pânico. Um estudo sobre o recalçamento primário”, in: *Escritos metapsicológicos e clínicos*.

## Referências bibliográficas

- Abbagnano N. (1979). *História da filosofia*. Lisboa: Presença.
- Alonso S.; Fuks M. (2014). A construção da masculinidade e a histeria dos homens na contemporaneidade. In Silva Junior N.; Ambra P. (orgs.). *Histeria e gênero*. São Paulo: Versos.
- Bleichmar S. (2014). *Las teorías sexuales en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
- Carpintero E. La crisis del mito de Edipo patriarcal. Editorial revista *Topia*, disponível em: <www.topia.com.ar>.
- Castel R. (1978). *A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Rio de Janeiro: Graal.
- Derrida J. (1989). *La escritura y la diferencia*. Barcelona: Anthropos.
- \_\_\_\_\_. (1990). Différence sexual, différence ontologique. In *Heidegger et la question*. Paris: Champs Flammarion.
- \_\_\_\_\_.; E. Roudinesco. (2004). *De que amanhã... Diálogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud S. (1905/1988). *Tres ensayos de teoría sexual*. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 1.
- \_\_\_\_\_. Fragmentos de la correspondencia con Fliess. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 1.
- Laplanche J. (1987). *El inconsciente y el ello*. *Problemáticas 4*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1985). Vida e morte em Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1988). Teoria da sedução generalizada. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (2015). *Sexual*. Porto Alegre: Dublinense/ Fundação J. Laplanche.
- \_\_\_\_\_. (1992). *La révolution copernicienne inachevée*. *Travaux*. 1965-1992. Paris: Aubier.
- Laplanche J.; Pontalis J.-B. (1986). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morin E. (2005). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa.
- Prigogine I. (1996). *El fin de las certidumbres*. Santiago: Andrés Bello.
- Rezende A. O. (2000). *O paradoxo da psicanálise: uma ciência pós-paradigmática*. São Paulo: Via Lettera.
- Sigal A. M. (1997). A organização genital infantil. In Alonso S.; Leal A. M. (orgs.). *Freud, um ciclo de leituras*. São Paulo: Escuta.
- \_\_\_\_\_. (2002). Algo mais que um brilho fálico. In Alonso S. et. al. (orgs.). *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta.
- \_\_\_\_\_. (2009). O originário: um conceito que ganha visibilidade. In *Escritos metapsicológicos e clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (2009). Algo mais que um brilho fálico: considerações acerca da inveja do pênis. In *Escritos metapsicológicos e clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (2009). Francis Bacon e o pânico. Um estudo sobre o recalçamento primário. In *Escritos metapsicológicos e clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (2015). Todavía el psicoanálisis en el campo de la sexuación. *Revista Generaciones*, año 4, n. 4, Eudeba/Universidad de Buenos Aires.

## Original fantasies and primary repression: concepts of the foundations

**Abstract** This article recalls the visit of Jean Laplanche to Brazil in 1993 and sets out the main elements of their theories, which the author considers useful for clinical practice. Resumes the importance of metapsychology in clinical listening and situates the thought of Laplanche in relation to original fantasies, stressing the fact that for this author there is no protofantasies phylogenetically inherited but its foundation is stemmed on the way in which sexuality is implanted through the other adult, with his own infant repressed sexuality.

**Keywords** original fantasies; sexuality; primary repression; metapsychology.

**Texto recebido:** 08/2016

**Aprovado:** 10/2016



# O conceito de gênero retrabalhado no marco da teoria da sedução generalizada

Silvia Leonor Alonso

**Resumo** Este artigo acompanha a forma pela qual Jean Laplanche retrabalha o conceito de gênero no marco de sua teoria da sedução generalizada. O autor, ao articular o conceito de *gênero* e o de *mensagem* reintroduz o inconsciente do adulto na dinâmica da atribuição de gênero, demonstrando que não se trata só de uma determinação social, pois esta é infiltrada pela sexualidade do adulto que faz a atribuição. Este texto procura mostrar como Laplanche trabalha na fronteira com outras disciplinas e na inclusão de novos conceitos na psicanálise, preservando os fundamentos psicanalíticos ao mesmo tempo que questiona alguns postulados, ou seja, ampliando o campo da teoria psicanalítica sem perder o essencial.

**Palavras-chave** gênero; sedução; enigma; fundamentos; inconsciente.

**Silvia Leonor Alonso** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

A proposta da Revista *Percurso* de realizar um número temático sobre o pensamento de Jean Laplanche ganha sentido para mim, seja pensando em relação ao autor, quanto em relação ao nosso Departamento de Psicanálise. O autor, um dos mais importantes analistas pós-freudianos, sustentou durante sua vida (1924-2012) posições em relação à formação, à análise dos analistas e às instituições, que, somadas à sua extensa produção teórico-metapsicológica, o fizeram ocupar um lugar de enorme influência para analistas do mundo todo. Sua proposta de *fazer trabalhar* a psicanálise, de voltar a Freud para levar seu pensamento adiante a partir dos seus elementos mais avançados, guiaram o intenso trabalho que Laplanche realizou sobre a obra de Freud, não a partir de uma exterioridade e sim permitindo um *trabalho de parto*, na analogia criada por ele próprio. *Fazer trabalhar* Freud para Laplanche significa empurrar suas contradições para que *deem à luz*; herança rica de seu trabalho, mas também consigna adotada por muitos analistas para manter vivo – e ao mesmo tempo em movimento – os fundamentos freudianos.

Sua obra tem entre seus méritos o de tirar do esquecimento ou da banalização muitos dos conceitos freudianos e aproveitá-los em sua riqueza, esclarecendo mal-entendidos, acompanhando suas construções, mostrando como as ideias avançam e por vezes retrocedem, como algumas ideias aparecem e depois se perdem, enfim, oferecendo-nos um método de trabalho de imenso valor.

Muitos de nós, na década de 1970, no caminho marcado pela consigna de *retorno a Freud* tivemos como bússola de leitura



*o conceito de gênero, introduzido no campo da psicanálise por Robert Stoller em 1968, vem levantando muitas reflexões entre os psicanalistas*

os textos de Laplanche, desde o *Vocabulário de Psicanálise*, publicado em 1967 e traduzido para mais de vinte línguas, produto do intenso trabalho de pesquisa sobre os conceitos freudianos no qual se debruçou junto com Jean-Bertrand Pontalis a partir de 1960. Além do *Vocabulário*, fomos guiados também por *Vida e morte em psicanálise*, *A sexualidade*, os seminários ministrados desde 1962 na Escola Normal e desde 1969 na Sorbonne (Universidade Paris VI), que foram reunidos mais tarde na publicação das *Problemáticas*, bem como outros trabalhos que se seguiram. Para muitos de nós, tanto de sua obra quanto de suas posições no campo psicanalítico ficaram marcas significativas.

Não foi por acaso que, das três vezes que Laplanche veio à América Latina, uma delas foi através do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Em 1990, Laplanche participou na Argentina da Jornada *El inconsciente y la clínica psicoanalítica: trabajar sus fundamentos*; em 1993, no evento *Jean Laplanche em São Paulo*, organizado justamente pelo nosso Departamento; e em agosto de 1998 retornou ao Brasil para participar do *IV Colóquio Internacional Jean Laplanche em Gramado: O recalçamento como condição da indicação e da condução da cura*<sup>1</sup>. Sua atuação em São Paulo deixou marcas importantes no trabalho de transmissão do Curso de Psicanálise.

Escolhi centrar este artigo no acompanhamento da forma pela qual Laplanche trabalha o conceito de gênero e como se dá sua inclusão no marco de sua proposta teórica da *teoria da sedução generalizada*. Esse caminho pode nos oferecer uma boa possibilidade de visualização do trabalho metodológico do autor e seu cuidado com os fundamentos da psicanálise.

## Introduzir o conceito de gênero

Em 2003, foi publicado o artigo “O gênero, o sexo e o Sexual”<sup>2</sup>. Laplanche o apresenta como sendo uma síntese de seu seminário de ensino e pesquisa na Associação Psicanalítica da França sobre a questão da “identidade sexual”, como denominada na psicanálise. Laplanche se pergunta sobre a tendência atual em se falar de “identidade de gênero”, levantando uma primeira questão: essa mudança de nomeação é positiva ou está a serviço do recalque do pensamento? Dessa maneira, o autor alerta sobre o perigo que representaria pensar em gênero sem sexualidade, o que anularia a descoberta freudiana fundamental.

Sabemos que o conceito de gênero, muito presente nas reflexões contemporâneas e introduzido no campo da psicanálise por Robert Stoller em 1968, vem levantando muitas reflexões entre os psicanalistas. Visto por muitos de nós como um conceito muito importante na ampliação do pensamento e enriquecedor no entendimento da construção da subjetividade, o conceito de gênero tem também gerado perguntas sobre como pensar seu entrecruzamento com conceitos fundamentais da psicanálise, ou seja, como trabalhar na direção de ampliar o campo conceitual psicanalítico preservando aquilo que ela tem de fundamental, não usando a inclusão de novos conceitos para descartá-la ou encobri-la naquilo que lhe é peculiar. Caminhando nessa direção, Laplanche se preocupa em não entrar simplesmente na tendência *da moda* e se pergunta a serviço do que se fazem certas mudanças de nomeação e quais podem ser suas consequências, alertando para que a mudança de nomeação não acabe sendo um deslocamento do *Sexual* – descoberta freudiana fundamental, na visão do autor – para o sexuado. Mais à frente no texto Laplanche vai se perguntar: “introduzir o gênero em psicanálise seria estabelecer um pacto com aqueles que querem arrefecer a descoberta freudiana? Ou seria, paradoxalmente, um meio de reafirmar, ao contrário, o inimigo íntimo do gênero, o Sexual?”<sup>3</sup>. Será a Freud que Laplanche irá apelar frente à

interrogação de por que introduzir o gênero, afirmando que o gênero estava presente em Freud ainda que nas entrelinhas, não nomeado, o que se explica pelo fato de a língua alemã não permitir o termo. Teríamos que acrescentar que os estudos de gênero surgiram mais tardiamente.

Ou seja, o autor está preocupado em pensar de que forma se introduz o conceito de gênero para que venha ampliar a psicanálise preservando seus fundamentos e não para descartá-la ou deixar de lado o seu eixo fundamental: o da sexualidade. Como afirma Christophe Dejours, na introdução feita por ele à publicação do texto de Laplanche:

[...] se esse risco pode ser descartado é porque Laplanche aborda o gênero de uma forma extremamente original: sem perder de vista sua especificidade sociológica, trata o conceito de gênero a partir da criança e não da sociedade. [...] O gênero segue sendo uma categoria social, mas sua integração na teoria sexual passa por uma análise da forma em que essa categoria é recebida e metabolizada pela criança [...] trabalho psíquico específico e ativo que a criança põe em marcha em resposta a uma mensagem ou uma série de mensagens [...] trabalho psíquico que, procedente da categoria da tradução, nos distancia da noção de interiorização, tão apreciada pelos sociólogos<sup>4</sup>.

Que essas questões sejam colocadas por Laplanche desde o início diz muito do que sempre foi a postura do autor em relação aos conceitos e de sua perspectiva de como a psicanálise se

para Laplanche, a psicanálise é principalmente “uma teoria da sexualidade”, ela é um dos seus fundamentos e só pode sê-lo porque é fundamental no ser humano

amplia ou faz crescer suas fronteiras na conversa com os domínios científicos vizinhos. Na introdução do seu texto “Novos fundamentos para a psicanálise”, Laplanche afirma que “problematizar” é partir do aparentemente lógico e colocá-lo em questão, sendo que a partir dessas problematizações se alcançam “novos ordenamentos, novos conceitos ou um novo ordenamento dos conceitos”<sup>5</sup>. Nesse mesmo texto, Laplanche propõe quatro domínios científicos vizinhos com os quais a psicanálise dialoga: o biológico, o filogenético, o mecanicismo e o linguístico, e nesse diálogo de fronteiras ele insere a relação sexo-gênero. Em 2003, Laplanche reafirma sua posição sobre a importância dessa conversa e defende: é para incluir sim o conceito de gênero na psicanálise, porém com duas condições: *recuperando a sexualidade e problematizando o conceito*<sup>6</sup>.

Sua preocupação com a atualização permanente dos fundamentos da psicanálise coloca em foco a sexualidade, já que para Laplanche a psicanálise é principalmente “uma teoria da sexualidade”, ela é um dos seus fundamentos e só pode sê-lo porque é fundamental no ser humano. Não foram poucas as vezes ao longo de sua obra em que Laplanche se contrapôs a desenvolvimentos de autores que poderiam tentar esvaziar o pensamento psicanalítico desse fundamento. Voltando ao texto “O gênero, o sexo, o Sexual”, Laplanche esclarece de que sexualidade está falando, separando o Sexual do sexuado. Enquanto o sexuado implica a diferença dos sexos, o Sexual é uma sexualidade não procriadora ou mesmo não sexuada; é essencialmente o sexual perverso infantil<sup>7</sup>. Esta sexualidade é infantil, “autoerótica, regida pela fantasia, regida pelo inconsciente”<sup>8</sup>. Anterior à diferença dos

1 Essas informações estão incluídas no texto que escrevi a pedido do Boletim Eletrônico e publicado no número 21, de junho de 2012, em homenagem à morte de Jean Laplanche. Nele constam também outros dados sobre sua vida e obra.

2 Disponível na versão virtual da Revista ALTER, n. 2, e recentemente incluída no livro *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*, de J. Laplanche.

3 J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2008*, p. 162.

4 C. Dejours, “Por una teoría psicoanalítica de la diferencia de sexos. Introducción al artículo de Jean Laplanche”. Tradução livre.

5 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*, p. 9.

6 J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada...*

7 J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada...*, p. 156.

8 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 157.





a crítica central feita pelo autor  
está no fato de o sexo ser entendido  
como biológico e o gênero  
como psicossocial

sexos, ela é “oral, anal, paragenital”<sup>9</sup>, que busca a tensão como caminho do prazer, enquanto o sexuado busca a descarga. A principal diferença entre os registros é que o Sexual é o proibido, aquilo que o adulto condena, portanto “o Sexual é o recalcado, ele é recalcado por ser Sexual”<sup>10</sup>.

### Relação sexo-gênero

O que para Laplanche interessa é fundamentalmente pensar a relação existente entre gênero e sexo. Referindo-se à forma em que alguns autores pensaram essa dupla, Laplanche vai introduzir algumas críticas a eles. Stoller<sup>11</sup> e muitos autores que o seguiram, por exemplo, teriam retomado a oposição biológico (inato) e psicossocial (adquirido), esquecendo-se de que o biológico pode ter expressão psíquica e que o psíquico tem contrapartida neurofisiológica. Nessa compreensão seria mantida, portanto, um binarismo no qual o sexo é entendido como biológico e o gênero como sociocultural, binarismo ao qual Laplanche tenta se opor na sua formulação sobre a relação entre os dois termos. A crítica central feita pelo autor está no fato de o sexo ser entendido como biológico e o gênero como psicossocial, o que implica uma volta ao reducionismo e um retorno à oposição biologia-sociologia. Laplanche distingue sexo e gênero, dizendo que é insustentável colocar de um lado a anatomia e de outro a psicologia. Em 1973-74 o sexo já é definido nas *Problemáticas II* como “o conjunto de determinações físicas ou psíquicas, comportamentos, fantasias, [...] diretamente ligados à função e ao prazer sexuais” enquanto gênero é entendido como “o conjunto de determinações

físicas ou psíquicas, comportamentos, fantasias, etc. ligados à distinção masculino-feminino”<sup>12</sup>. Já em 2003, ao retomar o tema, Laplanche procura entender a relação sexo-gênero na sua complexidade, construindo uma tríade: gênero/sexo/Sexual, e pensando mais especificamente a gênese infantil nesta tríade.

### Retomando as definições de Laplanche:

O gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural como na história das línguas e na evolução social.

O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fálico/castrado.

O Sexual é múltiplo e polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise.

Proposição: o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo<sup>13</sup>.

### Teoria da sedução generalizada

Para entendermos essas proposições, é necessário nos remetermos à *teoria da sedução generalizada*, concebida pelo autor. Teoria pela qual Laplanche tenta dar conta do que está presente nas origens do ser humano, aquilo que seria da ordem do *originário* – não concebido como um *tempo mítico* nem como uma categoria filosófica abstrata e sim concretamente como o *real humano*. Situação originária, *situação antropológica fundamental*, da qual participam a criança e o adulto<sup>14</sup>. Nessa situação originária, a assimetria é estruturante e está dada por uma diferença fundamental: o adulto tem um inconsciente sexual e a criança, não. Para caracterizar melhor essa situação inicial, o autor se refere a uma criança em estado de *desajuda*, ou seja, incapaz de ter uma resposta própria para as necessidades, frente a uma excessiva excitação interior e com uma imensa realidade perceptiva. Do ponto de vista do adulto, Laplanche refere-se a um duplo registro: por um lado há uma relação aberta,

interativa, e por outro uma dimensão desigual, já que está implicada a sexualidade. Ou seja, “há um sedutor e um seduzido, um desviador e um desviado”<sup>15</sup>. Essa situação originária está além das contingências, ela é da índole do universal.

Afirma Laplanche:

[...] o originário é uma criança cujos comportamentos, existentes mas imperfeitos, débeis, estão preparados para deixar-se desviar e um adulto desviante, que se desvia relativamente a toda norma quanto à sexualidade [...] e direi mesmo desviante relativamente a si próprio, na sua própria clivagem<sup>16</sup>.

Duas características centrais definem essa situação originária: a *passividade* da criança e a *assimetria* dos lugares.

Laplanche constrói a teoria da sedução generalizada apoiado nas duas teorias da sedução freudiana, mas entende que consegue dar um passo à frente. Reconhece que os três parâmetros fundamentais da teoria da sedução por ele concebida: *temporalidade a posteriori*, *tópica do sujeito* e *funcionamento tradutivo* já estão presentes na *teoria da sedução restrita* concebida por Freud antes de 1897; no entanto, Laplanche dirá que essas referências não se sustentam ao longo de toda a obra freudiana. Assim, analisa o autor: o conceito de *posterioridade*, que tem durante muito tempo um lugar central na teoria freudiana, irá se esvaír no momento em que Freud tem que responder ao pensamento de Jung, para o qual o passado se constrói a partir do presente. Freud

9 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 157.

10 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 158.

11 Stoller retoma os estudos do sexólogo John Money, a partir dos quais o conceito de gênero entrou como componente importante na constituição da identidade, e em 1968 importou o termo para a psicanálise.

12 J. Laplanche, *Problemáticas II: castração – simbolizações*, p. 26.

13 J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada...*, p. 155.

14 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*.

15 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 111.

16 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 109.

17 S. Freud (1950), “Fragmentos de la correspondencia com Fliess”.

18 S. Freud (1917), El tabú de la virginidad, *Obras Completas*, v. 11.

19 S. Freud (1910), Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci, *Obras Completas*, v. 11.

20 J. Laplanche, *Novos fundamentos...*

»  
*duas características centrais  
definem essa situação originária:  
a passividade da criança  
e a assimetria dos lugares*

não quer responder a partir do caráter meramente imaginário da primeira cena (na sua teoria dos dois tempos) e acaba postulando a existência de uma realidade anterior filogenética, fazendo referência aos fantasmas originários que teriam sido realmente vividos na filogênese. Em relação à segunda referência, a *tópica psíquica*, no entender do autor o *estranho-interno* vai sendo ocupado na obra freudiana pela fantasia e, para que tudo não se dissolva numa *névoa imaginária*, introduz a realidade da pulsão e seu apoio biológico. Já com relação à terceira referência, o *modelo verbal-tradutivo* presente na primeira teoria freudiana e trabalhado na Carta 52<sup>17</sup>, ele vai desaparecendo ao longo do pensamento freudiano.

Na segunda teoria freudiana da sedução, da *sedução precoce*, na qual o pai sedutor é substituído pela mãe que seduz, introduzindo excitação nos próprios cuidados com o bebê, na satisfação de suas necessidades, Laplanche reconhece que Freud ultrapassa nessa formulação o reductionismo das cenas e da psicopatologia para aproximar-se do universal. Sai do anedótico (os fatos dos adultos perversos que seduzem a criança) para aproximar-se do essencial, avançando no solo da realidade efetiva, já que a mãe não pode senão despertar sensações de prazer. Se por um lado esta segunda teoria ganha em universalidade, ela perde em temporalidade, pois nela se afunilam as cenas a um momento primeiro e fundamental. Além disso, Laplanche entende que ela não incorpora o *inconsciente do adulto* apesar de reconhecer que em outros textos, fora da formulação dessa teoria como em “O tabu da virgindade”<sup>18</sup> e “Uma lembrança infantil do Leonardo”<sup>19</sup>, o *inconsciente do outro e seus efeitos* está incluído<sup>20</sup>.



*trata-se portanto de mensagens conscientes e pré-conscientes, mas atravessadas pelo inconsciente do adulto que as envia*

Dessa maneira, na tentativa de preservar a *universalidade* e a *temporalidade a posteriori*, mas ao mesmo tempo de incluir o *inconsciente do adulto*, Laplanche formula a teoria da sedução generalizada. Nela, são pontos centrais o primado do *Ou-tro* e a *simultaneidade assimétrica* adulto-criança.

Em seu texto “Seducción persecución revelación”<sup>21</sup>, Laplanche deixa claro que quando se refere à sedução está se referindo a uma ordem de realidade e não ao fantasma de sedução. Caso se tratasse do fantasma de sedução, não teria por que dar-lhe um lugar de preferência em relação aos outros roteiros originários: a cena originária, castração, retorno ao ventre materno e a sedução. A sedução da qual o autor está falando seria um terceiro domínio da realidade que se coloca entre a realidade material, gestos sexuais verificáveis e a realidade psicológica: formas de apreender a sedução. Esse terceiro domínio da realidade é a realidade da linguagem, e o que caracteriza o lado do adulto nessa situação é o de enviar mensagens linguísticas, pré-linguísticas e paralinguísticas que interrogam a criança e para as quais a criança irá procurar respostas, sentidos; esses significantes, impregnados de significações sexuais inconscientes, serão por ele nomeados de *significantes enigmáticos*<sup>22</sup>. Trata-se portanto de mensagens conscientes e pré-conscientes, mas atravessadas pelo inconsciente do adulto que as envia; o inconsciente do adulto faz ruído nas mensagens, tornando-as opacas para quem as recebe, assim como para quem as enuncia – já que nelas tramita o *fantasma sexual do adulto*.

Na concepção do autor, no processo da criança para habitar a linguagem que a preexiste há algo de traumatizante, o *enigmático*<sup>23</sup>. A lingua-

gem leva em si um sentido que o próprio adulto desconhece, o inconsciente parental que a atravessa, ainda quando ele próprio o ignore. Esse enigma se impõe à criança. Laplanche segue o pensamento de Freud na construção da primeira teoria da angústia, na qual para Freud a criança, diante da excitação sexual que surge perante a visão do coito dos pais, vive uma “inquietante estranheza”, e como não tem nenhuma compreensão possível sobre o percebido, isso se transforma em angústia. Na sedução originária, o enigmático não permite compreensão nenhuma, algo fica em “estado selvagem”; perante os grandes enigmas como o coito dos pais, o nascimento do irmão ou a diferença entre os sexos se desencadeia uma atividade teorizante da criança que produz *teorias sexuais infantis*. “O enigma, aquele cuja origem é inconsciente, é a sedução por si mesma”<sup>24</sup>. A sedução produz um difícil trabalho de simbolização, que põe em jogo a reelaboração tradutiva. Essa tradução será sempre parcial, deixando um resto que não será traduzido, mas deformado, que dará lugar à fantasia inconsciente<sup>25</sup>. As mensagens ficam num primeiro tempo *implantadas* no corpo da criança<sup>26</sup> sem que o eu se aproprie delas, e num segundo momento através do trabalho de tradução se instaura o recalque, e o resto não traduzido forma o inconsciente.

### Reincluindo o inconsciente no conceito de gênero

Será justamente a partir desse modelo tradutivo do inconsciente que Laplanche irá reformular o conceito de gênero, tendo nessa reformulação algumas consignas: não deixar de fora a sexualidade, incluir o inconsciente, não esquecer a temporalidade do *a posteriori*, e não voltar às divisões corpo-mente, biologia-sociologia<sup>27</sup>.

Ligando o conceito de gênero com o de mensagem, Laplanche postula que, das mensagens que os pais transmitem para as crianças, muitas são veiculadas pelos cuidados corporais, seguindo o código do apego, e a partir delas pode-se compreender o surgimento da pulsão. No entanto,

o autor afirma que a comunicação não circula só pela linguagem do corpo mas também pelo código ou a língua social: são as mensagens do *socius*, dentre as quais se destacam as *de designação de gênero*. Perante elas, a criança também terá que exercer a função tradutiva, já que chegam da mesma forma carregando o enigma, aquilo recalcado do adulto que as enuncia.

A afirmação de Dejours é esclarecedora a esse respeito:

[...] quando os adultos atribuem um gênero a uma criança, eles mesmos não sabem exatamente o que entendem por macho ou fêmea, masculino ou feminino, homem ou mulher. É fácil significar a uma criança que ele é um homem. Mas, o que quer dizer ser um homem para o adulto que pronuncia esta designação? Quando um adulto diz a seu filho que ele é um menino, diz a ele ao mesmo tempo tudo aquilo que pensa dos meninos e das meninas, mas também todas as dúvidas que tem sobre o que esconde exatamente a noção de sexo e de gênero. Seguramente podemos afirmar que, por meio desta designação de gênero, o adulto, sabendo-o ou não, confronta a criança com tudo o que pode haver de ambíguo na diferença anatômica dos sexos e no sexual, e isso por causa de suas próprias ambivalências, incertezas e conflitos internos<sup>28</sup>.

Vemos então que Laplanche reinclui no conceito de gênero o inconsciente mas também o conflito, se opondo à concepção de Stoller do gênero como uma marca conflitiva e às concepções que colocam um sexo já existente que seria traduzido, simbolizado pelo gênero. Em suma, se

21 J. Laplanche, *Entre seducción e inspiración: el hombre*.

22 J. Laplanche, *Novos fundamentos...*

23 S. L. Alonso, *O enigma: reduto da sedução originária*. Resenha de Jean Laplanche, *Novos fundamentos para a Psicanálise*.

24 J. Laplanche, *Novos fundamentos...*, p. 134.

25 J. Laplanche, *Entre seducción e inspiración...*

26 J. Laplanche, *op. cit.*

27 J. Laplanche, *Sexual, a sexualidade ampliada...*

28 C. Dejours, *Por una teoría psicoanalítica de la diferencia de sexos*. *Introducción al artículo de Jean Laplanche*.

29 J. Laplanche, *Sexual, a sexualidade ampliada...*, p. 163.

30 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 166-167.

31 J. Laplanche, *op. cit.*

»  
o plano da cultura  
entra na construção do gênero  
oferecendo códigos de tradução  
que permitirão à criança traduzir  
as mensagens enigmáticas

opõe à ideia de “sexo antes do gênero, natureza antes de cultura”<sup>29</sup>.

Voltando então à relação sexo-gênero, Laplanche propõe que o gênero precede o sexo e é simbolizado por ele, ou seja, o gênero estaria em primeiro lugar, se opondo assim ao *primado da base sexuada* que postula primeiro sexo, depois gênero. Para o autor, o central é a *designação*, coincidindo nisso com Stoller mas diferenciando-se dele na medida em que não pensa que a designação se trata do nome e sim de “um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. Poder-se-ia falar de uma designação contínua ou de uma verdadeira prescrição [...] até mesmo do bombardeio de mensagens”<sup>30</sup>. Aqui se abre a possibilidade de pensar o gênero no plural e conflitivo.

Frequentemente se diz que o gênero é social; para Laplanche quem designa é o círculo restrito do *socius* – através de agentes próximos como pais, mães, professores, médicos – e não a sociedade como um todo. Se o gênero é construído socialmente, há de se acrescentar que o sexual se infiltra através das mensagens; esse *socius* da história singular é quem realiza a identificação primitiva, num movimento em que o bebê não se identifica mas é identificado pelo outro que o designa<sup>31</sup>.

O plano da cultura entra na construção do gênero oferecendo códigos de tradução que permitirão à criança traduzir as mensagens enigmáticas. Entre os códigos de tradução, Laplanche irá incluir os roteiros mito-simbólicos que servem para ligar e ao mesmo tempo recalcar o sexual. Para o autor, o capital mito-simbólico tem um lugar importante, ainda que ele próprio advirta sobre a cegueira que pode nos envolver se não nos



Laplanche levanta algumas  
interrogações: quanto dessa lógica  
sobra no masculino-feminino?  
Quanto dela se mantém  
ao longo da vida?

interrogarmos sobre quais são as formações que, no ocidente dos dias atuais, exercem a função mito-simbólica. Cegueira à qual, segundo o autor, a psicanálise nos teria condenado ao tentar impor como único mito contemporâneo versões nascidas da concepção falocêntrica freudiana e lacaniana<sup>32</sup>.

O gênero é organizado, simbolizado pelo sexo. Para Laplanche, o código de tradução deve ser buscado do lado do sexo, mas o autor esclarece que o sexo anatômico não deve ser confundido com a biologia. A anatomia a partir da qual se traduz o gênero é *perceptiva e ilusória*, não podemos atribuir um imediatismo natural à percepção. Esta sempre acontece, na realidade, no seio de uma rede fantasística e de uma certa simbolização. Laplanche dirá também que a percepção da diferença entre os sexos é *contingente*: foi, por exemplo, pela condição bípede adquirida em algum momento histórico da humanidade que se introduziu a invisibilidade dos órgãos sexuais femininos, ou seja, a percepção de um só órgão genital. Dessa maneira, a diferença perceptível não é a diferença fisiológica, mas a primeira foi erigida na nossa civilização no lugar de *significante maior*.

A anatomia perceptível, por sua vez, funciona como *esqueleto de um código* que é o da lógica fálica. Segundo o entendimento de Laplanche, a criança tem acesso à diferença dos gêneros desde muito cedo, distinguindo os homens das mulheres, mas essa diferenciação não é feita pelas diferenças dos genitais e sim pela oposição de comportamentos, funções, gestos e lugares sociais. É somente no interior do Complexo de Castração que a diferença de gêneros passa a ser diferença de sexos, e isso acontece sob o império da lógica fálica como código de tradução.

Na lógica fálica, passa-se da diversidade (*verschiedenheit*) à diferença (*unterschied*), sendo esta da ordem da dualidade e polaridade. Na fase fálica, da diversidade dos atributos se passa à diferença dos sexos com base em dois atributos: fálico e castrado. Mais do que isso, a diferença é marcada pela presença de um atributo: fálico / não fálico. O mundo da criança na fase fálica está marcado por uma polaridade ou contradição absoluta, se atribui uma insígnia a um sujeito e o outro fica no lugar do negativo; há um sexo marcado e outro não. A fantasia infantil tem um valor estruturante para a criança, e o seu desejo se fixa naquilo que seria o significante do sexo, o falo, que passa a ter um valor simbólico<sup>33</sup>.

Laplanche levanta algumas interrogações: quanto dessa lógica sobra no masculino-feminino? Quanto dela se mantém ao longo da vida? Estamos acostumados a pensar a sexualidade em uma lógica binária masculino-feminino, mas não necessariamente teria que ser assim, colocando-se uma nova interrogação: “a universalidade do Complexo de Castração na sua oposição lógica fálico-castrado é incontornável? [...] não existem modelos de simbolização mais flexíveis, mais múltiplos, mais ambivalentes?”<sup>34</sup> No livro “Castração – Simbolizações”, Laplanche estabelece uma oposição entre o simbólico pensado como *mito* único e as *simbolizações plurais*<sup>35</sup>. Essa temática é retomada em 1997, no trabalho sobre os mitos, em que o autor irá afirmar:

Apesar da irresistível conquista do mundo pelo binarismo, é bom lembrar que este auge é contingente se comparado a tantas civilizações nas quais os mitos fundadores não são binários e sim plurais, aceitando a ambivalência no lugar de apostar tudo na diferença<sup>36</sup>.

E,

Enquanto Freud, e Lacan depois dele, erigem o complexo de castração em um Universal da psicanálise – talvez mais universal ainda que o Édipo – o trabalho dos etnólogos não cessou de mostrar que os mitos e rituais de corte, de cerceamento ou de circuncisão possuem um significado muito menos unívoco que essa lógica



fálico-binária na qual a versão moderna quis se acantonar, seja psicanalítica ou pós-psicanalítica. Com Roheim, Bettelheim, e também com Groddeck, o que se perfila é a via de simbolizações menos fixas, eventualmente ambivalentes e até contraditórias<sup>37</sup>.

Para Laplanche, o que a lógica do terceiro excluído e sua premência na civilização ocidental, que vem junto com o reinado do Complexo de castração, querem recalcar é o Sexual. “[...] recalca-lo quer dizer precisamente criá-lo recalcando-o”<sup>38</sup>. As mensagens de gênero são plurais e serão traduzidas em termos do sexo binário. Essa tradução produz o recalçamento da pluralidade e da diversidade de gênero, e o resto da tradução constitui o Sexual; ou seja, a multiplicidade de gênero que chega pelo *socius* restrito, carregando seus conflitos e ambivalências, é recalçada pela lógica fálica e o império de sua binariedade. Na proposição de Laplanche: “o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo”<sup>39</sup>.

Acompanhamos aqui a forma na qual Laplanche retrabalha o conceito de gênero, cuidando para manter os fundamentos da psicanálise mas ao mesmo tempo apontando os lugares em que algo da teoria precisa ser questionado, deixando assim abertos caminhos do pensamento.

Entendo ser muito importante a inclusão do inconsciente no trabalho do conceito de gênero, o que permite retrabalhar o inconsciente parental, o conflito e a história individual. Mas penso também que é necessário tomar cuidado para não esvaziar o conceito de gênero daquilo que lhe é fundamental: o seu marco político, social e cultural e de suas transformações ao longo do tempo. Os estudos de gênero permitiram fazer um questionamento das teorias essencialistas sobre os sexos e a naturalização dos corpos,

é necessário tomar cuidado para não esvaziar o conceito de gênero daquilo que lhe é fundamental: o seu marco político, social e cultural e de suas transformações ao longo do tempo

mostrando que as concepções do masculino e do feminino mudam com os tempos e as culturas, bem como recuperam a importância que os discursos instituídos – religiosos, médicos, científicos e jurídicos – têm na construção das significações de gênero. Ao pensar as diferenças na perspectiva de um longo processo histórico, esses estudos permitiram constatar que as diferenças foram construídas numa lógica que inclui hierarquias e desigualdades, permitindo assim pensar as relações de sexo, identidade e poder. Ou seja, como a sociedade no seu sentido amplo se inclui na produção das subjetividades.

J. Laplanche alerta para a necessária distinção das teorias sexuais infantis das teorias adultas e das próprias teorias psicanalíticas. É importante cuidar para não converter as teorias sexuais infantis – que são datadas, têm um lugar no desenvolvimento libidinal e uma função elaborativa na vida psíquica da criança –, não sejam estendidas à vida toda como se fossem essências, ou não se convertam em teorias psicanalíticas universalizáveis. Também é fundamental pensar como os pressupostos de uma determinada época entraram na construção das teorias psicanalíticas, ficando nelas como pontos cegos necessários de serem trabalhados; vale cuidar para que as teorias psicanalíticas estejam sempre abertas para serem repensadas e para distinguir o que do momento histórico de sua produção está inserido nelas. Finalmente é importante pensar o lugar das teorias-fantasias adultas, quanto delas entram como códigos de tradução na formação das teorias infantis, ocupando um lugar na constituição do recalque, e quanto permitem ressignificar as marcas inconscientes num processo permanente de transformação.

32 J. Laplanche, *Entre seducción y inspiración...*

33 J. Laplanche, *Castração – Simbolizações*.

34 J. Laplanche, *Sexual, a sexualidade ampliada ...*

35 J. Laplanche, *Castração – Simbolizações*.

36 J. Laplanche, *Entre seducción e inspiración...*, p. 206.

37 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 221-2.

38 J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada...* p. 172.

39 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 155.



**Referências bibliográficas**

- Alonso S. L. (1993). O enigma: reduto da sedução originária. Resenha de Jean Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise, Revista Percurso*, n. 10.
- \_\_\_\_\_. (2012). Jean Laplanche 1924-2012. *Boletim Online: Jornal Digital de Membros, Alunos e Ex-alunos* [do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae], n. 21. Disponível em: <[http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b\\_visor&pub=21&ordem=10&origem=ppag](http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=21&ordem=10&origem=ppag)>. Acesso em: 9 set. 2016.
- Dejours C. Por una teoría psicoanalítica de la diferencia de sexos. Introducción al artículo de Jean Laplanche, in *Revista ALTER*, n. 2, disponível em <<http://revistaalter.com/revista/por-una-teoria-psicoanalitica-de-la-diferencia-de-sexos-introduccion-al-articulo-de-jean-laplanche/934/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- Freud S. (1950/1988). Fragmentos de la correspondencia com Fliess. *Obras Completas*, v. I. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1910/1988). Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. *Obras Completas*, v. II. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1917/1988). El tabú de la virginidad. *Obras Completas*, v. II. Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche J. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. Lisboa: Edições 70.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Problemáticas II: castração – simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. El género, el sexo, lo Sexual. In *Revista ALTER*, n. 2, disponível em: <<http://revistaalter.com/revista/el-genero-el-sexo-lo-sexual-2/937/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2008*. Porto Alegre: Dublinense.
- Martínez V. C.; Souza I. S. (2014). O mito das Amazonas em cena: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade e o gênero. *Cad. Psicanál.-CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 171-197, jan./jun.
- Stoller R. (1968). *Sex and Gender*. Nova York: Jason Aronson.

**The concept of gender revisited in the framework of theory of generalized seduction**

**Abstract** This article follows the way Jean Laplanche reworks the concept of gender in the mark of his theory of generalized seduction. The author links the concepts of *gender* and *message* reintroducing the adult unconscious in the gender attribution dynamics, showing that it is not only about social determination, because this one is in-filtered by the adult sexuality – who makes the attribution. This text looks for showing how Laplanche works on the border of other knowledges and includes new concepts in psychoanalysis, preserving the psychoanalytical foundations at the same time questioning some postulates, in other words, increasing the field of psychoanalytical theory without losing the essential.

**Keywords** gender; seduction; enigma; foundings; unconscious.

**Texto recebido:** 07/2016

**Aprovado:** 09/2016

# O universo mito-simbólico ante a curiosidade sexual das crianças

Maria Teresa de Melo Carvalho

**Resumo** O presente artigo analisa as formulações de Jean Laplanche construídas em torno da questão: existiria uma simbolização bem-sucedida? Os conceitos de sublimação e de inspiração, tal como concebidos no interior da teoria da sedução generalizada, ganham destaque nessa análise que toma como mote a curiosidade sexual das crianças, no intuito de explorar a seguinte questão: dentre as diversas possibilidades oferecidas pelo universo cultural como ajuda à simbolização dos enigmas sexuais que habitam a criança, seria possível arbitrar entre aquelas que promoveriam abertura às traduções e aquelas que fracassariam nesse intuito?

**Palavras-chave** curiosidade sexual das crianças; teoria da sedução generalizada; sublimação; inspiração; Jean Laplanche.

**Maria Teresa de Melo Carvalho** é doutora em Psicanálise pela Universidade de Paris VII; professora do curso de especialização em Teoria Psicanalítica da UFMG.

## Introdução

Desde 1992, realizam-se bianualmente as Journées Internationales Jean Laplanche, que reúnem estudiosos da teoria desse autor, em torno de um argumento previamente estabelecido. Até 2010, essas jornadas contavam com a presença de J. Laplanche, sempre aberto ao debate com ex-orientandos, com tradutores de seus livros, alguns colegas da Association Psychanalytique de France ou de seu grupo de estudos em Dijon, além de psicanalistas vindos de outros países e interessados em conhecer mais de perto seu pensamento. Assim é composto o grupo de participantes das jornadas, um grupo que, em geral, não ultrapassa o número de 40 pessoas, para que se possa constituir um verdadeiro grupo de debates, mantendo, dessa forma, o propósito para o qual foi criado. Mesmo após seu falecimento, em maio de 2012, as jornadas bianuais continuam acontecendo com o apoio da Fundação Jean Laplanche, filiada ao Institut de France e criada com o objetivo de dar continuidade aos debates, pesquisas e publicações em torno da obra que Laplanche desenvolveu ao longo de sua vida.

O argumento das jornadas deste ano de 2016, realizadas em junho na cidade alemã de Tutzing, pode ser resumido na seguinte questão: o universo mito-simbólico, concebido como assistente de tradução, poderia funcionar, *a contrario*, como um obstáculo à tradução? O texto que se segue é uma versão reelaborada daquele que apresentei nas jornadas de Tutzing. Cabe aqui explicitar o sentido da palavra composta “mito-simbólico”, tal como introduzida por Laplanche



*as narrativas míticas e/ou simbólicas, disponíveis no universo cultural, podem funcionar como ajuda à tradução para o pequeno sujeito impulsionado por essa excitação*

nas últimas elaborações de sua teoria da sedução generalizada, para que o leitor não familiarizado com essa teoria possa compreender o sentido da questão acima colocada e acompanhar o desenvolvimento da argumentação ao longo deste artigo.

## O mito-simbólico

O termo mito-simbólico foi introduzido por Laplanche para designar os esquemas narrativos, transmitidos e renovados pela cultura, que vêm ajudar o pequeno sujeito a tratar, isto é, a ligar e simbolizar, ou ainda, a traduzir as mensagens enigmáticas traumatizantes que lhe vêm do adulto. Traduzir é, portanto, uma forma de ligar a excitação pulsional desencadeada pela mensagem do outro. As narrativas míticas e/ou simbólicas, disponíveis no universo cultural, podem funcionar como ajuda à tradução para o pequeno sujeito impulsionado por essa excitação.

Tomemos, por exemplo, o mito de Édipo. Lembrando-nos de que o complexo de Édipo foi e continua sendo um mito, desde sua versão sofocliana até as versões freudianas e pós-freudianas, Laplanche afirma que: “Ele ajuda a criança a dar uma forma narrativa – à custa de sua própria culpa – às mensagens sexuais, muitas vezes bem mais cruas, que lhe são veiculadas pelos pais, pelo adulto [...]”<sup>1</sup>. E acrescenta: “Esses romances, esses roteiros variáveis entre os indivíduos, seriam, pois, da ordem de esquemas narrativos culturalmente transmitidos, e não, como gostaria a teoria

clássica, da ordem de fantasias filogenéticas, pretensamente ‘originárias’”<sup>2</sup>.

Se o mito-simbólico é um recurso que serve à tradução da mensagem enigmática que vem do outro, isso indica que seu estatuto metapsicológico não é aquele de um conteúdo do Inconsciente, muito menos o de um inconsciente originário. Ao contrário, ele está do lado dos conteúdos que servem ao recalçamento, daquelas representações cujo investimento servirá de barreira à emergência da excitação pulsional livre, desenfreada, ou dos restos do processo de tradução, estes, sim, pertencentes ao Inconsciente. É importante observar também que o uso dos termos mito e simbólico na palavra composta mito-simbólico indica o reconhecimento da importância do pensamento freudiano sobre o mito e da importância do pensamento de Lacan sobre o simbólico, mas a noção que daí resulta contém, em sua nova concepção, uma crítica do lugar que coube ao mito em Freud e, ao mesmo tempo, do lugar ocupado pelo Simbólico em Lacan. Ou seja, o termo mito-simbólico vem reafirmar a legitimidade de se introduzir as noções de mito e de simbólico no campo da psicanálise, mas sua concepção no contexto da teoria laplancheana contém uma crítica à abordagem filogenética do mito em Freud, assim como uma crítica à abordagem linguística do Simbólico em Lacan.

Esperamos que o sentido dessa crítica se torne mais claro ao longo de nossa argumentação e, em particular, no item dedicado à questão das simbolizações bem-sucedidas. Antes de chegar lá, no entanto, é importante esclarecer a segunda parte do nosso título, a curiosidade sexual das crianças. Ou seja, por que abordar a questão proposta no argumento das jornadas de 2016 a partir da curiosidade sexual das crianças?

## Os adultos ante a curiosidade sexual das crianças

Analisando o material disponível hoje para a educação sexual das crianças – quer sejam os livros infantis, os sites que contêm orientações para os pais

ou material para as próprias crianças, como vídeos ou animações em geral – observamos que a referência aos mitos ou lendas sobre a concepção e o nascimento dos bebês ou sobre a diferença entre os sexos, entre outras questões que normalmente são formuladas pelas crianças, cedeu completamente seu lugar às narrativas que privilegiam a “verdade” sobre a sexualidade. O mesmo podemos constatar ouvindo os pais no cotidiano de nossa clínica com crianças, ou os testemunhos espontâneos de pais em conversas em família, ou entre amigos.

É curioso notar também que, embora se considerem preparados para dizer a verdade quando confrontados com a curiosidade sexual dos filhos, por entenderem que essa é a postura correta, são sempre pegos de surpresa pelo momento ou pela forma em que as perguntas são feitas, ou ainda porque deparam, não com as esperadas perguntas, mas com manifestações da sexualidade infantil, como a masturbação, entre outras. Em geral sentem-se confusos ou inseguros sobre o que dizer ou como agir.

Parece que, de fato, a evolução dos costumes e, em particular, a “revolução sexual” têm sido fonte de muitas ilusões, conforme vem afirmando Jacques André<sup>3</sup>. Não se trata, evidentemente, de negar as conquistas dessa evolução, como a superação de vários tabus, de repressões excessivas, etc., mas de reconhecer que a liberação sexual não se traduz, de forma equivalente, por uma liberação da vida psíquica. No caso dos pais, ou dos adultos em geral, confrontados com a curiosidade sexual das crianças, ainda que abertos às conquistas da liberação sexual, não estão imunes a que suas fantasias sexuais inconscientes venham parasitar suas respostas ou suas informações à criança. Isto

»»  
*parece que, de fato,  
a evolução dos costumes e,  
em particular, a “revolução sexual”  
têm sido fonte de muitas ilusões,  
conforme vem afirmando  
Jacques André*

é, suas fantasias sexuais inconscientes podem se impor, quando propõem às crianças uma ajuda na tradução dos enigmas da sexualidade. A teoria de Jean Laplanche tem muito a nos ensinar sobre esse descompasso entre a assim chamada “liberação sexual” e a permanência, no inconsciente, da sexualidade infantil recalçada.

As proposições freudianas sobre o esclarecimento sexual das crianças à luz da teoria da sedução generalizada

Dizer a verdade às crianças em resposta à sua curiosidade sexual foi a recomendação de Freud no primeiro artigo que escreveu sobre o tema<sup>4</sup>. Um ano mais tarde, no artigo sobre as teorias sexuais infantis, ele apresenta uma análise bem mais complexa da questão, ressaltando a relação estreita entre a curiosidade sexual da criança e a operação do recalçamento. Afirma que as respostas evasivas do adulto ou aquelas que propõem à criança mitos e fábulas sobre a origem dos bebês, por exemplo, provocam sua desconfiança e a levam a suspeitar de que o adulto esconde algo que é proibido, passando a manter secretas suas pesquisas ulteriores. Esta seria a ocasião do primeiro conflito psíquico, conforme ele esclarece: de um lado permanecem as concepções pelas quais a criança sente uma preferência de natureza pulsional, mas que não são aquelas do adulto e, de outro, ficam as concepções creditadas pela autoridade do adulto, mas que não satisfazem a criança<sup>5</sup>.

1 J. Laplanche, “Castração e Édipo como códigos e esquemas narrativos”, in: *Sexual*, p. 286.

2 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 286.

3 Cf. J. André, *La sexualité féminine*, p.11 e J. André (org.), *Les 100 mots de la sexualité*, p. 67.

4 S. Freud, “O esclarecimento sexual das crianças”, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IX, p. 135-144.

5 Cf. S. Freud, “Sobre as teorias sexuais das crianças”, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IX, p. 217.



*Freud reconhece que mesmo as respostas corretas dos adultos têm o efeito de ocasionar uma dissociação na mente da criança, que não as assimila prontamente*

Em um texto tardio, “Análise terminável e interminável”, de 1937, Freud retoma essa questão ao comparar as limitações do alcance profilático de uma análise com as limitações do esclarecimento sexual das crianças e reconhece que os efeitos preventivos desse esclarecimento têm sido grandemente superestimados, embora ele não seja prejudicial ou desnecessário. Faz uma outra comparação curiosa: “Por longo tempo após receberem esclarecimentos sexuais, elas se comportam como as raças primitivas que tiveram o cristianismo enfiado nelas, mas que continuam a adorar em segredo seus antigos ídolos”<sup>6</sup>. Reconhece, portanto, que mesmo as respostas corretas dos adultos têm o efeito de ocasionar uma dissociação na mente da criança, que não as assimila prontamente e continua com suas antigas teorias sexuais.

Ora, uma tal constatação remete-nos à ideia de uma inadequação de linguagens entre o adulto e a criança, conforme a entende a teoria da sedução generalizada. Essa inadequação seria, no fundo, como nos diz Laplanche, “inadequação da criança ao adulto, mas também e primordialmente, inadequação do adulto ao objeto-fonte que age nele mesmo”<sup>7</sup>. Se a criança permanece presente no adulto, este, diante da criança, será particularmente suscetível ao infantil que o habita<sup>8</sup>. É nesse sentido que ele afirma que o segredo dos adultos não é somente um elemento negativo, algo subtraído à criança, mas abre também a possibilidade para que a criança resguarde o seu domínio secreto ou, eventualmente, compartilhado com outras crianças, com suas próprias

concepções e suas fantasias sobre a sexualidade. É como se o domínio reservado dos adultos funcionasse como garantia de um domínio reservado da criança e, nesse sentido, podemos entender a dimensão estrutural aí implicada. Ou seja, o domínio reservado do adulto remete a um domínio proibido, a uma clivagem psíquica, e isso permite que se constitua, do lado da criança, uma clivagem semelhante, aquela que estabelece o inconsciente como domínio psíquico separado do pré-consciente-consciente<sup>9</sup>.

As narrativas mito-simbólicas como ajuda à tradução dos enigmas da sexualidade

Do que foi exposto até aqui, depreende-se que, segundo a teoria da sedução generalizada, o adulto, diante da criança, ocupa simultaneamente duas posições: ele é sedutor, mas também aquele que pode fornecer à criança uma “ajuda à tradução” das mensagens enigmáticas nela implantadas, quando estas passam a exercer seu potencial de excitação. A expressão “ajuda à tradução”, adotada por Laplanche a partir de uma sugestão de Francis Martens, estudioso de sua teoria, foi definida nos seguintes termos:

Confrontado às mensagens do adulto comprometidas pelo inconsciente, logo, enigmáticas, intraduzíveis somente pelos meios dos códigos relacionais que tem à sua disposição (códigos autoconservativos), o *infans* deve recorrer a novos códigos. Mas ele não os inventa a partir de nada. Possui a seu alcance, muito cedo, por seu meio cultural geral (e não unicamente familiar), códigos, esquemas narrativos pré-formados. Poder-se-ia falar de uma verdadeira “ajuda à tradução” proposta pela cultura ambiente<sup>10</sup>.

Como ilustração da importância da ajuda à tradução proporcionada pelo universo mito-simbólico, retomaremos, a seguir, a discussão do caso clínico de Antônio, feita por S. Bleichmar em seu livro *Nas origens do sujeito psíquico*. Esse livro baseia-se em sua tese de doutorado, realizada sob a

orientação de Laplanche, e nos mostra as implicações da teoria da sedução generalizada na clínica com crianças. Antônio, de 10 anos de idade, foi encaminhado a Bleichmar devido a uma acentuada e persistente dificuldade de aprendizagem, cujo traço mais chamativo, segundo seus professores, era a dificuldade de memorização. Já havia passado, sem sucesso, por atendimento psicopedagógico, aulas particulares e mudança de escola.

Na primeira entrevista conjunta mãe-criança, alguns momentos da fala da criança, em resposta à fala da mãe, chamaram a atenção de Bleichmar. Ao relatar acontecimentos muito precoces da infância do filho, a mãe se lembrou de que, quando Antônio ainda não havia completado um ano de idade, ela ficou grávida novamente, embora estivesse com problemas no casamento. Aos três meses de gestação teve um aborto espontâneo, o que a deixou muito triste. Ao ouvir a referência ao aborto, Antônio toma a palavra e acrescenta: “Ah, sim, no banho. Puseram o bebê em um frasco. Eu estava na sala e de repente havia muito sangue (vermelho), mamãe foi ao banheiro, trouxeram um frasco. Vi o frasco, mas *não vi nada*”<sup>11</sup>. A mãe continua então seu relato, dizendo que voltou a ficar grávida e que teve seis meses de uma gravidez tranquila. Volta-se então para Antônio e lhe pergunta se ele se recorda do que aconteceu em seguida, ao que ele responde: “Sim, havia muito sangue no chão outra vez; tive medo que morresse. Não queria ficar em casa, íamos ao hospital. Havia um murinho e um vidro, aproximei-me e vi um tubo que tinha um aquário, embaixo havia algodão, o menino estava agarrado ao tubo, dando voltas, voando”<sup>12</sup>. A mãe acrescenta: “Tinhas dois anos e três meses”<sup>13</sup>.

6 S. Freud, “Análise terminável e interminável”, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, p. 266-267.

7 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*, p. 138-139.

8 Cf. J. Laplanche, *op. cit.*, p. 111.

9 Cf. J. Laplanche, *Problemáticas II – Castração simbolizações*, p. 27-28.

10 J. Laplanche, “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada”, in: *Sexual*, p. 201-202.

11 S. Bleichmar, *Nas origens do sujeito psíquico – do mito à história*, p. 81 (grifos de Bleichmar).

12 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 81.

13 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 81.

nos termos da teoria da sedução generalizada, tratar-se-ia de um fracasso radical de tradução das mensagens enigmáticas que teriam sido implantadas no psiquismo de Antônio.

Em se tratando de um menino com dificuldade de memorizar, é curioso constatar a presença de muitos detalhes nas recordações de vivências tão antigas, de momentos tão precoces. Bleichmar observa que essas recordações revelam acentuada vivacidade sensorial e dizem respeito a um acontecimento com grande potencial traumático, além de estarem muito diretamente ligadas à sexualidade materna. Tais características, juntamente com outros elementos do caso, levaram a autora a trabalhar com a hipótese de um fracasso do recalçamento no processo de constituição psíquica dessa criança. Nos termos da teoria da sedução generalizada, tratar-se-ia de um fracasso radical de tradução das mensagens enigmáticas que teriam sido implantadas no psiquismo de Antônio. Com efeito, os elementos de suas recordações aparentam-se muito mais a fragmentos de mensagens enigmáticas do que a lembranças encobridoras. Parecem evocar fragmentos de cenas vistas, pedaços de falas ouvidas num contexto em que mensagens enigmáticas teriam sido veiculadas.

Bleichmar supõe então que não se trata, no caso da dificuldade de aprendizagem de Antônio, de uma inibição neurótica em decorrência do recalçamento secundário, mas sim da não constituição da curiosidade intelectual em decorrência de um fracasso radical do recalçamento. Não havendo a barreira do recalçamento, fica aberta a possibilidade de um movimento regressivo no interior do psiquismo em direção ao polo perceptivo, o que mantém investidas as marcas mnêmicas originárias e impede seu ocultamento por





Silvia Bleichmar diz:

“ao tentar escapar à mentira tradicional: ‘cegonha’, ‘repolho’, ‘semente’, [a mãe] passou do plano do recalçamento ao plano da promiscuidade”

inscrições posteriores. Vejamos, em seguida, um dos elementos do caso clínico, considerado por Bleichmar como elemento-chave para a formulação de sua hipótese, o que nos remeterá novamente ao tema do esclarecimento sexual das crianças. “Não sei se é necessário, Antônio sabe tudo acerca do que lhe posso dizer, eu não tenho segredos para com meu filho”<sup>14</sup>, foi a resposta dada pela mãe de Antônio à analista, quando esta propôs uma sessão a sós com ela no intuito de abrir um espaço no qual pudessem vir à tona informações ou reflexões as quais não gostaria de expor o filho.

Dizer a verdade aos filhos, manter com eles um diálogo franco, colocar-se como sua (seu) melhor amiga (o), faz parte de uma ideologia que orienta muitos pais nos dias de hoje. Sem querer menosprezar o fato de que essa ideologia encerra o desejo de acertar e de superar os antigos entraves e repressões excessivas na relação pais-filhos, pensamos que, no que ela tem de formação reativa, isto é, de comprometimento com desejos e sentimentos ambivalentes e inconscientes, pode levar a muitos equívocos. No caso da mãe de Antônio, o “não tenho segredos para com meu filho” parece ter funcionado como alibi para que o filho fosse exposto a informações e situações que, embora verdadeiras, não o eram para o menino, senão desde a realidade da mãe, conforme argumenta Bleichmar, que diz ainda: “ao tentar escapar à mentira tradicional: ‘cegonha’, ‘repolho’, ‘semente’, [a mãe] passou do plano do recalçamento ao plano da promiscuidade”<sup>15</sup>. Essa

afirmação bastante contundente aponta para a importância dos assistentes de tradução, tais como o mito da cegonha a que a autora se refere, entre outros, que podem ajudar a preservar o espaço do segredo entre mãe e criança, ou entre adultos e criança. Além das lendas, fábulas ou mitos, as informações baseadas em conhecimentos científicos – divulgadas sob a forma de livros, vídeos, etc. – também fazem parte dos esquemas narrativos construídos pelo universo cultural para fazer face às questões sobre a concepção e o nascimento dos bebês e, certamente, têm um lugar importante para as crianças maiores, que já não podem mais se contentar com a história da cegonha. Esse patrimônio do universo mito-simbólico, que normalmente é apresentado à criança pelo seu entorno, pode funcionar como mediação entre o adulto e a criança, de forma a preservá-la de uma exposição imediata e excessiva às fantasias inconscientes que parasitam a comunicação adulto-criança.

Depois dos desenvolvimentos acima, esperamos que o leitor tenha apreendido o sentido da questão/argumento das jornadas Jean Laplanche de 2016: o universo mito-simbólico, concebido, antes de tudo, como estando a serviço da tradução da mensagem enigmática, não poderia funcionar, *a contrario*, como obstáculo à tradução? Ao que podemos acrescentar: dentre as várias características dos esquemas narrativos, seria possível arbitrar sobre aquelas com maior potencial para funcionar como assistente de tradução em oposição àquelas que levariam ao fracasso nesta tarefa? Podemos encontrar, nas elaborações de Laplanche, sinalizações que nos orientem na abordagem dessas questões? É o que passaremos a considerar em seguida.

Existiria uma (ajuda à) tradução “bem-sucedida”?

Retomamos com o subtítulo acima a última frase do livro *Problemáticas II – Castração simbolizações*, nela substituindo deliberadamente o termo



simbolização pelo termo tradução, por entendermos que, em certa medida, se equivalem, e também para expressar nosso propósito de refletir sobre os desdobramentos dessa questão nas formulações mais avançadas da teoria da sedução generalizada, remontando, para tanto, aos momentos precoces do percurso em espiral que caracteriza a trajetória de Laplanche.

Nesse percurso em espiral, encontramos três momentos em que Laplanche desenvolve a questão acima colocada. O primeiro momento equivale exatamente ao livro acima referido, o segundo encontra-se em *Problemáticas III – A Sublimação*, e o terceiro corresponde a um artigo bem posterior à formalização da teoria da sedução generalizada, intitulado “Sublimação e/ou inspiração”.

Em *Castração simbolizações*, como o próprio título indica, é a teoria da castração ou, de modo mais geral, a castração que está no centro da reflexão de Laplanche. O seu percurso argumentativo é orientado por uma questão central que diz respeito ao estatuto metapsicológico da castração: qual é precisamente o estatuto metapsicológico da castração? Do ponto de vista tópico, a castração faria parte do conteúdo primário do isso ou, ao contrário, seria solidária das camadas “superiores”, as camadas do eu e do supereu? Ou ainda, do ponto de vista dinâmico, a castração estaria ligada aos aspectos mais primitivos de nossas pulsões ou seria, ao contrário, um modo de organização secundário, uma maneira de ordenar o pulsional polimorfo das origens?<sup>16</sup>

O leitor familiarizado com a teoria da sedução generalizada conhece bem as proposições de Laplanche que situam a castração do lado da simbolização, como uma espécie de lei culturalmente inculcada, contingente relativamente ao que é da ordem do pulsional mais originário. A castração como simbolização lança a questão de sua relação com aquilo que ela viria simbolizar. Se ela

»  
o leitor familiarizado com  
a teoria da sedução generalizada  
conhece bem as proposições  
de Laplanche que situam  
a castração do lado  
da simbolização

é ordenação de elementos diversos, que fazem parte do assim chamado complexo de castração, tais como elementos perceptivos e empíricos, isso significa que ela opera, *a posteriori*, sobre algo preexistente a essa ordenação. Portanto, afirma Laplanche, “não há somente efeito de posterioridade, mas também efeito de antecipação”<sup>17</sup>, o que o leva a sublinhar “a insuficiência dos ingredientes da história circunstancial, da vivência empírica de tal ou tal criança em relação a esse efeito”<sup>18</sup>.

Buscando trazer à tona aquilo que Freud teria acrescentado como catalisador a esses ingredientes para tornar possível a passagem a uma nova ordem simbólica, Laplanche encontra três possíveis vias para a formulação de uma resposta. A primeira delas é a tese das fantasias originárias, tese que foi submetida a uma análise crítica em diversos momentos de sua obra. A segunda, pouco explorada por Freud, pode ser depreendida da leitura do texto “O tabu da virgindade”, texto bastante original relativamente a outros momentos do pensamento freudiano, no qual Laplanche ressalta a relação da castração com a sedução materna. Nessa segunda via, surge uma nova tese: a lei da castração não seria veiculada apenas por ameaças ou herdada como esquema que se eterniza, mas seria percebida e interiorizada a partir de uma percepção do inconsciente materno e do próprio complexo de castração presente na mãe<sup>19</sup>. A terceira via, enfim, é encontrada nas discussões de Freud com Rank a respeito de uma genealogia da angústia de castração e do papel capital das primeiras experiências infantis de angústia como

14 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 81.

15 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 89.

16 Cf. Laplanche, *Problemáticas II – Castração...*, p. 163-164.

17 Cf. Laplanche, *op. cit.*, p. 160.

18 Cf. Laplanche, *op. cit.*, p. 160.

19 Cf. Laplanche, *op. cit.*, p. 161.



*tanto do ponto de vista formal quanto do ponto de vista do conteúdo, os elos que ligam a circuncisão à castração são, simultaneamente, elos de metáfora, de metonímia e de oposição*

angústia de separação. A análise dessas discussões traz à tona a estreita ligação da angústia de separação com o abandono do sujeito indefeso ante o ataque pulsional.

Na segunda e terceira vias já estão delineadas ideias que ganharão corpo na teoria da sedução generalizada, quais sejam, a castração como mensagem enigmática do outro e como angústia gerada pela interiorização dessa mensagem. Podemos também dizer que se a angústia de castração é precedida de angústias pré-genitais, ela deve ser entendida como uma tentativa de simbolização num nível diferente das tentativas precedentes, todas visando ao domínio do ataque pulsional que tem sua origem na sedução do outro. Essas proposições implicam ainda que a castração, enquanto simbolização da angústia, que surge no momento em que a criança depara com o enigma da diferença entre os sexos, pode, ela própria, vir a ser simbolizada numa sucessão de níveis de simbolização. Ou seja, a castração tanto pode ser simbolização, estando do lado do domínio da angústia, quanto ser fonte de angústia, estando do lado daquilo que deve ser simbolizado.

E o que podemos dizer da teoria da castração como simbolização do enigma da diferença entre os sexos? Seria ela uma simbolização verdadeira, uma simbolização bem-sucedida? Teria realmente eficácia simbólica? Um dos objetivos específicos de Laplanche em *Castração, simbolizações*, objetivo que se entrelaça com a discussão sobre o estatuto metapsicológico da castração, é

justamente o questionamento do lugar central que foi atribuído por Freud, e, em seguida por Lacan, ao complexo de castração com sua lógica fálica, binária, como um Universal da psicanálise, como uma espécie de simbolização maior, cuja eficácia seria inquestionável. Retomando, em uma minuciosa análise, contribuições de autores como Bettelheim, Reik, entre outros que se dedicaram ao estudo da circuncisão como prática ritual ou como rito de iniciação em diferentes culturas, Laplanche busca mostrar que tais ritos, se, por um lado, são simbolizações da castração, por outro, contêm uma significação muito menos unívoca do que aquela da lógica fálica.

Passamos diretamente às suas conclusões que apontam a relação profundamente e originariamente ambígua da circuncisão com a castração e com a diferença dos sexos. E essa relação ambígua, afirma Laplanche, “é própria de toda verdadeira simbolização, se esta significar uma certa abertura e não, pelo contrário, um fechamento. Relação ambígua no que se refere à diferença dos sexos, tanto do ponto de vista formal quanto do ponto de vista do conteúdo, os quais, aliás, se conjugam”<sup>20</sup>. Tanto do ponto de vista formal quanto do ponto de vista do conteúdo, os elos que ligam a circuncisão à castração são, simultaneamente, elos de metáfora, de metonímia e de oposição. A significação de castração está certamente presente nos ritos de circuncisão, mas diversas outras significações poderiam concretizar-se neles, inclusive a significação de desfeminização<sup>21</sup>.

Vemos na citação transcrita acima o emprego da expressão “verdadeira simbolização” e, na sequência do texto, aparecem também as expressões “simbolizações bem-sucedidas” e “simbolizações abertas”. Mas quando constatamos que Laplanche termina *Castração simbolizações* com a pergunta: “existiria uma simbolização bem-sucedida?”, concluímos que ele não considerou conclusivas as balizas propostas até então para uma possível resposta a essa questão. Com efeito, ele a relançou no livro seguinte, que trata da sublimação.

Vejamos, em suas próprias palavras, como ele resume suas conclusões anteriores a respeito

de uma simbolização bem-sucedida, ao introduzir a sublimação:

Ao cabo dessa investigação sobre o paradigma dos rituais da puberdade, duas condições nos parecem, pois, destacar-se para que uma simbolização possa verdadeiramente sê-lo, isto é, marcar uma etapa, uma passagem, o acesso a um novo status. Essas duas dimensões necessárias à “eficácia simbólica” – pluralência e mesmo contradição interna do símbolo e possibilidade de uma assunção subjetiva – são, de fato, complementares, e reúnem-se num terceiro conjunto de condições: os fatores temporais, eminentemente dialéticos, que regem as sequências de inscrição, os remanejamentos – ou, pelo contrário, as repetições não mutativas – das experiências simbolizantes: tempo do trauma, tempo da iniciação, tempo da interpretação psicanalítica<sup>22</sup>.

Ainda que tenha, de certa forma, definido acima uma simbolização bem-sucedida, Laplanche continuará perseguindo essa questão no livro sobre a sublimação. Em sua introdução, ele diz o seguinte: “Falar de simbolização bem-sucedida ou não implica, sem dúvida alguma, um juízo de valor, e isso nos leva a indagar o que será uma simbolização ‘patológica’, em relação àquela que seria, senão normal, pelo menos aberta para um devenir”<sup>23</sup>.

A noção de compulsão à repetição, retomada de Freud, servirá de suporte à hipótese de uma simbolização patológica, permitindo a Laplanche colocar em evidência, nos exemplos freudianos de neurose de destino, “essa espécie de compulsão do símbolo que parece superar a vontade individual, superar o sujeito que se supõe simbolizar”<sup>24</sup>. Ou seja, longe de sermos sempre sujeitos da simbolização, podemos estar à mercê desta. A compulsão à repetição seria, portanto, o caso típico de uma simbolização patológica, fechada num ciclo repetitivo. Mas convém interrogar: poderia existir uma simbolização não patológica, ou seja, que

»  
a própria noção de sublimação  
não é clara na obra freudiana,  
de modo que a longa discussão  
empreendida nas *Problemáticas III*  
buscará mostrar como é necessário  
repensá-la e redefini-la

não fosse condenada à reduplicação dele? “Simbólica repetitiva e eficácia simbólica? Desconfiemos de uma distinção tão marcada de otimismo, desconfiemos de qualquer entusiasmo [...]”<sup>25</sup>, afirma Laplanche, reconhecendo nesse momento a dificuldade em traçar uma linha que delimite essas duas formas de simbolização. Mesmo encarando com cautela essa delimitação, ele indica que a sublimação poderia estar do lado de uma simbolização bem-sucedida, na medida em que é tida como um destino pulsional menos defensivo do que o recalçamento e como um desfecho favorável do processo de análise.

Mas a própria noção de sublimação não é clara na obra freudiana, de modo que a longa discussão empreendida nas *Problemáticas III* buscará mostrar como é necessário repensá-la e redefini-la a partir do conjunto conceitual do qual faz parte: transformação do sexual em não sexual; sublimação desde o começo, independentemente do recalçamento, entre outras ideias, serão submetidas a uma investigação crítica. Essa longa investigação tem como fio condutor a análise do texto freudiano “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”. Laplanche irá acompanhar Freud na busca dos elos entre a curiosidade intelectual – no caso a paixão de Leonardo pela investigação científica – e a curiosidade sexual que seria aquela do menino Leonardo. Suas conclusões colocarão em relevo a relação entre a sublimação, o traumatismo e a simbolização, entendida aqui como a possibilidade de ligação desse traumatismo. Tal relação, extremamente importante para a concepção

20 Cf. Laplanche, *op. cit.*, p. 249.

21 Cf. Laplanche, *op. cit.*, p. 250.

22 J. Laplanche, *Problemáticas III – A Sublimação*, p. 4.

23 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 6.

24 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 8.

25 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 9.



*quanto às formas pelas quais se fazem as ligações, Laplanche propõe a distinção entre aquelas que se dão pela via narcisista/gestaltista e aquelas que se dão pela via dos sistemas simbólicos*

laplancheana da sublimação, será retomada quase 20 anos depois no texto “Sublimação e/ou Inspiração”, texto de uma riqueza e de uma densidade impressionantes, cujo enfrentamento se faz necessário para tentarmos entender suas últimas formulações sobre a questão que nos ocupa.

Lembrando que a sublimação é um conceito totalmente impregnado de metapsicologia e, mais especificamente, de teoria das pulsões, Laplanche rediscute as imprecisões que ali perduram desde Freud. Essas imprecisões dizem respeito tanto à ideia de que a sublimação seria um destino menos defensivo do que o recalçamento<sup>26</sup>, quanto à dificuldade do critério “valorização social” para se pensar a alquimia que leva a pulsão a um destino mais “sublime”.

Não cabe aqui entrar nos detalhes dessa discussão e sim apontar, entre suas conclusões, aquelas que são mais relevantes para nosso propósito. A primeira delas leva-nos a considerar que a sublimação não tem nada de um processo à parte relativamente ao conjunto dos processos psíquicos que podemos denominar de processos de ligação. Nas palavras de Laplanche: “A sublimação, tal como fomos levados a concebê-la, não tem nada de um processo à parte. Ela é, deveríamos dizer, o processo normal de aculturação pela qual o eu tenta, sem cessar, a drenagem do *Zuydersee* do isso, transpondo em parte as pulsões de morte em pulsões de vida”<sup>27</sup>.

Embora tome emprestadas certas formulações freudianas a respeito da transposição das pulsões de morte em pulsões de vida, é importante lembrar

a especificidade que a teoria pulsional adquire na teoria da sedução generalizada, como também a forma pela qual são concebidos os processos de ligação. Estes dizem respeito à ligação da excitação desencadeada pela mensagem enigmática do outro e dependem de uma tradução dessa mensagem. Os restos da tradução permanecerão como fonte contínua de pulsão, da pulsão sexual de morte, força eminentemente disruptiva e avessa a ligações, à homeostase ou às sínteses egoicas, na medida em que têm como objeto-fonte um aspecto clivado do objeto, um índice de objeto. Por outro lado, o produto das traduções constituirá o lugar de circulação da pulsão sexual de vida, força agregadora cujo objeto-fonte é um objeto “total”, regulador.

Quanto aos processos de ligação, ou seja, quanto às formas pelas quais se fazem as ligações, Laplanche propõe a distinção entre aquelas que se dão pela via narcisista/gestaltista e aquelas que se dão pela via dos sistemas simbólicos. Considera o segundo tipo como um processo de ligação mais complexo e, poderíamos concluir, mais bem-sucedido do que o primeiro. Vejamos como ele os opõe:

À estupidez da ligação narcisista/gestaltista, na qual a totalidade unificadora impõe-se sem mediação, vem contrapor-se a complexidade das ligações simbolizantes e dos sistemas simbólicos nos quais – se quisermos nos referir a marcos filosóficos – o objeto e o conceito são necessariamente correlacionados a cenários, a proposições e a julgamentos<sup>28</sup>.

Embora os distinga dessa forma, observa que são dois modos de ligação complementares e associados, ilustrando essa ideia com a referência a um personagem tão caro a Freud: “não há Aníbal nem identificação a Aníbal, sem a lenda de Aníbal. Mas não há lenda de Aníbal, sem que o eu venha especularmente fazer destacar-se o personagem no seio de sua história”<sup>29</sup>.

Vemos que o critério de abertura a possibilidades de remanejamento é o que define, novamente, uma ligação ou tradução bem-sucedida nessa nova discussão de Laplanche.



*Laplanche irá colocar em relevo, sobretudo, o produto das sublimações de Leonardo em sua obra artística, apontando aquilo que o caracterizaria como uma simbolização bem-sucedida*

A complexidade da rede de ligações simbolizantes presente na lenda de Aníbal, por exemplo, é o que torna possível a outro ser humano identificar-se ao personagem Aníbal, sem se afundar no espelho d'água que reflete a imagem desse personagem. Sistemas mito-simbólicos, portanto, abrindo o fechamento operado pelas ligações egoicas.

Se a sublimação equivale ao movimento de transposição da pulsão sexual de morte em pulsão sexual de vida, segundo as duas formas de ligação que abordamos acima, é importante ter sempre em mente que esse movimento colonizador da pulsão de vida, essa progressão de Eros, é um movimento sem fim. A apropriação da força pulsional pelo eu só pode ser um objetivo “infinito” da sublimação, assim como acontece no processo de análise.

A sublimação, como movimento sempre renovado de integração dos alvos sexuais anárquicos, será então situada, na última parte do texto, entre dois polos: o polo do sintoma e o polo da inspiração. Essa nova polarização, sintoma/inspiração, abre, outra vez, uma nova possibilidade para se pensar o que seria uma tradução bem-sucedida. No que diz respeito à relação entre sublimação e sintoma, lemos o seguinte:

Em muitas existências, a uma sublimação que efetivamente existe em cada ser humano, vem se justapor uma sexualização neurótica – na qual o sexual retorna muitas vezes sob as formas as mais cruas – seja infiltrando-se nas tarefas materiais do dia a dia, abertas à obsessionalidade ou até mesmo a uma analidade patente,

seja insinuando-se nas relações inter-humanas, muitas vezes marcadas de sadomasoquismo se não de ódio<sup>30</sup>.

Do lado oposto ao do sintoma, conceito bem estabelecido desde Freud, está a inspiração, noção das mais originais introduzida por Laplanche. Essa noção surge da necessidade de reafirmar aquilo que se encontra na origem da pulsão, ou seja, a passividade do sujeito, em vias de constituição, ante a mensagem enigmática do outro. “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”, sendo o principal texto freudiano sobre a sublimação, além de ser aquele em que a sedução infantil precoce ressurgiu de forma muito clara, volta a ocupar a atenção de nosso autor. Sem entrar nos meandros de sua reflexão, buscaremos, mais uma vez, ressaltar o que é essencial para o nosso tema, lembrando que a relação da curiosidade intelectual de Leonardo com sua curiosidade sexual está em primeiro plano nesse caso.

Diferentemente de Freud, Laplanche não se detém nos mitos que teriam funcionado como ajuda à tradução para o menino Leonardo, confrontado aos enigmas da sexualidade. Ele irá colocar em relevo, sobretudo, o produto das sublimações de Leonardo em sua obra artística, apontando aquilo que o caracterizaria como uma simbolização bem-sucedida. Acredita que não se trata de uma “sublimação desde o começo”, como concebia Freud, mas de “um recalçamento, porém com a conservação do aguilhão do enigma”<sup>31</sup>. É precisamente essa potencialidade de guardião do enigma que irá definir a inspiração.

26 Embora a sublimação possa ser considerada como desfecho favorável de um processo de análise, não se faz a partilha, durante esse processo, entre sublimação e sintoma quanto ao que é suscetível de análise. “Analysez tout, la sublimation reconnaître les siens”, diz Laplanche, em uma curiosa analogia às palavras atribuídas a Simon de Montfort: “Tuez-les tous, Dieu reconnaître les siens” (Cf. Laplanche, “Sublimation et/ou inspiration”, p. 302).

27 J. Laplanche, “Sublimation et/ou inspiration”, p. 321-322 (a tradução dessa passagem assim como de todas as citações deste mesmo texto de Laplanche são de nossa responsabilidade). (N.R.: o artigo figura neste número de *Percurso*.)

28 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 316.

29 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 316.

30 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 323.

31 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 329.



*eis aí, portanto, Freud inspirado  
pela obra de Leonardo e,  
por sua vez, fonte de inspiração  
para Laplanche no movimento  
sublimatório que faz avançar  
o trabalho cultural*

A pesquisa e a criação artística são produzidas pelo sujeito Leonardo, mas o que as impulsiona é um vetor que vem do outro: “Para Leonardo, ‘o olho é a janela da alma’, o que sinaliza uma abertura, até mesmo uma exposição da alma ao trauma do outro”<sup>32</sup>. A abertura ao trauma que decorre do enigma do outro “é precisamente estar disponível para o outro que virá me surpreender”<sup>33</sup>. Isso se aplica tanto ao outro sedutor de outrora quanto ao outro do futuro, o grande público, a quem a obra é destinada. Portanto, o que define a abertura de uma sublimação, de uma obra artística, no caso, é o seu potencial para transferir o enigma ao expectador. Ela insinua que seu criador pressente algo que desconhece e provoca em seu expectador o mesmo pressentimento.

Nessa tentativa de definição da inspiração percebemos, nas palavras de Laplanche, um tom de aparência mística, o que ele próprio reconhece, da mesma forma que reconhece sua identificação com o sentimento de assombro expresso por Freud ao falar de Leonardo envelhecendo e de seu encontro com a Gioconda, ou do sorriso no quadro de São João Batista. Observa ainda que os próprios termos empregados por Freud para descrever alguns quadros de Leonardo indicam seu caráter enigmático, indicam que estes reabrem a ferida do inesperado, em ressonância com o enigma do outro adulto originário, como exemplifica esta bela passagem do texto freudiano:

Esses quadros respiram uma mística, em cujo mistério não ousamos penetrar; [...] As figuras são novamente

masculino-femininas, mas não no sentido da fantasia do abutre, são belos adolescentes com delicadeza feminina e formas femininas; mas não lançam mais o olhar para baixo e sim olham misteriosos, triunfantes, como se soubessem de uma grande felicidade, sobre a qual devemos silenciar; o conhecido sorriso cativante permite pensar que se trata de um segredo de amor. É possível que Leonardo tenha negado nessas figuras a infelicidade de sua vida amorosa e a superado artisticamente, na medida em que ele, em tal unificação feliz da natureza masculina e feminina, representou a realização do desejo da criança acariciada pela mãe<sup>34</sup>.

Eis aí, portanto, Freud inspirado pela obra de Leonardo e, por sua vez, fonte de inspiração para Laplanche no movimento sublimatório que faz avançar o trabalho cultural. Entre sintoma e inspiração situa-se toda a gama de possibilidades de simbolizações que funcionam como assistentes de tradução no universo cultural. Nessa gama de possibilidades, a abertura ao enigma do outro é o critério que sobressai na concepção de uma simbolização bem-sucedida.

## Conclusão

Sintetizemos, então, as conclusões que podemos apontar nas sucessivas discussões de Laplanche sobre as simbolizações bem-sucedidas. Num primeiro momento de seu pensamento, ele considera a pluralidade interna do símbolo e a possibilidade de retomada subjetiva, por meio de remanejamentos renovados ao longo da existência, como condição necessária para uma simbolização bem-sucedida. Em seguida, indica a abertura potencial dos sistemas mito-simbólicos em oposição ao fechamento das ligações narcísicas ou gestaltistas. Por último, uma simbolização bem-sucedida será concebida como aquela que pode abrir-se para a dimensão do enigma do outro, como inspiração. Trata-se, evidentemente, de um destino da mensagem enigmática que nunca é totalmente “puro” ou irredutível ao olhar analítico, pois não tem como escapar à

interferência de elementos neuróticos e, sobretudo, psicóticos. Concepção teórica de difícil apreensão e, ao mesmo tempo, posição subjetiva difícil de ser atingida, na medida em que ela depende de um equilíbrio sutil entre a própria possibilidade de simbolização e o “deixar-se invadir” pela excitação provocada pelo enigma, correndo o risco de se deixar levar pela compulsão à repetição.

Para concluir, retomemos o tema da curiosidade sexual infantil e do papel do universo mito-simbólico como assistente de tradução para os enigmas sexuais que habitam as crianças. Um relato anedótico, relacionado à literatura que serve de apoio aos pais no esclarecimento sexual das crianças, poderá ajudar-nos a esboçar uma proposição sobre essa questão à luz das contribuições de Laplanche, discutidas acima.

Em 2009, circulou nos meios *psi* do Brasil um e-mail que trazia reproduzidas todas as páginas de um livro, editado na Alemanha em 2008, com o título: *Die wahre Geschichte, wie Babys gemacht werden* (A verdadeira história de como se fazem os bebês). O texto do e-mail dizia: “Não há nada como um livro infantil alemão para explicar o inexplicável às crianças”. Com efeito, trata-se de um livro bastante objetivo por apresentar, sem rodeios e sem enquadres míticos ou fantasiosos, uma sequência de ilustrações gráficas e frases que explicam à criança o processo biológico da concepção e do nascimento de um bebê. Ao final do e-mail, uma brincadeira: “Nada como a sutil objetividade alemã! A cegonha suicidou-se após a publicação do livro!” A objetividade não era, nesse caso, alemã, pois trata-se da tradução de um livro escrito e ilustrado por um autor

»  
“nada como a sutil objetividade alemã! A cegonha suicidou-se após a publicação do livro!”

dinamarquês, publicado pela primeira vez nos EUA e na Inglaterra em 1973<sup>35</sup>. Obviamente provocou muitas polêmicas naquela época, tendo sido muito bem-vindo para alguns pais e muito rejeitado por outros<sup>36</sup>. Mas, de fato, sua objetividade contrasta com os relatos míticos e com as lendas sobre a origem dos bebês. Entretanto, não devemos negar o lugar e a importância que um livro como esse pode ter em algum momento do esclarecimento sexual das crianças. Por outro lado, entendemos que a referência à trágica morte da cegonha convida-nos a pensar sobre a importância da preservação das narrativas míticas, lendárias, na medida em que estas podem funcionar, ao mesmo tempo, como enquadre e como abertura para a “verdade crua” da mecânica da reprodução e do nascimento. Não seria justamente o patrimônio do universo mito-simbólico que poderia levar à abertura da tradução do enigma sobre a origem dos bebês quando esta se fecha nos fatos biológicos? Não encontraríamos nesse patrimônio assistentes de tradução mais condizentes com a diversidade e o polimorfismo da sexualidade humana?

32 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 331.

33 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 332.

34 S. Freud (1910), “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”, p. 139.

35 P. H. Knudsen, *How a baby is made*.

36 Isso remete-nos a uma recente polêmica que se deu através das redes sociais no Brasil em torno do livro *Aparelho sexual e Cia.*, livro traduzido do francês e destinado à educação sexual das crianças. Além de explicar os fatos da concepção e nascimento dos bebês, esse livro trata também, com naturalidade, da homossexualidade.

## Referências bibliográficas

- André J. (1994). *La sexualité féminine*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (org.) (2011). *Les 100 mots de la sexualité*. Paris: PUF.
- Bleichmar S. (1993). *Nas origens do sujeito psíquico – Do mito à história*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud S. (1907/1976). O esclarecimento sexual das crianças. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX, p. 135-144.
- \_\_\_\_\_. (1908/1976). Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX, p. 211-228.
- \_\_\_\_\_. (1918/1970). O tabu da virgindade (Contribuição à psicologia do amor III). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XI, p. 175-192.
- \_\_\_\_\_. (1910/2015). Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. In *Obras incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas* (trad. Ernani Chaves). Belo Horizonte: Autêntica, p. 69-165.
- \_\_\_\_\_. (1937/1975) Análise terminável e interminável. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXIII, p. 239-287.
- Knudsen P. H. (1973). *How a baby is made*. London: Franklin Watts Limited.
- Laplanche J. (1980a). *Problemáticas II – Castração simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. (1980b). *Problemáticas III – A Sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1987/1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1999). Sublimation et/ou inspiration. In: \_\_\_\_\_. *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: Quadrige/PUF, p. 301-338.
- \_\_\_\_\_. (2003/2015). Três acepções da palavra “inconsciente” no âmbito da teoria da sedução generalizada. In \_\_\_\_\_. *Sexual*. Porto Alegre: Du- blinense, p. 190-206.
- \_\_\_\_\_. (2006/2015). Castração e Édipo como códigos e esquemas narrati- vos. In \_\_\_\_\_. *Sexual*. Porto Alegre: Du- blinense, p. 281-287.

## The mithosymbolic universe in the light of children's sexual curiosity

**Abstract** This article analyzes Jean Laplanche's formulations around the following question: there would be a successful symbolization? The concepts of sublimation and inspiration, as conceived within the theory of generalized seduction, are highlighted in this analysis that took as its motto the sexual curiosity of children, in order to explore the following ques- tion: among the various possibilities offered by the cultural universe as an aid to symbolization of the sexual enigma that inhabit the child, would it be possible to arbitrate between those who would promote openness to translations and those who would fail in this intention?

**Keywords** sexual curiosity of children; theory of generalized se- duction; sublimation; inspiration; Jean Laplanche.

**Texto recebido:** 08/2016

**Aprovado:** 10/2016



# O sexual, o fálico e o orificial a partir da teoria da sedução generalizada

Paulo de Carvalho Ribeiro

**Resumo** Ao retomar a teoria do recalque e da formação da tópica psíquica no âmbito de sua teoria da sedução generalizada, J. Laplanche aborda os complexos de Édipo e de castração para situá-los em relação a diferentes estratos do inconsciente. Este artigo apresenta uma análise crítica das formulações de Laplanche sobre a castração e, com o auxílio de algumas ideias de J. André sobre esse mesmo tema, busca mostrar o poder de recalque que a oposição fálico/castrado exerce sobre uma dimensão da sexualidade na qual os orifícios corporais e as fantasias de penetração ganham proeminência.

**Palavras-chave** teoria da sedução generalizada; recalque; castração; Sexual.

**Paulo de Carvalho Ribeiro** é professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG.

No “Curto tratado do inconsciente”, de 1993, Laplanche apresenta de forma clara e quase esquemática sua posição sobre as relações entre recalque originário, processo primário e complexo de castração. Um dos principais problemas trabalhados por ele nesse artigo é a incompatibilidade da natureza não representativa dos objetos-fonte da pulsão com o processo primário, tomado como modo específico de funcionamento do inconsciente. De fato, ao conceber os objetos-fonte como restos não traduzidos das mensagens comprometidas pelo sexual inconsciente do adulto e associá-los às representações-coisa<sup>1</sup>, Laplanche mostra exatamente a ausência de função representativa, o fechamento sobre si mesmo, a fixidez e a incomunicabilidade entre esses restos produzidos pelo recalque. Se pensarmos em termos das forças de desligamento e ligação que se opõem no psiquismo desde sua constituição e se manifestam, respectivamente, como pulsão de morte e pulsão de vida, os objetos-fonte da pulsão devem ser localizados inteiramente do lado do desligamento. Basta, portanto, considerar que o processo primário é caracterizado por um modo de funcionamento psíquico onde prevalece a mobilidade dos investimentos (como nos mecanismos de condensação e deslocamento), para que a incompatibilidade desse processo com a concepção de representações-coisa torne-se flagrante, pois não há como excluir desse modo de funcionamento as forças de ligação e a interação constante entre representações inconscientes.

1 Laplanche propõe que se traduza o termo *Sachvorstellung* por *representação-coisa* (e não *representação de coisa*) justamente para marcar a ausência de função representativa desses conteúdos do inconsciente produzidos pelo recalque.



*Laplanche lança mão  
dos estudos de dois pesquisadores  
norte-americanos, Roiphe e Galenson,  
para desvincular o complexo  
de castração do complexo de Édipo*

## O complexo de castração e os diferentes estratos do inconsciente

À semelhança do que ocorre com o processo primário, a existência de complexos inconscientes também vem se chocar com a ideia de desligamento. Laplanche admite a existência de moções inconscientes elementares, não coordenadas, dirigidas aos pais, mas quando tomado como uma forma destacada de estruturação da parentalidade, na qual se baseiam as trocas entre pessoas, o Édipo só pode ser visto como um verdadeiro “cimento” da alma contemporânea (“*ce ‘liant’ de l’âme contemporaine*”), logo incompatível com o “império do desligamento” (“*l’empire du ‘délié’*”)<sup>2</sup> que é o domínio das representações-coisa.

O mesmo vale para o complexo de castração, inteiramente fundado na oposição fálico-castrado, logo, uma forma de negação, que opera como um grande organizador tanto no âmbito do tratamento simbolizante da angústia gerada pelo ataque interno da pulsão, quanto em níveis mais abrangentes e mais elevados do funcionamento psíquico, como o da lógica binária. De fato, não é possível conciliar a negação e a oposição binária com a ausência de coordenação e de referência entre as representações-coisa.

Sobre essa incompatibilidade dos complexos com os elementos constitutivos do inconsciente, não podemos deixar de considerar um desdobramento importante da análise que Laplanche faz do complexo de castração em seu artigo de 2003, intitulado “O gênero, o sexo, o Sexual”. Nesse artigo, ele lança mão dos estudos de dois pesquisadores norte-americanos, Roiphe e Galenson (1981), para desvincular o complexo de castração

do complexo de Édipo e estabelecer uma relação direta da castração com a descoberta da diferença anatômica dos sexos. Pretende-se assim demonstrar o efeito organizador e recalcante que a lógica binária da presença ou ausência do pênis tem sobre o caráter enigmático da atribuição do gênero pelo pequeno *socius* familiar. O que mais chama atenção nesse desdobramento da análise laplancheana do complexo de castração é, no entanto, a tese com a qual ele pretende fundamentar o recobrimento da diferença anatômica pela lógica binária. Para Laplanche, para que possamos entender a famosa afirmação freudiana segundo a qual a anatomia é o destino, é preciso considerar que se trata de uma anatomia sem compromisso com o rigor científico, inteiramente fundada na percepção, ou até mesmo na ilusão, e que pode ser considerada uma anatomia popular. Sua origem remontaria à adoção da posição ereta pelos seres humanos. A anulação perceptiva dos órgãos genitais femininos, uma vez que teriam se tornado inacessíveis à visão e ao olfato, transforma a diferença dos sexos em *diferença de sexo*. A percepção da presença ou ausência de apenas um sexo não teria nenhuma relação com a biologia ou com a fisiologia, tampouco com a diferença macho/fêmea. Dessa forma, a diferença *de sexo* passa a ter o status de significante e a ser considerada um esqueleto de código que se manifesta como complexo de castração no indivíduo, ou seja, como uma verdadeira *ideologia*. É o que podemos verificar na seguinte passagem:

*Não é um destino extraordinário esta contingência? A posição ereta torna os órgãos femininos perceptivelmente inacessíveis. Ora, esta contingência foi elevada por muitas civilizações, e sem dúvida a nossa, ao posto de significante maior, universal, da presença/ausência<sup>3</sup>.*

Independentemente de se concordar ou não com essa tese de Laplanche sobre a origem do complexo de castração e sua lógica binária, o que ela estabelece de forma clara é o poder recalcante desse complexo, logo, sua posição secundária relativamente às representações-coisa constitutivas

do inconsciente e que funcionam como objetos-fonte da pulsão.

A solução desse problema metapsicológico impôs uma estratificação do inconsciente. Valendo-se da existência de dois tipos de recalque, originário e secundário, Laplanche propõe distinguir, esquematicamente, dois níveis do sistema inconsciente. O nível mais profundo, o do recalque originário, seria o domínio do desligamento e dos protótipos inconscientes caracterizados pela fixidez, pelo isolamento e pela atração que exercem não entre eles mesmos, mas sobre as representações que se encontram ao alcance deles. No nível do recalque secundário, onde vigora o processo primário, já teríamos alguns elementos de ligação e a possibilidade de oposição e composição entre as pulsões de morte e de vida. Estabelecida a estratificação do inconsciente, Laplanche esclarece que os complexos estão excluídos do inconsciente originário e podem estar presentes no secundário, mas com a seguinte ressalva: a negação permaneceria excluída até mesmo desse estrato secundário. Para justificar como a castração se encontra ali presente sem implicar negação ou contradição, Laplanche traz um esclarecimento que me será muito útil para as considerações que farei adiante sobre o fálico e o orifical:

A ferida castrativa está ali presente [nos estratos secundários do inconsciente] como perfuração, abotoadura (*boutonnière*), até mesmo como corte (*tranchement*), mas não como amputação (*retranchement*). Pode-se cortar um corpo em mil pedaços, pode-se cortar incompletamente. Mas amputar o pedaço “falo” é uma negação em ato, terminando no “castrado”. Como tal, a amputação castrativa não pertence ao inconsciente<sup>4</sup>.

Antes de dialogar com essa posição defendida por Laplanche e assim apresentar meu ponto de vista sobre o problema da castração e

2 J. Laplanche, “Court traité de l’inconscient”, p. 87. (Todas as traduções do francês foram feitas por mim.)

3 J. Laplanche, “Le genre, le sexe, le Sexual”, p. 85.

4 J. Laplanche, “Court traité...”, p. 88-89.

5 J. Laplanche, *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, p. 131-132.

6 J. Laplanche, *op. cit.* p. 132.

»»

*Laplanche esclarece que os complexos estão excluídos do inconsciente originário e podem estar presentes no secundário*

sua inserção no inconsciente, algumas considerações sobre o surgimento da tópica psíquica e sua relação com o recalque se fazem necessárias.

O recalque, a tópica psíquica e o “tempo auto”

Em *Novos fundamentos para a psicanálise*, de 1987, Laplanche estabelece alguns pontos destinados a servir de baliza para um posterior aprofundamento da teoria sobre a gênese do eu e sua relação com o recalque. Um desses pontos teóricos ressalta a interdependência do surgimento da tópica psíquica e do recalque. Sobre isso, ele é muito claro quando afirma: “O ponto de vista tópico é indispensável para compreender o recalque, mas o recalque indispensável para compreender a tópica”<sup>5</sup>. Impõe-se, portanto, além da interdependência, uma simultaneidade na constituição desses dois fenômenos. A distinção entre eu-corpo e eu-instância permite a Laplanche estabelecer dois tempos do recalque originário e o efeito de *a posteriori* que se produz entre eles. Mas ao afirmar que no primeiro tempo já teríamos um eu-corpo que coincide com a superfície epidérmica<sup>6</sup>, ele acaba por pressupor uma importante dimensão do eu antes da consolidação do recalque. Isto é, essa hipótese leva a pensar que o corpo unificado precede a existência da projeção psíquica desse corpo, ou seja, o eu-instância. Basta, porém, acompanhar, na sequência imediata de seus argumentos, a descrição da transformação dos significantes enigmáticos (implantados nas zonas erógenas da periferia corporal) em objetos-fonte da pulsão (localizados internamente, ainda que



é possível conceber o recalçado originário como um não corpo, ou seja, como fragmentos de uma superfície epidérmica carregada de excitações

agindo como externos ao eu) para perceber que o denominado eu-corpo, anterior ao surgimento do eu-instância, seria muito mais apropriadamente denominado de corpo fragmentado, marcado por significantes enigmáticos que se instalam como zonas erógenas desconectadas umas das outras. Trata-se, portanto, a meu ver, muito mais da necessidade de se levar em consideração o efeito de *a posteriori* entre o tempo autoerótico e o tempo narcísico, do que entre dois tempos narcísicos, como Laplanche parece sugerir.

Uma rápida retomada da concepção laplancheana de autoerotismo pode nos ajudar na formulação de uma nova articulação entre recalque originário e surgimento da tópica. Em sua análise das teses freudianas apresentadas nos *Três Ensaio*s, Laplanche procura salientar a importância do objeto na experiência autoerótica. “Tempo auto” é a denominação com a qual ele identifica o processo que é desencadeado pela perda do seio como objeto da autoconservação e que conduz à formação de objetos internos fantasmáticos, como o seio alucinado, ou a simples imagem mnêmica dos movimentos de sucção que, assim, se tornam independentes da mamada e da alimentação. Há, nesse processo, que coincide com o estabelecimento do campo sexual propriamente dito, uma prevalência da fantasia associada às marcas deixadas pelo objeto no corpo do infante. Na verdade, trata-se da *sedução originária* como fonte da fantasia e como instauradora de zonas erógenas às quais a fantasia se liga indissolúvelmente. Dessa forma, o “tempo auto” permite que o autoerotismo seja visto como precursor do narcisismo, como o mecanismo pelo qual a erogenização do corpo institui as zonas

e os órgãos a serem conectados e transformados em corpo unificado, pronto para ser projetado no psiquismo como representante de uma totalidade.

Parece-me muito claro, portanto, que, ao se referir aos significantes enigmáticos implantados na superfície corporal, Laplanche esteja muito mais próximo do autoerotismo do que do eu-corpo unificado, logo, muito mais próximo do autoerotismo que do narcisismo. Se estou certo nessa avaliação, é possível dar mais um passo em minha proposta de articulação entre o recalque e a tópica tentando responder às seguintes questões: considerando autoerotismo e formação do eu como dois tempos envolvidos no recalque originário, o que, exatamente, surge como recalçado nesse processo, e o que funciona como força recalcante?

Em consonância com a característica de não coordenação, isolamento e fixidez das representações-coisa que agem como objetos-fonte da pulsão, é possível conceber o recalçado originário como um não corpo, ou seja, como fragmentos de uma superfície epidérmica carregada de excitações que se estenderiam da dor intensa ao prazer intenso; incluindo excitações viscerais, proprioceptivas, que também se estenderiam por uma vasta gama de qualidades sensoriais, tais como a sensação de fome ou de saciedade. Mas é imprescindível lembrar que todas essas excitações/sensações não pertencem a um sujeito consciente de si, embora sempre estejam associadas a fantasias elementares, pouco ou nada distintas de uma imagem simples e repetitiva, à qual viria se somar um som peculiar, por exemplo; outras vezes uma imagem colada a um odor; quiçá uma “fantasia” sem imagem, apenas um traço sensorial, como uma cor, um sabor, um ruído, uma textura ou um cheiro.

A força recalcante, por sua vez, não tem como escapar do princípio de oposição que preside o recalque, logo, deve ser uma força de ligação, de formação de unidade e continuidade das excitações e das sensações em geral, a começar pela unidade corporal e o senso de continuidade de um ser que passa, por obra do recalque, a dispor de corpo e autoconsciência.

## O fálico, o orificial e o Sexual

Uma precisão decisiva nessa concepção do recalque originário ainda deve ser feita: a constituição de um corpo delimitado e de sua representação psíquica onde o eu se aloja inaugura também a oposição entre interno e externo. A partir daí, torna-se possível incorporar, introjetar, expulsar, projetar e, principalmente, penetrar e ser penetrado. Talvez possamos dizer que reside aí, no fato de o corpo não ser hermético e sim orificial, o verdadeiro poder da anatomia no destino da sexualidade. De fato, o corpo unificado e orificial torna-se o representante tanto da totalidade quanto da suscetibilidade à efração, ao rompimento de barreiras, à violência da penetração, ao trauma, enfim.

Não terei aqui a possibilidade de discorrer sobre o papel do trauma no pensamento de Freud e seus desdobramentos na teoria da sedução generalizada de Laplanche. Limitar-me-ei a dizer que o trauma e o sexual são, para ambos, inseparáveis. Tampouco retomarei a articulação detalhada entre os dois tipos de recalque e o efeito de *a posteriori* que, à semelhança do que se passa entre os dois tempos do recalque originário, também incide entre eles. A forma como os recalques, originário e secundário, assim como a temporalidade especial que sobre eles incide, conectam-se com a descoberta da diferença anatômica dos sexos, com o efeito dessa descoberta sobre a identidade de gênero e sobre os destinos da sexualidade feminina e masculina já foram longamente trabalhados por mim<sup>7</sup> e por colegas meus<sup>8</sup>, em permanente diá-

7 P. C. Ribeiro, "Perlaboração: feminilidade e transformação do eu na técnica da psicanálise", *O problema da identificação em Freud: recalque da identificação feminina primária*, "Identificação passiva, genre et seduction originaire", "Masculinidade e ciúme na perspectiva da sedução generalizada", "Uma questão preliminar às ações coletivas de combate ao machismo".

8 Cf. F. F. Lattanzio; P. C. Ribeiro, "Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico"; P. C. Ribeiro; F. R. R. Belo, "Narcismo, gênero e sexualidade: aproximações entre Lichtenstein, Ferenczi, Laplanche e Butler".

9 Laplanche denomina de *situação antropológica fundamental* a condição de desemparo e passividade do infante exposto à sexualidade inconsciente do adulto.



*limitar-me-ei a dizer  
que tanto para Freud  
como para Laplanche o trauma  
e o sexual são, inseparáveis*

logo não só com Laplanche, mas também com Jacques André e vários outros autores e autoras. No presente texto, o caminho metapsicológico percorrido destina-se a um fim bem específico: *pôr em evidência um aspecto da teoria laplancheana da castração que poderia ter conduzido a uma concepção dos recalques originário e secundário, logo, a uma teoria sexual, muito mais condizente com a situação antropológica fundamental<sup>9</sup>, sobre a qual se apoia a tese da sedução generalizada.*

Para alcançar esse fim específico, retomarei a passagem, já citada, na qual Laplanche distingue corte (*tranchement*) de amputação (*retranchement*) para sustentar a tese freudiana da ausência de negação no inconsciente, afirmando que essa negação em ato, que é a amputação castrativa, não encontra lugar nem no recalque originário nem no secundário.

Na passagem já citada, Laplanche faz referência ao clássico livro de Leroi-Gourhan, *As religiões da pré-história* (1971), que já havia sido objeto de seu interesse nas *Problemáticas II: castração, simbolizações* (1980). Leroi-Gourhan chama atenção para o seguinte signo frequentemente presente nas pinturas pré-históricas do período neolítico: (()). Esse signo, que normalmente aparece no flanco dos animais representados nessas pinturas, indica, segundo o pré-historiador, tanto a ferida produzida pela lança do caçador quanto a vulva. André Green, ao comentar, juntamente com Jean Puillon, o livro *As feridas simbólicas*, de Bruno Bettelheim (1971), utiliza essa mesma observação de Leroi-Gourhan como um argumento em defesa da teoria freudiana da castração. Laplanche, por sua vez, pondera que se nossos ancestrais do período neolítico já estivessem de



*se a genitália externa feminina  
pode ser vista em sua positividade  
orificial, a diferença anatômica  
dos sexos pode encontrar  
seu lugar no inconsciente*

fato sob o poder da lógica fálica, deveríamos esperar que essas pinturas contemplassem muito mais a oposição entre animais fálicos e animais desprovidos de atributo fálico do que animais portando marcas que, evidentemente, referem-se tanto à ferida produzida de forma agressiva quanto à genitália externa das fêmeas, mas que evidenciam, acima de tudo, a existência de um orifício. É o que se verifica na seguinte passagem:

Ora, aqui a ferida é colocada, claro, como idêntica ao estatuto feminino e como resultado de um ato agressivo, mas também como abertura, pelo menos virtual, do corpo: não unicamente como amputação, mas como buraco<sup>10</sup>.

Se a genitália externa feminina pode ser vista em sua positividade orificial e não em sua negatividade castrativa, então, a diferença anatômica dos sexos pode encontrar seu lugar no inconsciente, que não comporta nenhum tipo de negação. Esta é, em síntese, a tese defendida por Laplanche tanto no volume das *Problemáticas* dedicado à castração, quanto em seu “Curto tratado do inconsciente”, e que parece ter sido completamente esquecida em 2003, quando a oposição fálico/castrado e sua lógica binária são apresentadas como uma verdadeira ideologia cuja origem remonta à adoção da posição ereta, na pré-história.

Longe de ser uma discussão bizantina sobre um detalhe das pinturas pré-históricas ou sobre uma mera nuance da teoria freudiana da castração, a possibilidade de se conceber uma teoria sexual infantil na qual a diferença anatômica dos sexos possa ser interpretada como oposição entre fálico e orificial, logo, entre penetrante e penetrável, permite superar o que deve ser visto como um

verdadeiro trabalho de recalque em operação na teoria psicanalítica desde Freud. De fato, como denuncia Jacques André ao analisar criticamente a concepção freudiana de masoquismo feminino, apresentada em “O problema econômico do masoquismo” (Freud, 1924), a teoria do primado fálico recalca a feminilidade orificial:

o “masoquismo feminino” [...] participa dessa colocação em evidência (*miseauclair*) fantasmática que constitui a teoria do primado do falo; uma colocação em evidência que é simultaneamente *recalque* das representações de uma feminilidade orificial, mais do que ferida<sup>11</sup>. (itálico no original).

É bem possível que a associação do conceito laplancheano de sedução originária com a ideia de feminilidade orificial e de passividade pulsional<sup>12</sup> dê margem à crítica da posição teórica de J. André como posição essencialista, na qual feminilidade e passividade se encontrariam naturalmente e indissolúvelmente vinculadas uma à outra. Seja por esse motivo ou outro qualquer, o que se constata é que essa tese sobre as origens femininas da sexualidade, baseada na teoria da sedução originária e na denúncia da função recalcante do primado fálico, parece ter sido completamente abandonada por seu autor<sup>13</sup>.

Da minha parte, sem entrar no mérito do caráter essencialista da tese, considero que J. André trouxe à baila uma questão fundamental para a solução de vários problemas tanto da teoria quanto da clínica psicanalítica. Considerando que os orifícios corporais estão presentes em todos os seres humanos (e em inúmeros outros seres vivos, obviamente), seria possível propor, em lugar de “feminilidade orificial”, uma sexualidade orificial. Mas isso seria apenas um subterfúgio, visto que o problema é exatamente este: o *Sexual*<sup>14</sup> vem sendo afetado pelo sexo provavelmente desde a pré-história. Ao estabelecer a situação antropológica fundamental como posição inteiramente assentada na passividade radical do infante perante o caráter involuntariamente invasivo do inconsciente sexual do adulto, Laplanche não só coloca em primeiro

plano os efeitos psíquicos e pulsionais da oposição interno-externo inerente à delimitação do corpo e sua projeção no psiquismo, como também estabelece que a tradução da passividade originária se dê, invariavelmente, em termos de penetração, de intrusão, de rompimento de barreiras, de arrombamento de orifícios. Como, então, desconsiderar o poder que a diferença entre os sexos tem sobre a simbolização dessa penetração originária? Diferença essa que se manifesta prioritariamente como presença de um órgão apendicular e erétil nos homens e presença de um órgão orifical e penetrável nas mulheres?

O recalque originário, como assinala Laplanche, precisa do secundário (e do efeito de *a posteriori* que aí se produz) para se consolidar. O originário diz respeito diretamente à formação da tópica, do eu e do inconsciente primário; o secundário refere-se, a meu ver, muito mais à força de ressignificação que o gênero e a diferença dos sexos têm sobre o eu (incluindo a formação do supereu), do que às interdições edípicas relacionadas ao incesto e ao parricídio. Ora, admitir essa relação entre os dois tipos de recalque implica admitir que a tradução do trauma inerente à situação antropológica fundamental não tem como escapar da referência à penetração, que, por sua vez, não tem como não convocar a penetrabilidade do corpo e principalmente dos orifícios corporais (boca, narinas, ouvidos, olhos, uretra, ânus e vagina) e o poder penetrante das

»  
para Laplanche,  
prevalece a tese fundamental  
da passividade do infante e da  
inevitável inoculação traumática  
do sexual pelo adulto

protuberâncias e apêndices corporais (dedos, língua, mamas, nariz e pênis). Que a feminilidade seja, desde épocas imemoriais, associada à posição penetrada, pode significar apenas a existência de um vício de tradução que, em algum momento histórico, passou a ser usado como instrumento de poder e dominação dos homens sobre as mulheres. O mesmo pode-se dizer da associação da posição penetrante com a masculinidade. Que a posição penetrada esteja associada à passivação e ao trauma, pode também somente significar a existência de um hábito interpretativo arraigado e cultivado há milênios. Embora ainda vivamos todos, atualmente, sob a influência dessas categorias, é possível pensar que a participação do gênero e do sexo no sexual não é obrigatória, não é uma lei universal!

Para Laplanche, em que pesem suas diferentes abordagens do problema da castração e sua incursão tardia na problemática dos gêneros, prevalece a tese fundamental da passividade do infante e da inevitável inoculação traumática do sexual pelo adulto. Os recursos sempre incompletos de simbolização que transformam esse trauma em pulsão sexual no infante podem variar enormemente e podem prescindir do Édipo e da castração, mas enquanto houver infante e adulto, o sexual resultará da sedução, do trauma e da tradução simbolizante.

Da minha parte, considero importante acrescentar o seguinte: enquanto o psiquismo se constitui a partir da ação do outro sobre um corpo inicialmente fragmentado e indefeso, o sexual sempre será dominado por fantasias de penetração (tanto na forma ativa quanto passiva), por pulsões que compõem à penetração e por

10 J. Laplanche, *Problématiques II : Castration, symbolisations*, p. 269.

11 J. André, *Aux origines féminines de la sexualité*, p. 125.

12 J. André define a passividade pulsional nos seguintes termos: "gozar daquilo que (lhe) acontece, participar com gozo daquilo que (em você) penetra, faz intrusão – isso quer dizer a ligação íntima entre a passividade e o dentro" (*op. cit.*, p. 122, itálicos no original).

13 No texto de apresentação de uma coletânea por ele organizada sobre o masoquismo (*L'énigme du masochisme*, p. 3), J. André faz referência, em nota de rodapé, ao livro *Aux origines féminines de la sexualité*, para dizer que ele não retomará ali, em detalhe, a análise crítica das posições de Freud sobre o masoquismo feminino e a passividade, feita em 1995. Afora essa referência, desconheço outras menções que ele tenha feito a esse tema.

14 Laplanche utiliza o termo *Sexual*, que não existe na língua francesa, para referir-se à sexualidade ampliada no sentido freudiano, sobretudo à sexualidade infantil, estabelecendo, assim, uma distância entre o Sexual e o sexo, no sentido dos órgãos genitais.

mecanismos que buscarão conter essas pulsões. Se algum dia a diferença anatômica dos sexos vier a ser reduzida a uma diferença tão pouco importante para os seres humanos como, por exemplo, as diferentes conformações do lobo da orelha; ou até mesmo se um dia, pelo intermédio de uma engenharia genética generalizada, a diferença dos

sexos não mais existir, e junto com ela os gêneros também deixarem de existir, o sexual se apoiará em alguma outra coisa, em outros fenômenos e em outras diferenças que servirão de suporte para a oposição entre as forças pulsionais ligadas às fantasias de penetração e os mecanismos que buscam contê-las.

## Referências bibliográficas

- André J. (1995). *Aux origines féminines de la sexualité*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (2000). Le masochisme immanent. In \_\_\_\_\_. (org.). *Lénigme du masochisme*. Paris: PUF.
- Bettelheim B. (1971). *Les blessures symboliques*. Paris: PUF.
- Freud S. (1924/2007). O problema econômico do masoquismo. In *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, vol III. Rio de Janeiro: Imago. (Trad. Luiz Hanns)
- Green A.; Pouillon J. (1971). Posfácio. In B. Bettelheim, *Les Blessures symboliques*. Paris: PUF.
- 112 Laplanche J. (2003). Le genre, le sexe, le Sexual. In C. Chabert (org.). *Sur la théorie de la séduction*. Paris: Éditions In Press.
- \_\_\_\_\_. (1993). Court traité de l'inconscient, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris, Gallimard, v. 48, p. 69-96.
- \_\_\_\_\_. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (1980). *Problématiques II: Castration, symbolisations*. Paris: PUF.
- Lattanzio F. F.; Ribeiro P. C. (2012). Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico. *Psicologia em Estudo*, v. 17, n. 3, p. 507-517.
- Leroi-Gourhan E. (1971). *Les religions de la préhistoire*. Paris: PUF.
- Ribeiro P. C. (1997). Perlaboração: feminilidade e transformação do eu na técnica da psicanálise, *Percursos*, n. 18, p. 39-50.
- \_\_\_\_\_. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta, 2000.
- \_\_\_\_\_. (2007). Identification passive, genre et seduction originaire, *Psychiatrie Française*, v. 38, n. 4, p. 21-48.
- \_\_\_\_\_. (2012). Masculinidade e ciúme na perspectiva da sedução generalizada, *Psicologia em Estudo*, v. 17, p. 445-452.
- \_\_\_\_\_. (2015). Uma questão preliminar às ações coletivas de combate ao machismo, *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, n. 8, p. 163-176.
- Ribeiro P. C.; Belo F. R. R. (2016). Narcisismo, gênero e sexualidade: aproximações entre Lichtenstein, Ferenczi, Laplanche e Butler. In J. Birman (org.), *Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea*. São Paulo: Zagodoni, p.113-127.
- Roiphe H.; Galenson E. (1987). *La naissance de l'identité sexuelle*. Paris: PUF. [Título original: *Infantile origins of sexual identity*. New York: International Universities Press, 1981.]

## The sexual, the phallic and the orificial seen from the viewpoint of theory of generalized seduction

**Abstract** In his considerations on the theory of repression and topical division of the mental apparatus, J. Laplanche brings back the Oedipus and the castration complexes to his horizon of concerns as he works on his theory of generalized seduction. He suggests that these complexes should not be thought of as occupying the deeper levels of the unconscious. This article brings a critical reading of Laplanche's approach of the castration complex and, with the help of J. André's contributions on this same subject, tries to point out the repressive power that the phallic/castrated opposition has on some aspects of sexuality in which bodyorifices and penetration phantasies prevail.

**Keywords** theory of generalized seduction; repression; castration; Sexual.

**Texto recebido:** 07/2016

**Aprovado:** 09/2016



# A especificidade da situação psicanalítica no pensamento de Jean Laplanche

Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila)

**Resumo** Este artigo parte da consideração de que a busca de compreender a especificidade da situação analítica e da transferência que nela se produz foi determinante para a formulação da teoria da sedução generalizada tal como proposta por Jean Laplanche. Apresenta essa articulação no pensamento do autor e sua concepção a respeito da situação psicanalítica e da transferência, assim como a importância que ele confere ao *método*. Pontua algumas questões não resolvidas na obra e finaliza formulando uma questão sobre o campo transferencial-contratransferencial, a partir de algumas pistas deixadas pelo autor.

**Palavras-chave** teoria da sedução generalizada; situação analítica; transferência; método analítico; contratransferência.

**Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila)** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise e do Departamento Psicanálise com Crianças, ambos do Instituto Sedes Sapientiae. Atual coordenadora do curso de especialização Psicanálise com Crianças do mesmo Instituto, no qual é professora e supervisora, integra o Conselho Editorial da revista *Percurso*.

A teoria da sedução não é uma língua de leitura, e sim uma tentativa de compreender a prática psicanalítica<sup>1</sup>.

Neste artigo, parto da consideração de que a exigência de articular a metapsicologia à situação psicanalítica e à transferência está intrinsecamente relacionada à teoria da sedução tal como proposta por Jean Laplanche. Apresento aspectos do caminho de construção da imagem da *tina*, utilizada para circunscrever a especificidade da situação, e demarco a importância da atitude interna do analista em sua instauração. Sigo, então, o autor em sua definição das transferências e da análise como método de destradição, ambas colocadas no centro da *tina*. Após estabelecer a relação entre teoria da sedução e prática analítica, busco esclarecer em que medida esta teoria não se propõe a ser uma *língua de leitura* que poderia instrumentalizar uma suposta compreensão psicanalítica dos fenômenos psíquicos, e aprofundo essa ideia apoiando-me na diferença que Laplanche estabelece entre metapsicologia e mito. Além desse esclarecimento, a dimensão mítica permitirá pensar sobre algumas das formas como o *eu* se apresenta e trabalha na situação analítica e, ao final, apontar uma questão, dentre muitas que se colocam, relativa ao campo transferencial-contratransferencial.

Problemáticas V: a situação psicanalítica como *tina*

É no livro *Problemáticas V – A tina: a transcendência da transferência*<sup>2</sup> que podemos entrar em contato com a evolução inicial do

1 J. Laplanche, “Breve tratado del inconsciente”, in: *Entre Seducción e inspiración: el hombre*, p. 92 – nota 79. Agradeço à Claudia Berliner pelo auxílio no texto das citações, aprimorando-as a partir do texto francês original.

2 J. Laplanche, *Problemática V – A Tina: a transcendência da transferência*.



“o volume v das *Problématiques* constitui, acerca da transferência, uma das mais importantes contribuições da psicanálise depois de Freud”

[J. André]

pensamento de Laplanche acerca da situação psicanalítica e da transferência. Sobre esse livro, afirma Jacques André: “O volume v das *Problématiques* [...] desafia sem rodeios o enigma da situação analítica e constitui, acerca da transferência, uma das mais importantes contribuições da psicanálise depois de Freud”<sup>3</sup>. Acrescenta que, sem que possamos encontrar em toda a obra de Laplanche uma única apresentação clínica, a teoria do tratamento estará sempre presente em sua elaboração, que será marcada a partir de então pela interrogação sobre o que liga e articula a experiência da transferência à situação antropológica fundamental. Para Jacques André, Laplanche abriu “uma pista, cuja exploração deixou aos cuidados dos outros”<sup>4</sup>.

O livro é composto por aulas do curso ministrado na *Université Paris VII*, entre 13 de novembro de 1979 e 14 de fevereiro de 1984, entremeadado por um intervalo de mais de dois anos e meio, entre fevereiro de 1981 e novembro de 1983. Chama atenção que o artigo em que afirma com todas as letras que “a única verdade do apoio é a sedução originária”<sup>5</sup>, *A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência*, é de maio de 1984, meses após o encerramento desse curso. É nesse artigo que Laplanche deixa claro considerar que o *apoio* tende a permanecer no marco de uma teoria que remete a uma origem endógena do sexual, na qual o sexual *emerge* do autoconservativo (ou adaptativo), e afirma, em contrapartida, a hipótese da implantação de significantes enigmáticos a partir da relação adulto-criança inicial, o que nos faz pensar que, embora a sedução estivesse presente em seus desenvolvimentos há muito tempo, esse percurso sobre a situação analítica tenha sido

decisivo para a maturação da teoria da sedução generalizada.

Durante todo o livro, Laplanche busca circunscrever a especificidade da situação analítica e da transferência que nela se produz, tecendo alguns fios a partir de determinadas temáticas predominantes. Trata-se do conhecido movimento em espiral, característico do pensamento do autor nas *Problemáticas*. As temáticas que surgem e desaparecem para ressurgir novamente são: o modelo do sonho e as oposições real/fictício, linguagem/não linguagem e adaptação/sexualidade. Vou me deter a acompanhar um aspecto de seu caminho na construção da imagem da *tina*, utilizada para designar a situação psicanalítica, para então apresentar a concepção de transferência a que ele chega.

Para pensar a situação analítica, Laplanche parte de um pressuposto e de uma pergunta. Pressuposto: se certas elaborações teóricas são verdadeiras (teoria das pulsões, teoria da tópica e da angústia), elas devem achar sua correspondência na prática psicanalítica.

Nosso propósito seria, portanto: em que a prática psicanalítica, na forma mesmo em que se instaura, na forma como se desenvolve – e também naquilo que exclui, pois veremos que isso é fundamental, ilustra, confirma, permite precisar ou retificar o que podemos enunciar, na teoria e na psicopatologia analíticas, sobre o ser humano, sua estrutura e suas motivações; estrutura remetendo à tópica, e motivações, ao pulsional<sup>6</sup>.

Pergunta: em que esta relação inter-humana, “especificamente analítica, se define em face das simples situações e relações da vida cotidiana?”<sup>7</sup>. Como diferenciar a transferência propriamente analítica de uma transferência de hábitos ou comportamentos?

É então a pergunta sobre a especificidade da situação analítica que dirige seu pensamento, pergunta desdobrada em duas: o que pertence à análise? O que fica fora da análise?

É importante destacar que, ao explicitar a exigência de articular a metapsicologia à prática, Laplanche parte da teoria das pulsões, da teoria

da tópica e da angústia. No decorrer desta busca chega à sua teoria da sedução como fundamento da prática analítica e de sua definição de realidade psíquica. Cabe, ainda, apontar que a chamada teoria tradutiva já se anuncia no horizonte do pensamento do autor, sem ainda ser formulada neste *Problemáticas V*.

Para designar a existência de um traçado entre um dentro e um fora da análise, o autor utiliza, então, a imagem da *tina*. Ao longo do livro, vemos que tanto a oposição real/desreal (ou fantasístico, ilusório, imaginário) como a oposição linguageiro/não linguageiro, tematizadas por Laplanche, não definem o limite que a *tina* traça, uma vez que as produções do paciente em análise incluem (e seguem fazendo distinção) os diferentes níveis de realidade, assim como todo o tipo de linguagem, tais como, por exemplo, os jogos e atos das crianças em análise. Já a escuta do analista deve se orientar pelos elementos em torno dos quais gravitam todos esses tipos de produção do paciente, elementos em geral designados como *realidade psíquica*. A reflexão laplancheana em torno dessas oposições, no entanto, visa mostrar que a noção de *realidade psíquica* muitas vezes não se diferencia da noção de realidade psicológica ou subjetiva (forma singular como o sujeito vivencia ou apreende determinada realidade), não sendo suficiente para designar a realidade do inconsciente. Para circunscrever a particularidade em psicanálise da noção de *realidade psíquica*, o autor propõe pensar em um terceiro domínio de realidade: a *realidade da mensagem*, formulação somente compreensível se articulada à teoria da sedução tal como proposta por ele.

O limite que a *tina* traça é então proposto por Laplanche como sendo um limite entre o sexual e o não sexual: o limite da análise reafirma e reinstaura a chamada linha do *apoio*, ou, como

3 J. André, "Editorial – Jean Laplanche", p. 764.

4 J. André, *op. cit.*, p. 764.

5 J. Laplanche, "A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência", p. 80.

6 J. Laplanche, *A Tina...*, p. 4.

7 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 6.

8 J. Laplanche, "Psicanálise e Psicoterapia", p. 260.

»  
para Laplanche, certas  
condições reativam o inconsciente  
sexual conflitivo e desejante.  
A criança pequena é, para o adulto,  
uma dessas condições

ele dirá depois, permite a reabertura da relação originária ao enigma do outro. A situação analítica, aberta ao cotidiano, porém instaurada por esse limite, que exclui os interesses adaptativos, cria um circuito marginal e sexual em seu interior: uma verdadeira produção ou neogênese do sexual. Por isso, Laplanche define a *tina analítica* como acelerador ou ciclotron de libido.

Voltaremos, mais adiante, à temática da instauração da situação analítica e de suas aberturas, mas antes se faz necessária uma breve apresentação da teoria da sedução, relacionando-a à realidade psíquica, entendida como realidade da mensagem.

### A teoria da sedução como fundamento metapsicológico para a situação analítica

... a invenção genial da situação analítica só pode ser bem compreendida se casada com uma concepção da *situação antropológica fundamental* (adulto-infans) como dissimetria originária, que tem por outro nome a *sedução*<sup>8</sup>.

Para Laplanche, certas condições reativam o inconsciente sexual conflitivo e desejante. A criança pequena é, para o adulto, uma dessas condições, e das mais importantes, pois reaviva a lembrança de sua própria dependência inicial, de quando ele, adulto, gravitava ao redor do outro. A criança pequena, o bebê, desperta o inconsciente sexual infantil do adulto de quem ela depende, sendo esta a condição de instauração do inconsciente sexual na criança. Outra dessas condições especiais é a situação analítica. O inconsciente que surge das primeiras comunicações se caracteriza por seu



*o que é designado  
como situação antropológica  
fundamental é a relação adulto-criança,  
da qual nenhum ser humano  
pode escapar*

fechamento, e se ele “pode ser levado à linguagem e, de modo mais geral, à expressão, isso só pode resultar desse processo complexo que é o tratamento”<sup>9</sup>.

O que é designado como *situação antropológica fundamental* é a relação adulto-criança, da qual nenhum ser humano pode escapar. Diante de seu desamparo, a condição inicial do ser humano é de abertura ao outro, outro sexual, que é anterior ao sujeito. Para descrever essa relação, Laplanche inclui em seu pensamento a noção de apego, que relaciona à autoconservação freudiana, para dizer que existe uma relação de base não sexual, em que se dá uma comunicação simétrica a partir de montagens adaptativas.

No ser humano, no entanto, o campo da adaptação é praticamente uma abstração, pois no corpo biopsíquico do bebê, vem instalar-se muito rapidamente o sexual a partir das mensagens do adulto comprometidas pelo inconsciente sexual infantil do próprio adulto. Não se trata da instalação da psique no *soma*, mas da instalação do sexual em um corpo biopsíquico desde as origens, rompendo com o adaptativo e instaurando o campo do pulsional sexual, também biopsíquico. Sexual que para Laplanche inclui a pulsão sexual de morte e a pulsão sexual de vida, equivalendo a pulsão sexual de morte ao desligamento e a pulsão de vida aos movimentos de ligação pulsional e à simbolização.

A comunicação entre adulto e criança do ponto de vista da sexualidade, diferentemente da comunicação interativa adaptativa, ocorre em uma situação assimétrica e tem uma única direção, indo do adulto habitado por um inconsciente sexual em direção à criança, ainda pré-sexual. São então

mensagens comprometidas pelo sexual, sendo que este comprometimento é desconhecido pelo próprio adulto que as emite, e que não podem ser captadas pelo bebê *em sua totalidade contraditória*:

Nela se misturam, por exemplo, no modelo típico da amamentação, amor e ódio, alívio e excitação, leite e seio, seio *contínente* e seio excitado sexualmente, etc. Os *códigos* inatos ou adquiridos de que o *infans* dispõe são, então, insuficientes para fazer frente a essa mensagem enigmática. A criança deve recorrer a um novo código, ao mesmo tempo improvisado por ela e buscado nos esquemas fornecidos pelo meio cultural<sup>10</sup>.

Não cabe, no contexto deste artigo, entrar em detalhes sobre a teoria tradutiva de Jean Laplanche e sua relação com o recalque originário e constituição do aparelho psíquico, mas cumpre assinalar que as traduções, ou tentativas de tradução, fundam no aparelho psíquico um nível pré-consciente, correspondente à forma em que o sujeito se representa e à sua história. Esta tradução, no entanto, é sempre imperfeita, deixa restos que constituem o inconsciente da criança marcado pelo sexual adulto, mas em descontinuidade com ele:

É evidente que o inconsciente é marcado pelo *sexual*, já que tem sua origem no comprometimento da mensagem adulta pelo sexual. Mas não é de maneira alguma a cópia do inconsciente adulto, por causa do duplo *metabolismo* que o sexual sofreu nesse percurso: deformação na mensagem comprometida no adulto e, depois, na criança receptora, trabalho da tradução que remaneja completamente a mensagem implantada<sup>11</sup>.

Desse duplo desconhecimento originário, tanto do adulto como da criança, decorre que o que existe no inconsciente não são mensagens propriamente, mas restos de mensagens<sup>12</sup>, e são irre recuperáveis, pois nunca estiveram capturadas em uma rede que lhes outorgasse sentido. Assim, o campo da realidade psíquica inconsciente, em torno do qual gira a situação analítica, é o que escapou da atribuição de sentido, constituído pelo

que não pôde ser traduzido pela criança. O ser humano, então, parte de uma situação inicial de abertura ao outro, mas se constitui em um movimento de fechamento, correlativo à tradução e síntese que instauram, ao mesmo tempo, o inconsciente e o recalque originário, sendo que este fechamento do sistema psíquico se consolida com a constituição do eu como instância, passando a alteridade a ser interna. O intraduzível que vem do outro externo é fundante do outro interno, o inconsciente originário, que se constitui então como *quintessência da alteridade*. O que é peculiar à situação analítica é a reabertura do inconsciente, em sua dimensão enigmática e sexual, sendo a comunicação na análise movida pela tentativa incessante de cercar esse desconhecimento originário<sup>13</sup>.

### A dupla abertura da situação psicanalítica e sua instauração pelo analista

Para pensar a especificidade da situação analítica, Laplanche utiliza o modelo do sonho, que apresenta o aparelho psíquico em uma condição especial, em que está fechado para o exterior e excitado desde o interior, e o transforma, para conferir à situação analítica uma dupla abertura: uma abertura externa e outra interna. “Sua abertura externa é a conexão tangencial que ela estabelece entre os interesses da vida cotidiana e a produção

»»

*para pensar a especificidade da situação analítica, Laplanche utiliza o modelo do sonho, que apresenta o aparelho psíquico em uma condição especial*

de energia sexual”<sup>14</sup>. Trata-se de pensar a análise como marginal (*neben*) à vida cotidiana, mas conectada a ela, ocorrendo a produção de um circuito sexual em seu interior, a partir da incidência do que ocorre fora. À diferença do modelo do sonho, o que ocorre no exterior da sessão não está excluído, mas está *tangencializado*, em especial, pela atitude de recusa do analista aos interesses adaptativos, de forma a instaurar uma situação na qual o que importa seja da ordem da sexualidade, tanto em seus aspectos narcísicos e objetivos como parciais e *desligados*.

Sua abertura interna é a *transcendência da transferência*. “É a situação analítica que é, ela própria, transferência, reedição, mas também renovação da relação originária em que a criança recebe, do mundo do adulto, mensagens carregadas de um sentido sexual inconsciente”<sup>15</sup>. Seu único destino é ser ela mesma transferida para fora do tratamento. Com essa formulação, Laplanche responde a uma das questões que mobiliza seu pensamento – o final da análise: “Como desfazer-se daquilo que se contribuiu tão bem para produzir? Essa transferência, como liquidá-la?”<sup>16</sup>. Voltaremos ao tema do final de análise no tópico seguinte, mas, antes, faz-se necessário entender como ele pensa a produção da situação analítica pelo analista.

Laplanche propõe três funções do analista e do que ele instaura: responsável pela constância; piloto do método e acompanhante do processo primário; e guardião do enigma e provocador da transferência. Garante da constância e piloto do método são funções correlativas. Para além da importância da constância do enquadre, o que não exclui sua flexibilidade, o mais importante é a presença e *as atenções* do analista. A situação

9 J. Laplanche, “Breve tratado...”, p. 91.

10 J. Laplanche, “Três acepções da palavra inconsciente no âmbito da teoria da sedução generalizada”, p.194. Considero que aqui seria importante incluir o narcisismo transvazante, tal como propõe Silvia Bleichmar, articulado à dupla função materna. Laplanche prefere a ideia de *ajuda à tradução*, proposta por Francis Martens.

11 Laplanche, “Três acepções...”, p. 195.

12 Representação-coisa, objeto-fonte da pulsão, significante dessignificado e mensagem enigmática são alguns dos termos com que Laplanche busca nomear e circunscrever os elementos *desligados* que compõem a realidade psíquica inconsciente.

13 Para Laplanche, as formações de compromisso não têm prioritariamente intenção comunicativa, os fantasmas inconscientes se manifestam, pela via do deslocamento e condensação, como a *consumar*.

14 J. Laplanche, *A Tina...*, p. XII.

15 J. Laplanche, *op. cit.*, p. XII.

16 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 18.



*no entanto, a situação  
analítica difere do sonho  
porque inclui o outro como  
alteridade irreduzível*

analítica é um lugar de continência e de manutenção. O *holding* (Winnicott) é necessário, especialmente porque o método analítico induz um discurso de desligamento – e nesse sentido a imagem da *tina analítica* como ciclotron de libido coincide com a do sonho, na medida em que favorece o processo primário.

No entanto, a situação analítica difere do sonho porque inclui o outro como alteridade irreduzível, e é também função do analista ser guardião do enigma e provocador da transferência: Laplanche fala em *neutralidade benevolente*, propondo uma concepção criadora da neutralidade, provocadora da dimensão enigmática, o que diferencia a relação analítica de uma relação intersubjetiva, preservando a dissimetria. Trata-se tanto da renúncia a saber sobre a verdade concernente ao bem do outro, quanto também do reconhecimento da impossibilidade de saber sobre si mesmo, sendo a conservação da alteridade interna do analista fundamental para instaurar a renovação da dimensão enigmática da situação originária na transferência. É a dimensão enigmática que constitui o polo de atração das sucessivas traduções do analisando.

Para Laplanche, “essa reinstauração da situação originária se dá principalmente por dois meios: 1) a situação analítica e seu produto, a transferência; 2) a análise, como método de destruição”<sup>17</sup>.

As transferências: transferência em pleno e transferência em oco

Para Laplanche, o ato psicanalítico é a conjunção entre situação e método. O autor entende a

situação analítica como radicalmente assimétrica: é a dissimetria infantil que justifica a dissimetria analítica. A busca de ajuda ou resposta diante de seu sofrimento, de seu não saber, reenvia o analisando à situação de desamparo originária, onde o outro sabe. O analista, em posição de suposto saber (Lacan), deve renunciar a saber sobre o outro, e também, especialmente, a saber sobre si mesmo, mantendo a relação enigmática com seu próprio inconsciente. Estas renúncias instauram um oco no interior da análise, produtor da transferência analítica.

Nesse oco, instaurado pelo analista e por sua renúncia ao saber<sup>18</sup>, o que vem se instalar? Pode vir se instalar um pleno ou um oco. Um pleno é a repetição positiva dos comportamentos, das relações, das imagens infantis. Um oco é também uma repetição, mas onde a relação infantil repetida reencontra seu caráter enigmático e em que as imagens não estão mais totalmente plenas<sup>19</sup>.

Como acabamos de ver, Laplanche desdobra a transferência em dois: transferência em oco e transferência em pleno. A oferta de análise e a atitude interna do analista produzem essa transferência peculiar à análise, denominada transferência em oco, que possibilita a reabertura da relação originária com o enigma e seu portador no interior da análise. O outro, que foi originalmente externo, *a conquistar* pelos movimentos iniciais de tradução do psiquismo incipiente, foi posteriormente tornado interno pelo recalque, e é a situação de transferência que é capaz de recolocar em jogo a pulsão a traduzir renovada: “o outro se dirige a mim, de maneira enigmática, e eu (bebê – analisante) traduzo”<sup>20</sup>. Para Laplanche, é a dimensão enigmática da transferência que permite desdobrar a transferência em pleno, fazê-la progredir e, no melhor dos casos, propiciar tanto o tratamento dos enigmas do outro interno (o inconsciente), como, também, a reformulação dos enigmas do outro externo (os pais, os adultos): “[...] é somente a partir do momento em que aparece uma clivagem no âmago das imagens ou das cenas transferidas [...] que a transferência

em pleno poderá evoluir para uma transferência em oco e se elaborar<sup>21</sup>.

Trata-se de uma reabertura, pois o “movimento de constituição do sujeito se fez por um fechamento, que é precisamente o recalque, a constituição das instâncias, a colocação do outro no interior e seu encerro sob a forma do inconsciente”<sup>22</sup>. Na abertura oferecida pela análise, vai alojar-se o que ficou encerrado: “alojar-se aí para se abrir, mas também para se analisar. Porque o que é novo na análise, com relação à cultura, não é a transferência, é... a análise, quer dizer, a *Lösung*”<sup>23</sup>.

Laplanche não se dedica a pensar as diferentes figurações da transferência em pleno, mas a assinalar que, se houvesse apenas transferência em pleno, nada permitiria sair dela. Se a transferência se reduzisse à repetição, por exemplo, de antigas relações de objeto, tal como ocorre na vida cotidiana, o que permitiria pensá-la no interior da análise? E como a situação analítica poderia ser finalizada?

Em *A Tina*, Laplanche aborda um período da história do conceito e trabalha sobre algumas concepções de transferência. Estas, ao privilegiarem em sua definição a dimensão do ilusório (*Lagache*) ou da regressão ao infantil (*Macalpine*), levam a pensar no final de análise, ou como retificação do imaginário pelo real, ou como adaptação à realidade, sendo o parâmetro maior, ora a relação com o analista, que serviria como medida da realidade – *eu não sou quem você pensa que eu sou* –, ora uma evolução maturativa, que levaria a uma relação mais discriminada com a alteridade. Em “Da Transferência: sua provocação pelo analista”, Laplanche considera que predomina

17 J. Laplanche, “Metas del proceso analítico”, p. 193.

18 Para dar maior consistência ao texto, optamos por traduzir *refusement* por *renúncia* sempre que se referir à renúncia ao saber, e manter *recusa* quando se referir à exclusão do adaptativo.

19 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*, p. 170.

20 J. Laplanche, “El Psicoanálisis como anti-hermenéutica”, p. 209.

21 J. Laplanche, *Novos fundamentos...*, p. 171.

22 J. Laplanche, “De la transferencia: su provocación por el analista”, p. 181.

23 *Lösung*, termo de difícil tradução, tanto em francês como em português: análise, resolução e dissolução. J. Laplanche, *op. cit.*, p. 185.



em *A Tina*, Laplanche  
aborda um período da história  
do conceito e trabalha sobre algumas  
concepções de transferência

(França, 1991) a análise *em* transferência, no lugar da análise *da* transferência, a qual supõe uma transferência de base, como meio mesmo da análise. Nesse sentido, a interpretação de um movimento transferencial não visa atacá-lo como defesa ou resolvê-lo, pois dissolver a transferência seria *cortar o galho no qual se está sentado*. Interpretar a transferência visa ajudá-la a evoluir e progredir para ser elaborada. No entanto, diz ele, a questão do final da análise não estava suficientemente resolvida.

É, então, na medida em que o fundamento da transferência é a relação com o enigma, que ele propõe que há dissolução ou resolução da transferência em pleno na transferência em oco, a qual, ao término de uma análise, não se trata de dissolver e nem de fazê-la desaparecer de forma progressiva, mas de que ocorra transferência da relação com o enigma para outros lugares, em especial para a relação com a cultura, seja como produtor, seja como receptor, seja como analista: o enigma pulsiona o artista a comunicar, criando, provocado por um destinatário desconhecido, e interpela o receptor a traduzir a partir de seu próprio inconsciente em contato com a alteridade da obra. A este movimento, Laplanche chama *transcendência da transferência*: a cultura, tal como a análise, é outro lugar privilegiado, potencialmente capaz de produzir uma reabertura da dimensão da alteridade.

A análise como método de destruição

Como dissemos, a situação analítica é excitante, e em torno do enigma se tecem as inúmeras tentativas de tradução do analisando. Ao lado das



a teoria da sedução  
não é uma língua de leitura,  
e sim uma tentativa de compreender  
a prática analítica

transferências, é a análise como método de des-  
tradução, como meio de acesso ao inconsciente,  
que Laplanche coloca no centro da *tina*. A análise  
se inscreve, assim, como *contracorrente* da tenta-  
tiva de tradução e síntese, que é inerente ao ser  
humano. Mais adiante, volto a essa questão, ao  
abordar alguns aspectos relacionados à concep-  
ção de constituição do eu-instância em seu pen-  
samento. Por ora, sigamos com a prioridade que  
ele dá ao método.

Para melhor inserir sua concepção, importa  
dizer que o autor considera que, em qualquer tra-  
tamento psicanalítico, existem sempre análise e  
psicoterapia, ocorrendo uma oscilação entre a sín-  
tese psicoterapêutica e o desligamento analítico.  
No entanto, para Laplanche, como em Freud, há  
em psicanálise prioridade do *método*, entendido  
como “procedimento de investigação de processos  
psíquicos quase inacessíveis de outra maneira”<sup>24</sup>.  
É a situação assimétrica, que instaura a transfe-  
rência peculiar à análise, que também torna pos-  
sível o *método*, o qual é denominado por ele de  
*método associativo-dissociativo*. Método que tem  
como base a associação livre do paciente e, do  
lado do analista, o que importa é um *nivelamento*  
*metodológico* ou *escuta em um mesmo plano*, que  
tem por finalidade desligar, destraduzir, desesta-  
bilizar conjuntos coerentes, de forma a permitir  
o surgimento de novo material. Conseqüente-  
mente, diferencia o ato psicanalítico das inúmer-  
as formas através das quais, em uma análise, com  
ajuda maior ou menor do analista, predominam  
os movimentos de auto-historização e tradução  
do sujeito, que são renovados pelo novo mate-  
rial – sendo que essas reescritas são tentativas de  
síntese que compõem o aspecto hermenêutico e

psicoterápico de toda análise. Nesse sentido, ana-  
lista e paciente estão *unidos pelo método*, mas o  
verdadeiro hermeneuta é o paciente.

No que se refere às situações em que as con-  
dições de síntese e elaboração do paciente são  
insuficientes, ou que a indicação para a análise  
é posta em questão, o autor pergunta: “Temos o  
direito de ajudar a *desligar* o que já tem dificul-  
dade de ligação?”<sup>25</sup>.

No entanto, pondera:

[...] nenhum alienado o é totalmente. Sempre existe  
nele uma parte neurótica, recalçada [...]. Nesta medida,  
a análise cuidadosa dessa parte neurótica pode ter um  
efeito de encadeamento sobre toda a pessoa, inclusive  
em sua parte psicótica<sup>26</sup>.

Pode-se criticar o uso da provocativa palavra  
*alienado*, mas eis aí uma aposta – e não uma res-  
posta, e um convite a sustentar a especificidade do  
método psicanalítico, tal como por ele proposto,  
em todas as situações. E também a encarar mui-  
tas questões deixadas em aberto.

O eu como hermeneuta:  
Gestalt e tradução na *tina*

Abrimos este texto com a afirmação de Laplanche  
de que a teoria da sedução não é uma *língua de*  
*leitura*, e sim uma tentativa de compreender a prá-  
tica analítica. Tendo já estabelecido a intrínseca  
relação entre teoria da sedução e prática analítica,  
cabe ainda esclarecer em que medida essa teoria  
não se propõe a ser uma “*língua*” de *leitura* que po-  
deria instrumentalizar uma suposta compreensão  
psicanalítica de acontecimentos psíquicos. Essa  
proposição pode ser ampliada e encontrar sua  
dimensão no pensamento do autor, por meio da  
diferença que ele estabelece entre metapsicologia  
e mito. Além desse esclarecimento, a dimen-  
são mítica nos permitirá pensar sobre algumas  
das formas como o eu se apresenta e trabalha na  
situação analítica e, ao final, apontar a algumas  
questões, dentre muitas que se colocam.





em um momento como o atual,  
estudar e descobrir novos esquemas  
narrativos instiga a trabalhar  
na interface da psicanálise com outras  
áreas do conhecimento

Laplanche propõe que a metapsicologia é a teoria do ser humano afetado por um inconsciente. “Teoria, portanto, do inconsciente, de sua natureza, sua gênese, seu retorno, seus efeitos, etc. Assim, primordialmente, teoria do recalque, de seus fracassos, até mesmo de sua ausência (dando acesso, então, à teoria da psicose)”<sup>27</sup>. Difere do “[...] campo dos mitos, esquemas narrativos, modelos de simbolização e historização; alguns, mas não todos, foram descobertos pela psicanálise, como o Édipo”<sup>28</sup>. A criança se utiliza desse campo, denominado de mito-simbólico, em suas tentativas de tradução das mensagens dos adultos, sendo que essas formações têm a finalidade de organizar, ligar e recalcar a sexualidade. Esses esquemas narrativos não são universais e nem atemporais, e podem ser estudados pela psicanálise, “em sua gênese, em sua maior ou menor capacidade de simbolizar; no que constitui seu núcleo (a *terceiridade* torna o Édipo eficaz?)”<sup>29</sup>. Cabe assinalar que, ao incluir o Édipo, e também a castração, dentre esses esquemas narrativos, afirmando sua contingência e seu lugar como organizadores psíquicos historicamente condicionados, Laplanche deixa abertas interrogações sobre o secundariamente recalçado e sua relação com a constituição do sujeito, não os considerando como núcleo do inconsciente originário.

Penso que, em um momento histórico como o atual, marcado pela transitoriedade, no qual “os códigos (ou ideologias) circulam, universalizam-se e ficam obsoletos cada vez mais rápido”<sup>30</sup>, a perspectiva indicada, de estudar e descobrir novos esquemas narrativos, instiga a trabalhar nessa direção, na interface da clínica e teoria psicanalíticas com outras áreas do conhecimento. No entanto, a teoria da sedução não segue por esse caminho, situa-se no âmbito da metapsicologia,

não é uma teoria que fornece esquemas interpretativos, sendo inapta a ser utilizada como *língua de leitura*. Visa a designar, ao tomar como ponto de partida a situação antropológica fundamental, um fenômeno universal, inerente ao humano. Ela não é uma hermenêutica, muito embora se proponha a situar o lugar da hermenêutica e explicar a função dos mitos, tanto no ser humano como na situação analítica. O lugar da hermenêutica no ser humano é o eu-instância<sup>31</sup>, porquanto este é o lugar privilegiado de síntese e ligação pulsional no aparelho psíquico. É função das formações mito-simbólicas oferecer códigos de compreensão que estão no universo social. O mito-simbólico coletivo fornece à criança os meios com os quais ela procura tratar as mensagens que lhe vêm do outro, e dele deriva a construção da novela particular do sujeito. Em relação a esta, a intervenção do analista visa desconstruir, apontar suas contradições internas ou ainda explicitar sua intriga, se diferenciando do exercício do método *stricto sensu*, e até mesmo se contrapondo a ele.

Na *tina* analítica, como já afirmamos, ocorre uma oscilação entre a síntese psicoterapêutica e o desligamento analítico, e toda síntese, ainda que proposta pelo analista e advinda de esquemas propostos pela psicanálise, é uma ajuda à ligação psíquica e à simbolização, e nesse sentido é uma ajuda ao recalque e à defesa. Embora essas sínteses sejam sempre defensivas, elas podem ser mais rígidas ou mais porosas e flexíveis. Na medida em que a tendência do *eu* é sempre de fechamento e síntese, é o *método* que possibilita o surgimento de novo material, favorecendo que o movimento de elaboração na análise caminhe em direção a traduções cada vez mais abrangentes e

24 S. Freud, “Psicoanálisis y teoría de la libido (Dos artículos de Enciclopedia)”, p. 2661.

25 J. Laplanche, “Psicanálise e Psicoterapia”, p. 263.

26 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 264.

27 J. Laplanche, “Contracorrente”, p. 99.

28 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 99.

29 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 99.

30 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 98.

31 A referência ao *eu*, neste artigo, será sempre ao *eu* como instância, tal como definido por Freud na segunda tópica.



*o conceito de identificação  
aponta para as formas  
em que os sujeitos encarnam  
os mitos, em que somos e  
agimos nossas traduções*

mais próximas do recalcado, ainda que sempre em defasagem em relação ao inconsciente inatingível.

Para Laplanche, são duas as vias pelas quais o aparelho psíquico se fecha e o eu-instância se constitui. Uma delas se dá através da busca de traduzir e tratar os elementos enigmáticos provenientes das mensagens recebidas. A outra via é a identificação narcisista: “O eu não é uma instância definitiva, está construído contra uma alteridade fundamental, por meio da atribuição de sentido (traduções) e das identificações”<sup>32</sup>. Penso que essa afirmação, que remete aos movimentos constituintes do *eu*, está relacionada à sua proposição de que a ação sintética do *eu* se dá segundo dois tipos, que são muito diferentes, embora ambos estejam sempre presentes no *eu* e se relacionem: um tipo que se efetua graças a conexões simbólicas complexas, de acordo com o já apresentado modelo tradutivo, e outro tipo, que ele chama de gestáltico. Este segundo tipo corresponde a uma ligação eminentemente narcisista e, nas palavras do autor, mais *tosca*, na qual o eu unifica o diverso sem mediações. Sobre a articulação entre essas duas formas por meio das quais o eu exerce a síntese, diz Laplanche: “Não há Aníbal nem identificação a Aníbal sem a história de Aníbal, mas não há história de Aníbal sem que o eu venha especularmente recortar e extrair para si o personagem no seio de sua história”<sup>33</sup>.

Ora, o conceito de identificação, inclusive por remeter a esse aspecto *tosco*, pouco elaborado psiquicamente, aponta para as formas em que, creio poder dizer, os sujeitos encarnam os mitos, em que somos e agimos nossas traduções. Essa articulação é clinicamente fértil, uma vez que, sempre que é possível colocar em questão

traços identificatórios aos quais o sujeito se encontra aderido, vemos se abrir um campo de múltiplas possibilidades de historização, ou, no dizer de Laplanche, de novas traduções, que possibilitam remanejamentos subjetivos e libidinais. Além disso, em suas múltiplas facetas, o conceito de identificação é interessante para pensar nas figurações da transferência em pleno, tanto quando o *fogo invade a cena*<sup>34</sup>, quanto nas pequenas infiltrações que ocorrem quando o processo elaborativo na análise está em curso, permeando-o de sutis movimentos transferenciais *em pleno*.

Como identificação narcisista, o conceito aponta também à situação originária, como contraface da sedução, uma vez que está na origem do *eu*. No entanto, curiosamente, Laplanche não desdobra sua reflexão sobre o lugar da sexualidade do outro na constituição do narcisismo da criança. O tema é complexo e seu desenvolvimento ficará para outra oportunidade, mas vale assinalar que essa questão remete a uma diferença importante entre o pensamento de Laplanche e o de Silva Bleichmar, sendo que a autora prefere falar em dupla função materna e narcisismo transvazante. Para ela, é a partir de seu aparelho psíquico clivado entre inconsciente e *eu* narcisista, que a mãe se aproxima da criança. Bleichmar, assim, atribui ao investimento amoroso do adulto (sexualidade ligada e inibida quanto à meta) um papel decisivo nas ligações pulsionais que serão tornadas possíveis para a criança e estarão na base da formação do *eu*, sendo esse investimento amoroso a contrapartida da sedução originária. A meu ver, o desenvolvimento dessa discussão também aponta a consequências clínicas importantes para a situação psicanalítica e a transferência, em especial nas situações em que a aplicação do método se encontra limitada, ou mesmo impossibilitada, diante das condições psíquicas do paciente.

E a contratransferência?

Encerro com uma breve menção à contratransferência no pensamento de Laplanche e formulo

uma questão em relação ao campo transferencial-contratransferencial.

Laplanche pensa que a contratransferência do analista não é capaz de informar sobre o inconsciente do paciente. Como vimos, ele é enfático a respeito da assimetria analítica e das renúncias do analista, particularmente no que se refere à renúncia a pensar que sabe sobre o próprio inconsciente. Nesse sentido, para ele, as reações subjetivas do analista (afetos, pensamentos e atos) não dão acesso ao seu próprio inconsciente, que permanece inacessível, e nem ao inconsciente do paciente. Não há reciprocidade entre analista e paciente, a relação analítica não é uma relação intersubjetiva entre pares, e nem há possibilidade alguma de que, por meio de seu pensamento pré-consciente, o analista tenha acesso à dimensão inconsciente, seja de si mesmo, seja do paciente.

Sua insistência na dissimetria analítica é sua insistência na alteridade interna e externa, no *outro do outro e no outro de si mesmo*. Trata-se da realidade do inconsciente: o outro é outro, “é outro que eu porque é outro que ele mesmo. A alteridade externa reenvia à alteridade interna”<sup>35</sup>. Para ele, a contratransferência é a relação particular do analista com seu inconsciente irredutível.

No que se refere à transferência-contratransferência, Laplanche é claro ao afirmar sua discordância em relação à suposição de uma paridade na *dinâmica* transferencial-contratransferencial, por considerar que *certas concepções* (não fica claro a quais se refere) introduzem uma suposição de paridade simétrica entre analista e paciente, renunciando a assimetria. No entanto, ao se pronunciar sobre a posição de Daniel Widlöcher, que propõe uma “*associatividade compartilhada*, (que) implica

»»

*Laplanche é claro  
ao afirmar sua discordância  
em relação à suposição  
de uma paridade na dinâmica  
transferencial-contratransferencial*

a contratransferência”<sup>36</sup>, Laplanche diz estar disposto a aceitar que exista um campo de produções psíquicas ou associações entre analisando e analista, e que esse campo possa ser explorado. Porém, considera que se trata de um acompanhamento pré-consciente e que este nem sempre anda *pari passu* com a possibilidade de implementação do método, ou da regra da *atenção igualmente suspensa* – regra que destaca e acentua “o que o paciente tenderia a manter à sombra, estando também, em suma, a serviço do desligamento e nem sempre correspondendo a dois processos de pensamento bem sintonizados”<sup>37</sup>.

Esta última observação merece destaque. Seria possível articular a seu pensamento a importância de que *as atenções* do analista contemplem tanto uma escuta dirigida às produções do paciente e à implementação do método, quanto também a escuta atenta de movimentos transferenciais e contratransferenciais, desde que mantida a assimetria analítica? A que campo de fenômenos psíquicos esses movimentos corresponderiam e quais os ganhos clínicos que daí decorrem? Minha inclinação é pensar que o conceito de identificação, articulado aos de transferência em pleno e transferência em oco, pode indicar um caminho na investigação dessas perguntas.

32 J. Laplanche, “Metas del proceso...”, p. 195.

33 J. Laplanche, “Sublimation et/ou inspiration”, p. 316. Tradução livre de Luis Claudio Figueiredo. Aproveito para agradecer sua leitura arguta e generosa.

34 Imagem utilizada por Freud em “Observaciones sobre el amor de transferencia”.

35 J. Laplanche, “De la transferencia...”, p. 174.

36 J. Laplanche, “Intervenção num debate”, p. 217.

37 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 217.

## Referências bibliográficas

- André J. (2012). Editorial – Jean Laplanche. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 15, n. 4. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1415-47142012000400001>.
- Freud S. (1914-1915/1981). Observaciones sobre el amor de transferencia. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. II.
- \_\_\_\_\_. (1922-1923/1981). Psicoanálisis y teoría de la libido (Dos artículos de Enciclopedia). *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. III.
- Laplanche J. (1984/1988). A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência. In \_\_\_\_\_. *Teoria da sedução generalizada e outros trabalhos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1987/1993). *Problemática v – A Tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1987/1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1992 /1996). De la transferencia: su provocación por el analista. In \_\_\_\_\_. *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1992). *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1967-1992*. France: Aubier.
- \_\_\_\_\_. (1993/2001). Breve tratado del inconsciente. In \_\_\_\_\_. *Entre Seducción y inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1997/2001). Metas del proceso analítico. In \_\_\_\_\_. *Entre Seducción y inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1995/2001). El Psicoanálisis como anti-hermenéutica. In \_\_\_\_\_. *Entre Seducción y inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1999/2001). Sublimación y/o inspiración. In \_\_\_\_\_. *Entre Seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: Presses Universitaires de France.
- \_\_\_\_\_. (2001/2015). Contracorrente. In \_\_\_\_\_. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense.
- \_\_\_\_\_. (2003/2015). Três acepções da palavra inconsciente no âmbito da teoria da sedução generalizada. In \_\_\_\_\_. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense.
- \_\_\_\_\_. (2006/2015). Psicanálise e Psicoterapia. In *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense.
- \_\_\_\_\_. (2005/2015). Intervenção num debate. In \_\_\_\_\_. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Sexual: La sexualité élargie au sens freudien 2000-2006*. Paris: Presses Universitaires de France.

## The specificity of the psychoanalytic situation according to Jean Laplanche

**Abstract** This article is based on the consideration that the search to understand the specificity of the analytic situation and of the transfer that it produces was crucial for the formulation of the *theory of generalized seduction*, as proposed by Jean Laplanche. It presents this articulation with the line of thought of the author and his conception regarding the psychoanalytic situation and the transfer, as well as the importance that he grants to the *method*. It highlights some unresolved questions in the work of the author and then finishes by formulating a question regarding the transferential-countertransferential field, based on some clues left by the author.

**Keywords** theory of generalized seduction; analytic situation; transfer; analytical method; countertransference.

**Texto recebido:** 08/2016

**Aprovado:** 09/2016

# Considerações sobre a sensorialidade na constituição do psiquismo

Marcia Regina Bozon de Campos

**Resumo** Através da teoria da sedução generalizada, Jean Laplanche apresenta a investigação da construção do originário na constituição subjetiva, partindo da hipótese de que o adulto, ao se ocupar do bem-estar e da sobrevivência da criança por meio dos cuidados dispensados ao seu corpo, envia-lhe mensagens enigmáticas, carregadas de conteúdos sexuais. Neste artigo procuro destacar a sensorialidade como campo de transição entre o biológico e o autoconservativo presente nesse processo e seus ecos na clínica psicanalítica.

**Palavras-chave** psicanálise; corpo; sensorialidade; originário; teoria da sedução generalizada.

**Marcia Regina Bozon de Campos** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, coordenadora dos cursos “Corpo: imagem corporal e identidade” e “O corpo na clínica” no mesmo instituto, mestre em comunicações e artes pelo IA/UNICAMP.

Que quer de mim este seio que me alimenta, mas que também me excita; que me excita se excitando? Que quer ele me dizer, que ele mesmo não sabe?<sup>1</sup>

Nos primórdios da vida, todas as vivências afetivas, em sua maior parte relacionadas aos investimentos maternos, derivam de uma experiência interna que ocorre na interface entre o psíquico e o somático. Nesse tempo inicial, a sensorialidade pode ser pensada como campo transicional entre o autoconservativo e o erógeno, propiciando as trocas com o exterior que por sua vez permitirão que algo seja implantado no funcionamento endógeno da criança, possibilitando o surgimento da excitação sexual e marcando o início do processo de constituição do espaço psíquico a partir da sexualidade infantil.

Discordando do modelo freudiano que aponta o corpo como fonte da pulsão, Laplanche compreende que o advento da sexualidade, embora revelador da erogeneidade, não emerge do corpo, tendo sua origem num processo de tradução que a criança faz de algo proveniente do adulto e que lhe é implantado. Na concepção laplancheana, a sexualidade é, portanto, inaugurada por um processo de comunicação através do qual o adulto, através de gestos de cuidado, envia à criança mensagens carregadas de fantasias inconscientes portadoras de conteúdos sexuais. Considero importante destacar que para o autor a comunicação antecede o advento da linguagem, sendo ancorada em aptidões inatas como, por exemplo, as descritas no modelo do apego introduzido por Bolby, segundo o qual a criança seria

<sup>1</sup> J. Laplanche, “A pulsão e seu objeto-fonte”, in: *Teoria da sedução generalizada*, p. 79.



*embora o apego estabeleça  
uma evidente relação com o aspecto  
instintual, traz consigo a ideia  
de reciprocidade no contato  
entre a mãe e o bebê*

portadora de uma capacidade inata de provocar a aproximação da mãe a fim de garantir a manutenção da vida. Em contrapartida, a mãe seria portadora de comportamentos de cuidado inatos desencadeados pelo contato com a criança. Embora o apego estabeleça uma evidente relação com o aspecto instintual, traz consigo a ideia de reciprocidade no contato entre a mãe e o bebê. Também é fundamental considerar que, ao dizer que a comunicação entre o adulto e a criança antecede a linguagem, Laplanche não ignora o fato de que a comunicação humana seja inevitavelmente marcada pela ambiguidade e pela complexidade da linguagem na qual o homem está imerso, considerando inconcebível a existência de uma modalidade de comunicação reduzida ao seu aspecto instrumental, já que toda comunicação humana está contaminada pela sexualidade. Podemos então compreender que a importância conferida ao apego por Laplanche se atribui à hipótese de o autor concebê-lo como uma onda portadora de mensagens carregadas de fantasias inconscientes e sexuais a serem implantadas pelo adulto no corpo da criança. A sensorialidade constitui um elemento fundamental nesse processo, impingindo uma receptividade somática que permite a implantação.

O trânsito entre corpo e psiquismo, tão inescapável e universal quanto a situação antropológica fundamental adulto-criança proposta por Laplanche, persiste por toda a vida, sendo sua compreensão imprescindível para percebermos a importância das relações entre o psíquico e o sensorial. A clínica tem me mostrado que o olhar dirigido às sutilezas da relação entre a sensorialidade e o psiquismo produz

ecos na relação transferencial, representando um instrumento importante na análise, principalmente de pacientes cuja pobreza da capacidade de simbolização denota um severo comprometimento da constituição subjetiva.

Para refletir sobre essas questões, recorro a autores que se dedicaram à compreensão das origens do psiquismo num tempo primordial. Jean Laplanche, com a teoria da sedução generalizada, apresentada em 1987 no livro *Novos fundamentos para a psicanálise*, afirma o recalque originário como ponto de partida para a fundação do inconsciente e constituição do eu, desenvolvendo a questão da instalação do inconsciente e da sexualidade desde os seus primórdios. Já Piera Aulagnier, Silvia Bleichmar e também Winnicott atentam não apenas para a instalação da pulsão com seu caráter disruptivo, desligado e em busca de tradução, mas também para aquilo que, na relação primitiva com o outro, a partir dos cuidados maternos e do estabelecimento do vínculo, fornece os elementos de ligação necessários à instalação do recalque originário e da constituição do psiquismo.

Em constante diálogo com Freud, Laplanche radicaliza a premissa da primazia da sexualidade infantil e a importância do outro na constituição do inconsciente. A pulsão, originalmente postulada por Freud como um conceito limítrofe entre o psíquico e o somático, é revista na teoria laplancheana como proveniente da intrusão representacional e econômica decorrente da sedução à qual a criança é submetida pelo adulto que se ocupa dos cuidados com seu corpo, conduzindo-a ao ingresso na dimensão fantasística da sexualidade. A partir dessa premissa, a origem da pulsão perde seu caráter endógeno ou inato, passando a ser concebida como adquirida e epigenética, embora permaneça ancorada no corpo.

Piera Aulagnier contribui para essa reflexão a partir do seu postulado sobre a existência de um processo originário de constituição psíquica, cuja atividade é coextensiva à experiência corporal. Mais precisamente, a atividade do processo originário decorre das excitações provenientes das

superfícies sensoriais a partir do encontro com um objeto exterior, sendo que as marcas desse encontro resultam em uma inscrição, um pictograma. No originário, a dualidade que compõe o encontro é ignorada, e a autoria das experiências de prazer ou de desprazer é atribuída às zonas sensoriais, de modo que toda experiência vivida será traduzida num fluxo de inscrições, através do qual a relação entre a zona sensorial e o objeto excitante se apresentará ou como investimento recíproco ou como tentativa de destruição. Metamorfoseando as afetações em hieróglifos corporais, essas primeiras inscrições pictográficas antecederão tanto a fantasia quanto qualquer possibilidade de nomeação por parte do eu.

### A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche

A teoria da sedução generalizada foi introduzida por Jean Laplanche com o intuito de retomar a concepção freudiana de trauma, relacionando-o à sedução inconsciente à qual a criança está submetida por parte do adulto. Apoiado na afirmação da existência do inconsciente e de sua origem sexual, Laplanche amplia a teoria da sedução postulada por Freud, conferindo novamente à alteridade um lugar fundamental na constituição do sujeito psíquico, já que, ao atribuir a fundação do inconsciente à pulsão, Freud minimiza, em certa medida, a importância do outro nesse processo. O autor apresenta a investigação da construção do originário na constituição subjetiva, partindo da hipótese de que o adulto, ao se ocupar do bem-estar e da sobrevivência da criança por meio dos cuidados que lhe são dispensados, envia-lhe mensagens enigmáticas, portadoras de elementos sexuais inconscientes.

Ao se referir à pulsão, Freud utiliza o termo *Grenzbegriff* (*grenze* – limite; *begriff* – conceito), para defini-la como um conceito limite, situado na fronteira entre o anímico e o somático, uma força cuja fonte é corporal, mas que exerce influência no campo psíquico. Assume claramente uma postura

segundo Laplanche, a atribuição  
freudiana de uma origem  
somática à pulsão confere  
à fundação do inconsciente  
uma tendência biologizante

dualista, distinguindo a esfera corporal da esfera psíquica, mas na perspectiva deste artigo, em relação ao que estou destacando, é importante observar que isso não significa considerar que essas esferas sejam autônomas, ou tampouco que estejam submetidas a uma organização hierárquica.

A atribuição freudiana de uma origem somática à pulsão confere à fundação do inconsciente uma tendência biologizante, compreendendo a sexualidade humana como prioritariamente endógena, tendo o ego como ponto de partida. A teoria da sedução generalizada de Laplanche desmonta a concepção freudiana, atribuindo à sexualidade a emancipação do humano em relação ao biológico, partindo da hipótese de que a sexualidade é originada de um processo de tradução realizado pela criança das mensagens enigmáticas implantadas pelo adulto sedutor, sendo a pulsão derivada dos restos não traduzidos dessas mensagens.

Considero que o olhar sobre o papel da sensorialidade pode ampliar a compreensão sobre a complexidade dos processos corporais presentes nessa relação primordial, pois, embora a função sensorial dependa de um aparato biológico, a sensorialidade é, desde o início, marcada pela presença do outro, sendo responsável por garantir a abertura necessária para a introdução da sexualidade. Assim, as mensagens inconscientes dirigidas à criança serão *implantadas pela via sensorial* que, através de sua conexão imediata com as sensações de prazer e de desprazer, atribuirão ao inconsciente incipiente características próprias.

Silvia Bleichmar contribui para nossas reflexões postulando que “O fato de que haja uma energia somática que se torna energia psíquica, em princípio sexual, é efeito da intervenção de um





em certa medida, Sivia Blechmar  
se distancia da teoria  
da sedução generalizada  
ao atribuir ao adulto uma função  
de duplo comutador

comutador não existente no organismo como tal, senão no encontro com o objeto sexual oferecido pelo outro”<sup>2</sup>. Se por um lado, em concordância com Laplanche, Bleichmar afirma a importância fundamental da alteridade na instauração da sexualidade a partir da “estreita relação existente entre o psiquismo infantil incipiente e o inconsciente materno”<sup>3</sup>, por outro distancia-se em certa medida da teoria da sedução generalizada ao atribuir ao adulto uma função de duplo comutador, responsável por implantar as mensagens sexuais e simultaneamente oferecer à criança recursos de simbolização através da contenção e do apaziguamento das intensidades provocadas pela implantação. A autora confere ao adulto sedutor o papel de tradutor parcial de suas próprias mensagens através da ligação terna e amorosa que estabelece com a criança, retomando parcialmente a concepção freudiana segundo a qual a descarga exigida pelo aumento de tensão decorrente dos processos de autoconservação se dá por uma ação específica impossível de ser realizada pelo bebê em seus primórdios, de modo que da mãe dependerá a condução dessa descarga, a qual, conseqüentemente, apaziguará a tensão promovendo uma vivência de satisfação. Bleichmar observa que “a vivência de satisfação não se constitui pela simples satisfação nutritiva, senão pelo fato de que esse elemento nutrício é introduzido pelo outro humano, sexuado, provido de inconsciente e cujos atos não se reduzem ao autoconservativo”<sup>4</sup>.

Será justamente nesse momento que mensagens enigmáticas serão endereçadas à criança gerando restos que produzirão inscrições no seu inconsciente rudimentar. Ora, esses gestos serão dirigidos ao corpo do bebê, não havendo,

portanto, outra entrada para tais inscrições que não o campo da sensorialidade através de seus mecanismos capazes de receber e imediatamente inserir a informação sensorial na cadeia de prazer-desprazer. Nas palavras de Laplanche a respeito desse processo, “a autoconservação implica uma abertura imediata ao mundo, abertura perceptiva e motora do organismo sobre seu ambiente”<sup>5</sup>, sendo justamente essa abertura ao outro mediada pelo estado de desamparo no qual o bebê humano vem ao mundo que o humaniza. Esse processo de humanização se dá, justamente, pelo atravessamento dos significantes enigmáticos carregados de conteúdos sexuais inconscientes desconhecidos pelo próprio adulto.

A visão da autoconservação da vida como prioridade inata, que tem como consequência a predisposição do bebê a uma abertura imediata ao mundo, é uma ideia central no pensamento de Jean Laplanche, que o leva a negar veementemente a visão solipsista de um organismo em princípio fechado sobre si mesmo que só *a posteriori* viria a se abrir ao objeto, afirmando definitivamente a importância da alteridade na constituição do inconsciente.

A partir disso podemos pressupor que o bebê humano seja dotado de uma capacidade inata de receber e de processar, ao menos parcialmente, os conteúdos que o adulto inconscientemente “decalca”<sup>6</sup> sobre sua pele psicofisiológica. Conteúdos que tanto podem ser de natureza sensorial como verbal, se considerarmos as palavras desvinculadas de seu significado, ou seja, reduzidas ao som e à melodia da entonação materna. Num primeiro momento, antes do recalque primário, o decalque acontece na periferia do corpo da criança, sobre uma derme psicofisiológica. Conforme postula Jean Laplanche, será somente após as sucessivas tentativas de metabolização que os restos não metabolizados darão origem aos primeiros *objetos-fonte* das pulsões, as quais, embora ainda localizadas na periferia do corpo, passam a constituir as primeiras inscrições psíquicas que mais adiante virão a constituir o *eu-ins-tância*, uma transposição psíquica do *eu-corporal*,



correspondente a uma primeira *imagem da totalidade do corpo* adquirida pela criança.

Podemos ainda supor que essas comunicações inconscientes sejam moduladas pelos ritmos e intensidades provenientes do corpo do adulto, decorrentes das sensações de prazer e de desprazer que o contato com o corpo da criança propicia, e que o conteúdo inconsciente contido nessas mensagens portará significantes enigmáticos que demandarão da criança um esforço para traduzi-los. Devido à dificuldade de serem processadas pela criança, essas mensagens enigmáticas serão metabolizadas<sup>7</sup> apenas parcialmente, sempre deixando restos. A hipótese do autor é que esses restos constituirão, portanto, os *objetos-fonte* da pulsão que, por sua vez, corresponderão às representações recalcadas que exercem sobre o *ego-corpo* uma estimulação constante desde o interior do psiquismo. Nas palavras de Laplanche, a pulsão deriva da “ação dos *objetos-fonte* recalcados sobre o corpo; isto através do Ego que é antes *ego-corpo* e no qual, bem naturalmente, as zonas erógenas se tornam os lugares de precipitação e de organização de fantasias”<sup>8</sup>.

Laplanche desconstrói a teoria do apoio<sup>9</sup> afirmando que “a única verdade do apoio é a sedução originária”<sup>10</sup>, pois serão justamente as ações de cuidado conferidas pelo adulto ao corpo da criança visando garantir sua sobrevivência que

2 S. Bleichmar, *A fundação do Inconsciente*, p. 23.

3 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 10.

4 S. Bleichmar, *op. cit.*, p. 23.

5 J. Laplanche, “A pulsão e seu objeto-fonte”, in: *Teoria da sedução generalizada*, p. 78.

6 M. E. P. Labaki, “Sobre a sessão única e o rosto do analista – modulações na técnica”, p. 73 a 82.

7 O conceito de *metábola* introduzido por Jean Laplanche pressupõe um processo inconsciente, que reúne a metáfora e a metonímia numa mesma categoria, constituindo suas modalidades de simbolização, uma pela via da analogia e a outra pela via da contiguidade. Ver: J. Laplanche, *El inconsciente y el ello: problemáticas IV*.

8 J. Laplanche, “A pulsão e seu objeto-fonte”, in: *Teoria da sedução generalizada*, p. 80.

9 O termo apoio para Freud remete a uma origem biológica da pulsão que se deslocaria de sua função autoconservativa para a sexualidade. Esse é um ponto fundamental de discussão entre Freud e Laplanche, que discorda da origem endógena da sexualidade, afirmando ao longo de toda a sua teoria a introdução da sexualidade pelo adulto.

10 J. Laplanche, “A pulsão e seu objeto-fonte”, in: *Teoria da sedução generalizada*, p. 80.



*Laplanche desconstrói a teoria do apoio afirmando que “a única verdade do apoio é a sedução originária”*

portarão as mensagens enigmáticas impossíveis de serem totalmente traduzidas. Podemos estabelecer aqui um diálogo entre Laplanche e Winnicott reconhecendo o duplo paradoxo de que a mãe que traumatiza o bebê ao mesmo tempo o ampara, e o bebê passivo é ao mesmo tempo tradutor. Nesta perspectiva, será a capacidade da mãe de investir narcisicamente seu bebê através do manejo de seu corpo, por exemplo, através da sustentação de sua cabeça, conferindo uma sensação de segurança e estabilidade, ou da música contida na entonação de sua voz buscando acalmá-lo, que propiciará o processamento de ao menos parte da excitação provocada pelo transbordamento da sexualidade traumática contida no investimento materno.

Contribuições de Piera Aulagnier:  
a corporeidade no processo originário

A afirmação do inconsciente a partir do recalçamento originário como determinante nas origens do sujeito psíquico presente em Laplanche encontra possibilidades de interlocução com as investigações de Piera Aulagnier sobre a atividade de representação pictográfica que é própria ao processo originário, quando a percepção do mundo externo só poderá se dar por meio das alterações que este impõe ao corpo do infante, sendo que o efeito no psiquismo ocorre através da inscrição das sensações corporais. A autora considera que no processo originário existe uma atividade psíquica peculiar, compreendendo a atividade do originário como equivalente ao processo metabólico do organismo pelo qual algo



*o contato entre o corpo materno e o corpo da criança delinea uma modalidade de comunicação modulada pelos ritmos da corporeidade*

do meio externo é incorporado<sup>11</sup> e se transforma no próprio organismo, tornando-se homogêneo a ele. No psiquismo, os elementos a serem metabolizados seriam as informações provenientes da sensorialidade do indivíduo no seu contato com o meio e com a alteridade.

Neste tempo primordial, o conhecimento do mundo se dará pelos efeitos vividos a partir dos investimentos e desinvestimentos no campo somático, de modo que os primeiros elementos do alfabeto do originário derivam da atividade sensorial. Segundo Aulagnier, a primeira leitura que a criança fará do meio no qual está inserida será norteada pelas “[...] consequências do poder exercido pela psique dos outros que a rodeiam e que constituem suportes privilegiados de seus investimentos”<sup>12</sup>.

## Conclusão

Entre o *corpo biológico* e o *corpo erógeno*, podemos considerar a existência de um campo sensorial, ressaltando o papel fundamental da sensorialidade como um meio de informação contínua, imprescindível à sobrevivência e à atividade psíquica por representar uma abertura ao *erógeno*, que possibilitará os investimentos libidinais.

Ao dirigirmos o olhar para os processos que acompanham esse encontro inaugural entre a mãe e o bebê, deparamos com o papel fundamental da sensorialidade na constituição do erógeno, tanto em relação à função de comunicação estabelecida entre a dupla, como na impressão da cartografia somatopsíquica resultante das sensações de prazer e de desprazer vivenciadas pela criança nesse

contato. Gostaria de ressaltar a importância da experiência tátil tanto no que se refere à construção da imagem de um involtório cutâneo, separando o dentro e o fora, como às experiências de sustentação e de contorno do corpo, fundamentais para que se efetive a discriminação entre o eu e o não eu e conseqüentemente a constituição egoica.

O contato entre o corpo materno e o corpo da criança delinea uma modalidade de comunicação que por sua vez é modulada pelos ritmos da corporeidade, diretamente relacionados à sexualidade inconsciente da mãe. Essa modulação rítmica constitui um diálogo tônico, pontuado por diferentes nuances do nível de tensão entre os corpos, envolvendo percepções sutis como dos movimentos respiratórios, batimentos cardíacos, variações de temperatura e de tônus<sup>13</sup> muscular. Para a compreensão das hipóteses presentes neste artigo, considero importante ressaltar que todas essas atividades corporais são regidas pelo sistema nervoso neurovegetativo, ou seja, são atividades autônomas diretamente conectadas aos estados emocionais, que no caso da mãe sofrem influência tanto de fatores conscientes como inconscientes, enquanto na criança derivam de experiências de satisfação ou de sofrimento. Também considero relevante lembrar que os processos de integração responsáveis pela constituição egoica decorrem da oscilação entre estados de tensão, provenientes da necessidade, e de relaxamento, provenientes da satisfação. Assim, se o ego, como afirma Freud<sup>14</sup>, “se constitui como uma projeção mental da superfície do corpo”, a sensorialidade oferece a possibilidade de trânsito das sensações e percepções corporais a uma esfera que transcende o biológico, se configurando como um veículo fundamental nos processos de constituição do sujeito psíquico. A sensorialidade pode, portanto, ser compreendida como um campo transicional, uma abertura ao outro, que permite a inscrição do novo, tanto a partir da instauração do sexual desligado como dos movimentos de ligação pulsional.

Na clínica psicanalítica contemporânea deparamos com patologias narcísicas que nos

remetem ao não representado, ao sofrimento que, não encontrando palavras para se expressar, encontra no corpo alguma forma de inscrição. A *escuta* do analista para além das palavras será fundamental para adentrar o silêncio do vazio do campo do não traduzido, daquilo que permanece na impossibilidade de estabelecer conexões simbólicas. Estou me referindo à atenção do analista dirigida ao campo da sensorialidade, tanto no que se refere ao corpo do paciente, seus movimentos, variações de tom de voz, mudanças de tônus durante a sessão, como à percepção de seu próprio corpo sendo afetado pelo contato que se estabelece entre a dupla.

Gostaria de concluir esta breve reflexão com uma vinheta clínica que ilustra como elementos de sensorialidade podem contribuir no processo analítico: Ana, 23 anos, procura a análise por se sentir deprimida, *sem rumo*, impossibilitada de concluir a faculdade, ou de buscar trabalho, pois dores fortes no corpo a impediam de dirigir, de caminhar e de frequentar as aulas. Enredada numa relação amorosa marcada por uma dependência que remetia à adição, sofrendo pela infidelidade do companheiro, por seus desaparecimentos repentinos seguidos por retornos ruidosos, manifestava o desejo de pôr um término nessa relação e retomar a sua *própria vida*. Numa sessão a paciente, chorando angustiada, se pergunta por que não consegue *se livrar* desse homem se tem consciência do quanto ele a faz sofrer. Nesse momento seu corpo, encolhido, muito contraído, me remeteu a uma sensação de aprisionamento, de falta de espaço, o que me levou a reformular sua

»»

*a paciente, chorando angustiada,  
se pergunta por que não consegue se  
livrar desse homem se tem consciência  
do quanto ele a faz sofrer*

pergunta, dizendo: “*sim, o que te prende a ele?*”. Fez-se um breve silêncio, seu corpo foi relaxando e enquanto puxava a manta que deixo no pé do divã nos dias frios, se aninhou virando para a janela e disse: “*acho que é a temperatura, quando ele me abraça sinto que é o único lugar onde eu poderia estar*”. Ficamos em silêncio até o término da sessão, enquanto ela experimentava a possibilidade de descanso sentindo minha presença silenciosa ao seu lado, pois mesmo sem palavras o contato entre nós permanecia sustentado pelo ritmo comum de nossas respirações. Em um artigo lido na Sociedade Britânica de Psicanálise em 1957, Winnicott ressalta a capacidade de estar só como um dos sinais mais importantes do desenvolvimento emocional da criança, destacando que essa capacidade brota da experiência de ficar só na presença da mãe. Nesse mesmo artigo, o autor tece um paralelo entre tal capacidade e o silêncio na análise, afirmando que em algumas ocasiões o silêncio do paciente deve ser interpretado pelo analista como uma conquista e não como resistência. Mais adiante nesse mesmo texto o autor afirma que “É somente quando só (isto é, na presença de alguém) que a criança pode descobrir sua vida pessoal própria [...] quando só no sentido em que estou usando o termo, e somente quando só, é a criança capaz de fazer o equivalente ao que no adulto chamamos relaxar”<sup>15</sup>. Minha suposição, que depois se confirmou com a continuidade da análise, foi de que naquela sessão Ana havia encontrado *outro lugar onde pudesse estar*.

A hipótese colocada por Laplanche de que o pulsional e o inconsciente dizem respeito ao desligado, vivido como perigoso, a um Sexual que representa o que há de diabólico na sexualidade humana

11 Utilizo o termo incorporação no sentido de algo que vem de fora e se agrega ao corpo, como o alimento, que, após ser ingerido e processado, passa a constituir a própria matéria celular.

12 P. Aulagnier, “Nascimento de um corpo, origem de uma história”, p. 107.

13 O tônio representa o nível de tensão muscular involuntária presente em cada músculo do corpo, sendo que as variações tônicas ocorrem em sincronia com os estados emocionais, por exemplo, num estado de tristeza ou depressão o tônio tenderá a baixar, enquanto num estado de ansiedade ou de raiva o tônio tenderá a subir. O tônio pode, portanto, ser compreendido como uma expressão de nossas tonalidades afetivas.

14 S. Freud (1923-1925), “O ego e o id e outros trabalhos”.

15 D. W. Winnicott, “A capacidade de estar só”, p. 35.

e que ignora os princípios autoconservativos nos ajuda a compreender o aprisionamento da paciente em suas escolhas causadoras de sofrimento. Nesta premissa, o autor opõe o Sexual a Eros, tecendo uma correspondência entre Eros e os processos de tradução capazes de acalmar as excitações.

Para Laplanche, a segurança do espaço analítico e instalação da transferência podem levar à

atualização de elementos arcaicos, possibilitando que os restos não traduzidos das mensagens enigmáticas possam circular. Isso contribui para pensar minha hipótese de que a escuta estendida ao campo da sensorialidade, na sua qualidade de propiciar uma abertura ao outro, contribuiu para que a experiência vivida pela paciente na transferência possibilitasse novas vias de ligação.

### Referências bibliográficas

- Aulagnier P. (2000). Nascimento de um corpo, origem de uma história. In \_\_\_\_\_. *Corpo e História*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (1979). *A violência da interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bleichmar S. (1994). *A fundação do Inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud S. (1895/1990). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1923/1990). O ego e o id e outros trabalhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Labaki M. E. P. (2006). Sobre a sessão única e o rosto do analista – modulações na técnica. *Percursos*, v. 19, n. 36, p. 73-82.
- Laplanche J. (1981). *El inconsciente y el ello: problemáticas IV*. Buenos Aires: Amor-ortu.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1992). *O inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2015). *Sexual. A sexualidade no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense.
- Winnicott D. W. (1979). A capacidade de estar só. In \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. São Paulo: Artmed.

### Considerations about sensoriality in the constitution of the psyche

**Abstract** Through the theory of generalized seduction, Jean Laplanche states the original construction in the subjective constitution, from the hypothesis that the adult, by approaching the child with a peculiar sense of care, occupied with his well being and survival, through cares disposed to the children's body, send him enigmatic messages, containing elements of sexuality. In this article, I attempt to declare the sensoriality as a transitional field between the auto conservative and erogenous present in this process, and it's clinical implications.

**Keywords** Psychoanalysis; body; sensoriality; originary; theory of generalized seduction.

**Texto recebido:** 08/2016

**Aprovado:** 09/2016

# A tópica da clivagem e o supereu

Luiz Carlos Tarelho

**Resumo** Este artigo propõe uma discussão da chamada tópica da clivagem proposta por Dejours e, em seguida, incorporada por Laplanche em seu modelo teórico. Ele busca explicitar como essa noção é concebida por esses dois autores dentro da especificidade de suas reflexões, ressaltando os pontos de convergência e de divergência, para se apontar também a necessidade da incorporação da discussão do papel do Superego e do ideal do Ego no processo de constituição dessa tópica e de sua manutenção, dado a relação destes com o recalque.

**Palavras-chave** Tópica da clivagem; recalque; Superego; Ideal do Ego; teoria da sedução generalizada.

**Luiz Carlos Tarelho** é psicanalista, doutor em Psicanálise pela Université Paris VII.

A inspiração para este artigo veio da intenção de podermos contribuir para a discussão da questão da tópica da clivagem, proposta por Dejours<sup>1</sup> e incorporada por Laplanche<sup>2</sup> em sua reflexão. Para Dejours, essa discussão se inscreve num projeto que visa dar conta, metapsicologicamente, dos processos psíquicos nos quais predominam a ausência de mentalização, tão comuns nos quadros psicóticos e nos estados-limites. Laplanche, por sua vez, viu nesse novo arranjo tópico a possibilidade de encontrar um modelo unificado do aparelho psíquico que dê conta de explicar, de forma coerente e integrada, as três grandes estruturas de personalidade dentro do quadro teórico que ele próprio desenvolveu, a teoria da sedução generalizada, originariamente tributário do modelo neurótico. Partindo dessas duas contribuições, nosso propósito no presente trabalho é o de sublinhar o quanto essa questão da tópica da clivagem nos parece inseparável da questão da divisão do supereu e do papel que ele desempenha no processo de recalque, ao qual Laplanche vincula a origem da clivagem.

## Da clivagem do ego à clivagem estrutural

Dejours<sup>3</sup> sublinha que a noção de clivagem foi proposta por Freud justamente no contexto da discussão da perversão e também que ela foi utilizada pelos pós-freudianos que tentaram dar conta, clínica e teoricamente, dos pacientes não neuróticos. E acrescenta que, apesar do forte embasamento clínico que a sustenta, não se progrediu muito no sentido de situá-la do ponto de vista tópico justamente

1 C. Dejours, *Le corps, d'abord*.

2 J. Laplanche, "Três acepções da palavra 'inconsciente' no âmbito da teoria da sedução generalizada", in: *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*.

3 C. Dejours, *op. cit.*, p. 84-5.

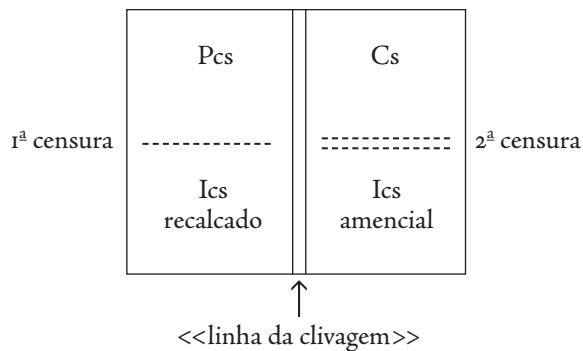


Fig. 1: Modelo da tópica da clivagem segundo Dejours

pela dificuldade de se resolver a contradição sobre a qual ela se funda, isto é, a existência de dois funcionamentos psíquicos diferentes (um que admite a castração e outro que a nega) no interior da mesma tópica. Daí sua proposta de pensar a clivagem não no interior do Eu, mas em termos tópicos, ou seja, como uma barreira que separa verticalmente, de um lado, o inconsciente recalcado e o pré-consciente e, de outro, um segundo inconsciente protegido apenas pela consciência e pela segunda censura (recalque secundário).

Esta nova tópica, situada também em terceiro lugar na história da teoria, foi chamada de tópica da clivagem, por ter como base a ideia de uma separação radical dentro do psiquismo, que não é marcada pelo conflito, mas pela exclusão mútua. Uma exclusão que, para Dejours, tem a ver com uma proscricção da capacidade da criança de pensar, e que é fruto de uma violência exercida pelos pais em reação à excitação por eles mesmos sentida na relação de sedução com a criança. Assim, se cria no psiquismo uma zona cindida, cuja marca é a ausência total de representação mental. Por isso mesmo, ele propõe o termo de *amencial*<sup>4</sup> para caracterizar essa parte do inconsciente.

Mas essa clivagem é pensada por Dejours em termos também de uma cisão entre a pulsão de autoconservação, ancorada no instintual biológico, e a libido, concebida, segundo ele, nos termos da teoria da sedução generalizada, isto é, como fruto da relação da criança com a sexualidade inconsciente do adulto, embora sua maneira

de conceber a gênese da sexualidade seja bastante distinta da de Laplanche. Ele parte da ideia de que a sexualidade surge segundo o modelo do apoio, por derivação, do instintual, da pulsão de autoconservação, seguindo um processo de subversão, onde o instintual se transforma em sexual<sup>5</sup>. Seguindo esse modelo do apoio, embora a sexualidade ganhe cada vez mais independência em relação ao instinto conforme avança e se consolida o processo de subversão libidinal, sua origem não deixa de ser instintual<sup>6</sup>. Essa subversão só ocorre graças à intervenção do adulto, cuja sexualidade inconsciente introduz um processo de colonização que, se bem sucedido, deve instalar um domínio da libido sobre o instinto também na criança. Mas esse domínio nunca é total; na verdade, ele é sempre precário, pois o instintual não apenas continua a existir como também pode pressionar no sentido de reconquistar sua autonomia inicial. E, enquanto a sexualidade, com toda sua conflitualidade e com o recalcado que se lhe é extensivo, atua no sentido da subjetivação, o instintual, por sua vez, caminha no sentido contrário e representa, desse modo, a verdadeira pulsão de morte, isto é, aquilo que precisa ser dominado a qualquer custo.

Assim, para Dejours, a tópica da clivagem é o resultado dessa divisão entre, de um lado, o corpo biológico, marcado exclusivamente pelo instintual, que foi excluído, pela violência do adulto, do processo de libidinização e que deu lugar a um inconsciente proscrito, totalmente sem representação e, de outro lado, o sexual, dividido em libido desligada (inconsciente recalcado) e libido ligada (pré-consciente e eu), e ancorado, portanto, num corpo libidinizado e marcado pelo significante.

Embora divergindo em certos pontos em relação a Dejours, Laplanche viu nessa hipótese a grande oportunidade de encontrar um modelo tópico unificado do aparelho psíquico, que ele buscava há tempos, capaz de fornecer uma visão integrada dos diversos estados da alma e congruente com sua teorização. Assim, ele tentou integrar essa hipótese da terceira tópica, mas dando à noção de clivagem uma interpretação

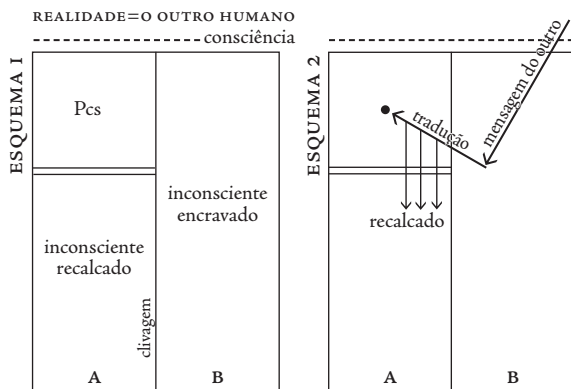


Fig. 2: Modelo da tópica da clivagem segundo Dejours

ligeiramente diferente. Ele parte de uma crítica dizendo que a forma de Dejours conceber a clivagem é tributária de uma visão dualista, envolvendo mente e corpo, com a qual ele não concorda<sup>7</sup>. Tal crítica, que se opõe à ideia de um espaço psíquico sem nenhuma representação, acabou incidindo inclusive na escolha do termo para designar esse inconsciente clivado, que ele prefere chamar de encravado (*enclavé* em francês) em vez de amencial. Na sua concepção, esse inconsciente clivado não corresponde a um lugar marcado pela ausência total de representação, mas sim a um espaço (um eu-corpo originário) no qual as mensagens parentais são inscritas e ainda se encontram num estado ou de espera, no aguardo por uma tradução, ou de estagnação, justamente pela impossibilidade de tradução.

Nesse sentido, enquanto Dejours concebe a clivagem em termos de uma dicotomia entre

libido e representação, de um lado, e instinto e corpo, do outro, Laplanche propõe pensá-la em termos de uma relação de alteridade, na qual o inconsciente encravado representa o que há de mais extímico na medida em que é composto por mensagens parentais das quais o eu ainda não conseguiu se apropriar. Em outras palavras, a linha que marca a clivagem não é da representação/não representação, mas sim a da tradução/não tradução. Além disso, para algumas mensagens, aquelas inscritas pelo processo de implantação e que assumem a forma do enigma, essa clivagem é apenas temporária, já que a tradução-simbolização geralmente não é instantânea, isto é, ocorre segundo a lógica do *après-coup*. Nesse caso, tais mensagens, que são o verdadeiro motor do processo de simbolização, podem ser resgatadas desse lugar para entrar para o processo de tradução, no qual se situa também o recalçamento. Para essas mensagens, o inconsciente encravado representa apenas um lugar de passagem, de estocagem temporária. Mas ele é também um lugar de estagnação, pois, ao lado dessas mensagens, existem normalmente outras que são completamente refratárias a qualquer abordagem tradutiva. São mensagens inscritas por uma via mais traumática, denominada de intromissão, que derivam do inconsciente encravado dos pais e que estão fadadas a permanecer congeladas no inconsciente encravado dos filhos. Além dessas duas fontes, compostas de mensagens provenientes do mundo adulto, Laplanche considera uma terceira possibilidade, que são os significantes que retornam do inconsciente recalçado, por exemplo dentro de um processo analítico, e que podem voltar a fazer parte do inconsciente encravado, ainda que temporariamente<sup>8</sup>.

O que se depreende dessa descrição é que não apenas o conteúdo, mas também a forma de se conceber a clivagem, é diferente nos dois autores. Em termos de conteúdo, o que se destaca na proposta de Dejours é muito mais a ausência de representação, que seria o instintual puro, a autoconservação, curiosamente aproximada aqui da pulsão de morte. Na proposta

4 C. Dejours, *op. cit.*, p. 86.

5 C. Dejours, *op. cit.*, p. 15-21.

6 Explicitando essa derivação através da metáfora do moinho, ele diz: "O apoio é representado nessa metáfora pela roda que gira, deriva a energia e a subverte. Reencontramos aqui uma tese central da psicanálise, segundo a qual a fonte única da energia se encontra do lado dos instintos, denominada de instintos de conservação na primeira teoria das pulsões e de instintos de morte na segunda teoria de Freud. A energia libidinal (pulsão sexual) é extraída dos instintos de conservação" (C. Dejours, *op. cit.*, p. 19, trad. pessoal).

7 "Christophe Dejours propõe o termo de 'inconsciente amencial' que me é difícil aceitar, pois supõe que o recalque-tradução é um processo de mentalização a que não é submetido o inconsciente psicótico. Supõe também que as mensagens do outro não são 'mentais'. Tenho dificuldade em fazer minha uma oposição ou mesmo uma dialética alma/corpo, mens/soma." (J. Laplanche, *op. cit.*, p. 197, nota 156).

8 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 196-201.



*para se aprofundar o entendimento  
dessa relação entre a clivagem  
e o recalçamento, é preciso pensá-la  
a partir da relação entre o  
recalçamento e o supereu*

de Laplanche, ao contrário, o que se destaca são as mensagens parentais em diferentes formas e dando lugar também a arranjos variados dentro desse mesmo espaço psíquico clivado. Um clivado que, enquanto para Dejours só pode ser acessado pelo processo de perlaboração do sonho, para Laplanche, está sujeito a vários destinos conforme o material em questão e os meios disponíveis: tradução-recalçamento no caso das mensagens enigmáticas, estagnação no caso das mensagens refratárias à tradução e, ainda, resgate interpretativo num trabalho analítico.

No que diz respeito à forma, também é interessante ver como cada um concebe a origem da clivagem. Para Dejours, essa constituição está ligada ao que ele chama de “acidente da sedução”, isto é, algo que se inscreve em negativo no processo de libidinização e que tem a ver com uma violência do adulto, caracterizada seja pelo ato de bater ou mesmo de abuso sexual, que acaba produzindo um transbordamento ou até mesmo um desmantelamento do eu da criança, com a consequente impossibilidade de representação e também de tradução<sup>9</sup>. Para Laplanche, por sua vez, a constituição da clivagem tem a ver com o processo do recalçamento, que instaura tanto a clivagem horizontal (inconsciente recalçado), quanto a clivagem vertical, que separa o bloco do Pré-consciente e do recalçado do bloco do inconsciente encravado<sup>10</sup>.

Ou seja, para ele, não se trata propriamente de um acidente da sedução, determinado exclusivamente pelo tipo de mensagem e constituído, portanto, de fora para dentro. Laplanche recusa a ideia de que a mensagem possa determinar sozinha, isto é diretamente, essa constituição. É no

segundo tempo, da retomada tradutiva-recalcadora e pela intervenção do recalçamento, que ocorre a separação. Mas ele não esclarece o que significa exatamente situar a clivagem no contexto do recalçamento.

### O supereu na origem e no centro da clivagem

De nossa parte, acreditamos que, para se aprofundar o entendimento dessa relação entre a clivagem e o recalçamento, é preciso pensá-la a partir da relação entre o recalçamento e o supereu. Mas isso implica abrir um diálogo entre a teoria laplancheana do recalque e a noção de interdição. Ao situar o recalque no contexto da teoria tradutiva, Laplanche acabou deixando em segundo plano algo que era central na concepção freudiana, que é justamente a noção de interdição. Para Freud, o recalçamento do Édipo é fruto de uma censura que, de certa forma, ordena a estrutura social e tem a ver com o horror ao incesto. Claro, para Laplanche, o recalque se instala bem antes do Édipo e tem a ver com a dificuldade, com a qual a criança depara, de encontrar sentido no plano egoico para partes das mensagens parentais, que se encontram contaminadas pela sexualidade inconsciente, de natureza eminentemente pré-genital e perverso-polimorfa. Existe, portanto, um deslocamento de um autor para o outro, que não é apenas temporal, mas também de âmbito: enquanto em Freud o recalque incide sobre o desejo edípiano, em Laplanche, ele incide sobre a parte enigmática da mensagem do adulto e que é obscura para o próprio adulto. Por isso, o peso recai mais sobre a questão da falta de recursos simbólicos para a tradução, e a ameaça que isso representa para o ego, do que sobre a questão da censura. Mas podemos concluir daí que a censura não conta nesses fracassos de tradução que dão lugar ao recalçamento?

Na medida em que a tradução das mensagens enigmáticas depende dos recursos simbólicos colocados à disposição da criança pelo



mundo adulto que a circunda, evidentemente não há como ignorar a questão da censura. Nisso que se convencionou chamar de “ajuda à tradução”, prestada pelo próprio adulto, não é difícil identificar também a presença da censura e da interdição. Nesse sentido, é bastante significativa a forma como Dejours pensa a constituição do inconsciente amencial. Para ele, como vimos, essa proscrição ocorre justamente em função de uma reação violenta do adulto face à excitação que produz nele próprio o corpo e o comportamento erogeneizado da criança, erogeneização que ele mesmo produziu. Ora, essa reação tem a ver com uma censura que, embora não tenha sido tematizada pelo autor, precisa ser considerada no modelo tradutivo do recalçamento, pois ela influencia como a mensagem do adulto será, ou não, traduzida pela criança.

Assim, isso que Dejours apresenta como sendo um entrave radical à tradução deveria, segundo o que propomos, ser visto como da ordem da censura e sujeito a uma gradação, que pode ir do mais radical ao mais frouxo, da interdição total ao incesto. Mas não é apenas essa erogeneidade da criança que ativa a censura do adulto. O processo de sedução é intrinsecamente ambivalente, pois, ao mesmo tempo que funciona como motor do movimento de simbolização e de separação, no qual se inscreve a formação do ego, ele também alimenta um desejo mútuo de dependência, cuja superação, sempre precária, não ocorre sem a ajuda de um corte. Aqui também incide uma censura, mais básica mas não menos radical, que não pode ser ignorada nesse modelo tradutivo.

Se buscarmos integrar as questões levantadas acima, envolvendo a origem da clivagem e a relação entre o recalçamento e a interdição, somos

»  
as primeiras identificações ligadas  
aos investimentos originários  
do Id ganham um novo sentido  
no contexto da teoria da  
sedução generalizada

levados a concluir que o Supereu, tanto em sua dimensão de enclave quanto de Ideal, deve ter um papel central nesse processo de constituição tanto do inconsciente recalçado quanto do encravado.

### O núcleo encravado do supereu<sup>11</sup>

Desde Freud, é possível imaginar a existência de um núcleo encravado do supereu, ligado às primeiras identificações surgidas num momento em que o Eu ainda era muito frágil e que se sedimentaram num lugar que pertence ao Id, de onde ele extrai boa parte de sua energia e que, justamente por isso, não apenas mantém uma afinidade duradoura com essa instância, como pode também fazê-lo prevalecer diante do Eu<sup>12</sup>.

O que Freud chama de primeiras identificações ligadas aos investimentos originários do Id ganha um novo sentido no contexto da teoria da sedução generalizada, como sendo fruto das mensagens parentais, inscritas no plano do inconsciente encravado. Um dos grandes méritos de Laplanche foi ter mostrado que a *identificação a* é precedida pela *identificação por*, isto é, bem antes de o processo de identificação do ego entrar em marcha, a criança já foi investida pelo adulto e marcada por ele. E Laplanche introduz essa reflexão no contexto de uma discussão sobre a designação do gênero feita pelo adulto, na qual ele resgata essa ideia freudiana da identificação primitiva ao pai da pré-história pessoal, que comporta uma aporia, da qual se pode sair justamente admitindo-se essa hipótese de que é preciso se inverter o vetor da identificação, já que o ponto zero não pode ser localizado na criança,

9 C. Dejours, *op. cit.*, p. 16.

10 Como diz Laplanche: “...tendo a considerar a clivagem do eu como uma ‘realidade’ que resulta da instalação do recalque. O recalque cria a parte A do esquema e, *por isso mesmo*, cria a clivagem entre dois setores que se ignoram, A e B” (trad. pessoal, destaques do autor), *Psychiatrie française*, xxxvii, Paris, 3-2006, p. 43.

11 Impossível trilhar esse caminho sem mencionar o trabalho pioneiro de Marta Rezende Cardoso exposto em seu livro intitulado *Superego*.

12 S. Freud, “El yo y el ello”, p. 49.



*há uma relação estreita  
entre essa constituição  
do supereu e a instauração  
da própria clivagem*

pois é determinado de fora para dentro, pela identificação operada pelo adulto, que funciona quase como uma prescrição<sup>13</sup>.

Além disso, parece muito significativo também o fato de ser justamente nesse mesmo contexto que Laplanche tenha deixado registrada a indicação da necessidade de se aprofundar a compreensão da relação entre esse processo de designação de gênero, que ele descreve como uma identificação operada pelo adulto, e a constituição do supereu<sup>14</sup>.

Mas é no texto em que ele introduz a questão da tópica da clivagem que aparece explicitamente a afirmação de que o supereu faz parte dessa tópica: “dentre as mensagens não traduzidas que constituem este inconsciente, destacamos particularmente mensagens superegoicas”<sup>15</sup>.

Podemos, então, supor que esse núcleo mais pulsional do supereu se situa do lado do inconsciente encravado e é composto tanto por prescrições identificatórias, que são em boa medida intocáveis, como as de gênero, quanto por mensagens intraduzíveis, como é o caso de certas injunções e de certos mandatos. Mas isso significa apenas reafirmar o que, de alguma forma, já foi dito antes. Nosso propósito aqui é ir um pouco além, mostrando que há uma relação estreita entre essa constituição do supereu e a instauração da própria clivagem.

A justificativa para estabelecermos essa relação vem não apenas do ganho que ela representa para a compreensão do papel do supereu na dinâmica psíquica em geral e, em particular, nos quadros clínicos, mas também das razões teóricas que a embasam. Se, de um lado, Freud tem alguma razão em dizer que o supereu deve sua gênese à

tarefa de realizar o recalçamento do Édipo e, de outro, Laplanche está certo em supor que a clivagem tem a ver com a instalação do recalque, então, parece pertinente supor que o supereu deve desempenhar um papel central na constituição da clivagem.

Além disso, parece pertinente levarmos em conta também a hipótese de Dejours, segundo a qual a clivagem se constitui em função da reação violenta do adulto contra a criança diante da repulsa que se produz nele o corpo e o comportamento erogeneizado da criança. Uma reação ligada, portanto, em primeiro lugar, à sexualidade pré-genital perverso polimorfa e também autoerótica. Para Dejours, o importante é a dimensão de violência, de efração, que anula a possibilidade de uma atividade mental por parte da criança e que inviabiliza o processo de simbolização na sua dupla vertente, tradutiva e recalçadora, dando lugar a uma proscrição. Como já adiantamos, em nosso entendimento, essa reação, seja ela mais ou menos violenta, possui também a marca da censura. Por isso, seria preciso incluir aí essa dimensão de interdição, que vai dar lugar, ao mesmo tempo, a um universo de mensagens excluídas, proscritas, mas também a um conjunto de injunções e de prescrições identificatórias que estão na origem do supereu. Mas esse conjunto de injunções e de prescrições identificatórias também tem a dimensão de enclave e faz parte, portanto, do inconsciente encravado, proscrito. A questão que se coloca, então, é a de saber como ocorre esse arranjo dentro desse inconsciente encravado e se o supereu tem aí algum papel específico.

O supereu e a estabilidade da clivagem

Seguindo as pegadas de Marta Gerez-Ambertín<sup>16</sup>, grande estudiosa dessa questão e que, a partir de Lacan, destaca o papel central que o supereu exerce na tópica psíquica, tanto do ponto de vista de sua divisão quanto de sua estabilidade, podemos supor que esse papel depende justamente do



lugar que o supereu, no seu duplo formato, isto é, como supereu encravado e como Ideal, ocupa em relação à clivagem da tópica.

Nesse sentido, a hipótese que queremos submeter à reflexão é a de que a clivagem da tópica tem a ver, de alguma forma, com a própria clivagem do supereu, num duplo sentido: primeiro, tendo em vista sua posição de enclave na tópica e, segundo, considerando sua relação paradoxal com o Ideal do Eu. Essa hipótese nos parece necessária para dar sentido a tudo que foi exposto até aqui, ou seja, primeiro, que a clivagem da tópica precisa ser entendida à luz do recalçamento (Laplanche), segundo, que essa clivagem tem origem na repulsa e na violência que o corpo e o comportamento erogeneizado da criança produz no adulto (Dejours), terceiro, que o supereu representa um paradoxo devido à sua dupla filiação (Freud) e, por fim, que supereu, clivagem e estabilidade da tópica estão intimamente interligados (Gerez-Ambertín/Lacan).

Seguindo a lógica do recalçamento em dois tempos, podemos supor que o tempo anterior ao recalque primário é marcado por um eu-corpo rudimentar, que é colonizado pelo mundo adulto, dando lugar ao que Freud chamou de primeiras identificações e que, numa linguagem laplancheana, corresponde a um bombardeamento de injunções e de prescrições identificatórias. Nesse início, ainda não seria possível falar de uma diferenciação interna no sentido de uma clivagem, embora alguma diferenciação já comece a se produzir, preparando assim o terreno para um primeiro arranjo tópico, que representa também um

*o tempo anterior ao recalque primário é marcado por um eu-corpo rudimentar, que é colonizado pelo mundo adulto*

primeiro movimento de separação, onde vem se inscrever o recalque primário.

É o recalque primário, portanto, que vai promover essa clivagem, que já é, paradoxalmente, desde o início, dupla, porque cria uma divisão vertical e horizontal ao mesmo tempo, como propõe Laplanche. A horizontal, como vimos, tem a ver com a separação do recalcado e do pré-consciente. A vertical, por sua vez, é responsável pela separação deste lado (A do esquema), que já passou por um processo de substituição significativa, incluindo sua falha, o recalcado, e o outro lado (B do esquema), do inconsciente encravado, que resiste a esse processo. Mas de onde o recalque originário retira sua força? Essa questão sempre incomodou Freud, que acabou admitindo que tal força depende do mundo adulto<sup>17</sup>. Laplanche, como vimos, tende a situá-la na ameaça que a estrangeiridade da mensagem enigmática do outro representa para o eu, encurralado, assim, numa posição de passividade. Mas, situá-lo nesse contexto não implica necessariamente na exclusão da questão da interdição. Que a limitação dos recursos simbólicos para tradução seja uma realidade da condição da criança e que isso a coloque numa posição de passividade ameaçadora diante das mensagens enigmáticas não quer dizer que isso seja a única força em jogo nesse processo de exclusão que constitui o recalque. Se o que vai se tornar o recalcado tem a ver com a sexualidade inconsciente presente nas mensagens parentais, que é implantada e depois atuada pela criança, é natural que algo do processo parental de recalçamento também apareça, juntamente com a censura subjacente, nessa nova tradução a ser realizada pela criança.

13 J. Laplanche, "O gênero, o sexo e o Sexual", in: *A sexualidade ampliada no sentido freudiano*, op. cit., p. 167. Vale lembrar que algo bastante parecido já havia sido apontado por Paulo de Carvalho Ribeiro (2000) no resgate que fez, no seu trabalho sobre as identificações, da noção de *imprinting* proposta por Stoller.

14 Laplanche, op. cit., p. 173.

15 J. Laplanche, "Três acepções...", in: *A sexualidade...*, p. 197.

16 M. Gerez-Ambertín, *As vozes do supereu*.

17 Conforme trecho já citado a respeito das primeiras identificações, onde ele sublinha o quanto a força do supereu para a realização dessa tarefa é emprestada do adulto, em especial do pai, e que esse empréstimo é pago com um preço bem alto, revelado pelo grau de sua rigidez e implacabilidade. S. Freud, "El yo y el ello", p. 48-49.

Isso nos remete para a constituição do superego como enclave. Claro que ele ainda não está presente antes do recalque primário, pois sua formação também está em jogo juntamente com a clivagem que este último promove. Mas podemos supor que é de sua base, ou seja, das injunções, proibições e prescrições identificatórias implantadas e/ou intrometidas, que vem a força para o recalçamento ou, pelo menos, uma parte dela. Base esta que, como material refratário ao processo de substituição significativa, é forte candidata, ainda que parcialmente, a permanecer como enclave do lado do inconsciente encravado. Por isso, é pertinente dizer que o superego se encontra no centro da clivagem. De um lado, porque é certamente de sua base que vem, pelo menos em parte, a força para o recalçamento que produz essa clivagem e, de outro, porque, se isso é verdade, o superego encravado, que assim se forma, deve exercer também uma função de contenção para o resto do inconsciente encravado do qual ele faz parte. No gráfico abaixo propomos uma representação de como seria a tópica da clivagem a partir do recalque primário.

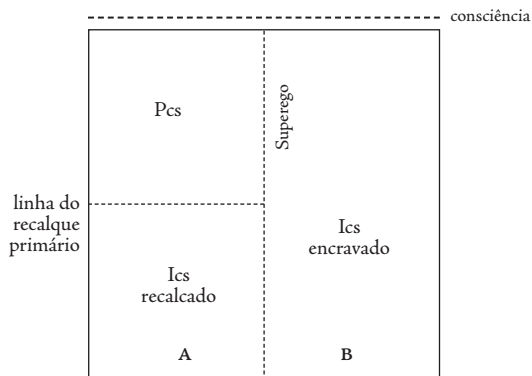


Fig. 3: Modelo da clivagem no Recalque Primário

Mas esse arranjo tópico produzido pelo recalque primário ainda é muito precário, justamente porque a força da qual ele deriva – esse núcleo estrangeiro de prescrições e proibições que vai dar lugar ao superego – é muito ameaçadora. Daí a necessidade de um reforço mais egossintônico para assegurar a tópica. Esse parece ser o papel

do recalque secundário, onde o Ideal do Eu ocupa um lugar central do outro lado da clivagem. E aqui é importante lembrar que a própria constituição do ideal de Ego também está ligada a um corte, pois ele se alimenta da libido narcísica, que precisa ser remodelada para que o narcisismo infantil, com toda sua dimensão autoerótica e de onipotência, dê lugar a um ego mais evoluído, atravessado por mediações simbólicas e submetido a regulações sociais. Sabemos que essa superação também pressupõe um duplo trabalho de luto, envolvendo uma elaboração tanto por parte da criança quanto por parte dos pais, cujo desejo emancipador concernindo à criança precisa se sobrepor aos desejos incestuosos inconscientes.

O segundo tempo do recalçamento depende, pois, em larga escala, primeiro, de um autocentramento narcísico, pelo qual o eu ganha corpo, e, depois, de sua superação, que é quando o narcisismo encontra no Ideal do Eu um modo de sobrevivência. Vale a pena resgatar aqui o que Freud formulou a respeito do Ideal do Eu justamente no contexto da discussão sobre o narcisismo: primeiro, que ele é a condição para o recalque e, segundo, que ele deriva de uma dupla fonte, isto é, da libido narcísica, de um lado, e da influência crítica dos pais, do outro. E ele sublinha que é justamente esse investimento narcísico dos ideais o que permite uma tomada de distância em relação à influência crítica vinda de fora, coisa que fica bem clara nos delírios persecutórios, nos quais a retirada dessa libido narcísica, em função de uma rebelião contra a instância censuradora, faz com que essa instância perca sua mediação egoica interna e se revele em toda sua alteridade, como uma intromissão hostil vinda de fora. É nesse mesmo contexto que ele diz que o Ideal do Eu é a condição para o recalque, porque ele implica um “respeito do eu por si mesmo”<sup>18</sup>.

No gráfico a seguir propomos uma representação de como ficaria a tópica da clivagem a partir do recalque secundário. Seguindo a hipótese de Dejours, acreditamos que é o recalque secundário que vem dar contenção ao inconsciente encravado na sua face voltada para a realidade externa.

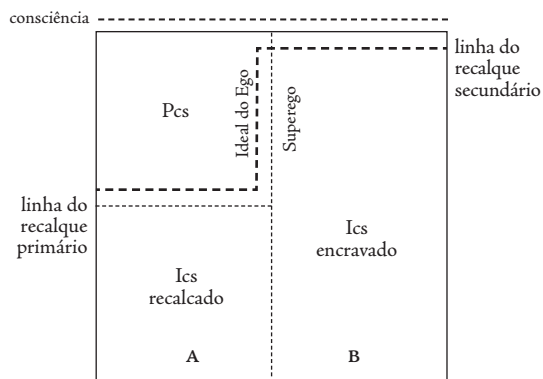


Fig. 3: Modelo da clivagem no Recalque Secundário

De fato, aqui parece intervir uma força mais egossintônica, indispensável, ao mesmo tempo, para promover o recalque secundário e para a estabilidade da tópica. Se o primeiro tempo cria a clivagem, esse segundo, que precisa ser pensado no plural, é o que vai poder sustentá-la. E isso por duas razões. Primeiro, porque instaura, do lado do eu, do pré-consciente, uma organização simbólica e um modo de funcionamento marcado por um arranjo energético de ligação, que é capaz de funcionar como fonte de estabilização. E, segundo, porque o Ideal do Eu, como o lado ligado do supereu, investido justamente dessa libido narcísica, exerce uma função defensiva, de negatização, em relação ao outro lado desligado do supereu, que faz parte do inconsciente encravado. Por isso, podemos dizer que o superego, com sua dupla face, se encontra no centro da clivagem. Ele não apenas exerce um papel central no recalque, tanto no primário quanto no secundário, que é responsável pela clivagem, mas, além disso, sua própria divisão interna corresponde, de alguma forma e como seria de se esperar, à divisão da clivagem. Uma divisão que é marcada por uma relação de exclusão mútua, de negatização, e que tem como eixo a questão da alteridade.

Seja do lado do adulto, seja do lado da criança, a alteridade é o grande mal do ponto de vista do narcisismo que fundamenta o eu. E a clivagem vem delimitar duas maneiras opostas

de lidar com ela: uma que procura por todos os meios excluí-la, ainda que sem o saber, pela via da autoafirmação e do autocentramento, e outra que a mantém, também sem o saber, com a ajuda do supereu, que se torna uma espécie de representante do outro e do inconsciente encravado. Por isso que o lado encravado do supereu, juntamente com o restante das mensagens refratárias ao trabalho de substituição significativa que o cercam, representa o que há de mais ameaçador para a estabilidade da clivagem e da tópica como um todo e vai exigir, assim, um constante esforço de tradução-simbolização por parte do eu, dentro do qual, primeiro o narcisismo e, depois, o Ideal do Eu ocupam um lugar central. Um esforço mudo, mas que precisa fazer com que as vozes do supereu se calem e deem lugar a enunciados mediados pelo universo mito-simbólico e pela apreensão que o Eu é capaz de fazer desse universo.

Esse é o caso, por exemplo, da relação que se estabelece entre o que Laplanche denominou de *identificação por* e de *identificação a*. As prescrições identificatórias, como as de gênero, que se instalam no supereu como um enclave, por conta da ingerência dos pais, fazem parte desses elementos de alteridade que precisam encontrar um substituto narcísico do lado do eu capaz de, para usar a expressão de Freud, resguardar o respeito do eu por si mesmo. É aí que entra esse processo de substituição significativa através do qual a ameaça que essas prescrições identificatórias representam para o Ego, em função da alteridade que as compõem, pode ser contida à medida que tais prescrições são transformadas em projetos identificatórios mediados pelo trabalho de simbolização e de investimento narcísico, tanto do Ego quanto dos Ideais. É assim que se pode entender o lugar defensivo e organizador do sexo em relação ao gênero, como propõe Laplanche no texto já citado. A designação do gênero realizada pelo adulto representa, sem dúvida, a expressão mais radical da *identificação por*. Essa designação, reiterada e continuada, antecede a assunção de um sexo pelo ego e o coloca numa posição de passividade em função sobretudo de sua dimensão enigmática à medida

que veicula ruídos da sexualidade inconsciente e infantil dos pais. A assunção de um sexo, a construção de uma identidade sexuada, mediada pela lógica binária e pelo complexo de castração, é não apenas secundária temporalmente a essa designação, como é também o que permite simbolizá-la e recalca-la. Simbolizá-la, no plano do recalque secundário, em termos ideais e narcísicos, logo com uma mediação fálica, que tende a excluir o fragmentado e o passivo da sexualidade infantil presente nessa designação de gênero.

Para concluir

As reflexões aqui desenvolvidas nos conduziram a concluir que, para se avançar na discussão sobre a tópica da clivagem, parece necessário se levar em conta o papel do superego, na sua dupla face, encravada e egoica, na constituição dessa tópica. E, se ele participa diretamente da constituição da clivagem, esta precisa ser pensada levando-se

em conta esse papel, pois isso a determina de alguma forma. Assim seria possível se entender a dimensão estrutural, tópica, da recusa que sustenta essa clivagem internamente. Como insistem Dejours e Laplanche, não se trata de um simples mecanismo de defesa, mas de algo fundante como o recalque. Na hipótese aqui desenvolvida, esses dois mecanismos seriam, na verdade, complementares, um dependendo do outro, à medida que o Superego, com seu duplo, o ideal do Ego, é, ao mesmo tempo, o motor do recalque e a forma estrutural que toma a recusa. Assim como o recalque só se mantém graças ao contrainvestimento do Pré-consciente, também a eficácia da recusa depende da capacidade de neutralização do Ideal do Ego. O que nos leva também a pensar que a descompensação psicótica ou perversa, que envolve a falha da recusa e, portanto, da clivagem, não depende do simples fracasso de um mecanismo de defesa específico, mas muito mais do fracasso da função de contenção e de negatização que exerce o Ideal do Ego para essa tópica.

#### Referências bibliográficas

- Dejours C. (2001). *Le corps, d'abord*. Paris: P. B. Payot.
- Calich J. C. (2006). "Pour faire travailler" la topique laplancheienne, *Psychiatrie française*, Paris, XXXVII, n. 3, p. 34-44.
- Freud S. (1914/1989). Introducción del narcisismo. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. 14.
- \_\_\_\_\_. (1923/1989). El yo y el ello. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. 19.
- Gerez-Ambertín M. (2009). *As vozes do superego: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Trad. Stella Schebli. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Laplanche J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense.
- Rezende Cardoso M. (2002). *Superego*. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalque da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.

#### The topic of splitting and the superego

**Abstract** This article proposes a discussion of the so called topographical splitting defended by Dejours and, then, incorporated by Laplanche in his theoretical model. It aims to explicit how this notion is conceived by these two authors inside of their own theoretical developments, showing both convergent and divergent aspects. The article also points out, in this way, the necessity to add a discussion about the role of the Super-ego and Ego ideal in the process of the foundation of this topography and of its maintenance, considering their relationship with the repression.

**Keywords** Topographical splitting, repression, Super-ego, Ego ideal, theory of generalized seduction.

**Texto recebido:** 08/2016

**Aprovado:** 09/2016

# Hipocondria: um corpo capturado pelo *outro*

Marta Rezende Cardoso  
Patricia Paraboni

**Resumo** Neste artigo investigamos o tema da hipocondria dando destaque à dimensão persecutória do corpo, característica central dessa patologia. Tendo em vista a sua singularidade e complexidade, sustentamos a ideia de que sua gênese se ancora nos primórdios do processo de constituição psíquica, no qual sublinhamos as relações existentes entre ego e corpo e, igualmente, entre o ego e o outro, seguindo a contribuição proposta por Jean Laplanche em sua teoria da sedução generalizada.

**Palavras-chave** hipocondria, perseguição, alteridade, teoria da sedução generalizada.

**Marta Rezende Cardoso** é psicóloga e psicanalista. Doutora em Psicanálise e Psicopatologia Fundamental pela Universidade de Paris Diderot – França. Professora Associada do Instituto de Psicologia da UFRJ (Departamento de Psicologia Clínica; Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica). Pesquisadora bolsista do CNPq. Pesquisadora da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

**Patricia Paraboni** é psicóloga. Mestre e doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Pós-doutoranda e professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Tutora de Núcleo de Psicologia do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Sistema Público de Saúde, ênfase Atenção Básica, da UFSM.

Na hipocondria, o sujeito se sente perseguido por um corpo que não funciona bem, como se algo de mal tivesse dele se apossado, causando-lhe intenso sofrimento. Em sua crença persecutória, tratar-se-ia de um germe, um tumor, um invasor externo que teria se infiltrado em seu espaço físico, transformação que se daria à revelia de seu controle. Isso faz com que permaneça extremamente atento e cuidadoso com o estado de seu corpo físico, na desesperada tentativa de preservá-lo da morte. O corpo desses sujeitos se apresenta como palco de atormentadas dúvidas e certezas. Duvidam de seu estado de saúde, do funcionamento de seus órgãos e, para obter a confirmação de suas hipóteses, acabam por procurar um médico que lhes assegure nada haver de errado com eles. Porém, eles tendem a manter a convicção de terem um problema de saúde e, em geral, de significativa gravidade.

O caráter inquietante próprio ao registro do corpo na hipocondria leva-nos a assinalar, em primeiro lugar, a complexidade da relação existente entre corpo e psiquismo. Analisá-la, considerando sua intrínseca articulação com a questão dos limites entre o eu e o outro, constitui tarefa da maior relevância numa reflexão voltada para as determinações da inquietante estranheza que marca a experiência do sujeito hipocondríaco em sua existência corporal.

Os fundamentos do caráter persecutório do modo de relação que o sujeito trava aqui com seu corpo físico devem ser situados nos primórdios da vida psíquica, no processo de constituição do psiquismo, ancorada, por sua vez, no traumático encontro com o outro sedutor, com sua sexualidade inconsciente, através das mensagens enigmáticas que este transmite, inescapavelmente, ao novo



*o corpo pulsional emerge apoiado  
e, ao mesmo tempo, num movimento  
de radical desvio em relação  
ao corpo da necessidade*

ser. A proposta deste artigo é justamente explorar certos aspectos envolvidos na situação clínica da hipocondria tendo como fio condutor a contribuição de Jean Laplanche a partir de sua *teoria da sedução generalizada*.

Ao longo de toda a sua obra, sustenta o autor que no início da vida psíquica o eu se encontra radicalmente aberto ao outro. O processo de fechamento, formador do eu próprio, dá-se de modo gradual a partir da experiência de superfície corporal. Nas palavras de Freud: “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio a projeção de uma superfície”<sup>1</sup>.

A que estaria referida a permanente inquietação do sujeito hipocondríaco com seu estado de saúde física? Trata-se de uma dimensão corporal que ultrapassa a lógica anátomo-biológica, o que nos interroga sobre outro universo, o da subjetividade humana, movido pela pulsão. Iniciaremos nossa reflexão pelas condições de emergência desse campo, fundamento da vida psíquica, privilegiando o entrecruzamento entre espaço corporal e espaço psíquico, eixo essencial na problemática da hipocondria.

### O outro sedutor na emergência do corpo pulsional

O corpo pulsional emerge apoiado e, ao mesmo tempo, num movimento de radical desvio em relação ao corpo da necessidade<sup>2</sup>. O contato com a figura materna e a sedução exercida sobre o bebê é o elemento determinante nesse processo. Em algumas passagens da obra freudiana, fica evidente o lugar do outro na emergência do corpo pulsional. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”,

a experiência de sedução é relacionada ao aparecimento da atividade sexual nas crianças:

As contingências fortuitas externas ganham nesse período uma importância grande e duradoura. Em primeiro plano situa-se a influência da sedução, que trata a criança prematuramente como um objeto sexual e que, em circunstâncias que causam forte impressão, ensina-a a conhecer a satisfação das zonas genitais<sup>3</sup>.

Freud também ressalta que a sedução não seria necessária para despertar a sexualidade infantil, podendo esta ser desencadeada por causas internas. Apesar de parecer ainda muito atrelado à questão da sedução em sentido estrito, em outra passagem desse mesmo trabalho, oferece-nos pistas que ampliam essa visão:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo<sup>4</sup>.

Através dos atos envolvidos no seu cuidar, a figura materna desperta a pulsão sexual na criança. Vale notar que, em 1932, essa posição é reiterada por Freud ao afirmar que, ao se ocupar do corpo do bebê, a mãe acaba por despertar outro tipo de sensações: “foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais”<sup>5</sup>. Assim, a mãe ocupa lugar de sedutora, função fundamental na emergência de um corpo perpassado pela pulsão sexual.

A sedução é considerada por Freud como dado quase universal: haveria uma sedução à qual nenhum ser humano escaparia. Trata-se da sedução dos cuidados maternos, onde os primeiros gestos da mãe na sua relação com a criança seriam impregnados de sexualidade. Pontua Laplanche<sup>6</sup> que a sedução ultrapassa o campo da sexualidade





estrita, no sentido de factual, relacionando-se ao sexual veiculado nas mensagens inconscientes que o adulto endereça à criança.

Apoiado nessas elaborações freudianas, Jean Laplanche<sup>7</sup>, propondo, através da teoria da sedução generalizada, novos fundamentos para a vida psíquica, veio, no entanto, a ampliar e a efetivamente afirmar o papel de sedução da figura materna na constituição do universo pulsional.

Laplanche propõe um descentramento que enfatiza a prioridade do outro na constituição do psiquismo. É nessa condição de desenvolvimento que foi destacada a *sedução*, quando a mãe, através dos cuidados corporais iniciais dispensados ao bebê, assume o lugar de quem seduz<sup>8</sup>.

Essa concepção da constituição psíquica, nomeada por Laplanche<sup>9</sup> como *situação antropológica fundamental*, tem como pressuposto a condição de dissimetria radical entre a subjetividade da figura materna e a do bebê nesse tempo primordial de existência. O autor utiliza essa expressão para designar, portanto, uma relação universal, que confronta adulto e *infans*, relação na qual a referida dissimetria possui caráter estruturante e concerne essencialmente ao fato de a criança não ter ainda um inconsciente sexual, diferentemente do adulto, que o possui. Essa concepção permite que haja o resgate da noção freudiana de apoio, mas que ressurge aqui de modo renovado, posto que estreitamente articulada com a de sedução originária. Com o autor entendemos que

*o ponto de partida do movimento de apoio é a parte inconsciente da mensagem do outro, seu lugar de impacto sobre o corpo da criança*

o movimento de apoio é absolutamente indissociável da experiência da sedução, da implantação do sexual enigmático no *infans*, pois o desvio no funcionamento biológico, rumo à abertura do campo da sexualidade, apenas se torna possível por essa operação exercida pelo adulto.

O ponto de partida do movimento de apoio é a parte inconsciente da mensagem do outro, seu lugar de impacto sobre o corpo da criança. A relação de cuidados propõe lugares de implantação para aquilo que os gestos adultos vão veicular como mensagens, elementos inconscientes. Trata-se do confronto de um indivíduo (cujas montagens somato-psíquicas situam-se inicialmente no nível da necessidade) com significantes emanando do adulto, mensagens estas de caráter sexual, inconsciente, enigmático para o próprio adulto. Precisa Laplanche:

Tentei subverter o apoio, revirá-lo pela sedução. Mas o que é revirado com a sedução é também toda a estrutura. [...] a pulsão sexual tem uma fonte indissociavelmente fantástica e implantada no corpo. Seu objeto, o outro, está na origem da pulsão. Seu objeto-fonte (e poderíamos dizer, seu objeto-fonte-alvo) é o que resta da mensagem enigmática do outro, veiculada na autoconservação<sup>10</sup>.

Os cuidados maternos delimitam, contornam e destacam do corpo as zonas erógenas. A partir dessa visão, a sedução vem dar outro fundamento à noção de zona erógena. Ao generalizar a teoria da sedução, o autor promove uma ampliação da própria concepção de trauma. A teoria da sedução traumática ultrapassa a dimensão psicopatológica, já que é aqui concebida como parte integrante dos processos constitutivos do psiquismo. O trauma e a situação de desamparo se instalam por conta da sedução exercida via implantação/intromissão<sup>11</sup> de mensagens se-

1 S. Freud (1923), "O ego e o id", p. 39.  
 2 S. Freud (1905), "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade".  
 3 S. Freud, *op. cit.*, p. 179.  
 4 S. Freud, *op. cit.*, p. 211.  
 5 S. Freud (1933 [1932]), "Conferência xxxiii – Feminilidade", p. 121.  
 6 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*.  
 7 J. Laplanche, *op. cit.*  
 8 A. L. W. Santos, "Constituindo o arcaico e o originário: considerações metapsicológicas", p. 32.  
 9 J. Laplanche, *Entre séduction et inspiration: l'homme*.  
 10 J. Laplanche, *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*, p. 64.  
 11 A implantação seria o processo comum, com a dupla função tradução-recalque. A intromissão seria a variante violenta da implantação, quando o movimento de recaptura e domínio não se faz e cujo resultado seria a colocação no interior de um elemento rebelde a qualquer metabolização (J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée*).



*o aparecimento efetivo da sexualidade só se dará no momento em que a atividade não sexual vier a se destacar do seu objeto natural ou a perdê-lo.*

xuais enigmáticas e, ao mesmo tempo, da incapacidade da criança em traduzi-las e de delas se apropriar. Desse modo, a sedução originária introduz a dissimetria atividade/passividade, dado o confronto entre adulto e criança, tendo em vista o fato inegável de um psiquismo parental mais “rico” que o da criança.

À medida que o adulto sedutor implanta sua sexualidade inconsciente, ele também traz, ao mesmo tempo, os recursos de ligação dessas mensagens. Lembra Laplanche<sup>12</sup> que o enigma, cuja base é inconsciente, é a sedução por si mesma. Os cuidados parentais apenas são sedutores por não serem transparentes, por veicularem um enigma.

De acordo com a teoria da sedução generalizada, os quatro elementos da pulsão devem ser compreendidos da seguinte forma: a fonte está radicada nas zonas erógenas como consequência do fenômeno de sedução; seu objeto, o outro, está na fonte da pulsão. Assim instala-se o objeto-fonte que é o que resta da mensagem enigmática do outro, veiculada na autoconservação. Trata-se de um resto não significado, isto é, um significante dessignificado. As mensagens sexuais suscitam um trabalho de domínio e de simbolização difícil ou até mesmo impossível, deixando atrás de si restos inconscientes, o objeto-fonte da pulsão; fonte, tanto dos aspectos mortíferos, como dos aspectos sintetizantes da pulsão, em conformidade com o aspecto parcial ou total que reveste. Assim, a finalidade ou o alvo seria a ação metaforizante, ou seja, a tradução/transformação das excitações que emanam das zonas erógenas<sup>13</sup>.

A força ou a exigência de trabalho da pulsão não seria diretamente exercida pelas fontes somáticas, mas por protótipos inconscientes, ou melhor, pela diferença entre o que é simbolizável e o que não o é nas mensagens enigmáticas.

O processo tradutivo dessas mensagens apenas tem lugar quando da constituição do eu, mas, antes disso, opera-se uma pré-ligação no nível do eu corporal.

Enquanto o primeiro plano da existência passa pela autoconservação, o segundo seria o da sexualidade, a qual se dá na articulação com o primeiro plano, por meio da sedução e do apoio. A sedução é considerada fonte de ataque justamente por introduzir um desvio no sistema autoconservativo. A introdução de mensagens sexuais na criança nela provoca uma reação, movimento de defesa que não pode ser concebido como simples reação do corpo biológico.

A constituição do eu: do autoerotismo ao narcisismo na leitura de Laplanche

O aparecimento efetivo da sexualidade só se dará no momento em que a atividade não sexual, a função vital, vier a se destacar do seu objeto natural ou a perdê-lo. “Para a sexualidade, o momento reflexivo (*selbst* ou *auto*) é que é constitutivo, momento do retorno sobre si mesmo, ‘autoerotismo’, quando o objeto foi substituído por uma fantasia, por um objeto refletido no sujeito”<sup>14</sup>. Portanto, na leitura que propõe Laplanche, o autoerotismo não seria anobjetal, mas constituído por um objeto na fantasia, agindo no interior do psiquismo como corpo estranho interno. Passar para o tempo reflexivo é, sobretudo, refletir a ação, interiorizá-la, fazê-la entrar em si.

Laplanche<sup>15</sup> ressalta que no autoerotismo temos um corpo que, desviado de suas funções de autoconservação, se constitui como um eu-corpo, ainda sem fronteiras, aberto ao outro. Nesse momento, é um si fragmentado ainda muito atrelado ao corpo e ao outro. Porém, para que o eu se constitua como objeto total, como instância, faz-se necessária outra operação: a do narcisismo.

Freud<sup>16</sup> afirmara que no narcisismo a pessoa trata seu próprio corpo como objeto sexual, atitude presente em todos os seres humanos durante



o processo de desenvolvimento. Mas qual seria a relação entre narcisismo e autoerotismo? É preciso supor que “uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido”<sup>17</sup>. Portanto, algo deve ser acrescentado ao autoerotismo a fim de provocar o narcisismo, uma *nova ação psíquica*. O narcisismo vem unificar o funcionamento autoerótico – sexualidade não ligada, não unificada. O narcisismo é uma colocação em forma do autoerotismo. Para Laplanche

o eu é “ligante”, ele liga, ele é por definição total; para ele, trata-se de manter juntas, de reunir todas as suas pulsões autoeróticas, e ao mesmo tempo de contê-las, de conter o autoerótico; conter o erótico, eventualmente englobando-o, totalizando-o, mas também exercendo sobre ele, marginalmente, lateralmente, um efeito de moderação e de controle<sup>18</sup>.

É a ação narcísica, a coagulação narcísica, que vem ligar essa sexualidade. O ego tem justamente essa função de síntese, englobando tudo o que pode assimilar, mas também excluindo de si tudo aquilo que não é capaz de se apropriar.

Nos textos mais explícitos de Freud, define-se [o narcisismo] como unificação do autoerotismo (por essência disperso), sobre um objeto único; mas sobre um objeto que é também “auto”, um objeto que é sempre interno, “refletido”, e é exatamente por isso que é batizado com o nome do herói do espelho, Narciso. Este objeto refletido, está, conjuntamente, numa série de encaixes sucessivos, o próprio corpo ou ainda uma certa imagem unificada do próprio corpo, o “eu”<sup>19</sup>.

*o narcisismo vem unificar  
o funcionamento autoerótico –  
sexualidade não ligada,  
não unificada.*

Segundo Laplanche, para o pequeno ser humano o problema de se abrir ao mundo seria um falso problema, pois a única problemática que aí se coloca é antes a de se fechar, a de fechar um si, um eu. No início temos um eu aberto ao outro, sem fronteiras. O eu se coagula por projeção da superfície do corpo.

A ideia de operação narcísica unificadora do eu e a de sua relação com o investimento libidinal colocam problemas para o primeiro modelo da teoria pulsional freudiana, fazendo com que seja necessário repensar, reformular muitas das concepções elaboradas até então. Com a introdução da segunda teoria pulsional e da segunda teoria do trauma, torna-se premente a teorização da segunda tópica e especialmente da questão do ego, sua formação e suas funções. Assim, bem mais tarde, em 1923, no texto “O ego e o id”, Freud oferecerá uma compreensão da constituição egoica levando efetivamente em conta a intrínseca relação entre ego e corpo.

Nesse trabalho, onde é sistematizado o modelo da segunda tópica, Freud considera que a formação do ego se dá sob influência do sistema perceptivo. “O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui o lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas”<sup>20</sup>. Acrescenta Fernandes<sup>21</sup> que é o corpo próprio a fonte de todas as percepções, sejam elas internas ou externas. Ele se constitui entre o interior e o exterior, entre o eu e o outro.

Uma das maneiras pelas quais o corpo possui lugar privilegiado entre os outros objetos do mundo, segundo Freud, é através da sensação dolorosa. Esta possibilita um novo conhecimento sobre os órgãos, ou seja, através da dor chega-se à ideia de corpo próprio. Daí a afirmação de que o ego “em última análise deriva das sensações

12 J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise*.

13 J. Laplanche, *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*.

14 J. Laplanche, *Vida e morte em psicanálise*, p. 92.

15 J. Laplanche, *op. cit.*

16 S. Freud (1914), “Sobre o narcisismo: uma introdução”.

17 S. Freud, *op. cit.*, p. 84.

18 J. Laplanche, *Freud e a sexualidade...*, p. 76.

19 J. Laplanche. *Novos fundamentos para a psicanálise*, p. 77-8.

20 S. Freud (1923), “O ego e o id”, p. 39.

21 M. H. Fernandes, *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique*.



*a função de mediação materna é fundamental, pois a partir dela a criança adquirirá conhecimento de seu corpo*

corporais”<sup>22</sup>. Nas palavras de Fernandes<sup>23</sup>, a corporeidade está referida a uma “anatomia” própria, singular, construída a partir do cenário fantasístico de cada um, encontrando suas origens na referência primordial ao outro. A emergência da subjetividade se faz segundo a lógica corporal da projeção. O corpo torna-se corpo próprio, dando acesso à primeira pessoa, ao si mesmo, a um eu unificado.

Mostra Anzieu<sup>24</sup> que a experiência de superfície do corpo surge do corpo a corpo com a mãe, proporcionando na criança a construção de um limite entre o dentro e o fora, que funciona como garantia de integridade do envoltório corporal. A pele da criança é palco de experiências sensoriais, demarcando a superfície do corpo; sua representação no psiquismo vem dar contorno ao material psíquico. O círculo maternante circunda o bebê com um envoltório externo resultante de mensagens. Deixa um espaço disponível ao envoltório interno, superfície de seu corpo, lugar e instrumento de emissão de mensagens, pois ser um eu é sentir a capacidade de emitir sinais e ser ouvido pelos outros. Esse envoltório individualiza o bebê a partir do reconhecimento do outro que lhe trará a confirmação de sua individualidade sobre um fundo de semelhança. “Ser um Eu é sentir-se único”<sup>25</sup>.

O autoerotismo é o solo originário da sexualidade, fundando o corpo sexual por meio de um movimento de apoio e desvio do corpo biológico. Por sua vez, o narcisismo é uma operação posterior, vindo unificar o corpo fragmentado do autoerotismo. Entretanto, ressalta Birman<sup>26</sup>, o autoerotismo não vem a ser completamente substituído pelo narcisismo, continuando a existir como modalidade de existência do sexual, ao lado do narcisismo. Porém, nessa oposição entre

os dois registros, o autoerotismo fica subsumido à lógica do narcisismo. Quando esta lógica totalizante falha, ou melhor, quando há quebra da representação totalizada do corpo, dá-se um re-investimento maciço do corpo fragmentado, investimento eminentemente autoerótico.

As queixas hipocondríacas dão mostras, através desse retorno a um modo de funcionamento autoerótico, da presença de um eu ameaçado em sua unidade, tentando sanar suas feridas.

### Um corpo hipervigiado

A função de mediação materna é fundamental, pois a partir dela a criança adquirirá conhecimento de seu corpo, de suas necessidades, pulsões e afetos. Conforme desenvolve Aulagnier<sup>27</sup>, a nomenclatura do corpo e de suas partes deve comportar uma fala erógena, fonte e promessa de prazer, e, ao longo desse processo, o bebê deve tomar conhecimento do prazer, desprazer ou indiferença que a mãe experimenta no contato com esses órgãos, partes e funções. Junto com o apelo, a criança recebe de volta uma mensagem sobre a emoção causada à mãe. É essencial que esta possa manifestar prazer em reconhecer a existência da criança. A apropriação dos enunciados maternos que nomeiam as partes e funções do corpo permite que venha a se formar no psiquismo da criança uma imagem unificada dele, ou melhor, nela antecipa a presença de um projeto de eu, como unidade.

O eu precisará se apropriar de sua experiência corporal e, por esse meio, tentar manter relações harmoniosas com seu habitat, condição necessária para sua existência<sup>28</sup>. Desde o início da vida psíquica, a relação mantida com o corpo, com a representação psíquica que se forja dele, é conflituosa, marcada por uma ambivalência nunca totalmente superada. Normalmente esse conflito vem a ser silenciado pelos compromissos que o eu consegue realizar, sem, no entanto, impedir que ele reapareça na cena psíquica. Mas uma relação conflituosa entre eu e corpo pode não apenas se atualizar, mas persistir latente em todo sujeito, em



função da indissociabilidade eu/corpo, garantida pelas representações através das quais o eu apresenta a si mesmo, se pensa, se investe. Esse processo não é natural, não se constitui de imediato e, sendo assim, o corpo sempre manterá certa autonomia em relação ao eu, o que lhe confere um caráter de exterioridade.

A autonomia do corpo em relação ao eu muitas vezes impor-se-á, e este tentará a todo custo inocentar e proteger o corpo. O eu fará tudo para encobrir a autonomia de poder de sofrimento e do veredicto de morte presentes no corpo. A não culpabilidade deste oculta e sublinha a presença da injunção paradoxal própria à relação persecutória: o eu é obrigado a investir, a proteger um lugar e um objeto que são ao mesmo tempo condição de vida e causa de morte. Se o paradoxo é acentuado, o eu acabará sobreinvestindo o corpo, colocando-o como vítima de sofrimento e não como sua causa. Tais aspectos estão fortemente envolvidos na problemática da hipocondria:

Temos aqui um dos fatores essenciais da hipocondria: esse sobreinvestimento narcísico de um órgão do corpo “agredido” pela doença e pelo sofrimento, e concomitantemente essa focalização do conjunto das demandas, queixas, reivindicações, sobre essa “dor” que ameaça seu corpo e da qual se exige ser liberado<sup>29</sup>.

O que agride o corpo próprio seria da ordem de um *corpo estranho* radical, prova de um arrombamento operado no próprio espaço corporal, fazendo emergir uma lógica mais arcaica.

*o que agride o corpo próprio seria da ordem de um corpo estranho radical, prova de um arrombamento operado no próprio espaço corporal*

As manifestações corporais hipocondríacas não são decorrentes de um dano orgânico ou mesmo de uma modificação “real” da saúde do corpo: são doentes imaginários.

Ao mesmo tempo que o investimento libidinal no corpo é essencial para o trabalho psíquico de representação das excitações pulsionais, por outro lado, esse movimento narcísico-hipocondríaco perturba a realização dessa função. Assim, pode vir a se desenvolver um olhar e uma escuta exagerados sobre o que se passa no corpo físico, sintoma básico da hipocondria. Nela assistimos a uma regressão ao autoerotismo, que possui, entretanto, caráter particular, pois permite, de certa forma, que seja afastado o risco de emergência de um estado de desamparo, de passividade extrema. Trata-se da tentativa do ego de se proteger de um vazio interno, ligado, em última instância, à impossibilidade de representação das excitações pulsionais. As excitações autoeróticas funcionariam como paraexcitação de tipo arcaico visando combater um vivido traumático.

A tentativa do sujeito hipocondríaco em teorizar detalhadamente sobre suas dores e males físicos pode ser entendida à luz das proposições de Ferenczi acerca do que ele denomina de *bebê sábio*. Observa o autor que: “O desejo de vir a ser um sábio e de suplantar os ‘grandes’ em sabedoria e em conhecimento seria apenas uma inversão da situação em que a criança se encontra”<sup>30</sup>. O vivido traumático resultaria num amadurecimento precoce e repentino tal como os “frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado”<sup>31</sup>.

Conforme exploramos em outro artigo<sup>32</sup>, esse amadurecimento precoce seria determinado por um estado de abandono, resultante de uma relação

22 S. Freud, *op. cit.*, p. 39.

23 M. H. Fernandes, *op. cit.*

24 D. Anzieu, *O Eu-pele*.

25 D. Anzieu, *op. cit.*, p. 87.

26 J. Birman, “Os impasses do sexual na psicose. Uma leitura da gênese do ‘aparelho de influenciar’ no curso da esquizofrenia”.

27 P. Aulagnier, “A propos de la paranoia: scène primitive et théorie delirante primaire”.

28 P. Aulagnier, “A filiação persecutória”.

29 P. Aulagnier, *op. cit.*, p. 75.

30 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 223.

31 S. Ferenczi (1933), “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, p. 119.

32 P. Paraboni; M. R. Cardoso, O rompimento do silêncio do corpo na hipocondria.



*a indiferença é uma modalidade de falha no encontro com o semelhante, configurando-se como matriz do trauma*

mãe-criança desprovida do tato desse adulto, abandono cuja consequência no psiquismo da criança seria, dentre outras, o acionamento do mecanismo de clivagem onde: “Uma parte da sua própria pessoa começa a desempenhar o papel da mãe ou do pai com a outra parte, e assim torna o abandono nulo e sem efeito”<sup>33</sup>. A partir dessa cisão, certas partes do corpo passam a funcionar como representante da cena, espaço onde o vivido trágico vem a ser apresentado.

A exacerbada atenção do sujeito, a incessante auto-observação que dirige a seu corpo e as tentativas de explicação daquilo que supostamente o acomete no plano físico, levando-o a pressagiar grave doença, implicam haver uma parte dele identificada com a mãe, ou seja, com o objeto cuidador. A outra parte, o órgão doente, parece identificada com a criança desamparada, passiva diante do abandono e indiferença da figura materna e cujo mundo interno se vê exposto, portanto, a um transbordamento pulsional, à irrupção de um excesso perturbador do funcionamento psíquico.

Corpo doente:  
in-diferença/captura do outro

Na hipocondria o corpo e as sensações assumem a condição de existência desses sujeitos. É pelos seus males que eles se sentem existir. Negar suas doenças tem efeito devastador sobre a sua existência. É sobre este plano, que Eureka Gallo de Moraes e Mônica M. K. Macedo<sup>34</sup> elaboram a noção de *vivência de indiferença*.

Segundo as autoras, a indiferença ultrapassa em muito seu significado de desinteresse, desprendimento, desdém, desprezo, apatia,

insensibilidade e negligência (Dicionário Aurélio). A indiferença é uma modalidade de falha no encontro com o semelhante, configurando-se como matriz do trauma. Trata-se de uma qualidade de violência imposta à criança pelo adulto em um tempo primordial de sua vida psíquica. Ela é a marca do não reconhecimento daquilo que seria mais próprio da singularidade do sujeito: seu existir. Quando há o predomínio do não reconhecimento da diferença pelo outro no encontro inicial, isso tenderá a se reproduzir na apropriação que a criança fará de seu sentido de existência.

O outro da vivência da indiferença não possui recursos de ligação afetiva em relação à criança, que se vê desamparada diante dessa situação. “A indiferença o impede de apresentar a diferença à criança. O investimento afetivo, como mola propulsora de um trabalho de ligação e interpretação daquilo que ataca a criança por dentro, não é realizado nesse cenário da indiferença”<sup>35</sup>. Nesse sentido, podemos entrever que nessas situações permanece o ataque. A hipocondria nos leva a tematizar tal vivência uma vez que o corpo é atacado por um mal e o sujeito se vê à mercê desses agentes (por exemplo: germes, câncer, etc.), incapaz de empreender um trabalho de representação para os males que sente em seu corpo.

O efeito da experiência de indiferença é cristalização de uma situação de desamparo. No outro é evidenciado um prejuízo de sua capacidade afetiva a qual lhe permitiria perceber, traduzir e atender a demanda psíquica oriunda da assimetria própria ao desamparo infantil. Está em jogo no caso a alternância, instabilidade e fragilidade quanto ao reconhecimento da diferença, o que nos faz supor que uma relação veiculada pela *intromissão* desse outro ante o eu incipiente da criança. A indiferença do outro interferirá no acesso, por parte da criança, a um processo de diferenciação e autonomia.

A vivência de indiferença incrementa a condição de desamparo infantil. A existência de um sujeito psíquico é vinculada à necessária presença do outro; entretanto, nesse cenário há uma



*os enclaves presentes  
no psiquismo constituem  
elementos intraduzíveis  
das mensagens enigmáticas*

configuração singular de constituição do eu, que fica desapropriado de si mesmo e aprisionado na indiferença. Pode tornar-se refém de uma repetição, que atualizará a vivência de indiferença, instalando-se, assim, em seu funcionamento psíquico, uma compulsão à busca de si mesmo.

A violência do não reconhecimento do sujeito como diferente denuncia a precariedade da capacidade de investimento do outro. O investimento que implica a usurpação do direito de existir como tal é perturbador e invasivo. A indiferença endereçada à criança faz com que o eu a reproduza na intensidade de seus atos. Isso porque o núcleo do desamparo primitivo vem a ser atualizado em qualquer situação de vulnerabilidade psíquica durante a vida. No caso da hipocondria, o sujeito fica capturado na indiferença, a qual apenas incrementa o estado de passividade de seu eu, impedindo-o de ser o portador de seu corpo. Ele é atingido por diversos males sem que tenha controle sobre o que nele se infiltra.

As sensações corporais se constituem como o meio mais primitivo e expressivo do qual a criança pode se utilizar para marcar sua diferença em relação ao outro-materno. Através do corpo, impõe a individualidade do seu existir como ser singular. Entretanto, é preciso que o outro-materno reconheça essa assimetria – que inicialmente passa pelo corpo –, propiciando a constituição do sentimento do si próprio. Nesse primeiro momento, a diferença, embora possa ser negada pelo outro, se apresenta através da insistência das demandas corporais.

Com sua queixa de um corpo doente, o sujeito hipocondríaco tenta marcar a sua diferença em relação ao outro, embora as marcas de uma *relação em Um* estejam impregnadas em seu psiquismo: tenta se desapropriar desse outro em si, tóxico, que

contamina seu corpo. Através das queixas corporais, tenta assegurar sua existência, mas também solicitar a presença do outro, que poderia atestar a sua própria existência singular. Esta dinâmica de sobrevivência subjetiva, pela dependência que gera, acaba desencadeando, paradoxalmente, uma dimensão persecutória. O corpo, por projeção, torna-se aqui um objeto perseguidor.

O estranhamento que marca a relação do hipocondríaco com seu corpo nos faz pensar, portanto, na intromissão de mensagens sexuais e sua não apropriação por parte do eu, gerando um núcleo perseguidor no mundo interno, verdadeiros *enclaves*, marcas traumáticas, e, pela via da projeção, de ataque à dimensão corporal. Sublinha Cardoso<sup>36</sup> que a noção de enclave remete à ação do poder do outro exercido no mundo interno; é a colocação no interior de elementos não metabolizáveis e de caráter imperativo. A formação desses enclaves nos remete à ideia de uma *cultura pura de alteridade*, funcionando no psiquismo como exterioridade.

Os enclaves presentes no psiquismo constituem elementos intraduzíveis das mensagens enigmáticas, sem a possibilidade de serem tratados pelo ego que, desta forma, vai repeti-los de maneira compulsiva e fragmentada. São mensagens irreduzíveis, imóveis, bloqueadas devido à impossibilidade de serem recalçadas ou substituídas por outra coisa. Os enclaves se constituem como primeiro depósito de traços do outro, de impressões traumáticas, índices que tenderão a ressurgir no psiquismo de maneira quase imutável.

Laplanche julga que esses elementos não inscritos e, portanto, não traduzidos, teriam permanecido à flor da consciência<sup>37</sup>. Seriam mantidos, por uma fina camada de defesa consciente, funcionando segundo um modo operatório. Daí a

33 S. Ferenczi (1931), "Análises de crianças com adultos", p. 87.

34 E. G. Moraes; M. M. K. Macedo, *A vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor*.

35 E. G. Moraes; M. M. K. Macedo, *op. cit.*, p. 43.

36 M. R. Cardoso, *Superego*.

37 J. Laplanche, "Trois acceptions du mot "inconscient" dans le cadre de la théorie de la séduction généralisée".

criação das teorias médicas pelos hipocondríacos para dar conta das sensações que os assolam. Trata-se, aqui, de dominar o inapreensível pelo ego diante da irrupção do excesso traumático. O corpo se constitui como objeto de investigação, nele se encarnando, via projeção, os enclaves, os elementos não representados, nem recalçados. Busca-se, assim, conhecer, tornar familiar esse estrangeiro que se apossou do corpo, numa estranha e paradoxal estratégia de sobrevivência.

### Referências bibliográficas

- Anzieu D. (1989). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Aulagnier P. (1975). A propos de la paranoïa: scène primitive et théorie délirante primaire. In \_\_\_\_\_. *La violence de l'interprétation – Du pictogramme à l'énoncé*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (1990). A filiação persecutória. In \_\_\_\_\_. *Um intérprete em busca de sentido – II*. São Paulo: Escuta.
- Birman J. (1990). Os impasses do sexual na psicose. Uma leitura da gênese do “aparelho de influenciar” no curso da esquizofrenia. In \_\_\_\_\_. (org.). *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo: Escuta.
- Cardoso M. R. (2002). *Superego*. São Paulo: Escuta.
- Ferenczi S. (1923/2011). O sonho do bebê sábio. In *Obras completas – Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1931/2011). Análises de crianças com adultos. In *Obras completas – Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1933/2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras completas – Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fernandes M. H. (1997). *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique*. Paris: Ed. Presses Universitaires du Septentrion.
- Freud S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. VII.
- \_\_\_\_\_. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1923). O ego e o id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX.
- \_\_\_\_\_. (1933 [1932]). Conferência XXXIII: Feminilidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII.
- Laplanche J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (2007). Trois acceptions du mot “inconscient” dans le cadre de la théorie de la séduction généralisée. In \_\_\_\_\_. *Sexual: La sexualité élargi au sens freudienne. 2000-2006*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (2008). *La révolution copernicienne inachevée (1967-1992)*. Paris: PUF.

O superinvestimento do órgão doente do hipocondríaco parece ter a função de manter um capital narcísico elementar.

Na hipocondria, o corpo e suas sensações marcam a condição de existência desses sujeitos; é pelos males corporais que se sentem existir. Através da incessante queixa de um corpo doente, o sujeito tenta marcar sua diferença em relação ao outro, tenta assegurar sua existência, mas, através dela, fazendo também intenso apelo ao outro.

Moraes E. G.; Macedo M. M. K. (2011). *A vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Paraboni P.; Cardoso M. R. (2013). O rompimento do silêncio do corpo na hipocondria. In Freire A. B. (org.). *O corpo e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: 7Letras.

Santos A. L. W. (2012). Constituindo o arcaico e o originário: considerações metapsicológicas. In Conte B. S. (org.). *Jean Laplanche: fundamentos e interseções*. São Paulo: Scortecci.

### Hypochondria: a body captured by the other

**Abstract** In this paper we investigate the issue of hypochondria highlighting the persecutory dimension of the body, central feature in this pathology. Given its uniqueness and complexity, we defend the idea that its genesis is anchored in the early process of psychical constitution in which we emphasize the relationship between ego and body and also between the ego and the other, following the contribution proposed by Jean Laplanche in his theory of generalized seduction.

**Keywords** hypochondria; persecution; otherness; theory of generalized seduction.

**Texto recebido:** 09/2016

**Aprovado:** 10/2016



# Laplanche-e-Pontalis

Jacques André

**Resumo** O artigo é um depoimento de Jacques André, ex-doutorando de Laplanche, no qual relata momentos particulares do percurso de Jean Laplanche: da ruptura com Lacan à elaboração de sua própria obra teórica, passando por sua atividade como professor na Sorbonne e sua relação com Pontalis, com quem Jacques André também estabeleceu uma proximidade.

**Palavras-chave** seminário; teoria; encontro; inconsciente; ruptura.

**Jacques André** é psicanalista, membro da Association Psychanalytique de France (apf), professor de psicopatologia na Universidade Paris Diderot, diretor da Petite Bibliothèque de Psychanalyse (PUF). É autor do *Vocabulário básico da psicanálise* (wmf Martins Fontes, São Paulo, 2015), de *L'imprévu en séance* (Folio, Gallimard) e *Psychanalyse, vie quotidienne* (Stock, 2015).

**Tradução** Andréa Carvalho

“Posso falar com o senhor um minuto?”

“Um minuto, então...”

Primeiras palavras, primeiros passos de uma “troca” com Jean Laplanche. A cena se passa no início dos anos 1980, nos corredores da Universidade de Paris VII – Censier, que na época abrigava a Faculdade de Ciências Humanas e Clínicas. O tempo, ou melhor, o instante, para compreender que entrar em contato com este homem não era das coisas mais simples a serem feitas. Meu maior susto, quase um estranhamento estava, no entanto, em outro lugar: então “Jean Laplanche” tinha uma existência separada... separada de “Laplanche-e-Pontalis”! Fora o *Vocabulário*, eu não conhecia até então nada nem de um e nem de outro. Esse par era para mim tão indissociável quando Bouvard e Pécuchet, Lagarde e Michard, ou mesmo Réaumur-Sébastopol<sup>1</sup>.

Reencontrei Jean Laplanche um ano depois, em condições prudentemente menos anônimas. Na época, vivendo em Guadalupe e trabalhando com a análise de conflitos familiares e criminosos, eu pretendia fazer uma tese sobre esta pesquisa. A leitura do belíssimo artigo de François Gantheret<sup>2</sup> nos permitiu estabelecer o contato. François, amigo *bourguignon* e colega de Jean, fez o *go-between*: tornei-me orientando de Laplanche, e ao mesmo tempo integrante de seu seminário.

O acaso da “setorização” levou o estudante que eu fora alguns anos antes a estudar filosofia em Nanterre em vez da Sorbonne. Sem ter pedido nada, inocentemente, eu me encontrava na presença dos meus primeiros mestres: Paul Ricoeur, Emmanuel Lévinas, Jean

<sup>1</sup> Nome de uma estação de metrô no centro de Paris (N. T.).

<sup>2</sup> F. Gantheret, “Trois mémoires”.



*apresentando-se sempre  
como “Professor da Sorbonne”  
e recusando a denominação  
administrativa exata: professor  
na Paris VII, Laplanche  
reivindicava explicitamente  
essa filiação*

François Lyotard. A fina flor da filosofia entre a lama do campus pré-fabricado e as favelas. Extraordinários tempos de iniciação, três pensamentos livres e audaciosos, construindo suas obras a partir de seu ensino. O oposto dos *mentores*, provocadores do pensamento. Participando do seminário de Laplanche, eu soube imediatamente que estava frente a algo dessa mesma natureza, uma parcela dessa grande tradição universitária, erudita, competitiva, aberta ao mundo da cultura para além das fronteiras da disciplina. Apresentando-se sempre como “Professor da Sorbonne” e recusando a denominação administrativa exata: professor na Paris VII, Laplanche reivindicava explicitamente essa filiação. As obras que publicava a partir de seu ensino na época, as “*Problemáticas*”, faziam jus a seu título, trabalhando, em tensão e em questão, inicialmente a obra freudiana, em seguida diversas incidências antropológicas acarretadas por uma reflexão acerca do inconsciente.

Partilhar com Laplanche e Pontalis uma primeira formação, em Filosofia, tem certamente algo a ver com a comunidade que descobri existir entre mim e eles. Num dia de debate com Daniel Widlöcher, organizado pelo Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise, na época dirigido por Jean Laplanche, Widlöcher sugeriu que existiriam três desejos, três origens no movimento de se tornar psicanalista: o desejo de cuidar, origem

médica, o desejo de compreender o funcionamento psíquico, origem psicológica, e o desejo de conhecer o ser humano, origem filosófica. Widlöcher apontou que o segundo desses desejos, o do psicólogo, orientava seu percurso desde o início. Jean Laplanche acrescentou, sem hesitar por um segundo, que era o terceiro, o desejo filosófico, que estava na origem do psicanalista que ele havia se tornado. Um século antes, Freud escrevia a Fliess algo semelhante: “quando moço, eu não tinha outra aspiração” (*Sehnsucht*) “que não fosse o conhecimento filosófico, e no momento estou prestes a realizá-la na passagem da medicina para a psicologia” (Carta de 02/04/1896).

Filósofos, Laplanche e Pontalis se mantiveram à sua própria maneira, bem distinta. Enquanto o segundo, que se tornou “autógrafo” a partir do *Amor dos Começos*, nunca dissociou seu exercício literário de uma dimensão reflexiva, algo como uma filosofia da vida cotidiana, o primeiro forjou o conceito, construiu uma teoria cuja “ambição antropológica universal” busca o sentido da “vida humana”, muito além da experiência psicanalítica, ainda que esta se mantenha na origem da investigação.

Meu primeiro encontro com J.-B. Pontalis restabeleceu de certa forma o duo dos inseparáveis. Novamente François Gantheret, dessa vez por ser assistente de redação da *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, fez as apresentações. Até então eu só tinha publicado em *L’Homme*, revista de antropologia social criada por Lévi-Strauss e dirigida na época por Jean Pouillon; Pontalis me propunha uma primeira publicação psicanalítica (*NRP* nº 28, *Liens*, outono de 1983). Assim que soube, Laplanche me mostrou claramente seu aborrecimento: por que com ele e não comigo? Somou-se a isso a surpresa: ele queria, a qualquer preço, que o outro texto que eu lhe enviara fosse publicado em *Psychanalyse à l’Université*... Os amigos eram rivais, cada qual com sua revista; a separação dos siameses estava efetivada; eu era um possível objeto de rivalidade entre eles... sabemos a gratificação narcísica que pode proporcionar uma tal querela.



*Pontalis costumava contar como podia levar uma reprimenda de Lacan por ter faltado um dia no Seminário, enquanto a falta numa sessão não arrancava nenhuma palavra de seu psicanalista. Ele gostava de se definir como o cancro da sala*

A rivalidade conjuga a vida em três. Não faltaram terceiros disputados por Laplanche e Pontalis. Inicialmente o próprio Freud, através da questão de sua tradução. A divergência entre eles atingiu nesse ponto seu ápice<sup>3</sup>: Pontalis determinado a moldar Freud no cadinho da língua francesa, Laplanche decidido a forçar o francês a acolher o estrangeiro a ponto de desequilibrar a forma correta da língua materna. Um zombava do outro com prazer, e reciprocamente. Pontalis acusando o “*désaide, désirance, animique...*”<sup>4</sup> e outras brutalidades neológicas, Laplanche ironizando que aquele que não era “germanista” se permitia traduzir *Realangst* por “angústia realista”, verdadeira distorção que “para fazer bonito”, perdia simultaneamente a originalidade da noção “angústia do real” e a incongruência da expressão, inclusive em alemão.

Dois outros terceiros merecem especial atenção, não apenas no que se refere à rivalidade; Lacan evidentemente, mas também Daniel Lagache. Laplanche e Pontalis foram ao mesmo tempo analisando e alunos de Lacan. A recusa de fidelidade a ele, a ruptura desencadeada por tal recusa, marcaram a vida de um e de outro e são essenciais para compreender os psicanalistas que se tornaram. Mais do que o semelhante, aqui, é o diferente que melhor retrata esses dois homens.

Pontalis costumava contar como podia levar uma reprimenda de Lacan por ter faltado um dia no Seminário, enquanto a falta numa sessão não arrancava nenhuma palavra de seu psicanalista. Ele gostava de se definir como o cancro da sala, sempre sentado no fundo, ao lado do aquecedor, rindo dos jogos de palavra que permitiam o hilário *Wiwimacher*<sup>5</sup>, “sim-sim minha cara”...

A realidade histórica é mais complexa: transcritor do Seminário para o *Bulletin de psychologie*, Pontalis foi também um ouvinte atento. Assim

como Laplanche, ele não foi poupado, no momento da ruptura, da maldade irônica do Mestre. No entanto, nada tão violento, sem dúvida porque Pontalis nunca foi, como Laplanche, um “discípulo”. A experiência prévia junto a Sartre o vacinara, especialmente porque Sartre misturava contraditoriamente à sua dominação intelectual uma alergia a quem pretendesse “seguir fielmente o seu caminho”. No *Amor dos Começos*, Pontalis evoca o seminário de Sainte-Anne, em 1954: Lacan “nos envolvia com frases que raramente terminavam, e que os mais zelosos dentre nós lutavam para transcrever em grandes cadernos de estudante”.

Por ter visto tais cadernos com meus próprios olhos, não tenho dúvida de que J.-B. se refere aqui ironicamente a seu amigo Jean. De fato, cadernos admiráveis, de tanto que parece nada ter escapado à cuidadosa escrita do aluno perfeito, do *normalien*<sup>6</sup>, e que permitem casualmente perceber os inúmeros erros da transcrição oficial. Laplanche se divertia com isso, constatando que quando Lacan havia dito “merda” o texto milleriano dizia “mãe”<sup>7</sup> – Laplanche tinha gentilmente oferecido seus cadernos a J-A Miller, que os recusou: nada e nem ninguém entre o Mestre e ele.

“Você poderia ter sido meu Ferenczi... mas seu avô era analfabeto”: esta fala de amor desiludido e de crueldade de Lacan a Laplanche no

3 Cf. L. Kahn, “Le texte freudien et sa traduction”.

4 Alguns dos inúmeros neologismos de Laplanche. Ao pé da letra: desajuda, desejança, anímica.

5 Palavra do pequeno Hans: literalmente, o “faz-pipi”.

6 Aluno da École Normale Supérieure, a escola que forma a nata da intelectualidade francesa na área de Humanidades (N.T.).

7 No original, fica mais evidente o lapso: *merde / mère* (N.T.).



*o que Laplanche  
designa como uma astúcia  
da história consistiu  
em ultrapassar a crítica  
da prática de Lacan em direção  
a uma crítica bem mais ampla,  
não poupando nem  
o próprio Freud,*

momento da “traição”, um “não-do-pai” quanto ao *Nom-du-Grand-Père*<sup>8</sup>, mostra a força do laço que unia os dois homens. Lacan fez pior, brincando com o nome próprio de seu “aluno” como um significativo (“a prancha”) e fazendo com ele as mais vulgares piadas.

Surpreendentemente, a maldade nunca foi recíproca, como se os dois “pacientes” tivessem tido a oportunidade de sofrer e perceber a que ponto seu analista não suportava a ambivalência. Laplanche e Pontalis não deixaram de criticar Lacan, na teoria e na prática, mas eu nunca escutei na boca nem de um e nem de outro o prazer de uma palavra assassina. Foi com um sentimento de apaziguamento que Jean Laplanche evocava um inesperado encontro com o antigo “Mestre”, um pouco antes de sua morte, por acaso, numa festa mundana. Os dois homens conversaram tranquilamente, Lacan expressando sua nostalgia de um tempo no qual estivera rodeado por outro tipo de pessoas, tão diferentes do círculo de fiéis que tinha se tornado sua cruz e por quem não escondia seu desprezo.

O que J.-B. Pontalis tinha a dizer sobre Lacan, ele escreveu. O testemunho de Laplanche permaneceu principalmente oral, e referia-se primeiramente ao analista. Lacan anunciou a seu analisando-aluno que as sessões, que até então duravam meia hora, passariam a durar vinte minutos. Ele especificou: “E para provar a você que

não se trata de uma questão de tempo, vou fazer um aumento”. Nessa paradoxal dominação intelectual Harold Searles verá uma característica do “esforço para enlouquecer o outro”. Um risco, no entanto, que Laplanche não corria de forma alguma. Ele usou as manipulações acima de tudo para elaborar uma crítica da prática lacaniana e libertar-se dela. Para ele, a mais grave dessas transgressões referia-se menos à variação do tempo, chegando às sessões ultracurtas e à degradação da psicanálise em psicoterapia que a caracterizava, e mais à confusão da análise com o ensino. Confusão que coloca a força da transferência a serviço da fidelidade ao pensamento e à própria pessoa do analista-Mestre, gerando como consequência inevitável uma população de fiéis, os “lacanianos”.

Laplanche e Pontalis não se contentaram em fundar, com outras pessoas, uma associação analítica (APF) com o objetivo de escapar da trincheira cavada por Lacan. Essa libertação foi também para ambos a oportunidade de um ato fundador no que diz respeito à crítica da análise didática e à afirmação de uma *extraterritorialidade* da análise pessoal em relação à instituição analítica<sup>9</sup>. Esse gesto talvez os tenha reunido mais fortemente do que o *Vocabulário*. O que Laplanche designa como uma astúcia da história consistiu em ultrapassar a crítica da prática de Lacan em direção a uma crítica bem mais ampla, não poupando nem o próprio Freud, mirando o conluio entre as pretensões políticas de uma instituição e a submissão dos futuros analistas a uma “análise de formação”.

A filiação teórica não é menos interessante que o destino da prática. A ruptura parece evidente, Laplanche e Pontalis nunca falaram ou escreveram no “jargão lacaniano”. Mas o que vale para o estilo não vale para a ideia. “O desejo é o desejo do inconsciente do outro” – esta fórmula, ligeiramente modificada, do enunciado de Lacan (“O desejo é o desejo do Outro”) poderia servir como epígrafe ao conjunto da obra de Jean Laplanche. O que não impediu o surgimento de esforços para se distinguir do mestre já bem cedo, antes mesmo da ruptura, no que diz respeito especialmente às relações do inconsciente e da linguagem. O inconsciente

de Lacan é sensivelmente diferente do de Freud: muito menos incognoscível, não ignorando a negação e nem a diferença, *estruturado* como uma linguagem, e não polimorfo e caótico como a sexualidade infantil. Seguindo a consigna do “retorno a Freud” de modo mais rigoroso que o próprio Lacan, Jean Laplanche, ao contrário, maximizará a alteridade de um inconsciente que trata as palavras como coisas e não como signos: o inconsciente de Laplanche é um “império do desligamento”, o mais distante possível da “estrutura”.

“Por que me tornei psicanalista, se não para comparar incessantemente a linguagem ao que não o é?” Essas palavras de Pontalis em *“Lamour des commencements”* exprimem simultaneamente a filiação com Lacan (a linguagem objeto de todas as atenções) e a distância tomada em relação a ele. O personagem criado por Lacan é um *parlêtre*<sup>8</sup>, o de Pontalis é um *infans*. Ao idealismo linguageiro do primeiro corresponde a melancolia do segundo: “Nós nunca nos separaremos da linguagem, ela é a separação e só fala da separação” (p. 195). A paixão de Pontalis pela linguagem, que o fará transitar do “teorizar” para “escrever”, não busca o “tesouro da língua” (Lacan) e sim sua falha: escrever (mas também analisar) para “aliviar a falha da linguagem, seu vazio interno, sua violência ou doce melancolia”.

A falta é para a obra de Pontalis o que o excesso é para a de Laplanche. Para o primeiro, a linguagem “é o eco longínquo, insistente de todas as nossas perdas”, para o segundo é o traço das invasões (o inconsciente) do outro. Essas fórmulas não são contraditórias. Sua oposição não é uma questão de lógica: é bem mais de pontos de vista. Os transbordamentos da histeria são a tela de fundo das elaborações de Laplanche, enquanto uma variante neurótica (nostálgica) da melancolia acompanha toda a obra de Pontalis, desde a

8 Em francês, *avô* se diz *grand-père* (literalmente, *grande pai*). O autor se refere ao conceito lacaniano de Nome-do-Pai, e faz um trocadilho impossível de reproduzir em português (N.T.).

9 Para a compreensão dos complexos desafios dessa questão, só podemos remeter o leitor ao artigo de Laplanche: *“La didactique: une psychanalyse ‘sur commande’”*.

10 Neologismo lacaniano, literalmente *falasser*.

»»

*a falta é para a obra  
de Pontalis o que o excesso  
é para a de Laplanche.  
Para o primeiro, a linguagem  
“é o eco longínquo, insistente  
de todas as nossas perdas”,  
para o segundo é o traço  
das invasões (o inconsciente)  
do outro*

obra teórica (*Perder de Vista*) até a obra literária (*Loin, Antes*). Mas a distância mais clara entre os dois percursos certamente diz respeito aos destinos de sua escrita. Jean Laplanche manteve-se até o fim absolutamente fiel ao ato inaugural do *Vocabulário*. J.-B. Pontalis tentou o tempo todo afastar-se dele.

A página de rosto do *Vocabulário* é uma curiosidade: o nome dos dois autores vem antes do título, mas num subtítulo se lê: “sob a direção de Daniel Lagache”. Essa “confusão” editorial tem uma história. Sem atuar tão violentamente “o assassinato do pai” – Lagache não é Lacan, nem analista e nem mestre – a solidariedade dos dois “irmãos” face a este outro terceiro é como uma injeção de lembrança. É Lagache quem assina o contrato com a PUF, e convida Laplanche e Pontalis para serem seus colaboradores. Os “colaboradores” farão todo o trabalho, três anos assíduos na mesa do conceito, enquanto o diretor não dirige nada. A página de rosto é uma formação de compromisso na justa medida do conflito entre o direito contratual e a realidade do trabalho efetuado.

Essa história tem uma sequência, do lado de Laplanche, do tipo que se transmite de “pai” para “filho” sob a forma de conflitos que transitam de geração em geração, sem nunca se solucionar. O “avô” Lacan dizia: “O que está forcluído do Simbólico retorna no Real”. Jean Laplanche



não faltaram momentos  
de amizade com Jean Laplanche,  
degustando alguns néctares  
na adega de Pommard  
ou compartilhando  
uma boa mesa.  
O homem sabia rir,  
comer, beber, dançar  
e cantar

tinha criado uma coleção na PUF, *Voies nouvelles em psychanalyse*, e uma de suas vocações era publicar certas teses de psicanálise. Como a minha, *L'inceste focal*. Notando que em mais de uma obra publicada havia a seguinte menção: "*sous la direction de Jean Laplanche*", levei ao conhecimento do pai-Laplanche que isso não me convinha: uma tese é orientada", um livro não. Ele me escutou, não tive dúvida que tinha compreendido, até a publicação... quando encontrei a menção, não na capa, mas na página de rosto.

Não faltaram momentos de amizade com Jean Laplanche, degustando alguns néctares na adega de Pommard ou compartilhando uma boa mesa. O homem sabia rir, comer, beber, dançar e cantar; conhecia de cor todo o repertório de músicas dos vinhedos, e também alguns *blues* que cantava no original. Ele pediu que me juntasse a ele na PUF para ajudá-lo, me confiando os prefácios a Freud das novas traduções de Quadrigue; logo em seguida, inaugurei minha própria coleção, a *Petite Bibliothèque de Psychanalyse*, objetivando associá-lo. Um dos volumes dessa coleção, *L'énigme du masochisme*, retoma um de nossos encontros, à imagem e semelhança do que foram nossas discussões ao longo desses anos.

O momento mais forte de nosso entendimento encontra-se nos anos 1990, inseparável da elaboração teórica. Eu estava apaixonado pela

questão da feminilidade e propunha uma construção da "feminilidade primitiva" derivada diretamente da teoria da sedução, nos termos em que Laplanche a renovara. Ele que nunca se interessou por essa questão "recuperava" em proveito de sua "generalização" toda uma parte da vida psíquica. A sequência foi mais complicada... nunca nos desentendemos, digamos que beiramos uma desavença. Ele mesmo resumia o assunto com humor: "No fundo o senhor me censura por eu ser *laplancheano*". Ele tinha razão. Laplanche tornou-se "laplancheano", ele não o foi desde sempre. A virada se deu em 1987, quando saíram os *Novos fundamentos para a psicanálise*, e a teoria da sedução passa de "restrita" (ao modelo da histeria) à "generalizada" (para todas as formas possíveis da vida psíquica).

Aqui se consumou a fantasia de uma teoria *unitária*, capaz de dar conta, baseando-se em algumas constantes invariáveis, de todas as "escolhas": neurose, psicose, estado limite... O *unitário* da teoria é uma fantasia como qualquer outra, nesse caso narcísica. *UM* é o número de Narciso e da "bela totalidade", a que não suporta nada que transborde. Pessoalmente estou convencido de que esse lugar teórico no qual se poderia abarcar o conjunto dos possíveis da vida psíquica não existe. Do alto do Palatino percebemos todas as Romas, exceto pelo fato de que o Palatino está ele mesmo dentro de Roma. O ponto de vista unitário em psicanálise perdeu-se definitivamente desde o momento em que Freud se viu obrigado a adicionar uma segunda tópica à primeira, tentando fazer frente à complexidade da coisa psíquica. Foi quando as figuras da destrutividade não se sustentaram mais apenas sob o registro do sexual. Isolando-se no interior da teoria, evitando raciocinar a partir do pântano da prática clínica, Laplanche se livrou de enfrentar muitas asperezas.

Ele não se tornou "laplancheano" apenas teoricamente: ocupadíssimo em defender e ilustrar sua obra, isso aconteceu também em suas relações. Num dado momento, era difícil ficar próximo dele, salvo na condição de discípulo. Nada comparável à caricatura do lacanismo, mas ainda assim um eco. Tive oportunidade de ver com que

rapidez o investimento de Laplanche podia ser retirado, a ponto de não sobrar nenhum vestígio da antiga afeição, quando alguém já não correspondia mais ao que se espera de um fiel.

A amizade com J.-B. Pontalis foi mais tardia e, é preciso dizer, mais fácil. Ela aconteceu depois de uma experiência de supervisão, portanto bem distante da universidade. As obras que lhe propus em seguida para sua coleção “*Tracés*”, pesquisa fragmentária do que é a originalidade da situação analítica, fizeram da referência clínica uma constante de nossa relação.

A amizade é o assunto de um dos livros de J.-B. Pontalis, *Le songe de Monomotapa*. Ela foi sobretudo um de seus maiores talentos. J.-B. gostava da amizade e a cultivava. Muitos amigos, verdadeiros, pertencendo a gerações e horizontes diferentes. Nenhum discípulo em contrapartida, com razão. Se certamente existe uma obra, ela nunca se organizou em torno de um núcleo a defender e promover: buscava, ao contrário, o diverso, da reflexão teórica a mais exigente à divagação literária. Não se vê muito bem como alguém poderia ser “pontalisiano”.

Certamente não sou o único que esperava, ao abrir *Frère du précédent*, ler sob a pena de J.-B. uma sequência da aventura do *Vocabulário*. Uma sequência pessoal, íntima, anedótica, o diabo escondido nos detalhes. Nada disso, apenas uma alusão rápida ao “Laplanche-e-Pontalis”, como se ainda fosse muito cedo para contar a história desta dupla, para poder desfazer a cumplicidade. Mais fácil falar dos irmãos Goncourt do que dos irmãos de hoje em dia. *Frère du Précédant* é mais um livro sobre a “*frerocité*”<sup>12</sup> do que sobre a fraternidade. J.-F., irmão mais velho de J.-B., é o personagem principal. Um livro difícil de parir, a enésima réplica de Caim e Abel, escrito mais por necessidade do que por prazer: “Era absolutamente necessário que eu escrevesse este livro”.

11 A questão levantada aqui é mais espinhosa do que seria o caso no Brasil: na França, uma tese não é orientada, mas *dirigée*, e o orientador é designado como *directeur de thèse* (N.T.).

12 Trocadilho com *frère* (irmão) e *férocité* (ferocidade).

13 In J.-B. Pontalis et al., *Passé présent*.

»  
o “Jean” de J.-B. foi  
nesse dia acima de tudo  
o colega de classe  
no liceu Henri VI, aquela  
que na época  
ele apelidava com um  
gracejo latino: *tabula*  
(a prancha)

O que não encontra um lugar no livro dos “irmãos” teria encontrado uma saída sub-reptícia num canto da obra? Jeffrey Mehlman pensou isso lendo as aventuras de Julien Beaune (Beaune, Pommard...), o herói de *Un homme disparaît*. Pontalis lhe deu uma resposta irritada, ao invés de uma reprovação<sup>13</sup>.

Muitos anos separam a morte de J.-B. do livro enfim cometido... foi também quando Jean Laplanche morreu, no dia de seu funeral, que J.-B. finalmente divulgou seu testemunho. Foi de longe o momento mais emocionante dessa cerimônia um pouco estranha. A cena aconteceu na igreja da pequena cidade de Pommard. Jean Laplanche nunca fez de seu ateísmo um mistério, mas como um *bourguignon* tradicional ele teria desejado o ritual. Oficiado por um sacerdote mal-humorado, ultrapassado pela circunstância, não faltou um pouco de loucura à cena, divertida em resumo. O “Jean” de J.-B. foi nesse dia acima de tudo o colega de classe no liceu Henri VI, aquela que na época ele apelidava com um gracejo latino: *tabula* (a prancha). “Inúmeras vezes nos irritamos um com o outro, porém nunca brigamos.” Na ocasião do último almoço, J.-B. perguntou a Jean, cuja saúde vacilante tornara sombrio, se ele ainda tinha contato com fulano, amigo de classe em comum: “Sim, ele disse, ele continua contente... como você”.

## Referências bibliográficas

- Gantheret F. (1977). *Trois memoires*, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n.15, Gallimard.
- Kahn L. (2007). Le texte freudien et sa traduction. In *Le royaume intermédiaire (Psychanalyse, littérature, autour de J-B Pontalis)*. Folio: Gallimard.
- Laplanche J. (1999). La didactique: une psychanalyse "sur comande". In \_\_\_\_\_. *L'homme*. PUF, Quadrige.
- Pontalis J.-B. et al. (2007). *Passé present*. Paris: PUF. Petite Bibliothèque de Psychanalyse.

## Laplanche-and-Pontalis

**Abstract** The article is an attest by Jacques André, Laplanche's former student, which reports particular moments of Jean Laplanche's journey: from his rupture with Lacan to the elaboration of his own theoretical piece, passing by his position as Sorbonne's teacher and his relationship with Pontalis, who Jacques André had also established a relative proximity.

**Keywords** seminary; theorie; meeting; unconscious; rupture.

**Texto recebido:** 07/2016

**Aprovado:** 09/2016



# Green, leitor de Laplanche

Renato Mezan

**Resumo** Este texto, originalmente uma conferência no Encontro Green da Associação Psicanalítica Argentina (2014), reconstitui o diálogo que André Green manteve com Laplanche. Iniciando-se no Colóquio de Bonneval (1960), ele vai até os primeiros anos do século XXI, quando, já de posse das suas formulações definitivas, ambos se situam em quadrantes bem afastados do campo psicanalítico francês.

**Palavras-chave** Green, Laplanche, pulsão, inconsciente, Édipo, psicopatologia psicanalítica.

**Renato Mezan** é psicanalista, professor titular de Psicologia Clínica da PUC-SP, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e coordenador editorial da revista *Percurso*. Autor de *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise* (Companhia das Letras, 2014), entre outros.

Quem se aproxima dos escritos de André Green percebe imediatamente a grande importância conferida ao diálogo com autores que o precederam no exame das questões em pauta. Referências exatas, notas abundantes, comentários ora apreciativos, ora críticos, mas sempre precisos, por vezes discussões mais pormenorizadas desta ou daquela posição no próprio corpo do texto: trata-se de um leitor atento, que não hesita em pôr à prova seus pontos de vista confrontando-os com as ideias alheias. Mais do que isso, até: Green procede assim porque acredita que a história da Psicanálise merece ser levada em conta, pois nela se organizaram e dela decorrem concepções distintas do que é a psique, do que é possível dizer sobre sua estrutura, seu funcionamento e seus desarranjos, sobre o alcance e os limites das intervenções do psicanalista nos fenômenos a que tem acesso no trabalho com seus pacientes.

Naturalmente, a maioria dessas citações se refere aos três pensadores que considera seus mestres – Lacan, Winnicott e Bion – mas há um número considerável de menções a autores da sua geração, e também mais recentes. Entre essas, uma pesquisa não exaustiva revela mais de vinte a Jean Laplanche<sup>1</sup>. É dizer o interesse que conservou pelo pensamento dele por uns bons cinquenta anos; interesse que não exclui discordâncias quanto a pontos importantes, mas sempre em tom respeitoso, apropriado a um debate de ideias que começa por situar a opinião do outro, prossegue tentando compreender as razões que o levaram a adotá-la, e culmina com uma avaliação à luz tanto da sua consistência interna quanto da sua adequação aos dados que ambos compartilham: textuais (particularmente no que se refere à leitura de Freud), e da clínica (esta filtrada pelo prisma da

<sup>1</sup> Não exaustiva, porque limitada aos textos de que disponho em minha biblioteca, a saber seus principais livros monotemáticos e uma boa amostra dos artigos reunidos em coletâneas por ele e por seus editores póstumos: Fernando Urribarri, Litzia Gutierrez-Green e Ana de Staal.



*talvez a frase inicial acerca da “reformulação dos pilares da teoria analítica” nos dê uma pista acerca dos motivos que mantiveram aceso o interesse de Green pelos caminhos de Laplanche*

experiência do próprio Green, e das concepções a que chegou refletindo sobre ela). Sirva como exemplo dessa atitude a abertura de uma fala de 2001, na qualidade de debatedor de uma conferência do colega:

A síntese proposta por Jean Laplanche sobre a questão da identidade sexual nos aparece como uma reformulação dos pilares da teoria psicanalítica. [...] Sua exposição é rigorosa e rica em ideias novas. Revela sua arte de construir um objeto teórico e de dar a ele as melhores chances de seduzir. Tive bastante interesse e prazer nessa discussão. Embora minha posição seja um pouco diversa, limitar-me-ei aqui a discutir a dele. Começemos pelas questões levantadas [...]².

Talvez a frase inicial acerca da “reformulação dos pilares da teoria analítica” nos dê uma pista acerca dos motivos que mantiveram aceso o interesse de Green pelos caminhos de Laplanche: da sua obra, também se pode dizer que constitui, senão uma reformulação, ao menos um considerável esforço de esclarecimento e fundamentação da Psicanálise, com vistas a assentá-la em bases sólidas (“pilares”?) e a ampliar sua capacidade de compreender (e eventualmente modificar) aspectos do funcionamento psíquico pouco abordados por Freud e seus seguidores imediatos. Mas também se deve notar que tal interesse não surgiu com a dita “reformulação”, isto é, com a proposta por Laplanche da teoria da sedução generalizada (1987). Parafraseando Napoleão diante das pirâmides do seu Egito natal, naquela noite de 2001 Green poderia dizer que “quarenta anos nos contemplam”: com efeito, sua primeira análise de um

texto de Laplanche data de 1960, quando, junto com Conrad Stein, lhe coube comentar o relatório redigido por aquele e por Serge Leclaire: “O inconsciente – um estudo psicanalítico”.

## 1. O Colóquio de Bonneval

Foi em 1956, nos conta Elizabeth Roudinesco em sua *História da Psicanálise na França*, que o psiquiatra Henri Ey decidiu dedicar a edição de 1960 dos encontros que costumava organizar na abadia de Bonneval a um debate entre filósofos, psiquiatras e psicanalistas a propósito do inconsciente freudiano³. Como ponto de partida, e levando em conta que na época a Psicanálise francesa se apresentava dividida em duas organizações estanques – a Sociedade Psicanalítica de Paris e a Sociedade Francesa de Psicanálise – cada uma poderia apresentar sua visão do tema, a ser confrontada com exposições de filósofos prestigiosos e de psiquiatras respeitados.

Por que essa proposta? Sem repetir o que a historiadora narra com riqueza de detalhes, convém dar uma ideia dos contextos intelectual e político nos quais ela se inscrevia. O centro de ambos é a figura de Jacques Lacan: teoricamente, porque naquele momento o “retorno a Freud” já produzia frutos que tornavam impossível ignorar a reinterpretação da obra fundadora associada ao nome dele (e portanto “inconsciente freudiano” significava “relido por Lacan”); politicamente, porque era entre os que o seguiam (SFP) e os que o abominavam (SPP) que passava a linha divisória.

Visando a evitar que o colóquio se tornasse uma arena de combate para os analistas da geração então no poder (Sacha Nacht e Maurice Bouvet na SPP, Lacan e Daniel Lagache na SFP), Ey pediu os relatórios de base a quatro jovens lobos: Serge Lebovici e René Diatkine apresentaram o ponto de vista da SPP, Laplanche e Leclaire o da SFP. Os debatedores deste último também foram escolhidos a dedo: tanto Stein como Green, embora pertencendo à SPP, interessavam-se pelo pensamento de Lacan, e em sua Sociedade eram vistos



como capazes de terçar armas em igualdade de condições com os representantes do grupo adversário. Ambos apresentaram textos voltados para o tema do momento – a natureza do inconsciente –, embora ele esteja refletido muito mais no estudo dos “dois L” que no de Lebovici/Diatkine. E é por isso que podemos dizer que o marco inicial da leitura de Laplanche por Green está no texto que este intitulou “Les portes de l’inconscient”<sup>4</sup>.

Antes de apresentar brevemente o relatório de Laplanche e Leclaire, uma palavra sobre os psiquiatras e os filósofos que participaram do evento. Entre os primeiros contavam-se George Lantéri-Laura, Julian Ajuriaguerra e o próprio Henri Ey, todos representantes de uma psiquiatria humanista, e, sob certas reservas, aberta à discussão com os analistas. Os filósofos – Merleau-Ponty, Jean Hyppolite, Alphonse de Waelhens, Henri Lefebvre, Paul Ricoeur – eram a fina flor do pensamento francês da época, balizado pelo que Vincent Descombes chamou “os 3 H”: Hegel, Husserl e Heidegger<sup>5</sup>. Sem entrar em detalhes aqui supérfluos, é importante assinalar que a leitura francesa dos dois primeiros privilegia a consciência como foco do humano – é a tendência fenomenológica, que de modo geral

podemos dizer que o marco inicial da leitura de Laplanche por Green está no texto que este intitulou “Les portes de l’inconscient”, lido no Colóquio de Bonneval (1960)

via no inconsciente apenas mais uma forma de intencionalidade, de “visar o objeto”, e recusava a concepção freudiana do inconsciente por ser maculada ao mesmo tempo pelo naturalismo (as forças psíquicas) e pela abstração – ideias exemplificadas entre outros pela *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* de George Politzer, a cujo exame e refutação Laplanche e Leclaire dedicam o primeiro capítulo do seu estudo. Já a temática heideggeriana do Ser revelando-se através do Logos (razão/linguagem) se afastava desse primado da consciência, e por isso mesmo servia como uma das bases para Lacan edificar seu próprio pensamento (no “Discurso de Roma”, por exemplo, é visível a sombra de Heidegger nas ideias de “fala plena” e “fala vazia”).

O estudo de Laplanche e Leclaire apresenta a curiosa característica de que cada autor assina partes separadas, e a bem dizer bastante heterogêneas. Os capítulos I, II e IV são de Laplanche, o III e o V de Leclaire. Este analisa o famoso “sonho do unicórnio” de seu paciente Philippe, e, seguindo à risca a tese de Lacan sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem, busca extrair dessa análise o que possa ser útil na clínica. Por sua vez, Laplanche demonstra sérias reservas a essa mesma teoria, e postula que, “mais do que uma linguagem, o inconsciente é a condição da linguagem”<sup>6</sup>.

Para chegar a essa conclusão, Laplanche relê com lupa o artigo “O inconsciente” da *Metapsicologia* (1915). Insiste em que Freud formula aí uma teoria que distingue cuidadosamente as representações de coisa (*Sachvorstellungen*), situadas no inconsciente e obedecendo às leis do processo primário, enquanto as representações de palavra

2 Cf. “Jean Laplanche: sur la théorie de la séduction”, in: A. Green, *Penser la psychanalyse avec Bion, Lacan, Winnicott, Laplanche, Aulagnier, Anzieu, Rosolato*, p. 93.

3 E. Roudinesco, *Histoire de la psychanalyse em France*, vol. II, p. 317-318.

4 Cf. H. Ey (org.), *VI Colloque de Bonneval: L’Inconscient*. Tradução castelhana em *El Inconsciente (Coloquio de Bonneval)*, p. 9-39. Embora o que nos interesse aqui seja o que Green destaca no relatório de Laplanche e Leclaire, convém lembrar que seu texto não se resume a isso, mas, após a abertura de Ey, praticamente introduz a todo o Colóquio. Psiquiatra e psicanalista em formação, agudo leitor de Freud e Lacan, e também da literatura médica, Green tivera acesso aos documentos discutidos, e em seu texto fala brevemente de todos, dos precursores de Freud no romantismo alemão aos escritos deste, da neurologia à antropologia lévy-straussiana, da filosofia à psicopatologia, concluindo com uma alusão ao mito de Édipo como advertência contra a pretensão do saber a tudo esgotar. É já uma formidável demonstração do que fará até o final da vida, jamais se contentando com o “já formulado”, e buscando vias de fecundação recíproca entre as diversas perspectivas.

5 Cf. *Le même et l’autre: quarante-cinq ans de philosophie française, 1933-1978*, Paris, Payot, 1979..

6 O estudo completo encontra-se reproduzido ao final do volume IV das *Problématiques (L’inconscient et le ça)*. Por ser mais facilmente acessível que o volume organizado por Ey, cito-o nessa edição, na qual a fórmula de Laplanche figura à p. 263.



numa leitura bastante original,  
Laplanche serve-se do conceito  
lacaniano de metáfora paterna para dar  
conta da origem do inconsciente,  
que em Freud se deve ao mecanismo  
da repressão primária

(*Wortvorstellungen*), que constituem a linguagem, situam-se no pré-consciente e se encontram submetidas ao processo secundário. Mas não recusa *in toto* a elaboração lacaniana, que assimilara certas figuras da retórica aos mecanismos do processo primário (metáfora/condensação, metonímia/deslocamento), e, numa reinterpretação pessoal tanto do conceito saussuriano de significante quanto da análise da linguagem efetuada por Roman Jakobson, constituíra sua noção da “cadeia significante” que desliza incessantemente sob o universo dos significados<sup>7</sup>.

Numa leitura bastante original, Laplanche serve-se do conceito lacaniano de metáfora paterna para dar conta da origem do inconsciente, que em Freud se deve ao mecanismo da repressão primária. Uma detalhada análise da estrutura da metáfora, com seus “quatro andares”, conduz à reconstrução da gênese do inconsciente por meio dos “significantes-chave”, em cuja rede é capturada a energia até então livremente circulante da pulsão (teoria lacaniana dos “*points de capiton*”). Vem em seguida a repressão secundária, que separa o inconsciente do sistema Pcs/Cs e lhe assegura um funcionamento particular.

O resultado do movimento conceitual realizado por Laplanche é ambíguo: uma teoria fortemente freudiana da linguagem, vazada num vocabulário lacaniano que segundo o autor não faz justiça a pontos fundamentais dessa mesma teoria – razão pela qual é necessário inverter (subverter?) a relação proposta por Lacan entre inconsciente e linguagem: mais do que estruturado como uma linguagem, ele deve ser concebido como “condição mesma da linguagem”. “Posição

desconfortável”, assinala com razão Elizabeth Roudinesco, e, apesar das aparências, pouco apta a servir de fundamento conceitual para a ilustração clínica trazida por Leclaire (o que a meu ver explica por que este foi levado a escrever seu próprio capítulo teórico, o v).

O relatório dos dois membros da SFP foi comentado por Conrad Stein, e é ilustrativo comparar o texto deste com a crítica de Green. Stein se detém bem mais no sonho do unicórnio do que nas ideias de Laplanche, com as quais está basicamente de acordo: também pensa que a teoria lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem é inaceitável tal e qual, se nos ativermos à concepção freudiana tanto do inconsciente quanto da linguagem<sup>8</sup>. Uma importante objeção se refere ao papel e ao lugar do significante *plage* (praia), que segundo Leclaire é o núcleo da cadeia significante própria a Philippe: para Stein, tal função cabe bem mais ao fantasma “*Philippe-j'ai-soif*” (Philippe tenho sede), e é a conexão deste com o termo *plage*, por meio do fonema “j”, que lhe permite vir a formar um “núcleo do inconsciente”. Na opinião de Stein, em hipótese alguma o conteúdo do inconsciente pode ser constituído por palavras: encerra algo semelhante a fonemas isolados, ou no máximo “grupos de fonemas”. Mas atenção:

que o significante *Philippe-j'ai-soif* seja submetido à repressão não significa em absoluto que a frase formada pelas palavras “Philippe j'ai soif” será constitutiva do inconsciente elementar, mas sim o fantasma do desejo da mãe, que podemos designar assim *faute de mieux*, já que precisamos falar com palavras. Quanto à palavra “sede”, embora se torne no sistema pré-consciente uma metonímia deste desejo, nada prova que no interior do fantasma ele tenha uma existência como elemento constitutivo capaz de ser isolado, enquanto temos bons motivos para crer, ao contrário, que o fonema “j” – (de *j'ai*), que voltamos a encontrar em *plage* – é um núcleo privilegiado dele<sup>9</sup>.

Coloco aqui esses comentários de Stein – que serão desenvolvidos em seu livro de 1970, *L'Enfant imaginaire* – tanto para tornar sensível ao leitor quanta importância se atribuía à fórmula



em 1960, Green está  
fascinado com a potência  
mobilizadora do pensamento  
lacaniano, que elogia mais  
para o final do seu texto

(então ainda nova, segundo René Major)<sup>10</sup> do inconsciente estruturado como linguagem enquanto via para um acesso melhor (ou não) ao inconsciente, quanto – e principalmente – para ressaltar a distância que os separa da crítica de Green.

Esta não vê, no fundo, oposição significativa entre Laplanche e Lacan quanto à relação inconsciente/linguagem: “descobrimos com Laplanche e Leclaire que, se o inconsciente se estrutura como linguagem [...], é precisamente o inconsciente, a cadeia inconsciente, que permite fundar a linguagem. Pois o inconsciente, embora esteja estruturado como uma linguagem, *não é linguagem*”. Resume a seguir as ideias de Laplanche sobre a repressão, e encadeia com a primeira formulação de algo que se tornará capital no seu pensamento maduro: “encontramo-nos aqui frente a uma heterogeneidade qualitativa dos processos inconscientes, como aliás afirma a teoria freudiana com o postulado de dois tipos diferentes de repressão: originária e secundária”<sup>11</sup>.

Em 1960, Green está fascinado com a potência mobilizadora do pensamento lacaniano, que elogia mais para o final do seu texto (p. 36-37 da edição argentina). Mas isso não o impede de pôr o dedo numa ferida que, até onde posso perceber, ele foi o primeiro a identificar:

A perspectiva estrutural de Laplanche e Leclaire só leva em conta o representante pulsional [ideativo, RM] como expressão da pulsão, e deixa na obscuridade mais

completa o destino da carga afetiva, sobre a qual nada nos é dito. Ora, são as transformações sofridas por esta que exprimem, através da identidade dos conteúdos e dos significantes, a força adquirida pelo retorno do reprimido sob a forma da angústia pura, do fantasma, do sintoma, do traço de caráter. A distinção insuficiente das representações de coisa e das representações de palavra deixa imprecisa a relação da imagem com a representação de coisa. A repressão que separa a essas duas situações da representatividade imaginária vai permitir, por sua mera ação, compreender a diferença entre elas.

E, após insistir no enraizamento corporal da pulsão, conclui na página seguinte: “continua a ser necessário, portanto, estudar as relações de força. Essas relações só podem ser apreendidas dentro da situação edípica, ao mesmo tempo campo de força e campo de sentidos”<sup>12</sup>.

Dois temas das futuras investigações de Green estão aqui anunciados: a heterogeneidade/complexidade da psique, e a questão basilar do afeto. Nesse momento de sua trajetória, a crítica não se estende a Lacan: permanece restrita aos seus discípulos. O interesse pelo pensamento de Lacan o leva, após o “Trafalgar da SPP” que foi o colóquio de Bonneval<sup>13</sup> – pois o centro das discussões foi o mais temível adversário dela, frente ao qual os líderes da SPP faziam figura de anões intelectuais –, a resolver frequentar o Seminário, no qual permanece de 1961 a 1967. Lacan procura seduzi-lo de todas as formas, convencê-lo a deixar a SPP e se filiar ao seu grupo; Green resiste, e a Maurice Corcos dirá que “esta foi a sorte da minha vida [...]; era preciso não cair sob suas garras”<sup>14</sup>.

É curioso notar que, alguns anos depois, ele se encontrará numa situação análoga à de

7 Para uma descrição sumária das operações conceituais que levam Lacan a “dotar a Psicanálise de uma teoria não freudiana do sujeito, atribuindo ao inconsciente a estrutura de uma linguagem na qual o *Je* é definido como um efeito de significante”, cf. E. Roudinesco, *Histoire...*, vol. II, capítulo “Naissance du lacanisme”, p. 304-317.

8 Cf. C. Stein, “Le langage et l’inconscient”, in: *La mort d’Oedipe*, p. 117-142.

9 C. Stein, *op. cit.*, p. 132-133. Como o e final de *plage* é mudo, a palavra pronuncia-se “*plaj*”.

10 R. Major, “Bonneval 1960: Le jeune Stein”, p. 59-72.

11 “Las puertas del inconsciente”, in: *El Inconsciente...*, p. 32.

12 “Las puertas”, p. 34. E elogia Stein por, em seu texto, estabelecer uma diferença entre a estrutura edípica do inconsciente e o que se chamará, em *L’Enfant...*, o “conteúdo dramático do complexo de Édipo”.

13 A. Green, *Associations (presque) libres d’un psychanalyste: entretiens avec Maurice Corcos*, p. 289.

14 A. Green, *op. cit.*, p. 285 e 289.



se para Laplanche o pomo da discórdia era a relação entre inconsciente e linguagem, para Green será o descaso do mestre para com o afeto,

Laplanche em Bonneval: exprimir num *vocabulário* lacaniano uma profunda discordância com a teoria lacaniana. Refiro-me a “O objeto *a* de Lacan e a teoria freudiana”, uma exposição feita no Seminário em 1965 e publicada no número 3 da revista *Cahiers pour l'analyse*, dirigida por Jacques-Alain Miller. Se para Laplanche o pomo da discórdia era a relação entre inconsciente e linguagem, para Green será o descaso do mestre para com o afeto, discutida na parte III do trabalho. Retomando – como Laplanche em seu estudo de Bonneval – as distinções freudianas de “O inconsciente”, ele afirmará: “no final da obra de Freud, o afeto adquire o estatuto de um significante”<sup>15</sup>.

Mas, como bom leitor, acrescenta duas páginas depois: “o que especifica o afeto é que este não pode entrar em nenhuma combinatória”. Portanto, não passa pelas conexões do pré-consciente, ou seja, pela linguagem: exprime-se diretamente. Então, como pode ser um significante? A resposta é pouco consistente: no “Esquema de Psicanálise” (1938), falando da clivagem do ego no fetichismo, Freud afirma que a percepção da vagina é recusada (*verleugnet*), enquanto o afeto correspondente é *verdrängt* (reprimido). Ora, se apenas um significante pode sofrer esse destino, “possivelmente seja necessário deduzir que o afeto corresponda a esta mesma categoria” (p. 28), ou seja, é também um significante.

E é nessa ocasião que, numa nota de rodapé, acrescentada posteriormente, volta a Laplanche em Bonneval:

Já havia chamado a atenção para este ponto em minha crítica do relatório de Laplanche e Leclaire [...]. No

entanto, resulta claro que se trata de dois tipos diferentes de significante. Ou seja, devemos manter o afeto em sua especificidade como descarga, e considerar ao contrário o representante [ideativo da pulsão, RM] como produção, produção na medida em que penetra num sistema de transformação combinatória<sup>16</sup>.

É evidente que Green já está no caminho que o conduzirá ao grande trabalho sobre o afeto, apresentado em 1970 no Congresso de Psicanalistas de Línguas Românicas de Paris, e publicado em 1973 com o título *Le Discours vivant*. O que se passou entre 1960 e 1970? Muita coisa, da qual só podemos dar aqui uma notícia rápida. A principal foi a cisão de 1963, que levou ao fim da SFP e ao surgimento tanto da APF (Association Psychanalytique de France, à qual se filiou Laplanche) quanto da EFP (École Freudienne de Paris, o grupo propriamente lacaniano, do qual passou a fazer parte Leclaire). Já distante – ao menos quanto à pertinência institucional – de Lacan, Laplanche pôde acrescentar ao seu *Estudo* uma longa nota, na qual é bem explícito sobre a divergência com o mestre, que na época do Colóquio de Bonneval ainda estava em seus primeiros estágios.

Ela se encontra nas páginas 261-263 de *L'Inconscient et le ça*. Ali lemos que “enunciar apressadamente que o deslocamento freudiano é a metonímia, e a condensação a metáfora, é silenciar muitos desenvolvimentos que devemos tanto a Freud quanto aos linguistas; é saltar, para dizer o mínimo, um bom número de mediações” (p. 262). E menciona uma série de outros problemas “silenciados” por Lacan, entre os quais o da relação entre vários tipos de linguagem, o da ligação – que remete ao ego –, etc.

Ou seja: às vésperas da publicação das comunicações de Bonneval – que teve lugar somente seis anos após o evento, e para a qual Lacan redige o artigo “*Position de l'inconscient*”, no qual finalmente responde a Laplanche, recusando a tese de que o inconsciente seja condição de linguagem, e reiterando a sua – tanto Green quanto Laplanche apresentam ao público o que



podemos considerar como o primeiro momento das suas obras maduras. Certamente diz algo sobre o tempo necessário para que intuições inicialmente apenas pressentidas como verdadeiras atinjam esse grau de consistência que ambos – assim como Stein – só tenham encontrado sua voz própria dez anos após as jornadas na abadia: *Vie et mort en psychanalyse* (Laplanche), *Le Discours vivant* (Green), *L'Enfant imaginaire* (Stein) vêm à luz quase simultaneamente, em 1970, praticamente na mesma data em que Leclaire publica a versão definitiva da sua interpretação do sonho do unicórnio (em *Psychanalyse*). Dele e de Stein, não voltaremos a falar em detalhe no presente artigo; quanto aos nossos dois interlocutores, voltarão a aparecer – bem mais Laplanche sob a pena de Green do que vice-versa, é preciso reconhecer – em campos opostos, a propósito de diversas questões relevantes no âmbito da Psicanálise.

## 2. Da ruptura com Lacan à década de 1980

Tanto Green quanto Laplanche fazem parte de um grupo de analistas que durante alguns anos estiveram próximos de Lacan, mas acabaram por romper com ele no decorrer da década de 1960. A bem dizer, não é um grupo no sentido convencional, pois não vieram a se unir sob uma

*tanto Green quanto Laplanche  
fazem parte de um grupo  
de analistas que durante alguns anos  
estiveram próximos de Lacan,  
mas acabaram por romper com ele  
no decorrer da década de 1960*

bandeira coletiva capaz de os identificar como tal: a comunidade entre eles reside mais no fato de terem percebido a importância e a fecundidade do retorno a Freud promovido pelo “Robespierre da Psicanálise”, como o chama Elizabeth Roudinesco, de terem absorvido muitos aspectos do seu ensino, mas, por motivos a um tempo pessoais, teóricos e clínicos, se negarem a – aderir à instituição lacaniana<sup>17</sup>. Refiro-me, além dos nossos dois personagens, a Conrad Stein, Joyce McDougall, Piera Aulagnier, Jean-Bertrand Pontalis e a uma série de outros, cujas obras evoluirão em direções nem sempre convergentes, mas sempre originais, claramente marcadas pelo que seus autores aprenderam com Lacan. Trazem também, todas, a marca da recusa em aceitar a fidelidade incondicional que este exigia dos seus adeptos, a qual acabou por transformar muitos deles em “papagaios” e “cordeiros”<sup>18</sup>, e coincidem em condenar o *modus operandi* lacaniano na clínica, pelas liberdades excessivas que toma em relação ao enquadre e pelas consequências disso na condução do tratamento.

Como vimos, Laplanche deixa a nau lacaniana na cisão de 1963, enquanto Green jamais embarcou nela. Do ponto de vista pessoal, ambos indignaram-se com a reação do mestre às suas primeiras elaborações originais – para o primeiro, o silêncio quanto à proposta do inconsciente como condição da linguagem, e para o segundo, a reclamação de que suas ideias teriam sido pouco consideradas no artigo “Le narcissisme primaire: structure ou état”<sup>19</sup>.

Os caminhos vão se separando em função das circunstâncias políticas, mas também dos

15 A. Green, “El objeto a de Lacan y la teoria freudiana”, in: *Objeto, castración y fantasía en el psicoanálisis*, p. 27.

16 A. Green, “El objeto a...”, nota 12, p. 41.

17 Ou dela sair batendo a porta, como Piera Aulagnier após a instituição do passe.

18 As expressões são de Pontalis. Cf. “Na borda das palavras”, in: *Psicanálise Entrevista: as entrevistas de Percurso*, p. 37. Para um estudo mais detalhado da trajetória desses analistas, cf. o prefácio de Renato Mezan a essa coletânea, e também o artigo “A recepção da Psicanálise na França”, in: *Interfaces da Psicanálise*.

19 Cf., respectivamente, o depoimento de Laplanche a E. Roudinesco, *Histoire...*, vol. II, p. 324; e a Introdução de *Sobre a loucura pessoal*, p. 15. Laplanche também se enfureceu com a grosseria de Lacan em relação a seu amigo Pontalis, a quem acusou de, em sua transcrição da fala de Merleau-Ponty em Bonneval, não ter sido fiel ao que dissera o filósofo. Cf. Roudinesco, *op. cit.*, p. 325: “a manobra de Lacan contra Pontalis permitiu a Laplanche afastar-se de uma hipótese que ele só aceitava pela metade”.



*o terreno comum a Green  
e a Laplanche é o escrutínio  
permanente da obra freudiana,  
porém pelo prisma de questões  
bastante diferentes*

interesses teóricos e clínicos, e da dinâmica de toda pesquisa autêntica, que, impelida pelo que chamei há pouco “intuições pressentidas como verdadeiras”, se desdobra em múltiplas linhas, cuja trama só se torna visível num momento bem posterior ao dos seus inícios. É certamente o caso das investigações de Laplanche, e também das de Green: se alguns dos seus temas já se anunciam nos primeiros escritos de maior fôlego, nem eles nem seus leitores podiam prever a que horizontes chegariam cinco décadas depois.

O mesmo vale para Lacan. Desde 1963, o Seminário tem lugar na École Normale Supérieure; ali ele fala a um público novo, que o acolhe com entusiasmo: os jovens filósofos. Para Green, esta é uma das razões pelas quais sua elaboração vai ganhando um matiz mais e mais formalista, com os matemas e os nós borromeanos vindo à frente do palco, antes ocupado pela letra e pelo significante<sup>20</sup>.

Do seu lado, Laplanche se dedica com Pontalis à elaboração do *Vocabulário de Psicanálise*, cuja publicação em 1967 conhecerá um enorme sucesso (Green o cita com alguma frequência, e a meu conhecimento nada tem a objetar a ele). Em seguida, empreende a leitura “histórica, problemática e crítica” de Freud proposta em “Interpréter avec Freud” (1965), que resultará em *Vie et mort en Psychanalyse*, e depois na série das *Problématiques*, que resumem seus cursos em Paris VII. Também tomará a si a tarefa hercúlea de traduzir a obra de Freud segundo princípios a seu ver mais sólidos que os das versões existentes, tradução essa que provocou polêmicas sobre as quais não é o momento de nos estendermos.

Mesmo essa referência sumária ao seu percurso permite ver quanto os interesses de Laplanche se situam em quadrantes do universo analítico que pouco têm a ver com aqueles que intrigam e apaixonam André Green. O terreno comum a ambos é, obviamente, o escrutínio permanente da obra freudiana, porém pelo prisma de questões bastante diferentes.

A partir da convicção de que era preciso reparar o descaso de Lacan para com o afeto, e sempre voltado para os enigmas da clínica, Green encontra o seu campo de investigação privilegiado nas organizações não neuróticas, e descobre na Psicanálise britânica instrumentos para estudá-las de modo mais satisfatório do que com aqueles que recebera de Lacan. Artigo após artigo saem da sua pena infatigável, conduzindo-o a construir uma metapsicologia cada vez mais sofisticada, na qual pouco a pouco vêm se encaixar uma teoria da representação e da linguagem, uma teoria dos limites, uma ampla reflexão sobre o trabalho do negativo, e hipóteses derivadas das conclusões a que chegara quanto a essas questões. Por sua vez, tais conclusões abrem perspectivas novas, ou o obrigam a rever tópicos já tratados. Com isso, Green acaba por cobrir boa parte do que se poderia chamar o território psicanalítico.

A meu ver, é o fato de – embora circulando em regiões diferentes desse território – vez por outra se aproximarem ou se cruzarem, que determina ao que, na obra de Laplanche, Green será sensível a ponto de a citar explicitamente. Vejamos então alguns exemplos dessas menções; a maioria consiste em referências bibliográficas em nada diversas das centenas feitas por nosso autor à literatura especializada, enquanto outras se detêm um pouco mais nas posições de Laplanche.

a. em *Un oeil en trop: étude psychanalytique de la tragédie* (1969), Green analisa o artigo de Hölderlin sobre Édipo (intitulado, na tradução francesa, “Remarques sur Oedipe”). Laplanche dedicou sua tese ao poeta alemão (*Hölderlin et la question du père*); Green a leu, porém sem se entusiasmar,



e só a menciona numa nota de rodapé (p. 273, nota 63).

b. *O discurso vivo* (1970): na bibliografia sobre o afeto, refere-se ao artigo conjunto de Laplanche com J. B. Pontalis, “Fantasme originaire, fantasme des origines, origine du fantasme”, ao *Vocabulário*, e a um texto do colega publicado na *Revue Française de Psychanalyse* n. 33 (1969), “Les principes du fonctionnement psychique”. A bibliografia “complementar” indica dois outros trabalhos: “La défense et l’interdit” (*La Nef* 21, p. 43-65, 1967) e “La position originaire du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle” (*Bulletin de l’APF* nº 4, p. 25-33, 1969). Na seção “Posições teóricas sobre o afeto nos trabalhos franceses”, que contém uma forte crítica a Lacan, Laplanche aparece como que obliquamente, numa curta nota sobre o relatório de Bonneval: “[o exame detalhado do sistema teórico de Lacan] foi o que fizemos já em 1960, no colóquio de Bonneval, onde [...] iniciamos a discussão das posições de Lacan através dos trabalhos de J. Laplanche (cujas posições evoluíram desde então) e de S. Leclaire”<sup>21</sup>.

c. *Narcissisme de vie, narcissisme de mort* (1983): nesta coletânea, que aborda um tema também tratado por Laplanche em *Vie et mort en psychanalyse*, encontramos (além de referências apenas bibliográficas à tese deste sobre o narcisismo primário) uma crítica da concepção laplancheana do autoerotismo. Está no artigo sobre o narcisismo primário (datado de 1966-67), e seu foco é que em “Fantasme des origines” Pontalis e Laplanche não levam em conta a distinção freudiana entre “pulsões capazes de encontrar uma satisfação no próprio corpo do sujeito” e “aquelas que não podem dispensar o objeto” (p. 112-113). Segundo Green,

em Narcisismo de vida, narcisismo de morte, aparece um tópico ao qual Green voltará em anos posteriores: a maneira a seu ver insuficiente com que Laplanche conceitua a pulsão

isso impede ligar o autoerotismo ao desejo, que é sempre desejo de contato com o objeto, e invalida a afirmação deles de que “o caráter autoerótico da pulsão é produto anárquico das pulsões parciais”. Aqui aparece um tópico ao qual Green voltará em anos posteriores: a maneira a seu ver insuficiente com que Laplanche conceitua a pulsão.

d. como se poderia esperar, a discordância aparece também quanto à natureza da pulsão de morte, sobre a qual ambos deram conferências num simpósio de 1984<sup>22</sup>. Para Laplanche, as “pulsões sexuais de morte” são uma espécie do gênero pulsões sexuais, a outra sendo as “pulsões sexuais de vida”. Já Green assinala no *Todestrieb* sobretudo o que chamará de “função desobjetalizante”, numa concepção que a articula ao trabalho do negativo, do qual esta função é uma das expressões. É o tema do desligamento, do qual ele tirará – numa vertente diversa – o partido que se sabe em seus estudos de Psicanálise aplicada à literatura (*La déliaison*).

e. em *On Personal Madness*, retorna a menção a Bonneval (no Índice Remissivo, p. 387 da edição brasileira pela Imago), e surge uma referência à edição americana de *Vie et mort...*, já que o livro é destinado ao público britânico.

O que se pode dizer desse conjunto de referências? Não muito: comprovam que cada um está ocupado com seu próprio jardim, e que de vez em quando Green lança um olhar sobre o muro para ver como Laplanche rega o seu. Duas questões somente motivam uma menção mais detalhada – o narcisismo e a pulsão – porém nenhuma excede algumas linhas. É que nas décadas

20 É o que diz a Maurice Corcos no último capítulo de *Associations...*, p. 307.

21 *O discurso vivo*, p. 126, nota 18. É possível que essa observação se refira ao texto sobre o masoquismo, publicado pouco antes do livro sobre o afeto: se assim for, seria uma indicação de que Green se mantinha bastante atualizado quanto às ideias do colega. Isso, por sua vez, poderia ser explicado (também) pelo fato de em 1970 ele ter passado a fazer parte do comitê de redação da *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, dirigida por Pontalis, que assinara com Laplanche o *Vocabulário* e se mantinha próximo dele.

22 Cf. Green et alii, *A pulsão de morte*.



entre 1970 e 1990,  
cada um está ocupado  
com seu próprio jardim, e  
de vez em quando Green lança  
um olhar sobre o muro para ver  
como Laplanche rega o seu

de 1970 e 1980 Laplanche foi elaborando seu pensamento sob a forma de um amplo comentário de Freud – ou seja, retomando à sua maneira o programa lacaniano de retorno ao mestre – enquanto Green, talvez mais audacioso, ia se enfrentando diretamente às questões que lhe pareciam essenciais, e propondo para elas soluções de grande originalidade. Um pouco como a baleia e o urso polar na célebre metáfora de Freud<sup>23</sup>, eles simplesmente não tratam das mesmas coisas, o que explica por que nenhum dos dois sentiu a necessidade de se estender sobre os escritos do outro.

### 3. “Um pensamento rico e elegante... mas será convincente?”

Nos textos das décadas de 1990 e 2000, porém, assistimos a uma mudança nesse padrão. Por um lado, o esforço dos anos anteriores levou Green a edificar um arcabouço teórico que, a seus olhos, respeita a heterogeneidade/complexidade da psique, e que não parece ter recebido acréscimos importantes após os meados dos anos 1980. Por outro lado, em 1987 Laplanche publica *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, livro no qual enuncia a teoria da sedução generalizada, que se dedicará a completar até o final da sua vida. Claramente, trata-se de duas visões sobre o conjunto da Psicanálise que, sem serem contraditórias, estão longe de ser concordantes. É isso que, a meu ver, oferece a Green a oportunidade de discutir com Laplanche num patamar diferente do que até então, pois se defronta com um pensamento cuja ambição é comparável à do seu.

Já em 1988, em “Por que o mal?”, faz um movimento nesse sentido, no contexto de uma análise da sexualidade normal e anormal:

por mais que se afirme que Freud, no final de sua vida, retomou a teoria da sedução através dos cuidados oferecidos pela mãe, a primeira sedutora da criança, como recentemente fez J. Laplanche [...], não se esgotará com isso o caráter específico, singular e desviado do trauma sexual propriamente dito, nem se relativizará a importância dele dentro de uma concepção global dos traumas cumulativos (Masud Khan)<sup>24</sup>.

Retomando o problema do Édipo e da castração em *Le complexe de castration* (1990), Green pontilha seu texto com referências geralmente elogiosas ao volume II das *Problématiques (Castration, symbolisations)*. Subscreeve, por exemplo, a distinção proposta por Laplanche entre sexo e gênero, este estabelecendo a diferença masculino/feminino a partir de uma atribuição feita pelos adultos, enquanto a distinção fálico/castrado provém de uma fantasia da própria criança (p. 34). Também cita com aprovação os trechos do livro em que Laplanche discute as feridas simbólicas, em particular a circuncisão (p. 55 ss), e a teoria rankiana do trauma do nascimento (p. 56). A concordância é explícita em relação ao complexo de Édipo:

com Jean Laplanche, podemos concluir sobre a especificidade do complexo de Édipo segundo três coordenadas: desenvolvimento (coroamento da sexualidade infantil), visão estrutural (teoria sexual que introduz um princípio de ordem capaz de tornar inteligíveis as relações humanas), perspectiva “dramatizante” (heterossexualidade, aceitação da castração – esperança e promessa). (p. 62-63).

Uma leve ressalva aparece à p. 92, com relação à pluralidade dos registros em que se pode falar de castração – “Lacan (e Laplanche) a reduzem ao registro simbólico, mas também é possível falar de castração imaginária (contos, mitos) e real (acidentes, cirurgias)”.

Mas essa não é a última palavra de Green quanto às ideias do colega. Em 1992, no artigo “Oedipe, Freud et nous” (in *La Déliaison*), lemos o seguinte:

No momento em que diversas reavaliações do Édipo – entre as quais a de Lacan figura em posição eminente – minimizam o seu alcance (e agora, parece, também Laplanche), nossa preocupação terá sido mostrar ao contrário seu valor de conceito capital, que não depende em absoluto das modas e dos costumes (p. 143).

Uma crítica mais contundente aparece no artigo “Le cadre psychanalytique: son intériorisation chez l’analyste”, de 1997. Ela concerne ao centro mesmo da teoria da sedução generalizada, que Green inclui entre as “outras concepções do inconsciente”. Vale citá-la *in extenso*:

Inversão (ou: derrubada – *renversement*) da pulsão: a concepção de J. Laplanche enfatiza os vínculos inter-humanos, cuja especificidade não seria, segundo ele, suficientemente esclarecida na teoria freudiana. Para ele, a comunicação do sentido exala sempre um odor de alienação. O Outro – conceito de Lacan – vem tomar o lugar da fonte pulsional. O Outro é vetor de um sentido enigmático, em primeiro lugar para si mesmo. Embora aqui se proceda a um enriquecimento da comunicação, em troca nos desembaraçamos da noção de força. Sob o pretexto de que a força é um fator que simplifica a psique, essa crítica da força se generalizou. Em minha opinião, é exatamente o contrário!

O grau de divergência teórica entre ambos, que agora concerne a questões fundamentais da Psicanálise (pulsão, Édipo, inconsciente...), não impede que Green aceite ser debatedor de

23 Em *O homem dos lobos*, início do capítulo v. Cf. *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose – der Wolfsmann*, vol. VIII, p. 166; *Una neurosis infantil – el hombre de los lobos*, vol. II, p. 1965.

24 “Pourquoi le mal?” (1988), in: *La folie privée*. Tradução castelhana em *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud*, p. 192. O texto também figura em *On Personal Madness*, e portanto na versão brasileira, *Sobre a Loucura Pessoal*.

25 “Jean Laplanche: sur la théorie de la séduction”, in: *Penser la psychanalyse avec...*, p. 91-104.

»»

*sem prejuízo da cortesia  
e do respeito pela estatura  
intelectual de Laplanche, Green  
aborda em detalhe os pontos-chave  
de um debate que já durava  
então uma década*

Laplanche na conferência de 2001 sobre a teoria da sedução mencionada no início do presente artigo<sup>25</sup>. Sem prejuízo da cortesia e do respeito pela estatura intelectual de Laplanche, o texto aborda em detalhe os pontos-chave de um debate que já durava então uma década: a questão da pulsão, o sentido do “infantil”, o papel do recalque na criação do inconsciente (ainda os ecos de Bonneval...), a gênese da identidade sexual. Green se serve de outros trabalhos (recentes) de Laplanche, demonstrando mais uma vez o cuidado com que monta seus argumentos, e o esforço para compreender “de dentro” os motivos das ideias que critica. De passagem, indica seus critérios para adotar ou recusar determinada posição num debate psicanalítico: apoiar-se não na “ortodoxia freudiana”, mas na “coerência da obra de Freud”, nos “ensinamentos da clínica”, e na história da Psicanálise pós-freudiana, pois a disciplina evoluiu desde a época dos grandes sistemas do pós-guerra (p. 94).

Proceder a um exame adequado desse texto (que conta treze páginas) exigiria um espaço do qual hoje não dispomos; tentar resumir-lo em poucas linhas nos levaria a perder de vista a articulação entre argumentos complexos e que se referem implicitamente a outros, situados em setores diferentes da nossa disciplina, o que seria injusto para com os dois autores. Assim, o leitor interessado nessas questões não terá como dispensar a leitura do próprio artigo, e acompanhar de perto a marcha das demonstrações de Green.

Mas há outra forma de abordar o seu conteúdo, talvez mais interessante para justificar a hipótese que, à guisa de conclusão do nosso



*o âmago da crítica de Green  
à elaboração laplancheana consiste  
em uma objeção de princípio e  
em uma constatação a respeito do que  
se poderia chamar a matriz clínica  
do pensamento de Laplanche*

trajeto, desejo lhes submeter. A própria extensão dele permite destacar o que a meu ver constitui o âmago da crítica de Green à elaboração laplancheana, âmago este ilustrado pelo modo com que aborda as “seis questões” pinçadas na conferência de Laplanche. Ele consiste, a meu ver, em uma objeção de princípio e em uma constatação, plena de consequências, a respeito do que se poderia chamar a matriz clínica do pensamento de Laplanche.

A objeção se refere à rigidez das oposições, por exemplo entre o instinto inato e a pulsão, que depende mais da epigênese (à p. 95, Green chega a traçar um quadro dos principais aspectos dessa contraposição). Ora, além de Freud ser bem mais impreciso no emprego dos termos *Instinkt* e *Trieb* do que gostaria Laplanche, as coisas são *realmente* mais complicadas do que ele pretende: “é mais que provável que o instinto – caso exista no homem – seja afetado pela condição humana, que transforma as suas manifestações” (p. 95).

Ou seja: Laplanche simplifica algo por natureza multifacetado, o que, no vocabulário de Green, é conotado pelo par conceitual heterogeneidade/complexidade. É uma falha grave aos olhos do seu debatedor, que não se priva de extrair as consequências teóricas desta pseudoclaridade:

falando assim da pulsão, Laplanche a isola das suas conotações [...]. Chega a um beco sem saída quanto aos conceitos de representação, quer se trate da pulsão como representante psíquico das excitações nascidas no interior do corpo, quer dos representantes psíquicos da pulsão, das representações de coisa ou objeto, das representações de palavra, dos representantes da realidade no ego, para não dizer nada dos afetos (p. 95).

Como se fosse pouco, na opinião de Green os cortes taxativos a que procede Laplanche o impedem de encontrar lugar para as defesas do ego e para os aspectos inconscientes deste último (p. 96). Ou seja: de redução em redução, vão aos poucos desaparecendo as características fundamentais da psique segundo Freud. Essas distinções estanques me fazem pensar no que Hegel chamava o plano do entendimento, opondo-o à dimensão da razão, que opera com a dialética, e portanto com a contradição. Não deixa de ser picante notar que, procedendo assim, Laplanche cai no mesmo pecado que censurava em Lacan ao redigir a nota de 1965 ao seu texto de Bonneval: “é saltar, para dizer o mínimo, um bom número de mediações”<sup>26</sup>.

E isso nos conduz a um problema bem mais sério: a meu ver, na óptica de Green Laplanche permaneceu muito mais próximo de Lacan do que ele próprio gostaria de admitir. A prova mais evidente disso é o “primado do Outro”, fundamento tanto de um aspecto capital da sua teoria – a própria ideia de sedução – quanto de um tópico em aparência menor, mas ao qual Green dedica grande atenção: a questão do gênero, na qual seu colega, após havê-las criticado, adota as posições de Robert Stoller. Ouçamos:

a questão é complicada. Se a levanto, é para tentar dialetizar uma verdade movediça, na qual a força não ocupa sempre o mesmo lugar nem tem a mesma importância, e porque essas relações ligadas ao psíquico [...] se desenvolvem de modo mais aleatório, mais dialético, mais incerto. [...] Longe de mim querer diminuir o interesse ou o alcance da atribuição [de gênero, RM]. O que contesto, de fato, é a ideia de um “primado do Outro”. [...] O Outro, não há dúvida, foi negligenciado por Freud. Mas em minha opinião isso se tornou hoje um tema obsedante, tomando as cores diversas do lacanismo, do intersubjetivismo, e – temo – do “laplancheanismo” (p. 98).

Por que a crítica é grave? Porque com ela Laplanche cai sob o mesmo reproche que o Green maduro dirige a Lacan, e cuja expressão mais forte

se encontra nas conversas com Maurice Corcos: ter ignorado as organizações não neuróticas, e produzido uma teoria cujo horizonte se reduz ao campo das neuroses. E mesmo nesse, deixa de lado a “polifonia do inconsciente” – outro nome para a complexidade/heterogeneidade à qual ele, Green, é tão sensível, e da qual fez a âncora do seu próprio pensamento. Com Corcos, “*il ne mâche pas ses mots*” (fala abertamente):

o que posso dizer hoje (2006) é que a obra de Lacan é datada. Uma obra que situa o desejo no lugar em que ele o situa, e que, quando toda a literatura psicanalítica inglesa só falava dos problemas colocados pelas organizações não neuróticas, não as percebeu, uma obra que passou ao largo do pensamento de Winnicott [...], que não quis compreender aquilo a que Winnicott e Bion nos confrontam! [...] Para mim, sua obra é datada. Ela me faz refletir, suscita desenvolvimentos de pensamento que não deixam de ser interessantes, mas a Psicanálise hoje é outra coisa<sup>27</sup>.

Ao concluir sua exposição de 2001, Green dissera praticamente o mesmo sobre o pensamento de Laplanche:

é rico, fortemente articulado, elegante. Diria que ele é convincente? Tenho aqui algumas hesitações, como ele sabe, pois com o primado do Outro estamos na verdade diante de outra Psicanálise. Essa outra Psicanálise me interessa, mas não creio que ela esteja à altura das

»  
*para Green, a matriz clínica das elaborações de Laplanche é o campo das neuroses, embora aqui e ali, em seus escritos, se encontrem notações acerca de outras organizações psíquicas*

exigências dos casos dos quais me ocupo. Não me parece que, buscando captar todos os seus fundamentos, inclusive aqueles que ainda não explorei, eu compreenderia melhor as estruturas não neuróticas<sup>28</sup>.

É isso que tenho em mente ao dizer que, para Green, a matriz clínica das elaborações de Laplanche é o campo das neuroses, embora aqui e ali, em seus escritos, se encontrem notações acerca de outras organizações psíquicas. É este, me parece, o motivo mais profundo da discordância entre nossos dois autores, cujas trajetórias começaram bem mais próximas – no fascínio pelas ideias de Lacan – e que, ao longo de cinquenta anos, foram se afastando cada vez mais. É um ponto a creditar a Green que, apesar disso, tenha conservado um interesse genuíno pelos trabalhos do colega, reconhecido o valor de algumas contribuições dele, mas tido a franqueza de dizer no que e por que não podia acompanhá-lo na inflexão decisiva do seu percurso.

26 Em seu comentário de Bonneval, Stein também assinalava a “elegante, mas talvez rígida demais, distinção entre dois modos de escuta, um em tradução simultânea, o outro lacunar” (“Le langage et l’inconscient”, p. 122). E deixemos de lado os efeitos dessa mesma postura na tradução de Freud coordenada por Laplanche, que suscitou críticas justamente pelo excesso de distinções bizantinas introduzidas no vocabulário tão rico de conotações do original alemão.

27 *Associations...*, p. 311. A crítica é forte, mas talvez seja um pouco injusta: sobretudo em seus últimos anos, Lacan tratou bastante do que chamava o real. Na medida em que esse conceito (assim como o de gozo) se refere a um “aquém do simbólico”, portanto da linguagem e do campo das neuroses, tenho a impressão de que visa processos e mecanismos análogos aos estudados pelos analistas ingleses sob denominações diferentes: *colapso* ou *terror sem nome* para Winnicott, *elementos beta* e outros para Bion. Mas posso estar enganado: somente um estudo mais profundo dos três autores permitiria avançar numa questão tão complexa.

28 “Jean Laplanche ...”, p. 104.

## Referências bibliográficas

- Descombes V. (1979). *Le même et l'autre: quarante-cinq ans de philosophie française, 1933-1978*. Paris: Minuit.
- Ey H. (org.) (1966). *VI Colloque de Bonneval: L'Inconscient*. Paris, Desclée de Brouwer. [Tradução castelhana: *El Inconsciente (Coloquio de Bonneval)*. Buenos Aires, Siglo Veinteuno, 1970]
- Freud S. *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose – der Wolfsman*, Studienausgabe, vol. VIII. [Trad. Ballesteros: *Una neurosis infantil – el hombre de los lobos*, Biblioteca Nueva, vol. 11]
- Green A. (2006). *Associations (presque) libres d'un psychanalyste: entretiens avec Maurice Corcos*. Paris: Albin Michel.
- \_\_\_\_\_. El objeto *a* de Lacan y la teoría freudiana. In \_\_\_\_\_. *Objeto, castración y fantasía en el psicoanálisis*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1988/1990). Pourquoi le mal? In \_\_\_\_\_. *La folie privée*. Paris: Gallimard. [Tradução castelhana: *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.]
- \_\_\_\_\_. (2013). Jean Laplanche: sur la théorie de la séduction. In \_\_\_\_\_. *Penser la psychanalyse avec Bion, Lacan, Winnicott, Laplanche, Aulagnier, Anzieu, Rosolato*. Paris: Ed. De l'Éthique.
- 174 Green A. et alii (1990). *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta.
- Laplanche J. (1981). *Problématiques IV (L'inconscient et le ça)*. Paris: PUF.
- Leclaire S. (1982). *O discurso vivo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Major R. (2012). "Bonneval 1960: Le jeune Stein". In Danièle Brun (org.), *Psychanalyse et transmission: hommage à Conrad Stein*. Paris: Editions Etudes Freudiennes.
- Mezan R. (2002). A recepção da Psicanálise na França. In \_\_\_\_\_. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras. [No momento, disponível apenas para download em formato eletrônico, nos links <https://store.kobobooks.com/pt-BR/ebook/interfaces-da-psicanalise>; [www.amazon.com.br/dp/BooVSG562/](http://www.amazon.com.br/dp/BooVSG562/); e <https://itunes.apple.com/br/book/interfaces-da-psicanalise/id1001661130?l=en&mt=11>]
- \_\_\_\_\_. (2014). Um convite ao pensamento livre: as entrevistas de *Percurso*. In M. Selaibe; A. Carvalho. *Psicanálise Entrevista: as entrevistas de Percurso*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Roudinesco E. (1986). *Histoire de la psychanalyse en France*. Paris: Seuil, vol. II.
- Selaibe M.; Carvalho A. (orgs.) (2014). *Psicanálise Entrevista: as entrevistas de Percurso*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Stein C. (1977). Le langage et l'inconscient. In \_\_\_\_\_. *La mort d'Oedipe*. Paris: De-noël-Gonthier (Bibliothèque Médiations).

## André Green as a reader of Laplanche

**Abstract** This paper, originally a lecture at the Green Symposium organized by the Argentinian Psychoanalytical Association (Buenos Aires, 2014), follows the dialogue between André Green and Jean Laplanche. Starting at the Bonneval Symposium on the Freudian unconscious (1960), it goes on for fifty years, until the first decade of this century, when – having formulated their respective final positions – the two authors find themselves in very distant areas of the French psychoanalytic field.

**Keywords** Green, Laplanche, instincts, unconscious, Oedipus, psychoanalytic psychopathology

**Texto recebido:** 07/2016

**Aprovado:** 09/2016

# Christophe Dejours

## Entre o legado e a criação

**Realização** Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso e Silvio Hotimsky

**Tradução** Andréa Carvalho

**Revisão da tradução** Ana Claudia Patitucci e Danielle Melanie Breyton

**N**osso entrevistado, *Christophe Dejours*, é psicanalista, psiquiatra e professor. Dedicou-se ao trabalho clínico, à pesquisa e à docência abrangendo uma vasta área do conhecimento: ergonomia, clínica do trabalho, metapsicologia do corpo, psicossomática, questões de gênero são alguns dos temas abordados por ele. Leciona Psicodinâmica do Trabalho no Conservatoire National des Arts et Métiers, onde coordena o Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação. É membro do Instituto de Psicossomática de Paris e da Associação Psicanalítica da França (APF).

Presidente científico da Fundação Jean Laplanche, o nome de Dejours se colocou naturalmente como possível entrevistado para este número de *Percurso*. Mas foram sobretudo os temas sobre os quais se dedica que despertaram nosso interesse pela interlocução com sua produção teórica-clínica.

Cabe lembrar que a Fundação Jean Laplanche tem como objetivo preservar seu legado por meio da formulação de novas questões e desafios para o desenvolvimento da psicanálise. Desafios que se dão quando as teorias psicanalíticas dialogam com os grandes problemas do nosso tempo, levando-nos em direção a novos desenvolvimentos e criações.

Entrevistado e homenageado se conheceram na maturidade e criaram uma parceria ímpar: trataram de ampliar significativamente as fronteiras do pensamento psicanalítico por meio do diálogo com as mais variadas áreas do conhecimento.

Como podemos conferir nesta entrevista realizada por e-mail, Dejours reconhece na obra de Laplanche a marca de um teórico sutil e preciso, capaz de discutir as contradições de Freud em consonância com o espírito da psicanálise, tendo por base o primado da sexualidade.

Dejours destaca, ainda, a interlocução que sustenta com Laplanche em torno da terceira tópica ou tópica da clivagem, uma interessante e

atual formulação sobre o aparelho psíquico. O debate se dá principalmente em torno da problemática da pulsão de morte. Dejours se dedicou à formulação dessa tópica como resposta teórica a La Boétie que, no século XVI, formulou o conceito de servidão voluntária, questionando o porquê de os homens dedicarem-se com tamanho empenho à servidão. Entre escolher a liberdade ou a escravidão, os homens não só escolhem a servidão como a perseguem de forma determinada.

A questão da servidão nos conduz ao tema mais desenvolvido pelo nosso entrevistado: a psicodinâmica do trabalho. Ele aponta a importância da escuta do sofrimento no mundo do trabalho e é reconhecido por formular conceitos, métodos e práticas de intervenção nesse universo. Pesquisa a natureza dos processos atuais de produção e como o capitalismo foi incapaz de priorizar os limites humanos. A consequência disso foi a precarização social e do trabalho.

Nessa perspectiva, Dejours nos propõe pensar como tantas pessoas comuns se dedicam ao triunfo de ações que seu senso moral condena. Nos alerta sobre a banalização do mal e do sofrimento social. Valores como a cooperação, a delicadeza e a solidariedade não mais pertencem ao universo do trabalho.

Para ele, o nazismo é o maior exemplo dessa banalização. O genocídio se estabeleceu como trabalho e foi somente com a colaboração e zelo de milhões de pessoas que o mal se impôs de forma a nos envergonhar da condição humana.

No momento em que trabalhadores e funcionários são chamados de colaboradores dentro da cultura neoliberal, ler a entrevista com Dejours é fundamental para refletir sobre o permanente risco da barbárie que vivemos nesses tempos sombrios. Nosso entrevistado alerta, com todas as letras, que a banalização do mal na empresa neoliberal, nos estados de direito, é uma das chaves para a compreensão de como uma parcela importante da população pode ser levada a zelar pelo desenvolvimento de um sistema totalitário.

**PERCURSO** Gostaríamos que o senhor nos contasse sobre sua trajetória intelectual e como surgiu seu interesse pela psicanálise.

»»

*ele não era apenas um tradutor  
e um comentador de Freud,  
mas um teórico cuja sutileza  
e precisão me permitiram  
ultrapassar certas ambivalências  
que eu mantinha  
em relação a Freud*

**CHRISTOPHE DEJOURS** Descobri a psicanálise aos dezesseis anos de idade, como uma certa evidência, como uma revelação sobre o sentido de algumas experiências vividas por mim, oníricas em particular. e às quais eu não dera importância até então. Havia também uma espécie de preocupação pelas paixões humanas, que descobri lendo romancistas: Balzac, Stendhal, Flaubert, Dostoiévski, Gogol, Tolstói... Depois fiz meus estudos de medicina com a intenção de me tornar psicanalista.

**PERCURSO** Como se deu sua aproximação com Laplanche e como eram as trocas entre vocês?

**DEJOURS** Meu encontro com Laplanche foi tardio. Pedi a ele que me supervisionasse quando eu já tinha 48 anos. Essa supervisão foi validada para a minha entrada na *Association Psychanalytique de France* (eu iniciei minhas primeiras supervisões aos 26 anos de idade e, desde então, não parei mais). Fui vê-lo porque pensava que ele era um dos melhores ou o melhor conhecedor de Freud. E, então, compreendi que ele não era apenas um tradutor e um comentador de Freud, mas um teórico cuja sutileza e precisão me permitiram ultrapassar certas ambivalências que eu mantinha em relação a Freud e outros pensadores, cujos ensinamentos acompanhei nos trinta anos precedentes. Na sequência da supervisão, iniciei uma discussão aprofundada de suas teses. Eu passava uma manhã por semana com ele. Depois, codirigi seu seminário na APF e, a partir de 1999, organizei as jornadas internacionais Jean





era um “companheirismo”  
excepcional, sem dúvida  
possível dada minha  
idade avançada e por  
não haver interesses  
institucionais para mim

Laplanche, a cada dois anos. De 1997 até o final de sua vida, conversei com Laplanche apenas sobre a sua obra, e, por vezes, sobre sua vida ou sobre a administração de seu vinhedo em Pommard. Mas nunca conversamos sobre minhas próprias pesquisas ou publicações. Era um “companheirismo” excepcional, sem dúvida possível dada minha idade avançada e por não haver interesses institucionais para mim. Mesmo na minha idade era uma oportunidade ainda assim excepcional, porque é raro, creio eu, a possibilidade de se beneficiar de uma relação de transmissão intelectual como essa quando já estamos, nós mesmos, no umbral da velhice.

**PERCURSO** Como o senhor avalia o legado de Laplanche? Poderia nos contar a história da *Fondation Jean Laplanche: Nouveaux fondements pour la psychanalyse* e como ela trabalha atualmente para o desenvolvimento da psicanálise e a divulgação da obra de Laplanche?

**DEJOURS** A herança de Laplanche é uma leitura de Freud e da psicanálise caracterizada pelo despojamento, pelo esforço de esclarecimento que passa por uma triagem nas ideias freudianas. Trazer à tona, sistematicamente, as contradições de Freud com o intuito de fazer uma triagem baseada em dois pilares: por um lado, a discussão aprofundada de suas contradições e, por outro, a consonância ao princípio de fidelidade ao espírito da psicanálise. Espírito a ser compreendido no sentido da expressão de Montesquieu: “o espírito das leis”. O espírito da psicanálise, o espírito

da obra de Freud revelado por Laplanche, ainda que por vezes contra certas afirmações do próprio Freud, é o primado da sexualidade. É o caminho que se concretiza ao longo do extenso percurso de suas “Problemáticas”. Laplanche é seguramente um crítico de Freud, ao mesmo tempo que mantém um respeito inabalável, uma paixão, por sua obra. Laplanche não cria uma nova psicanálise, como o fizeram outros autores, tais como Alfred Adler, Gustav Jung, Georg Groddeck, Jacques Lacan ou Wilfred Bion, que se afastaram muito de Freud. Ao contrário, Laplanche quer sempre manter o debate com Freud e com seu texto. Certamente, esta é uma das contribuições essenciais de Laplanche: mostrar o quanto a obra de Freud permanece a referência fundamental, incontornável, irredutível para todos os psicanalistas; tornar Freud legível também como fundador de conceitos, que servem como língua comum para a comunidade psicanalítica internacional. Esse é, efetivamente, o papel desempenhado pelo *Vocabulário da Psicanálise*, que escreveu com J.-B. Pontalis e que é uma referência aos psicanalistas do mundo inteiro.

No final de sua vida, Laplanche explora territórios graças aos quais propõe uma continuidade em relação à obra de Freud. Digo, realmente, continuidade. Em seus trabalhos sobre o inconsciente não recalcado (*inconsciente encravado*) e a clivagem, sobre o gênero e sua introdução na teoria sexual, sobre o *sexual* e a pulsão sexual de morte, Laplanche não rompe com a metapsicologia freudiana. Ele busca constantemente estabelecer a continuidade teórica com a metapsicologia de Freud. Para mim, e para muitos colegas ao redor do mundo, esse esforço culmina num resultado convincente. Para outros, ao contrário, Laplanche faz uma leitura limitada de Freud e, por vezes, sua trajetória é julgada como excessivamente racionalista.

Mas, a herança de Laplanche é também sua teoria da mensagem e da tradução. A teoria tradutora do recalque, a situação antropológica fundamental, a chegada da criança à sexualidade humana através de uma sedução exercida sobre



a terceira tópica  
é uma tentativa de resposta  
teórica e metapsicológica  
à questão da servidão  
voluntária, concebida por  
La Boétie no século XVI

ela por um adulto, tudo isso tem grandes implicações na prática da psicanálise. A teoria da sedução da criança pelo adulto, revista e ampliada por Laplanche, é também uma maneira de revisitar e aprofundar a concepção do dispositivo analítico divã-poltrona e da transferência, com essa exegese que conduz à noção de “transferência em oco”. Transferência destinada a receber o enigma como condição *sine qua non* da perlaboração, ou seja, do movimento tradução – destradição – retradição. Transferência que reconhece que o essencial da interpretação se origina no próprio paciente, ao passo que o analista se esforça para trabalhar sobretudo com a frustração<sup>1</sup> (*Versagung*).

Essa herança é um instrumento de trabalho para a sua Fundação. Instrumento no sentido em que os conceitos revelados por Laplanche permitem a retomada do debate psicanalítico nos dias atuais. O conselho científico da Fundação tem se dedicado à discussão em dois registros: o primeiro é a discussão interdisciplinar com as outras ciências, que convida cientistas para pensar a psicanálise com a ajuda dos conceitos-chave revelados por Laplanche da leitura de Freud (linguística, biologia, antropologia, sociologia, filosofia...); o segundo registro é o debate intradisciplinar, ou seja, o debate dos conceitos de Laplanche por outras correntes teóricas da psicanálise. Pretendemos iniciar com a teoria de Bion, em seguida, com a de Aulagnier e prosseguiremos com outras teorias. Cada seminário inter ou intradisciplinar se estenderá ao longo de vários meses e resultará na publicação de cada um dos temas abordados, em uma coleção de livros consagrados exclusivamente a esses debates.

**PERCURSO** O senhor trabalha no Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação no CNAM (*Conservatoire National des Arts et Métiers*) de Paris. Qual o campo de atuação desse Laboratório? Quais pesquisas desenvolve ultimamente? Que dificuldades o senhor encontra em suas pesquisas?

**DEJOURS** Coordeno uma equipe de pesquisa que trabalha em três campos disciplinares: a clínica e

a psicodinâmica do trabalho, a psicossomática e a metapsicologia do corpo, a psicanálise e a metapsicologia da clivagem. Inicialmente, nos anos 1980-90, essa equipe trabalhava quase que exclusivamente sobre a clínica e a psicopatologia do trabalho. Hoje em dia, ela trabalha mais sobre a psicanálise e a psicossomática, continuando a pesquisa sobre a relação subjetiva do trabalho. As principais dificuldades que encontramos não são intelectuais. Contrariamente, a fecundidade das ideias diretrizes leva a uma expansão das pesquisas e a um verdadeiro entusiasmo também dos atuais jovens pesquisadores. As dificuldades vêm sobretudo das instituições universitárias e acadêmicas, cujas orientações, sob o esforço do *New Public Management*, perturbam a controvérsia científica e, por vezes, a paralisam, tanto na França como em muitos países ao redor do mundo.

**PERCURSO** Qual a importância da formulação de uma terceira tópica para o pensamento teórico psicanalítico e seus desdobramentos na ampliação da clínica contemporânea? Em sua proposição da terceira tópica, o senhor formula a ideia de um inconsciente amencial clivado do inconsciente recalçado. Fale-nos da centralidade da clivagem nessa concepção de aparelho psíquico.

**DEJOURS** A terceira tópica é uma tentativa de resposta teórica e metapsicológica à questão da servidão voluntária, concebida por La Boétie no século XVI. Essa teoria aborda uma questão política baseada numa análise filosófica, que outorga um lugar crucial ao indivíduo na explicação das



*são esses registros de expressão do corpo da criança, doravante impedidos de efetuar a troca com o outro, que constituem, a meu ver, a zona de sensibilidade do inconsciente*

causas da tirania. Na época em que La Boétie escrevia, a psicanálise, a teoria da sexualidade e a teoria do trabalho vivo não existiam. A terceira tópica talvez seja uma maneira de retomar essa questão à luz da clínica contemporânea e dessas novas bases teóricas. Ela é uma maneira de compreender como é possível que tantos seres humanos comuns se dediquem ao triunfo de ações que seu senso moral condena e que, além disso, são destruidoras das condições necessárias à vida subjetiva daqueles que estão a seu serviço.

Mas, nesse percurso, chega-se à conclusão de que a terceira tópica, ou a tópica da clivagem, está efetivamente presente em todos os seres humanos. Que, no fim das contas, a clivagem é o resultado psíquico mais importante na construção e na manutenção da “normalidade”, ou seja, ela constitui um compromisso que diminui os riscos do sofrimento psíquico e da descompensação (psicopatológica ou somática).

**PERCURSO** A sua hipótese de uma terceira tópica outorga um lugar fundamental à zona de sensibilidade do inconsciente. Como se dá a constituição desta? Qual a sua função na circulação entre o inconsciente recalcado e o inconsciente amencial? O que determina a variação na extensão dessa zona de sensibilidade? Por que a recusa

é o mecanismo de defesa da zona de sensibilidade do inconsciente?

**DEJOURS** A zona de sensibilidade do inconsciente não é uma noção minha e sim de Michel Fain, que a introduziu a propósito da metapsicologia da psicossomática. Essa noção foi mal definida e Laplanche se manteve razoavelmente crítico em relação a esse ponto. Ele a substituiu pela noção de uma “fina camada constituída pelo sistema consciente em relação ao ‘inconsciente encravado’” (termo que ele usa para se esquivar do termo inconsciente “amencial”). A “zona de sensibilidade do inconsciente” permaneceu durante muito tempo, para mim, uma designação de espera. Hoje, penso que, efetivamente, ela corresponde ao lugar que remete ao corpo da criança na comunicação originária entre o adulto e a criança. Quando essa comunicação entre o adulto e a criança está sob o primado da mensagem comprometida e de sua carga de excitação para a criança, estamos às voltas com o fenômeno descrito por Laplanche sob o nome “implantação”. Quando a violência compulsiva do adulto compromete a mensagem, a carga de excitação é excessiva para a criança: ela fica atordoada e prostrada pelo choque e não existe tradução possível, pois qualquer atividade do pensamento, de ligação ou de tradução é inviável. É o que Laplanche designa pelo termo de “intromissão” (no lugar de “implantação”). O problema não é tanto a zona do corpo atingida pela violência do adulto e sim a maneira como o corpo da criança, através de sua atitude, seus jogos com seu corpo e com o do adulto, desencadeou a violência do adulto. Não é a zona do corpo e sim o registro expressivo, o jogo corporal específico, que é então banido pelo adulto. São esses registros de expressão do corpo da criança, doravante impedidos de efetuar a troca com o outro, que constituem, a meu ver, a zona de sensibilidade do inconsciente. A zona de sensibilidade seria, na verdade, o negativo dos jogos dos corpos banidos pela violência do adulto.

Essa zona, ou melhor, esses jogos do corpo que foram banidos (portanto perigosos para o eu em formação da criança), quando retornarem

1 Dejours usa aqui o termo *refusement* (*Versagung*). Segundo o *Dicionário de psicanálise*, de Roudinesco e Plon, *refusement* é um neologismo criado por Laplanche e outros editores, responsáveis pelas *Oeuvres complètes*. Optamos por seguir a tradução das recentes edições das obras de Freud no Brasil, que verte *Versagung* para “frustração”, considerando que esse termo dá mais sentido à frase do entrevistado. (N.R.)

mais tarde na infância, adolescência ou idade adulta, especialmente no momento dos jogos eróticos solicitados pelo encontro sexual ou amoroso, se manifestariam como uma ameaça ao eu, cuja forma típica seria a crise de despersonalização, com confusão mental (a “amênciã”, segundo a descrição de Meynert). Se o jogo erótico com esse registro banido não para a tempo, existe o risco de uma angústia maciça – um episódio de ansiedade – abrindo o caminho para uma descompensação (confusional, delirante ou somática). A recusa de percepção daquilo que chega através do outro (com seu corolário: uma “insensibilização” afetiva) é a forma de repelir a angústia, e se dá sem pensamento, aquém do pensamento, do fantasma e das associações.

Ao longo de uma análise, no “calor” da transferência, as associações podem, por vezes, levar o paciente à proximidade dessa zona de jogo afetivo-fantasmático crítica (zona de sensibilidade do inconsciente), que eventualmente consegue ser brecada pela recusa de percepção e pela insensibilidade. Mas podem, às vezes, transpor o obstáculo constituído por esta última e corre-se então o risco do desencadeamento de um episódio de ansiedade. Ao longo de uma análise, é uma zona particularmente perigosa da dinâmica da transferência, mas é, também, a via insubstituível para se aproximar analiticamente do ponto mais patológico do paciente. Entre a recusa de percepção, que opõe a essa aproximação uma anestesia, e a passagem inoportuna, que leva ao episódio de ansiedade e à descompensação, acontece, ainda que de forma rara, que a situação permaneça em suspenso com a colocação em latência da experiência com a zona crítica. Essa experiência latente não pode ser diretamente retransmitida por meio de uma tradução-ligação. Na melhor das hipóteses, o que está latente será tratado pela via do “trabalho do sonho”. É e somente através deste desvio que uma parcela do inconsciente amencial poderá entrar no circuito da tradução, ou seja, encontrar a via do recalque e, finalmente, permitir que o paciente se aproprie novamente dos jogos do corpo que até então estavam banidos.



*construir um lugar para a pulsão de morte constitui um afastamento em relação à posição de Laplanche, para quem a pulsão de morte seria apenas uma potencialidade da pulsão sexual*

**PERCURSO** Como se dá a interlocução entre o pensamento de Laplanche e a formulação do aparelho psíquico proposto pelo senhor na terceira tópica, particularmente, no que diz respeito à pulsão de morte no psiquismo?

**DEJOURS** Eu falo em inconsciente amencial. Laplanche, que adotou essa tópica, preferiu designar esse inconsciente pelo termo de inconsciente encravado. A diferença é clara. Para Laplanche só existem mensagens “à espera de tradução”, depositadas no inconsciente encravado. Para mim, não se trata de mensagens em espera. Trata-se de experiências intraduzíveis, experiências de violência relacionadas com as reações compulsivas do adulto que, assim, não possuem mais o formato de mensagens. Elas são puramente sexuais, não têm nenhuma dimensão no registro do cuidado e da autoconservação. Por isso, a reativação desses jogos impossíveis do corpo (que foram banidos pela violência compulsiva do adulto quando a criança se sentiu atraída por eles) pode desencadear uma crise (violência, descompensação psicótica ou somática) no paciente. Essas modalidades psicopatológicas destacam, para mim, a categoria conceitual que Freud designa pelo nome de pulsão de morte e que, penso eu, mereceria, de preferência, ser qualificada como compulsão não sexual de morte. Assim, construir um lugar para a pulsão de morte constitui um afastamento em relação à posição de Laplanche, para quem a pulsão de morte seria apenas uma potencialidade da pulsão sexual quando esta se desencadeia: o



*os novos métodos de organização do trabalho, de gestão e de administração têm um papel central no fato de pessoas comuns consentirem em apoiar práticas que sua moral reprova*

“sexual”. Então, se Laplanche adotou a terceira tópica, em contrapartida, excluiu o que pessoalmente insisto em conservar, especificamente a dinâmica destrutiva da (com-) pulsão de morte.

**PERCURSO** O senhor refere-se ao nazismo como o maior laboratório de violência social jamais visto. Destaca que o genocídio só foi possível porque foi compreendido como trabalho, que contou com a colaboração e o zelo daqueles que participaram criativamente do terror. O nazismo influenciou, e seguiria influenciando, o mundo do trabalho? De que maneira?

**DEJOURS** O nazismo influenciou o mundo do trabalho? Sou incapaz de responder a essa pergunta. A questão que tentei responder é outra. Hannah Arendt introduziu a noção de “banalidade do mal”. No atual contexto do mundo do trabalho, sobretudo a partir da “virada administrativa”, característica dos novos métodos de organização do trabalho e de gestão, assistimos a um aumento significativo da tolerância à injustiça e ao sofrimento infligidos não apenas aos desempregados e aos novos pobres da Europa, mas também aos próprios trabalhadores dentro das empresas. A análise desse aumento da tolerância mostra que, além disso, a maioria dos homens e mulheres proporciona o apoio necessário a atos e práticas que seu senso moral reprova e que eles beneficiam a nova gestão através de seu zelo. Não se trata apenas da banalidade do mal e sim da banalização do mal. Foram os processos em questão nessa banalização do mal que tentei expor.

O consentimento da maioria dos trabalhadores a atos que reprovam moralmente é obtido sem uso de violência (aprisionamento, deportação e tortura não são utilizados pela gestão). Se, em nome da produtividade e da rentabilidade, pode-se obter tal consentimento, o que não seria possível obter de todos esses homens e mulheres se acrescentássemos a violência como instrumento da dominação? A análise da banalização do mal na empresa neoliberal, nos estados de direito, talvez seja uma das chaves para a compreensão de como uma parcela importante da população pode ser levada a zelar pelo desenvolvimento de um sistema totalitário.

**PERCURSO** O senhor destaca a adesão ao discurso economicista – tão caro à concepção neoliberal –, como uma manifestação do processo de banalização do mal. Ao mesmo tempo, ela constituiria uma forma de defesa contra a consciência dolorosa da própria cumplicidade no agravamento da adversidade social. A prática desse mal no mundo do trabalho está se transformando em norma? O que restaria do trabalho enquanto fonte de realização e emancipação? **DEJOURS** À luz da clínica do trabalho, vemos que os novos métodos de organização do trabalho, de gestão e de administração têm um papel central no fato de pessoas comuns consentirem em apoiar práticas que sua moral reprova. O sofrimento ético resultante é efetivamente controlado e banalizado por “racionalizações” (no sentido psicopatológico do termo) produzidas e veiculadas pelo discurso economicista e pelo “realismo econômico”. Essa colaboração produz, primeiramente, efeitos maciços sobre o mundo do trabalho, que se manifestam pela explosão de descompensações psicopatológicas, que podem levar, hoje em dia, ao suicídio. Mas também tem consequências centrais na transformação profunda da coletividade como um todo. É pertinente falar em novas normas de conduta? Eu responderia afirmativamente a essa questão.

O que sobrou do trabalho enquanto mediador na construção da saúde (realização de si) e

da emancipação? É preciso reconhecer que as novas formas de organização do trabalho ameaçam progressivamente as condições que possibilitam a sublimação e o que ela comporta enquanto capacidade de emancipação. A possibilidade de exercer a psicanálise se reduz severamente em todas as instituições de saúde em nossos países. Inúmeros médicos, psiquiatras, psicanalistas e psicólogos estão atualmente num tal sofrimento que se tornam, eles mesmos, vítimas de desconspensões psicopatológicas e psicossomáticas. É um sinal eloquente do aumento da alienação e do recuo do trabalho enquanto mediador de emancipação.

**PERCURSO** Na contramão da passividade, submissão e resignação que impera em nossa sociedade neoliberal, vimos o surgimento, em março deste ano [2016], em Paris, de um movimento social plural, de questionamento e, poder-se-ia dizer, de resistência, que já se alastrou por outras cidades e países – o *Nuit debout*. Como o senhor tem visto esses movimentos e o que podemos esperar deles?

**DEJOURS** Esse movimento nasceu fora das organizações sindicais e dos partidos políticos. Ele testemunha a progressão das questões levantadas pela organização do trabalho e o sofrimento no espaço público. Tal aumento se deve essencialmente aos documentaristas, aos cineastas, ao teatro e à literatura, que tomaram em mãos, há vários anos, as questões relativas ao sofrimento no trabalho reveladas pela clínica. Isto é um fato, sobretudo na França, onde os debates sobre o trabalho são mais importantes que na maioria dos outros países. Esse movimento social me parece ser uma consequência do trabalho dos artistas, muito mais do que dos intelectuais. É uma nova configuração. Esses artistas demonstram efetivamente, através de seu trabalho, uma verdadeira capacidade de resistência. No resto do mundo do trabalho, existem aqui e ali experiências de resistência à dominação neoliberal. Mas creio que estamos numa fase apenas inicial. A resistência se procura. Ela ainda não tem uma forma organizada. Mas é possível que o atual movimento na França marque o início de uma nova concepção de ação política. A história social o dirá.

Kenia M. Ballvé Behr  
Paulo Roberto Ceccarelli

## Por que Laplanche?

**Realização** Cristiane Abud Curi, Gisela Haddad, Thiago Majolo e Vera Zimmermann

**Kenia M. Ballvé Behr** é psicanalista e presidente da CONSTRUCTO – Instituição Psicanalítica de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

**Paulo Roberto Ceccarelli** é psicólogo, psicanalista, doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris 7 – Diderot e pós-doutor por Paris 7 – Diderot. É membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em psicologia/UFGA e professor e orientador de pesquisas do mestrado de promoção de saúde e prevenção da violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG. É membro da Société de Psychanalyse Freudienne – Paris – França, diretor científico do Centro de Atenção à Saúde Mental (CESAME: [www.cesamebh.com.br](http://www.cesamebh.com.br)) e fundador e coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX). É pesquisador do CNPq.

*Em seu texto “Contracorrente” (2003), Laplanche aponta para o caráter singular da descoberta freudiana – o método – um procedimento de investigação absolutamente novo, em que a terapêutica e a teoria nada mais são que consequências dessa exploração e da conquista dessa terra incógnita que é o inconsciente, abrindo para outras realidades inteiramente despercebidas, ainda que, para nós humanos, constitua-se em um tormento imenso a descoberta, em nós, do radicalmente outro. Laplancheanos também louvam o fato de ele destacar a função da metapsicologia em fazer a psicanálise trabalhar, ou de que a teoria deva ser rigorosamente estudada e ampliada para servir a uma clínica em constante movimento. Seus artigos e livros trouxeram contribuições fundamentais para que os psicanalistas pudessem compartilhar alguns conceitos comuns, procurando dar precisão epistemológica a conceitos fundamentais.*

*Mas é o caráter de abertura de sua obra para o surgimento de novos aportes teóricos que queremos destacar neste texto, principalmente no que concerne à constituição psíquica dos sujeitos e por decorrência na ampliação nas últimas décadas da clínica dos primórdios da vida psíquica e mais recentemente nas tentativas de problematizar as questões de gênero, tão caras à psicanálise na atualidade.*

*De forma resumida, em Laplanche, o surgimento do psiquismo do infans é estabelecido como decorrência de um movimento de sedução sexual oriundo dos adultos cuidadores, uma situação assimétrica, em que a mensagem nunca se reduz à intencionalidade de seus interlocutores, pois há sempre um excesso de conteúdo que a torna opaca tanto para quem a produz quanto para quem a recebe. Pela impossibilidade de se traduzi-la completamente, há sempre um resto não traduzido, e tal resto e opacidade instauram a pulsão no humano. Entre o discurso-desejo do*

adulto e a representação inconsciente do sujeito há um verdadeiro metabolismo, uma desqualificação e recomposição desse discurso de acordo com os elementos que a criança tem disponíveis para tentar traduzir o que lhe foi excessivo e enigmático. Suas tentativas de metabolização dos enigmas são sempre particulares, e seu inconsciente jamais se reduz ao inconsciente da mãe ou do adulto, ao contrário, adquire uma composição própria.

Além disso, o que Laplanche chama de situação antropológica fundamental – ou seja, o fato de os bebês humanos nascerem com essa disparidade de línguas, de capacidade de simbolização, de existir ou não enquanto sujeito dotado de intencionalidade, de ter ou não inconsciente e de ser ou não marcado pela sexualidade – pode ser resultado de uma contingência, um golpe do acaso na história da espécie humana. Não há como saber como essa disparidade será representada ao longo da história da humanidade, e aqui podemos incluir a relação entre feminilidade e passividade, a existência do Édipo, a lógica fálica e outros, por mais universais que sejam em nosso tempo.

Os gender studies têm denunciado há décadas o fato de a delimitação e definição das categorias masculino e feminino servirem ao longo da história para criar grupos desviantes, justificar mecanismos de dominação e de hierarquia e tornar impossível o debate sobre a complexidade e a historicidade dessas categorias. O que Judith Butler (2003) chamou de matriz binária heterossexual do gênero marcou e ainda marca, em nossa sociedade, apenas dois modos possíveis de identidade sexuada – o homem heterossexual e a mulher heterossexual (de preferência brancos) –, excluindo toda uma gama de identidades (homossexuais, transexuais, etc.). As práticas de sexo-gênero-desejo ficaram necessariamente coladas e um corpo anatomicamente masculino, por exemplo, deve ter o



*o que Laplanche chama de situação antropológica fundamental pode ser resultado de uma contingência, um golpe do acaso na história da espécie humana*

sexo masculino, desejar uma mulher e agir, se vestir e pensar como se espera que um homem o faça.

No entanto, a partir das inúmeras mudanças sociais ocorridas no campo das sexualidades deflagradas pelo movimento feminista dos últimos 60 anos, pelas políticas de visibilidade da homossexualidade e, mais recentemente, dos LBGTI, e, também, pelas novas configurações familiares, constatam-se alguns deslocamentos identificatórios que permitem uma maior flexibilidade entre posições antes vistas como naturais a cada sexo.

Embora de forma incipiente, trabalhos de psicanalistas, alguns se referenciando em Laplanche, começam a trazer para o debate a complexa questão do gênero em sua relação com a teoria psicanalítica e sua conceituação de sexualidade. E não são poucos os aspectos polêmicos que dividem os psicanalistas em suas ancoragens teóricas: o corpo-gênero, a transexualidade como expressão da condição humana, o lugar e as consequências da assunção da diferença sexual, a recusa da homofobia, o confronto entre ideais e os códigos de comportamento e a forma pelas quais apreendem e reconhecem, na clínica, as mudanças subjetivas provocadas pela cultura contemporânea.

A Seção Debate da Revista Percurso 56/57, cuja edição presta uma homenagem a Jean Laplanche, convida os debatedores a refletir sobre os temas levantados acima.

#### **KENIA M. BALLVÉ BEHR**

Em seu “fazer trabalhar” o pensamento freudiano, Jean Laplanche foi marcando os “desvios” encontrados na obra, justificando-os a partir

dos tempos vividos por Freud, a partir das angústias do Mestre frente às suas descobertas e aos impasses com que deparava na construção





*o resto, essa falha da tradução,  
é o que instaura a pulsão  
e constitui o inconsciente da criança  
através da ação do recalçamento  
originário*

da Psicanálise. Nesse trabalho Laplanche encontrou soluções para as contradições percebidas, enriqueceu as ideias freudianas e tratou de buscar novos nexos, sem se afastar dos conceitos básicos que constituem a espiral do conhecimento psicanalítico. Com um rigor admirável, foi avançando em relação às principais descobertas de Freud, tanto em relação às investigações do inconsciente, ao estudo da metapsicologia, como à teoria que sustenta uma clínica sempre em movimento.

Ao mesmo tempo que Laplanche fez uma excelente releitura de Freud, propôs determinados temas que se constituíram em aberturas de extrema importância para a psicanálise atual. Proponho-me deter em dois pontos.

Em primeiro lugar, a partir de seus desenvolvimentos acerca da teoria da sedução generalizada e da constituição do sujeito psíquico pelo contato do adulto sexualizado, atravessado por um inconsciente, numa relação assimétrica com o bebê, relação essa que daria origem ao inconsciente do *infans* através de mensagens enigmáticas emitidas pelo primeiro. Parte dessas mensagens enigmáticas que vêm do adulto, que em um primeiro momento a criança não tem condições de compreender, tendem a ser traduzidas. Mas essa tradução nunca é completa e o resto, essa falha da tradução, é o que instaura a pulsão e constitui o inconsciente da criança através da ação do recalçamento originário. Com a complexização do aparelho psíquico, o surgimento do recalçamento secundário, do Édipo e do superego vai funcionar como um selo do recalçamento originário. Uma espécie de garantia de que aquilo que está recalçado originariamente não mais voltaria do inconsciente a não ser através de derivados.

Através dessa proposta teórica, as possibilidades de se pensar a clínica se ampliaram, por revelar um aparelho aberto e pela retomada da situação fundamental na relação com o analista quando do início da análise de um adulto neurótico.

Assim, diante do fracasso parcial da tradução, teríamos o inconsciente clássico da neurose. Frente ao fracasso radical, quando não haveria tradução (ou apenas um mínimo dela), estaríamos diante de um inconsciente encravado em que a modalidade principal de defesa, em vez do recalçamento, seria a recusa. A mensagem original está tal e qual no aparelho psíquico.

Embora houvesse um grande interesse de Laplanche com a clínica de adultos neuróticos, ao propor uma leitura diferente da constituição do psiquismo e as consequências disso para a clínica, suas hipóteses teóricas foram retrabalhadas como possibilidade de não se restringir a técnica psicanalítica a neuróticos. Vários psicanalistas ocupados com a clínica de crianças e das patologias não neuróticas partiram de suas ideias e, em mais uma espiral do conhecimento, surgiu uma variação da técnica clássica que beneficia os pacientes não neuróticos.

Em seu artigo “Três acepções da palavra inconsciente”, de 2003, Laplanche faz algumas considerações importantes no âmbito da teoria da sedução generalizada, ampliando suas considerações anteriores. Retoma o fato de que o processo tradutivo na neurose se dá sempre em dois tempos e que a mensagem do outro que entra fica “em espera”, porque ainda não encontrou tradução. Fica em latência, não traduzida. Algumas dessas mensagens são praticamente impossíveis de serem traduzidas, outras ficam numa espera provisória de tradução. Conclui, então, que assim como o inconsciente encravado pode ser um lugar de estagnação, também pode ser um lugar de espera.

A partir daí Laplanche propôs um modelo tópico comum à neurose e à psicose. Seriam duas partes do psiquismo, cada uma ignorando a outra, mas havendo uma passagem entre elas. O limite seria flutuante (de um indivíduo a outro ou

segundo os momentos de vida em um mesmo indivíduo). Esse limite poderia ser alterado frente a um novo processo de tradução. Diante desse novo aporte, teríamos a possibilidade de novas traduções de mensagens encravadas no tratamento de patologias de fronteira ou de psicóticos, ou a possibilidade de uma descompensação delirante em qualquer ser humano.

Para Dejours, nenhum sujeito está abrigado de uma somatização ou de um delírio, mesmo se certas estruturas sejam mais protegidas que outras. Dessa forma, também podemos questionar até que ponto o recalco secundário, o Édipo e o superego seriam um selo de garantia para manter o recalco originário em seu lugar.

A contribuição de Laplanche para o tema do gênero também é de extrema riqueza. A diversidade de opiniões em relação ao assunto é enorme e carrega em seus desenvolvimentos aspectos científicos, ideológicos e sociais bastante polêmicos.

Ocupado exclusivamente em explicitar o entendimento psicanalítico do tema, Laplanche ressaltou a importância da noção de gênero, mas asseverou que ela não pode apagar o conceito de sexo e de sexualidade. Considerou também a identidade de gênero como sendo inicialmente uma mensagem, uma designação que vem do outro, dos outros que estão mais próximos da criança. Por isso propôs inverter a noção de identificação, transformando “se identificar com” para “ser identificado por”. A criança seria identificada pela designação do adulto a um certo gênero.

#### PAULO ROBERTO CECCARELLI

Laplanche nos dá pistas importantes a respeito do intrincado legado freudiano sobre a assunção subjetiva do sexo e do gênero e, por consequência, da constituição do psiquismo.

Através de uma rigorosa leitura da obra de Freud – “colocando a teoria para trabalhar”, como ele sempre dizia –, Laplanche retoma, a seu modo, a singularidade da descoberta freudiana, trazendo



*esses desejos –  
o sexual infantil  
do adulto – se infiltram  
na designação de gênero*

Ainda na esteira de sua teoria da sedução generalizada, referiu que não se pode deixar de pensar que qualquer designação está atravessada pelo desejo inconsciente do adulto, que muitas vezes se opõe à designação manifesta dele. Afirmou que a linguagem de designação do gênero circula predominantemente pelo código social (dos adultos próximos à criança), mas traz junto “ruídos”, fantasias inconscientes ou pré-conscientes do outro. Esses desejos – o sexual infantil do adulto – se infiltram na designação de gênero. Dessa maneira, Laplanche propõe ser o gênero adquirido, mas enigmático, e que, embora o gênero preceda o sexo, ele é organizado pelo sexo, na medida em que este fixa e traduz o gênero em um segundo tempo.

Os dois temas que levantei sem dúvida são novos aportes a partir da rica contribuição do pensamento de Jean Laplanche. Dois temas que exigem que seus seguidores continuem a repensar, para continuar a fazer de algum modo o que ele mesmo sempre fez em relação ao pensamento de Freud.

elementos de reflexão sobre a alteridade interna, sobre o estranho (Unheimlich) que surge lá onde, e quando, menos esperamos. Para Laplanche, a “situação antropológica fundamental” do humano faz com que os primeiros movimentos constitutivos do psiquismo, os “significantes enigmáticos” impregnados da sexualidade inconsciente do outro primordial, assumam um caráter traumático.



*o sexo anatômico  
não garante, a priori,  
os processos identificatórios  
de gênero*

Essas “mensagens” carregadas de um excesso intraduzível, responsável pela instauração do pulsional, são incompreensíveis tanto para o adulto, quanto para a criança que se sente invadida por uma excitação não simbolizável.

Se, em Freud, tanto a identidade feminina quanto a masculina são calcadas no biológico, Laplanche traz para o debate as dificuldades em discutirmos as questões de gênero em Freud, pois este último não teria utilizado esse termo: em alemão, a palavra *Geschlecht* designa tanto sexo, quanto gênero. Entretanto, não lhe passou despercebido que Freud fala de uma forma de classificação, que começa numa etapa anterior à percepção da diferença anatômica, e que, atualmente, chamaríamos de “segundo o gênero”. Trata-se do texto de 1908, *Sobre as teorias sexuais das crianças*, no qual Freud nos convida a imaginar uma situação em que, despojados de nossa “existência corpórea”, isso é, livre das amarras da anatomia, e como “seres puramente pensantes” vindos de outro planeta, chegássemos à Terra. Nesse planeta desconhecido, o que mais nos chamaria a atenção, continua Freud, seria a existência de dois seres. Porém, a distinção entre eles seria feita pelos “sinais externos mais óbvios”. Isto é, sem levar em conta os caracteres anatômicos da diferença sexual.

Consequentemente, a primeira distinção homem/mulher não leva em conta “a diversidade dos órgãos sexuais”. (Cabe aqui um parêntese para chamar a atenção para um erro de tradução grave em consequências para o leitor brasileiro da Standard Edition. No texto em português lê-se “diferença” – *Unterschied* – dos órgãos genitais, onde Freud fala de “diversidade” – *Verschiedenheit* – dos

órgãos sexuais. A edição brasileira traduz, indistintamente, *Unterschied* e *Verschiedenheit* por diferença). Com efeito, observa Laplanche, não haveria nenhuma razão para que a criança pensasse que só existiriam dois órgãos (diferença) sexuais, como bem o sugerem as teorias sexuais infantis. Na fase das fantasias pré-genitais, a diversidade impera, o que leva a criança a imaginar a existência de um terceiro ou quarto sexo. A possibilidade de outras partes do corpo – a boca, ou o ânus – serem tomadas por órgãos sexuais é amplamente discutida nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, e sustentada pela clínica.

Sem dúvida, existe em Freud uma classificação segundo o gênero, anterior à percepção da anatomia, da castração, cuja base é a primeira distinção que fazemos “com certeza total” entre “masculino ou feminino” (*Männlich oder weiblich*) [homem e mulher na Edição Brasileira] quando encontramos um ser humano.

Se a apreensão dos gêneros se faz sem levar em conta o órgão sexual, o que distingue os gêneros não é o sexo anatômico; e o sexo anatômico não garante, *a priori*, os processos identificatórios de gênero. A presença ou a ausência do órgão genital masculino ou feminino (sexo) não constituem garantia que o sujeito se coloque do lado dos homens ou do das mulheres (gênero), como nos mostram as transexualidades. As categorias binárias de gênero são dadas à criança desde cedo e não levam em conta movimentos pulsionais. Talvez seja por isso, sugere Laplanche, que não encontremos uma “teoria de gênero” em Freud. Trata-se, finalmente, de dois movimentos distintos que ocorrem em momentos diferentes: um, a distinção dos gêneros; outro, a diferença dos sexos. Entretanto, ainda que a aquisição dos atributos de gênero venha antes da percepção da diferença anatômica, o que determina o gênero é o sexo; é o olhar de quem “vê” o sexo da criança.

Imersa, desde antes de seu nascimento, no imaginário que acolhe a criança quando de sua chegada ao mundo, ao nascer ela responde, sem questionamentos, ao universo cultural e discursivo

que determinam o lugar que ela deve ocupar de acordo com o gênero que lhe foi atribuído.

O que leva uma criança a dizer que é menino ou menina é a consolidação de uma crença que começa pela designação do sexo, e pela inserção nas categorias de gênero do recém-nascido, feitas pela pessoa que presenciou o nascimento. É a partir dos dados anatômicos do bebê, pela designação do sexo, que essa pessoa vai “inserir-lo” na categoria de gênero que, culturalmente, corresponde ao que ela – a criança – deverá responder em acordo com sua anatomia. Inicia-se, assim, a construção de uma crença, sustentada pelo registro no cartório civil, que levará o recém-nascido a dizer que ele é menino ou menina, dentro do binarismo de gênero. (Os chamados “intersexos” mostram, às vezes de forma dramática, o peso do olhar do outro, na determinação do sexo e, posteriormente, do gênero).

Os Estudos de gênero e a teoria *Queer* vêm, há anos, denunciando o quanto a rigidez do binarismo de gênero – masculino e feminino – cria mecanismos de dominação e controle, além de determinar “grupos desviantes”: os que não respondem à heteronormatividade. Segundo os autores que trabalham nesse campo de estudo, não

existem relações de coerência, e continuidade, entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Tais proposições teórico-clínicas interpelam de forma aguda alguns pressupostos psicanalíticos relativos à aquisição da identidade sexuada, e Laplanche não recua frente ao desafio.

Discutindo as posições de autores que trataram o tema, Laplanche propõe ser o gênero resultado de uma designação, uma atribuição. Enquanto para Butler o gênero é uma performatividade, pois realizamos performances relativas ao gênero ao qual pertencemos, Laplanche entende que a designação comporta vários elementos: linguagem falada e corporal, atos, mensagens conscientes e inconscientes. Elementos estes que compõem a atribuição de um gênero ao recém-nascido.

A partir do momento em que os psicanalistas começam a ouvir as variáveis presentes na determinação do gênero, sem teorizá-los como um desvio em relação ao discurso binário hegemônico, e sem se sentirem ameaçados pelo retorno de mensagens enigmáticas recalçadas, as designações de gênero, assim como as relações entre o gênero, o sexo e o sexual, ganham espaço na pesquisa psicanalítica.

# O guardião de enigmas

Paulo de Carvalho Ribeiro

Comentado por

Miguel Calmon du Pin e Almeida e Lucía Barbero Fuks

**Paulo de Carvalho Ribeiro** é médico, psicanalista, doutor em psicanálise e psicopatologia pela Universidade Paris 7 sob a orientação de Jean Laplanche (1988-1992) e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Participante das *Journées Laplanche*, mantidas pela Fundação Laplanche, vinculada ao *Institut de France*.

**Miguel Calmon du Pin e Almeida** é psicanalista, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, biênio 2015-2016.

**Lucía Barbero Fuks** é médica, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professora do Curso de Psicanálise e Coordenadora do Curso “Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma” daquela instituição. Autora de *Narcisismo e Vínculos* (Casa do Psicólogo). Co-organizadora e coautora de *A clínica conta histórias*, *Desafios para a psicanálise contemporânea*, *O sintoma e suas faces* e *Psicanálise em trabalho* (Escuta).

**E**m “*Debates Clínicos*”, a revista *Percurso* convida três psicanalistas de correntes teóricas e instituições diferentes, um deles como apresentador e dois como comentaristas. Solicitamos que o material e os comentários se atenham o mais possível à clínica, de modo que dela se depreenda a teoria e não o contrário. Cada convidado só conhece os outros dois participantes no final do processo. Com isso, visamos diminuir os fatores paratransferenciais que poderiam inibir a livre e descompromissada manifestação de opinião. Nosso objetivo é superar as divisões em nosso campo, proporcionar movimentos integrativos e estimular a reflexão sobre convergências e divergências na prática clínica.

A primeira coisa que me levou a refletir mais detidamente sobre esse paciente foi minha necessidade de verificar, junto a conhecidos que trabalham com informática e telecomunicação, se um determinado uso do celular, relatado por ele na primeira sessão, era viável tecnicamente. Tratava-se de um programa espião que, uma vez instalado no celular de alguém, permitia não só conhecer a localização e os deslocamentos feitos pelo aparelho, como também acionar à distância o gravador de sons e imagens do aparelho espionado, disponibilizando-os para serem registrados pelos dispositivos de quem controlava o programa espião. Desconfiado de estar sendo traído pela namorada, esse jovem rapaz me dizia ter registrado os sons de uma suposta relação sexual da namorada com um ex-namorado dela, quando ela se encontrava no escritório deste último. Segundo meu paciente, os registros são apenas de áudio, uma vez que o celular encontrava-se, provavelmente, dentro da bolsa dela, e por isso

nenhuma imagem foi gravada. Ainda segundo o relato, a despeito da qualidade ruim da gravação, é possível perceber que se trata dos sons de uma relação sexual e que as vozes, tanto da namorada quanto do ex-namorado dela, são reconhecíveis. Minha consulta aos conhecedores dessas tecnologias confirmou a viabilidade de tais fatos. Diante disso, não pude evitar o incômodo de me perceber buscando uma verossimilidade que, nesse caso, não deveria me interessar.

Essa mesma namorada, de acordo com o que foi relatado na segunda sessão, já tinha “ficado” com um amigo do meu paciente, quando eles (paciente e namorada) ainda não se conheciam. Ao tomar conhecimento desse fato, insisti para que a namorada lhe contasse detalhadamente o que acontecera entre ela e o amigo dele. Tinha sido há muito tempo, quando ela ainda era adolescente, em um fim de noite em que ela, em companhia de duas amigas, pegou uma carona com esse amigo. Encontrando-se ligeiramente bêbada e tendo sido a última a ser deixada em casa, acabou beijando e sendo beijada. Depois de bastante insistência por parte do meu paciente, a namorada acrescentou ao relato inicial a informação de que, na ocasião, tivera a blusa aberta pelo amigo dele e que ele lhe havia acariciado os seios. Esse relato serviu para que se instalasse em meu paciente a dúvida obsessiva sobre o que de fato teria acontecido nesse dia. A insistência para que ela contasse tudo de uma vez, para que admitisse ter mantido relação sexual dentro do carro, quase levou ao término precoce do namoro e fez do amigo em questão uma pessoa a ser evitada ou ignorada em situações sociais.

Os primeiros dois ou três meses de análise desse paciente foram tomados, quase que inteiramente, pela recorrência dos relatos sobre a suposta infidelidade não só da namorada, mas das mulheres em geral. Nesses primeiros meses, minhas intervenções foram escassas e quase todas elas voltadas para o assinalamento do que me parecia mais relevante para a análise naquele momento, a saber, a incompatibilidade entre a manutenção do namoro e a convicção do paciente



*os primeiros dois ou três meses  
de análise desse paciente foram  
tomados pela recorrência dos relatos  
sobre a suposta infidelidade  
não só da namorada,  
mas das mulheres em geral*

sobre a infidelidade da namorada, somada à sua declarada intolerância à traição.

“Ela me disse que eu estou louco; que fico inventando coisas que não aconteceram; que minhas gravações não mostram nada a não ser pedaços incompreensíveis da conversa entre ela e um advogado que tem escritório no mesmo prédio onde trabalha o ex-namorado dela; que eu preciso me tratar e que ela só não termina tudo de uma vez por todas porque ainda gosta muito de mim, porque minha mãe a apoia e pede para que ela tenha paciência comigo.”

Esta é, aproximadamente, uma das falas dele diante de uma dessas intervenções em que eu buscava assinalar o quão intrigante me parecia a posição dele. Ser chamado de louco já não o incomodava tanto, ele dizia, na medida em que encontrara apoio à sua percepção dos “fatos” por parte de duas pessoas que ele tinha em alta conta e com quem tinha intimidade suficiente para compartilhar esse tipo de problema. Uma delas, uma irmã mais velha, filha do primeiro casamento do seu pai, escutou a gravação e concordou que os sons sugeriam uma relação sexual. A outra, uma antiga empregada doméstica da família, teria ficado chocada com o que escutou. Não tardou para que eu fosse escolhido como a próxima pessoa a emitir uma opinião sobre a gravação.

O pedido para que eu a ouvisse não foi, inicialmente, formulado de forma direta, nem tampouco me foi perguntado se eu gostaria de ouvi-la. Era, no entanto, impossível não perceber esse pedido em meio às queixas permanentes de sentir-se preso ao arquivo de áudio que continha a



*eu digo: “Isso quer  
dizer que, independentemente  
de ela ter te traído  
ou não, a possibilidade  
da traição te mantém  
ligado a ela”*

famosa gravação. Preso, explicava meu paciente, tanto no sentido de ouvi-lo muitas vezes ao dia, retornando inúmeras vezes aos trechos que considerava mais reveladores, quanto no sentido de fazer várias cópias do mesmo arquivo, para armazená-las em diferentes locais, temendo sempre que alguém, sua namorada, por exemplo, tentasse destruir “seu tesouro”, denominação introduzida por mim, ao interromper um desses relatos queixosos, no fim de uma sessão. “Pois é”, ele retrucou enquanto pegava um chaveiro que havia deixado sobre a mesa ao lado da poltrona onde estava sentado e me mostrava um pequeno *pen drive* pendurado entre as chaves, “eu carrego esse tesouro comigo o tempo todo”. Não lhe disse nada e levantei-me para acompanhá-lo à porta.

O tema da gravação geralmente servia de introdução a outros relatos e considerações destinados a sustentar a tese da infidelidade generalizada das mulheres. Foi assim que o episódio da antiga “ficada” com o amigo do meu paciente foi retomado diversas vezes. Em uma delas estive em questão o fato de que a namorada fazia uso de anticoncepcional oral desde os quinze anos de idade, para tratamento da síndrome dos ovários policísticos. Sendo assim, quando ela “ficou” com o amigo dele, ela não só já havia perdido a virgindade, pois tivera relações sexuais com o primeiro namorado, como também estava protegida contra uma eventual gravidez. “Hah!”, exclamou meu paciente antes de prosseguir, “Você acha que uma adolescente com os hormônios bombando, que não era mais virgem e estava meio bêbada, sem blusa e sem preocupação de ficar grávida, iria

ficar só no sarro com um cara como o fulano? É claro que ela deu pra ele! Você não concorda?” Respondi, encerrando a sessão: “Já que você não tem a gravação dessa cena e não pode reproduzi-la centenas de vezes, quem sabe você se contenta com suas fantasias?” Na sessão seguinte, logo no início, ele disse: “Você acha então que tudo é fantasia minha.” Permaneci em silêncio e ele continuou: “Se eu não tivesse ficado e até transado com várias namoradas de outros caras, e até com uma que era noiva, seria mais fácil me convencer de que a traição da fulana (namorada) é fantasia minha”. Depois de um breve silêncio, ele retoma: “Disse a ela que você acha que estou fantasiando sobre ela e o ex dela. Ela pôs as mãos pro céu e eu até achei graça, mas fui logo dizendo que você não tinha me convencido.” Nesse momento voltei a intervir dizendo: “Parece-me que você quer muito que eu tenha uma opinião sobre sua namorada, sobre as mulheres”. “Mas é lógico!”, ele exclamou, “faz um bom tempo que estou vindo aqui, já te falei tudo que está acontecendo, estou meio desesperado e não consigo tomar uma decisão... é lógico que eu quero que você me ajude!” Eu digo: “Tudo que você falou até agora me leva a pensar que você tem algum ganho ao duvidar da fidelidade das mulheres; acho que você quer se convencer de que todas elas traem”. Ele diz: “Mas isso quer dizer que você acha que eu estou inventando pra mim mesmo que a fulana me traiu?” Eu digo: “Isso quer dizer que, independentemente de ela ter te traído ou não, a possibilidade da traição te mantém ligado a ela”. Ele diz: “Mas por quê?” Não respondo, ele insiste com a pergunta e eu com o silêncio, ele também se silencia e assim permanece por alguns minutos até dizer o seguinte: “Se eu terminar com ela agora, sou capaz de passar o resto da vida me lembrando de todas as vezes que ela começa a chorar e jura que nunca me traiu. Mas eu não consigo acreditar. Você *tem* que escutar essa gravação”.

Depois de alguns meses atendendo esse paciente em sessões cuja frequência variava de uma a duas vezes por semana, uma dúvida sobre o diagnóstico

ainda persistia. O caráter obsessivo do ciúme preponderava sobre os aspectos paranoicos, mas não de forma suficiente para que eu afastasse definitivamente a hipótese de psicose. Os relatos sobre as “evidências” da traição, assim como as inúmeras teorias e certezas sobre a infidelidade das mulheres me traziam sempre a impressão de uma atividade delirante muito bem estruturada, porém sem outros elementos psicopatológicos que levassem à suspeita de esquizofrenia. Eu me perguntava se não seria uma Síndrome de Otelo, um delírio celotípico monossintomático; se os sintomas obsessivos não estariam apenas mascarando o quadro psicótico; ou se seria mesmo um obsessivo grave no auge do sofrimento neurótico. Achei que poderia confiar nas minhas impressões sobre a transferência e decidi que ele passaria a utilizar o divã.

As primeiras sessões com o uso do divã ainda foram dominadas pelo tema da traição e pelo relato dos momentos em que meu paciente se via compelido a ouvir, pela enésima vez, a gravação da suposta relação sexual, apesar do esforço que vinha fazendo para não ouvi-la. Progressivamente, porém, outros temas começaram a ser abordados até que a mãe do paciente passou a ser o principal objeto das associações. A cumplicidade entre ela e a namorada dele sempre servia de introdução a uma série de comentários sobre as características da mãe, sobre o relacionamento dela com o marido, pai do meu paciente, e sobre a forma como ela se relacionava com ele, filho, desde criança. Antes de me alongar sobre esses dois últimos aspectos, algumas referências recorrentes à beleza e vaidade da mãe merecem ser mencionadas. Aos olhos do meu paciente, sua mãe era uma mulher muito bonita, que sabia se cuidar muito bem. Apesar dos mais de cinquenta anos de idade, ainda era uma mulher atraente cuja beleza, elegância e jovialidade eram objeto de comentários por parte de todos que a conheciam. Quase treze anos mais jovem que seu marido, sua aparência contrastava cada vez mais com o aspecto envelhecido exibido por ele. Segundo meu paciente, mais de uma vez sua mãe fora tomada



*a nítida ambivalência dos  
sentimentos e opiniões do meu  
paciente foi pouco a pouco cedendo  
lugar ao ressentimento por  
ser visto pela mãe como herdeiro  
dos defeitos do pai*

por filha do marido, fato que muito incomodava seu pai e muito agradava sua mãe, apesar do esforço que ela fazia para esconder sua satisfação nessas ocasiões. Sobre o relacionamento do casal, meu paciente tinha uma visão muito clara e definitiva: desde que a mãe descobrira um relacionamento extraconjugal do marido, quando ele, paciente, ainda era adolescente, houve um distanciamento definitivo entre seus pais. Logo que o caso veio à tona, seu pai chegou a sair de casa a pedido da mãe, mas retornou algumas semanas depois e passou a ser tratado com frieza pela esposa. Nos últimos anos meu paciente presenciou muitas discussões entre os pais, geralmente motivadas pelos gastos excessivos da mãe ou pelas viagens que ela fazia em companhia das irmãs dela, muitas delas ao exterior, nas quais o pai nunca era incluído. Nos eventos relacionados à profissão do pai, nas festas de família e nos encontros com amigos do casal, sua mãe “fazia seu papel de esposa”, dizia meu paciente. Quanto à relação entre mãe e filho, a nítida ambivalência dos sentimentos e opiniões do meu paciente foi pouco a pouco cedendo lugar ao ressentimento por ser visto pela mãe como herdeiro dos defeitos do pai. A grande semelhança física entre eles e alguns traços de personalidade presentes em ambos com frequência suscitavam comentários críticos e distanciamento por parte da mãe. Em outros momentos, ela conseguia a cumplicidade do filho na ocultação de pequenos acontecimentos que poderiam despertar a ira do pai, como, por exemplo, pequenos danos causados por ela aos carros da família ou gastos que ela fazia com





*os afetos relacionados  
à mãe somente afloraram após  
a superação de grandes  
resistências e envolveram muita  
angústia associada a sentimentos  
de rejeição e impotência*

coisas consideradas supérfluas, o que levava meu paciente a utilizar conscientemente essa cumplicidade como estratégia para obter o apoio da mãe em diversas situações. Incomodava-o, por outro lado, quando percebia que sua mãe e sua namorada se associavam para comentarem criticamente o quanto ele e seu pai se pareciam. Em uma das sessões em que a cumplicidade com as “aprontações” da mãe foi retomada, meu paciente fez a seguinte observação: “Papai está pagando caro demais a pulada de cerca”. Era uma referência a uma joia que sua mãe havia comprado utilizando o cartão de crédito do filho para burlar o limite que o pai havia imposto ao dela. Nesse momento intervim dizendo: “E você tem contribuído para isso”. Essa intervenção, que de imediato produziu justificativas do tipo “melhor gastar com mamãe do que com as amantes dele”, deu início a uma série de sessões em que o pai passou a ser o principal assunto, culminando com a explicitação da seguinte queixa: “O problema é que ele não dá conta de se abrir comigo e prefere achar que eu fiquei do lado da mamãe, contra ele”. Nesse momento eu lhe disse: “Se você fosse se abrir com ele, o que você diria sobre a infidelidade dele?”. O principal efeito dessa intervenção foi o afloramento de ressentimentos manifestados sob a forma de um longo desabafo, entrecortado por tentativas de amenizar tanto o sofrimento por ter se sentido traído pelo pai quanto a culpa por condená-lo e muitas vezes ser cúmplice da mãe. A seguinte fala resume o desabafo e a ambivalência dos sentimentos dirigidos ao pai: “Quando mamãe descobriu tudo, nós tínhamos acabado

de mudar para a casa nova. Eu achava aquela casa o máximo. Só queria curtir a piscina, a quadra, chamar os amigos, fazer churrasco... eu estava me sentindo milionário e achava papai foda pra caralho. E aí o sacana fode tudo, fica apaixonado por uma mulher nada a ver, que nem era bonita, nem inteligente, nem rica, nem porra nenhuma... só era nova e safada. Mamãe não quis mais saber da casa, não cuidava mais de nada até que não teve jeito e mudamos de lá para um apartamento. Papai ficou arrasado, se fodeu demais, coitado”.

Depois desse desabafo a tomada de consciência do quanto se sentira traído pelo pai e do desejo de ser amado e admirado por ele foi um caminho percorrido com certa facilidade na análise. A dimensão homossexual desse amor pelo pai nunca foi explicitada nem por ele nem por mim, embora tenha se manifestado na transferência por meio de pequenas brincadeiras e piadas em que eu e o pai éramos comparados e colocados no lugar de quem o “sacaneava” ou era “sacaneado” por ele.

Por outro lado, os afetos relacionados à mãe somente afloraram após a superação de grandes resistências e envolveram muita angústia associada a sentimentos de rejeição e impotência. O relato de uma experiência vivida na adolescência serviu de parâmetro para a avaliação da intensidade dessa angústia. Aos dezesseis anos, com o apoio dos pais, ele se inscreveu em um programa de intercâmbio estudantil e chegou a viajar para o país onde deveria permanecer por seis meses. Lá chegando, entrou num estado de extrema ansiedade, acompanhado de ideias persecutórias e dificuldade de dormir e se alimentar. Sua mãe foi ao seu encontro logo que tomou conhecimento do que estava acontecendo e retornou com ele ao Brasil poucos dias após sua partida. Essa foi, segundo ele, a pior experiência de sua vida. Junto ao reconhecimento e gratidão pelo apoio recebido da mãe, a impressão de que ela sentia-se vitoriosa com o fracasso dele foi aos poucos ganhando espaço nas sessões. Em uma delas ele disse: “Ela me dizia que aquilo que eu tive foi um problema neurológico, que eu não tinha culpa, que isso pode acontecer com qualquer um,

que era só tomar o remédio por um tempo e que nunca mais eu teria nada daquilo. Mas isso, em vez de me consolar, só me fazia sentir que eu tinha a cabeça fraca, que eu era mesmo um bosta”. Lembrando-me de outras ocasiões em que ele havia se referido às comparações negativas que sua mãe fazia entre ele e o pai dele, disse-lhe: “Pelo que você diz, aos olhos da sua mãe, você e seu pai sempre podem decepcionar”. Ao que ele acrescentou: “Aos olhos da minha mãe, acho que o único homem que não decepcionou foi o pai dela”. Voltei a intervir dizendo: “Esse homem que você não conheceu sempre vai ser o preferido dela”.

Não sei se ele entendeu que eu fazia ali alusão a um inescapável sentimento de traição. Não sei tampouco se o término do relacionamento com a namorada, ocorrido pouco tempo após essas sessões que acabei de relatar, deveu-se a algum efeito da análise ou simplesmente à decisão de mudar-se para outra cidade onde pretendia fazer um curso de pós-graduação e submeter-se a um processo de seleção de *trainees*. Não sei nem mesmo se a decisão de mudar-se foi o resultado da resolução de conflitos que o paralisavam ou simplesmente uma fuga de tudo, inclusive da análise. Fui comunicado tanto sobre o término do namoro quanto sobre a decisão de mudar-se de cidade na primeira sessão após um período de interrupção da análise devido às férias do meu paciente, que coincidiram com as minhas. Nas três sessões que tivemos entre a volta das férias e a interrupção definitiva ele pouco falou sobre o término do namoro. Disse que seria muito difícil manter um relacionamento à distância e que sua prioridade era, naquele momento, a carreira profissional, mas não mencionou nenhuma briga, nem fez comentários sobre a reação da namorada à decisão dele. O pai o apoiava e a mãe achava que ele deveria pensar com mais calma se de fato a mudança de cidade seria a melhor opção. De sua parte, ele não mostrava nenhuma hesitação; estava decidido e parecia tranquilo com sua decisão.

Na primeira sessão após as férias, quando as decisões tomadas me foram comunicadas,

hoje penso ser quase certo  
que o arquivo contenha mesmo  
a gravação da suposta traição.

Não o deletei e nunca  
tentei abri-lo

não contive minha curiosidade e perguntei se ele ainda ouvia com frequência a gravação. Ele respondeu: “Tinha um bom tempo que não ouvia, mas ouvi algumas vezes no dia em que terminei com ela. Ouvi, mas não fiquei mais sofrendo e nem senti raiva. Andei deletando o arquivo nos lugares onde tinha salvado, mas salvei em tantos lugares que já nem sei se tem outras cópias além das que estão no meu celular e no meu *dropbox*. Você acha que eu deveria apagar tudo?” Respondi sorrindo: “Talvez seja bom que isso fique gravado em alguma nuvem”. Ele também sorriu e não mais falou sobre o assunto nas duas sessões que ainda tivemos.

No dia seguinte à última sessão recebi um e-mail dele cujo título era “nuvem” e trazia anexo um arquivo nomeado “traição”. No corpo do e-mail estava escrito: “Guarda aí pra mim na sua nuvem rsr”.

Esse arquivo cuja viabilidade técnica eu tinha me dado o trabalho de verificar, que cheguei a comparar a um tesouro, e sobre o qual perguntei sem que ele tivesse sido mencionado naquela sessão encontrava-se ali à minha disposição. Mas quem poderia me garantir que não era apenas uma piada? Um vírus, quem sabe? Talvez fosse um arquivo vazio. Pior ainda, poderia conter apenas o som de uma gargalhada de escárnio, atestando minha destituição do lugar de analista.

Hoje penso ser quase certo que o arquivo contenha mesmo a gravação da suposta traição. Não o deletei e nunca tentei abri-lo. Às vezes esse paciente me vem à lembrança e me pergunto





que o mito da caixa de Pandora  
nos acompanhe em nossa reflexão,  
pois a nenhum de nós escapa  
a curiosidade em tudo saber e poder  
dominar o mundo

se ele me enviou o arquivo por ter percebido  
minha curiosidade ou por saber que eu não o  
abriria, e mesmo que o abrisse jamais faria qual-  
quer comentário; ou se foi por todos esses dois

#### MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA

##### *Caixa de Pandora*

Inventar e investigar desde um novo lugar a alma  
do sonho, do humano do homem, onde a alma e  
o sonho possam se mostrar e se expressar sem os  
constrangimentos do desejo de curar, assim como  
o cuidado de evitar a pura abstração para a qual  
os românticos em seu desejo de tudo compreender  
nos seduzem, é o desafio que caracteriza a  
especificidade de nossa clínica.

Um processo onde as marcas das pegadas  
de nossa história e constituição permitam que  
reconheçamos de que somos feitos, como somos  
feitos, à imagem e semelhança de quem, do quê.

Mas a dimensão trágica – o homem sempre  
em contradição consigo mesmo, irremediavelmente  
– aparece mais fortemente na pergunta: *Mas  
é o que queremos?* De fato, queremos saber quantas  
são as superfícies contidas na alma dos pequenos  
gestos através dos quais nos fazemos e somos?

1 Pandora (em grego antigo: *pan – dom*. Significa “a detentora de todos os dons”. Há no verbo que compõe seu nome uma antinomia: *doron* significa doar, mas em quase todas as línguas indo-europeias, tem como sentido inicial “tomar”. Portanto, aquela que dá e tira ao mesmo tempo.

2 J. Brandão, *Dicionário Mítico-Etimológico*, vol. II. Petrópolis: Vozes, p. 234.

motivos ao mesmo tempo. Sim, por todos esses  
motivos ao mesmo tempo, tento me convencer.  
Gostaria de ter a certeza de que ele reconheceu  
em mim o interesse e as dúvidas que pairam em  
torno dessas cenas mal gravadas, envolvendo os  
corpos de duas pessoas, envolvendo, acima de  
tudo, o corpo e o desejo de uma mulher espe-  
cial; cenas que tanto perturbam quanto exci-  
tam. Mas gostaria muito mais de ter a certeza  
do reconhecimento da minha clara renúncia à  
pretensão de ter as respostas. Não descarto a  
hipótese de ter fracassado nesse caso, mas tam-  
bém não abro mão da possibilidade de que o ar-  
quivo tenha sido enviado para quem de direito:  
um guardião de enigmas.

Hesíodo conta na Teogonia que a pedido de  
Zeus, desejoso de castigar os homens em virtude  
do “crime” de Prometeu, Hefesto modela em ar-  
gila a primeira mulher, “mal tão belo”, nas palavras  
do poeta. Com a ajuda de outros vários imortais,  
dota-a de todas as qualidades apreciadas pelos  
homens e, por fim, Hermes lhe dá o dom da pa-  
lavra. Chamam-na Pandora<sup>1</sup>.

Satisfeito com a cilada que armara para os ho-  
mens, Zeus, através de Hermes, envia-a de presente  
a Epimeteu, *o que aprende e vê depois*, que, apesar de  
advertido por Prometeu, *o que vê antes*, a jamais re-  
ceber de Zeus nenhum presente, desposa Pandora.  
Só depois de a infelicidade se abater sobre sua vida,  
Epimeteu realiza com o que Zeus o presenteara.

Como presente de núpcias, Pandora traz  
consigo do Olimpo uma jarra de tampa larga,  
onde se depositavam todos os males do mundo.  
Por curiosidade feminina, Pandora abre a jarra e  
dela deixa sair todas as calamidades que a partir  
de então assombram a tranquilidade dos homens.  
Apenas a teimosa Esperança foi contida a tempo,  
ficando presa nas bordas da jarra<sup>2</sup>.

Que o mito da caixa de Pandora nos acom-  
panhe em nossa reflexão, pois a nenhum de nós



escapa a curiosidade em tudo saber e poder dominar o mundo.

É com esse propósito que o autor nos adverte desde as primeiras linhas acerca de sua luta contra a curiosidade em querer saber toda a verdade, muito embora sem renunciar completamente a ela.

Antes de mais nada e para começar, felicito o analista – “guardião de enigmas” – por ter resistido à curiosidade e não ter aberto a “caixa de Pandora”. Considero a condução que deu ao processo psicanalítico de seu paciente exemplar.

A primeira coisa que me levou a refletir mais detidamente sobre esse paciente foi minha necessidade de verificar, junto a conhecidos que trabalham com informática e telecomunicação, se um determinado uso do celular, relatado por ele na primeira sessão, era viável tecnicamente.

Para além de se certificar dos limites entre realidade e delírio, há algo de feminino nas provocações que seu paciente lhe faz, mas isso discutiremos mais à frente.

Por ora o que nos interessa é que o arguto analista percebe que o processo se instala ali onde existe alguma coisa sobre a qual ele não deveria se interessar. E faz uso disso em suas primeiras interpretações: “a incompatibilidade entre a manutenção do namoro e a convicção do paciente sobre a infidelidade da namorada, somada à sua declarada intolerância à traição”.

Diante da insistência do paciente em confirmar as suspeitas das gravações, e percebendo ali algo que extrapolava os limites de um namoro, o analista sugere chamar o *pen drive* com as evidências do crime de “o tesouro”.

Preso, explicava meu paciente, tanto no sentido de ouvi-lo muitas vezes ao dia, retornando inúmeras vezes aos trechos que considerava mais reveladores, quanto no sentido de fazer várias cópias do mesmo arquivo, para armazená-las em diferentes locais, temendo sempre que alguém, sua namorada, por exemplo, tentasse destruir “seu tesouro”, denominação introduzida por mim, ao interromper um desses relatos queixosos, no fim de uma sessão.

*encerrado no dilema  
“você concorda ou discorda  
de mim?” que divide e organiza  
o mundo de seu paciente, o analista  
procura formas de sobreviver  
ao que, desse modo, não tem saída*

Ao destacar esses movimentos, pretendo valorizar a paciência e delicadeza com que o analista vai construindo as condições mínimas necessárias para o estabelecimento de um campo transferencial onde as associações possam encontrar seus deslizamentos, sem que para isso o próprio analista tenha que intervir na qualidade de testemunha, como outros tantos o fizeram sem que nem ao longe as dúvidas de seu paciente fossem arranhadas. Dizer “tesouro” significa apontar ali naquelas gravações mais do que poderia estar contido nelas, criando uma zona de hesitação fundamental para equivococar as certezas da dúvida obsessiva. Como se o analista lhe dissesse: “Há no que você me conta mais do que você gostaria de saber”.

Essa hesitação rende seus primeiros frutos diante das fantasias que o paciente faz sobre um dos encontros de sua namorada, o que permite que o analista o interprete: “Já que você não tem a gravação dessa cena e não pode reproduzi-la centenas de vezes, quem sabe você se contenta com suas fantasias?”

Considero essas equivococações fundamentais diante dos impasses em que a neurose obsessiva nos aprisiona. Encerrado no dilema “você concorda ou discorda de mim?” que divide e organiza o mundo de seu paciente, o analista procura formas de sobreviver ao que, desse modo, não tem saída.

Ou, como diria Freud em *Construções em Psicanálise*: “cara, eu ganho; coroa, você perde”, ou seja, não há como escapar. Algo de mim eu perco nessa operação e assim trata-se de criar as condições para instalação de uma processualidade que



*como interpretar um símbolo que não chegou a se constituir com tal? Quais as operações implicadas nesse processo de constituição? Quais as condições para uma interpretação?*

permita suportar a aceitação de que não há como escapar a essa perda.

A escolha, como na Odisseia de Homero, será entre perder uma parte ou perder tudo. Não nos apressemos na aparente obviedade do que há para ser escolhido. Muitos de nós preferiríamos perder tudo.

Nossa questão será sob que condições esse processo de velar e desvelar, de abrir e fechar, se instala. Este me parece o viés que o material clínico apresentado nos oferece. Como suportar a incerteza, a aceitação de não poder saber toda a verdade?

Como já disse anteriormente<sup>3</sup>, não nos surpreende mais que a clínica psicanalítica se apoie na especificidade de uma escuta que se empenha em se abrir aos muitos sentidos. Se muitos, se tantos, se em excesso, ao siderar entre tantos, nada fixa e ficamos impedidos de escutar; se apenas um, nos crispa e cristaliza, paralisa o jogo, a brincadeira, e se torna insuportável ouvi-lo. Uma escuta que se define pelo constante abrir e fechar para os sentidos.

Do mesmo modo, função materna e paterna se combinam e se complementam.

Christian Delourmel<sup>4</sup> cita J. L. Donnet em seu relatório para o 73<sup>ème</sup> CPFL, *De la fonction du père au principe paternel*: “o pai sempre esteve presente e, se ele vem em ‘segundo lugar’, é sempre numa temporalidade *après-coup*”.

Pela mesma razão, estou de acordo com François Villa<sup>5</sup> quando afirma em seu relatório para o mesmo congresso: “Defenderei a ideia de que, no começo, há necessariamente pai e mãe. Os dois primeiros processos, o da identificação e o do investimento libidinal de objeto, cumprem-se numa contemporaneidade que impossibilita a sua distinção cronológica”.

Se a função materna tem por finalidade fixar a pulsão em sua excessiva possibilidade, a função paterna tem por objetivo fixar o pêndulo de modo a permitir e estabelecer o movimento de balança, onde o abrir e fechar se alternam e tornam possível abrigar em seu interior o estranho.

Já se foi o tempo em que a pretensão de uma verdade secreta escondida nas dobras das palavras, ou ainda, por debaixo delas, jazia à espera de seu decifrador. Os sentidos da interpretação são construções produzidas no interior da relação psicanalítica pela obediência da regra fundamental.

O estranho que inclui e interroga, que abriga, exclui e deixa escapar, que compreende e reconduz a pergunta para outros lugares. Em toda sua dimensão paradoxal, esse estranho encarna a função paterna.

Por muito tempo, restringimos nossa concepção de interpretar aquela de propor um nível de desvelamento simbólico do material manifesto, fosse sonho, sintoma ou qualquer outra formação de compromisso.

Foram as exigências dos casos-limite, para usar a concepção de André Green, que nos confrontaram com outras dimensões da interpretação. Como interpretar um símbolo que não chegou a se constituir com tal? Quais as operações implicadas nesse processo de constituição? Quais as condições para uma interpretação?

A partir de então, a função de interpretar sofre uma violenta torção e nos obriga a considerar questões de sensações, de ritmos, principalmente ritmos, como sendo fundamentais para construir um solo comum onde um mesmo acontecimento possa ser compartilhado. A todas essas operações de

3 C. du Pin; A. Miguel, *A função paterna da interpretação*, apresentado no 73 CPFL, Paris 2013.

4 C. Delourmel, *De la fonction du père au principe paternel*.

5 F. Villa, *Le père: un héritage archaïque?*

6 J.-C. Rolland, *Os Olhos da Alma*. São Paulo: Blucher, 2016.

construção de um solo comum passamos a considerar como pertencendo à função materna da interpretação.

Na apresentação de *Os Olhos da Alma*<sup>6</sup>, de Jean-Claude Rolland, destaquei a perspectiva que o autor toma em suas reflexões, não poupando sequer a psicanálise de sua crítica. Sabendo da ofuscação que todo foco de interesse causa e traz consigo, mais ou menos intensamente, Rolland adverte para o viés que o psicanalista toma quando em contato com seu paciente. Viés gerador de cristalizações, onde a urgência da dor que nos é trazida por nossos pacientes consequentemente nos impede e inibe a liberdade para algumas aventuras e considerações que fugiriam à finalidade da consulta.

Por isso em seu trabalho há um diálogo tenso e muito rico entre a psicopatologia e a literatura. Jean-Claude Rolland encontra na literatura um lugar privilegiado para essa aventura em virtude de um certo descompromisso do autor e do leitor.

*O interesse na abordagem literária da afecção psicótica reside, justamente, em nos autorizar um pouco mais de distância e de achatamento.*

Isso implica dizer que, ao assim proceder, a literatura nos permite um afastamento do imperativo do intervir e do tratar tudo o que se nos apresenta, deixando livre para reflexão outros campos de visão. Eu o cito:

Não precisando curar aquilo que lemos e livres do papel de cuidador que nos é conferido por pertencermos à comunidade, podemos então, com mais vagar, fazer justiça à razão do autor, tolerar a vontade implacável que organiza essa lógica do destino, e compreender por que esse se recusa e escapa à nossa influência. Contornar a questão pelo estudo literário pode enriquecer o clínico e restituir-lhe um fato que não lhe é diretamente acessível.

Por outro lado, não lhe escapa também à crítica, que – de novo – ao assim proceder, obscurece o que nossos pacientes esperariam obter de seus psicanalistas. Pois se por um lado Jean-Claude

»»

*nuvem remete à capacidade  
de armazenar os pedaços  
de experiências que não se  
revelam por inteiro e logo  
criar narrativas, ligá-las  
para não enlouquecer*

Rolland se refere à função da poesia e da literatura como condição para melhor poder suportar a posição de psicanalistas face à psicose (ao que eu acrescentaria, às patologias do vazio, compulsões, psicossomatoses...), por outro, reconhece que enriquecemos mais a teoria psicanalítica com o que conhecemos da psicose do que enriquecemos aos psicóticos com o que aprendemos com eles sobre eles. Eu o cito: “[...] a teoria psicanalítica, como escrevi noutro momento<sup>7</sup>, enriqueceu-se mais com a exploração da psicose do que esta tirou proveito do seu método<sup>8</sup>”.

“Guarda aí para mim na sua nuvem”, assim se despede o paciente de seu analista. O pedido traz duas afirmações importantes: o analista tem uma nuvem que lhe permite experimentar dúvidas, hesitações e incertezas sem enlouquecer, e em seguida que ele seja capaz de guardar, como fiel depositário, o que não coube “em mim”.

*Nuvem remete à capacidade de armazenar os pedaços de experiências que não se revelam por inteiro e logo criar narrativas, ligá-las para não enlouquecer.*

E o que será que não coube nele, levando-o a pedir que o analista guarde em sua nuvem? Nesse ponto retomo as indagações que o analista se faz a si mesmo assim como as provocações de caráter feminino que o paciente lhe dirige que aponte no início do meu comentário. Seu investimento amoroso sobre o analista carrega dentro de si esse viés homossexual que somente através do humor encontra condições para se expressar, velando e desvelando simultaneamente sua posição feminina frente ao analista. Por essa razão sou levado



*podemos dizer que vivemos  
numa cultura da representação,  
onde é mais importante  
o que representamos  
para os outros do que  
o que realmente somos*

a concordar com as reflexões que o autor faz ao término da apresentação de seu material clínico sobre a dimensão homossexual do paciente ter sido deixada um tanto de lado.

#### LUCÍA BARBERO FUKS

Os debates clínicos propostos pela Revista *Percurso* enriquecem nossa prática, pela possibilidade de pensar as situações diversas que os pacientes trazem ao consultório, e com as quais em geral temos que nos haver em solidão. Nesta proposta de trabalho se estabelece, de certa maneira, um diálogo com alguém desconhecido, em uma tentativa conjunta de entender o que acontece através de um recorte da relação psicanalítica. Uma relação onde, inevitavelmente, está presente a transferência. Para nós, convidados ao debate, essa transferência é esquiwa. Por um lado, podemos pensar com maior isenção; por outro, temos que considerar a modalidade de trabalho de cada um, e os tempos em que o analista se sente convocado a interpretar.

Entrando já no material em questão, o trabalho se inicia em clima de desconfiança, suscitando algumas perguntas inevitáveis. É possível fazer esse tipo de registro do material que o paciente traz? E que consequências isso poderia trazer ao futuro da relação analítica? O sigilo das sessões

A dimensão homossexual desse amor pelo pai nunca foi explicitada nem por ele nem por mim, embora tenha se manifestado na transferência por meio de pequenas brincadeiras e piadas em que eu e o pai éramos comparados e colocados no lugar de quem o “sacaneava” ou era “sacaneado” por ele.

Com o desabafo de sua decepção com seu pai, “ele fudeu tudo”, essa posição feminina se revela e se intensifica e, talvez, seja a isso que o paciente se refira ao pedir para o analista guardar em sua nuvem para ele.

Quero agradecer aos editores da *Percurso* a oportunidade do diálogo e mais uma vez felicitar ao analista por seu vigoroso trabalho.

estaria mantido, ou acabaria por se turvar nesse processo?

Os ciúmes do paciente se dirigiam ao passado, como se ele quisesse se apropriar da vida toda da namorada e, simultaneamente, todos os amigos seriam competidores em potencial. Pergunto-me de partida se, quando ele “escolhe seu analista”, não teria curiosidade em relação à vida dele, para conferir com que tipo de homem iria se relacionar. O caso é que no momento inicial ele precisava desabafar e encontrar um ouvido que pudesse acolher sua insegurança. Uma insegurança que se reflete também na falta de relatos de suas próprias relações sexuais. A satisfação se produziria no encontro dos corpos? Ou na fantasia de ser o vencedor em relação aos outros competidores? Por isso, apesar da incompatibilidade entre os dois, ele “não podia aceitar a traição”, e a relação continuava.

Podemos dizer que vivemos numa cultura da representação, onde é mais importante o que representamos para os outros do que o que realmente somos. Parecer é mais importante que ser, seria isso o que habilitaria o paciente a ter um lugar na relação com o outro. Neste caso em

7 J.-C. Rolland, “Sorcellerie de l’image”, in: *Avant d’être celui qui parle*. Paris: Gallimard, 2006.

8 p. 127.

particular, compartilhar a escuta da gravação com os outros o levou a sentir-se obrigado a manter sua posição, sendo que a resolução desse conflito já não seria só dele, teria que prestar contas para os outros que também escutaram. Essa exigência passa a representar um papel de acordo com os valores dominantes da cultura à qual pertence.

Por outro lado, o paciente não exigiu do analista que escutasse a gravação. Isso me leva a pensar que, inconscientemente, ele queria ser decodificado; que, escutando mil vezes esse relato, o analista pudesse delimitar o que era que ele, paciente, realmente escutava e pensava em relação a isso. Não precisava resolver a questão rapidamente; precisava retirar a libido aos poucos dessa ferida aberta, como se faz num processo de luto, para chegar à conclusão final, de quem seria ele como homem. Minha impressão é de que o paciente tenta, pelas repetições dos relatos, se assegurar de que conta com a escuta do outro, o analista, apesar de não obter a reafirmação esperada.

Qual é a origem da teoria da infidelidade generalizada das mulheres? Na sequência do material escrito, novamente se apresenta a questão: por que é tão importante alcançar essa verdade? Outros aspectos de sua vida ficam de fora: o analista nunca vem a saber se ele se sente amado pela namorada, ou de que forma se sente amado, e como são as relações sexuais entre eles. Talvez se torne pertinente, então, a pergunta: a competição entre os homens seria, nesse cenário, um equivalente à traição entre as mulheres?

Quanto ao namoro, a noção definitiva dessa relação talvez seja o não reconhecimento do outro, porque o paciente tende a ignorar as afirmações contrárias da namorada, deixando que prevaleça sua própria hipótese. Essa incapacidade de reconhecimento da alteridade é sem dúvida um dos temas da atualidade. Rejeitar o outro implica não assumir que o outro é a base de nossas esperanças.

O outro é um gerador de Eros, permitindo uma racionalidade com paixão. A não existência do outro provoca, em contrapartida, o

*já no divã, atrevendo-se a associar  
e deixando que o tema  
dos ciúmes ocupe a totalidade  
de sua consciência e de sua atenção,  
a figura significativa que começa  
a ocupar a cena é a mãe*



desaparecimento dos próprios desejos e necessidades. Eticamente, temos que dar conta do outro, temos que reconhecê-lo. É por isso que Eros se torna condição e possibilidade de acharmos a nós mesmos.

Para a psicanálise, o amor existe lado a lado com o ódio, ambos estão juntos. Temos que recuperar a capacidade de amar justamente nesse reconhecimento do outro. Freud sustenta que “o egoísmo nos preserva de adoecer, mas finalmente é preciso amar para não adoecer e, como consequência, se adoecerá se, por uma frustração, não se pôde amar”<sup>9</sup>. A psicanálise tenta elaborar um saber sobre o amor e o desejo, já que a clínica psicanalítica se encontra em seu início com o amor de transferência.

Já no divã, atrevendo-se a associar e deixando que o tema dos ciúmes ocupe a totalidade de sua consciência e de sua atenção, a figura significativa que começa a ocupar a cena é a mãe. “A cumplicidade entre ela e a namorada dele sempre servia de introdução a uma série de comentários sobre as características da mãe, sobre o relacionamento dela com o marido, pai de meu paciente, e sobre a forma como ela se relacionava com ele, filho, desde criança”.

Em *Três ensaios sobre uma teoria sexual* (1905), Freud formula uma concepção do amor baseada no desenvolvimento psicosexual. O primeiro objeto de amor para o *infans* é a mãe. Na latência, a pulsão se divide num componente sexual que é vítima do recalque e a *ternura* que permanece consciente. Na puberdade, um novo objeto



« *lembrando que o paciente falava da própria infidelidade praticada de fato, podemos atribuir os ciúmes pela infidelidade dela a um mecanismo de defesa centrado na projeção*

substitui o antigo e as duas correntes se reunificam. Também pode se produzir uma disjunção entre paixão e desejo.

Freud diz que o encontro com o objeto é, na realidade, um reencontro. Por isso, a forma como cada sujeito recebeu afeto, o lugar que ocupa na relação mãe-pai-filho, a relação com os objetos que lhe deram satisfação na infância, todos esses aspectos são muito importantes.

A eleição dos objetos de amor está marcada pelo objeto de amor primeiro: a relação com esse primeiro outro. Cada eleição de objeto vai ser uma tentativa de recriar aquelas aspirações ou expectativas infantis inconscientes que surgiram no passado e que ficaram recalçadas pela proibição do incesto. É a partir dessa falta que o amor tende a recuperar a ilusão de uma unidade. No desejo de ser *UM*, o sujeito se ama no outro. O outro se constitui no ego ideal da onipotência narcísica infantil, como ocorre no amor-paixão. Sendo o outro perfeito não existe a possibilidade de perceber a castração. Por sua vez, na medida em que a paixão é uma gratificação narcísica, evita a própria castração.

No enamoramento, quem ama sente uma falta, mas uma falta necessária para poder amar. Essa falta não produz sofrimento, e sim exaltação. Quando amamos, o ego se empobrece em benefício do objeto, mas este processo não produz dor porque o sujeito que ama se identifica narcisicamente com o objeto e participa de seu

gozo. Por isso, a relação amorosa fracassa quando o processo cessa ou produz dor.

Mas, se o arcaico significa o encontro amoroso, a relação com o outro ressignifica essas relações e as libera da repetição. Esse seria o conflito entre repetição e criatividade enfrentado por toda relação de casal: identidade sustentada entre o ego ideal e a alteridade. É nesse ponto que aparece Eros como condição e possibilidade de nos acharmos.

Continuando com o relato clínico, vale dedicar um olhar ao “caráter obsessivo do ciúme que preponderava sobre os aspectos paranoicos”. A partir disso, podemos considerar várias possibilidades.

Nos ciúmes desse paciente se reúnem elementos do luto, a dor pelo objeto perdido e pela ferida narcísica que teria provocado essa perda. A isso se acrescenta a hostilidade em relação aos supostos rivais. Mas temos que considerar a existência de outras determinações inconscientes. Eles retomariam as primeiras experiências de afetividade infantil, e remetem ao complexo de Édipo ou ao complexo dos irmãos do primeiro período sexual. Também podem ser vivenciados bissexualmente: além da dor pela possível perda da mulher amada e do ódio dirigido aos rivais masculinos, existiria um luto pelo homem a quem se ama inconscientemente, e um ódio direcionado à mulher que aparece como rival na relação ao homem.

Por outro lado, lembrando que o paciente falava da própria infidelidade praticada de fato, podemos atribuir os ciúmes pela infidelidade dela a um mecanismo de defesa centrado na projeção. O que procuraria seria um alívio e até uma absolvição, por parte da consciência moral, projetando no outro seus próprios impulsos. Os ciúmes que têm essa origem, por projeção, podem chegar a ter um caráter quase delirante, podendo, entretanto, ser trabalhados psicanaliticamente quando se descobrem as fantasias inconscientes da própria infidelidade. Cabe se perguntar qual era a situação psíquica do paciente nesse aspecto: recalcque do sentimento de culpa? Autorização ligada à presença de uma dupla moral burguesa?

9 S. Freud (1914), “Introducción del narcisismo”, *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003, p. 80.

Contudo, o caráter insistente, reiterativo e referido a uma cena do passado com seu amigo, a da blusa aberta, e o fato de que o analista opte por postergar o início do processo analítico pleno, fazem pensar que este último queria descartar a hipótese de uma estruturação delirante que apontaria mais para a paranoia.

Quando o paciente aceita se deitar no divã, inicia-se uma nova etapa, tanto em relação a ele mesmo e sua possibilidade de se comunicar, quanto na confiança em relação à escuta do analista, que já não precisaria ser tão vigiado por ele. É nesse contexto que vai surgindo a mãe, inicialmente na “aliança entre mulheres” – e nesse quesito ele estaria em desvantagem, porque em momento algum surgiu no relato algo similar que ele pudesse sentir em relação ao pai ou a algum amigo; os que escutam a gravação são mulheres. Apesar de ele também ter uma aliança com a mãe, em sua cumplicidade para ocultar coisas do pai, sua impressão era de que “na hora H” a mãe ficava do lado das mulheres, isto é, de sua namorada.

Passamos depois a um período da análise em que a sensação de ser traído pelos pais é oscilante. Ora ele se sente usado pela mãe para ocultar suas traças, ora se sente traído pelo pai, que não o coloca no lugar de um homem com o qual se

poderia estabelecer uma aliança. Nesse sentido, é como se para os pais ele continuasse a ser o adolescente em pânico que não conseguiu aguentar o intercâmbio. Mas, nesse episódio da adolescência, somos levados a pensar no triunfo da mãe, quando o trouxe de volta reafirmando se tratar de uma síndrome neurológica, sem ter, aparentemente, tentado reanimá-lo para que recuperasse sua força e seu desejo de completar esse projeto.

Em oposição a essa viagem, se faz presente outra questão: a escassez de menções a sua vida profissional. Em que área ele se sente reafirmado em sua potência produtiva? Quem são seus colegas? Em quem ele poderia se sentir apoiado em seu crescimento, tanto na vida amorosa quanto no seu crescimento profissional?

As sequências a que vou me referindo levam a um final que traz uma repetição: sair de cena para poder terminar a relação afetiva, mas também, desta vez, se sentir apoiado pelas figuras masculinas (pai e analista) em vez de ser socorrido pelas mulheres.

Por que a memória teria que ficar com seu ex-analista? Essa pergunta é importante, porque assinala o possível início de um caminho de abertura para a compreensão de que nem sempre as verdades são absolutas, e de que ser guardião de um enigma é algo possível também para ele próprio.

# Apresentação do livro Ditadura civil-militar no Brasil – o que a psicanálise tem a dizer

Mario Pablo Fuks

Resenha de Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes; Flávio Carvalho Ferraz (orgs.), *Ditadura civil-militar no Brasil – O que a psicanálise tem a dizer*, São Paulo, Escuta/Sedes Sapientiae, 2016, 164 p.

Este livro que está sendo lançado constitui, sem a menor dúvida, uma realização muito importante, que enaltece o Departamento de Psicanálise e a instituição Sedes da qual ele faz parte. Tal como muitos livros do Departamento, é fruto de uma atividade coletiva anterior. Mas neste caso tratou-se de um evento muito especial, incomum e instigante, que se insere num momento de forte significação histórica – os 50 anos do golpe de Estado que, em 1964, deu início à ditadura civil-militar – e no qual todos fomos levados a nos

debruçar sobre um passado traumático, repensá-lo e ressignificá-lo, porque poder fazê-lo era, e continua a ser, muito importante para todos nós. Como disse Dodora no próprio título de sua abertura, há que apropriar-se do passado para poder construir o futuro (p. 13).

O evento que lhe deu origem foi elaborado com uma concepção muito acurada e criativa do que deveria ser a experiência coletiva proposta. Teve um primeiro tempo destinado a mobilizar memórias, ativar lembranças, recuperar vivências que ficaram cindidas, dar voz ao que foi silenciado, através de dispositivos montados com o auxílio de uma equipe muito qualificada de psicodramatistas<sup>1</sup>.

Kaës diz que “uma rememoração compartilhada e comunicada é necessária para o esforço requerido para a criação da história. Para que essa experiência ocorra é necessário que se estabeleça a confiança. O traumatismo sofrido nas catástrofes sociais destrói a confiança e, pior ainda, transforma suas vítimas em estrangeiras de uma história da qual não podem apropriar-se”<sup>2</sup>.

Uma historização como a que propiciou esse evento comporta também a possibilidade de uma transmissão geracional. O Departamento inclui uma faixa importante de membros que eram crianças de escola nos primeiros tempos da ditadura e de muitos membros jovens que nem a conheceram. Este tipo de trabalho vem sendo, ao mesmo tempo, um fator de resistência à opressão de novas formas de poder e de certo modo de subjetivação em que a história e a temporalidade tenderiam a desaparecer.

Quanto às mesas-redondas, psicanalistas, jornalistas, advogados, convocados com a finalidade de contribuir para a compreensão “do que ainda nos é tão contemporâneo e doloroso”<sup>3</sup>, foram escolhidos com muito critério. Basta ver o sumário do livro<sup>4</sup>. Eles desenvolveram suas intervenções seguindo vários eixos temáticos: verdade e farsa, memória e esquecimento, lei e estado de exceção, punição e impunidade.

Procurando aprofundar o diálogo entre psicanálise e política, foram exploradas as ligações possíveis entre o mito freudiano de uma

1 Ver, na Introdução, textos de Heidi Tabacof e de Camila Salles Gonçalves.

2 R. Kaës, Rupturas catastróficas y trabajo de la memoria: notas para una investigación, in: J. Puget; R. Kaës, (orgs.), *Violencia de estado y psicoanálisis*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1991, p. 162.

3 Os organizadores: Apresentação (p. 7).

4 Mesa 1 – Verdade e farsa: Alberto Dines, Maria Rita Kehl e M. Chnaiderman (debatedora); Mesa 2 – Memória e esquecimento: Maria Cristina Ocariz, Moisés Rodrigues da Silva Junior e J. Frochtengarten (debatedora); Mesa 3 – Lei e estado de exceção: Caterina Koltai, Flávio Carvalho Ferraz e Maria Aparecida Kfoury Aidar (debatedora); Mesa 4 – Punição e impunidade: Belisário dos Santos Jr., Paulo Endo e Mara Caffé (debatedora).

**Mario Pablo Fuks** é psicanalista e psiquiatra, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor do Curso de Psicanálise, coordenador do curso Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea. Coautor, com Sílvia Alonso, do livro *Histeria* (Casa do Psicólogo, 2004). Co-organizador e coautor, com M. Ramos e cols., do livro *Atendimento psicanalítico da anorexia e bulimia* (Zagodoni, 2015), e autor de diversos artigos publicados em coletâneas e revistas.

proto-história de dominação e crueldade, que se repete nos períodos de opressão, e os importantes trabalhos sobre o *Estado de exceção*, de G. Agamben, constituído em paradigma do Estado moderno.

Essas articulações permitem desvendar o *modus operandi* da opressão no caso das ditaduras latino-americanas. As graves e massivas violações dos direitos humanos configuraram uma política de Estado destinada à “domesticação da cidadania”<sup>5</sup> em toda a América Latina. Os conceitos psicanalíticos de desamparo, crueldade e onipotência despótica permitem situar a prevalência do traumático a partir da dessubjetivação produzida pelo terror de Estado, mas permitem entender também por que e de que maneira, diante da imposição do silêncio, do encobrimento, da recusa e do esquecimento, diante da claudicação do sentido induzida e perpetuada pelo poder civil-militar, torna-se possível contrapor-lhes a potência do acolhimento, da criação de espaços de fala e a existência de uma escuta sensível. Permitem ver como operam a restituição da função simbólica da palavra, o trabalho da memória e a sustentação de um desafio: dizer o indizível, testemunhar, criar narrativas possíveis para vivências impossíveis de transmitir. O que está em jogo aqui é uma posição ética, inerente à prática psicanalítica, que se faz presente nos trabalhos dos analistas nas diversas áreas em que eles intervêm. Nas Comissões da Memória e da Verdade, nas Clínicas do Testemunho, em fóruns de denúncia e debate sobre os atuais enclaves de exceção existentes na ordem jurídica como uma herança da ditadura. É o caso da Lei da Anistia, que permanece intocada desde sua sanção e que perpetua a impunidade dos algozes, dando sustento à permanência da violência de Estado. O Brasil é o único país latino-americano que não julgou e condenou os torturadores, ou seja, que não produziu nenhum ato simbólico e efetivo que pudesse barrar de vez essa prática, em que as polícias continuam militarizadas e em que são torturados hoje em dia mais pretos, mais pobres e jovens do que durante a ditadura. Os militares se negaram a reconhecer sua participação

nesses atos e contribuir para seu esclarecimento. Os corpos não foram achados.

Alberto Dines diz, em certo momento:

Não pretendo discutir a Lei da Anistia já que, aparentemente, ela veio para ficar, mas o que também deve ficar para sempre é o compromisso de buscar a verdade. Essa é uma espécie de religião sem divindades. Essa foi a religião de Espinoza, essa foi a religião de uma série de grandes benfeitores da humanidade não religiosos, ateus, descrentes, céticos ou agnósticos: buscar a verdade. E a verdade não está contida no culto estanque de datas e ritos formais de passagem; a verdade está contida num exercício intenso, penoso, paciente e desconfortável de ir em frente sem esquecer o que ficou para trás (p. 40).

Mas aproveite essa citação de Dines sobre a religião para falar-lhes de uma lembrança que me surgiu, de muitas décadas atrás, referida à Madre Cristina – quando, com um grupo de analistas argentinos, estávamos chegando ao Brasil e, pouco depois, ao Sedes. Acabávamos de conhecer a Madre e ser convidados a ficar na instituição a fim de ajudar no trabalho que se estava desenvolvendo no Sedes. Era o ano de 1977. Lembro que entrei neste auditório por um corredor central. À esquerda as janelas, maiores; o chão horizontal e, ao fundo, na parede, o crucifixo. À frente, à minha direita, de pé, Madre Cristina apontando para o crucifixo e dizendo: “Este homem era também um jovem lutador que foi torturado e morto por uma ditadura que teve, no entanto, a decência de devolver o corpo para sua mãe”.

Estivemos conversando sobre isso aqui, uma semana atrás, junto com Dodora, com a Vera Paiva – filha do deputado Rubens Paiva, desaparecido durante a ditadura militar. Ela não conhecia esse episódio e disse que essas palavras da Madre Cristina deveriam ser grafadas nas paredes do auditório. Mesmo que as palavras causassem em mim um impacto afetivo muito grande, em que o susto não estava ausente, lembro aquele momento com alegria, lembro a admiração que me causaram a coragem e a lucidez de sua fala, assim como o interesse suscitado por esse processo

de politização que se estava produzindo nessa instituição religiosa bem peculiar. Lembro, por exemplo, de ter visto no *hall* de entrada um anúncio sobre uma conferência a cargo de um padre, talvez um seminarista, sobre a prática teológica como processo de trabalho, remetendo às ideias de Louis Althusser.

Para concluir, o que a psicanálise tem a dizer neste livro sobre a ditadura nos serve não só para compreender o passado, mas também para pensar no presente e no futuro de nossa democracia, fragilizada como ela está – por uma falência da legitimidade no campo institucional; uma gestão crescentemente autoritária, repressora e policial,

dos conflitos políticos; pelo acirramento da intolerância e do preconceito alimentados desde o poder e desde as mídias e pela possibilidade, muito consistente, de uma perda, a curto prazo, de direitos sociais arduamente conquistados.

Em meio ao penoso exercício de contraponto entre farsa e verdade, em que se transformou a leitura do jornal toda manhã, pode acontecer também algo mais liberador, como a alegria sentida dias atrás ao encontrar-me com a notícia de que, na ocupação do Canecão, Chico Buarque, convocado a chutar a primeira bola do futebol democrático, decidiu cantar “Apesar de você amanhã há de ser outro dia”.

5 Expressão do jurista paraguaio Justo Prieto, retomada por Belisário dos Santos Jr. (p. 121).

# O campo da sublimação e a paisagem da psicanálise

Luiz Eduardo de Vasconcelos  
Moreira

Resenha de Ana Maria Loffredo, *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*, São Paulo, Escuta/Fapesp, 2014, 384 p.

*Nós nunca nos realizamos. Somos dois abismos – um poço fitando o céu.*  
Fernando Pessoa, *O livro do desassossego*.

A obra que ora resenhamos, *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*, é resultado direto da tese apresentada ao concurso de livre-docência prestado pela autora, Ana Maria Loffredo, no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É um livro, portanto, que está na imbricação dos territórios acadêmico e psicanalítico. Sabemos que essa relação nunca foi simples, para dizer o mínimo, mas também que abre possibilidades de ótimos resultados. O trabalho da autora deixa claro se tratar do segundo caso, aliando o melhor do rigor acadêmico com o da riqueza do *corpus* psicanalítico.

Quem quer que tenha sido aluno de Ana Loffredo em algum dos cursos – insuspeitadamente nomeados como “Metapsicologia” – ministrados pela agora professora livre-docente reconhecerá desde logo alguns elementos da obra em tela: leitura cerrada dos textos freudianos, precisão conceitual, generosidade intelectual e apreço pela construção metapsicológica. É com essas ferramentas que a autora empreende uma

corajosa viagem (em dois tempos) pelo que nomeia como “campo da sublimação”, enfrentando decididamente todos os percalços que o estudo deste conceito – sublimação – na obra de Sigmund Freud apresenta desde logo.

Não há mapa preestabelecido, pelo contrário: o convite para o passeio assume a necessidade de idas e vindas por conceitos, temas e textos, armando assim uma rede conceitual na qual cada ponto ilumina e é iluminado pelos outros. Ao mesmo tempo, esclarecem-se e problematizam-se os limites da teoria psicanalítica ao redor da sublimação, que já foi chamada de cruz da psicanálise<sup>1</sup> e de *ruse* (ardil, artimanha, estratagemas ou embuste) da civilização<sup>2</sup>, para citar apenas duas das inúmeras referências mobilizadas ao longo do livro. Trata-se, portanto, de tema espinhoso.

Lembremos que uma tese de livre-docência pode configurar-se de duas formas: a (re)apresentação de trabalhos já publicados, articulados entre si com o intuito de demonstrar a coerência teórica e temática do caminho já percorrido pelo(a) candidato(a), ou a apresentação de um trabalho original, uma nova tese a ser defendida, desta vez sem a figura de um(a) orientador(a). A autora, no trabalho defendido junto à banca examinadora do concurso, escolheu ambos. Na primeira parte, apresentou uma série de trabalhos já publicados, que delineavam o percurso de seu interesse e compuseram a primeira parte da tese. Foi deixada de lado quando da publicação do livro, dado que os trabalhos se encontram disponíveis por meio dos periódicos onde apareceram originalmente.

As outras duas partes foram ambas mantidas no livro. São como o anverso e reverso de um mesmo texto, dando forma à tese propriamente dita e conferindo-lhe unidade e, não menos importante, originalidade. Viagem em dois tempos, como dissemos acima, e não exatamente de ida e volta. Senão, vejamos.

Em um primeiro momento, a autora apresenta um longo “ensaio de investigação”, acompanhando o desenvolvimento da obra freudiana ao longo dos principais textos. É aqui que

encontramos a leitura cerrada dos textos freudianos tal como mencionamos acima, tomando como prisma a construção do edifício metapsicológico e, mais especificamente, da sublimação propriamente dita. Não se trata, aqui, de uma simples apresentação cronológica de diferentes textos, com destaque para as passagens em que se encontram a palavra “sublimação” e tomando como ponto pacífico que o sentido das ideias de Freud é cada vez mais claro quanto maior a data de publicação de determinado texto. Uma tal postura implicaria aceitar que Freud soubesse, desde a correspondência com Wilhelm Fliess, aonde chegaria.

Ao contrário, o que vemos desdobrar-se ao longo do texto é o movimento de um pensamento, para usar a expressão de outro autor citado com alguma frequência<sup>3</sup>, que tateava o território cujo sentido era atribuído pela teoria que construía naquele mesmo momento: Freud ia e vinha, propondo hipóteses e conceitos que, adiante, abandonaria ou ressignificaria.

Esse movimento é apresentado ao leitor por detalhados comentários de textos freudianos, não necessariamente em ordem cronológica, mas seguindo o que poderíamos chamar de uma ordem das razões da necessidade da sublimação como operador fundamental na economia conceitual freudiana. Se a sublimação não resolve todos os problemas que a convocaram, ela abre um novo e riquíssimo campo de investigação. É isso que Ana Loffredo nos mostra: dos “Três ensaios sobre a sexualidade infantil” a “O eu e o isso”, de “A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna” a “O mal-estar na civilização”, da “Psicologia das massas e análise do eu” a “O problema econômico

do masoquismo”, de “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci” a “O criador literário e o fantasiar”, toda a problemática pulsional vai sendo apresentada, tensionada e destrinchada sob o ângulo da sublimação.

Não se trata aqui tanto de um eixo ou fio condutor quanto de um ponto fixo para a observação privilegiada para passar em revista o processo de elaboração da metapsicologia. É sob esse prisma que os textos já mencionados e outros, como o “Projeto para uma psicologia científica”, “A interpretação das afasias”, a correspondência com Fliess e os diferentes manuscritos nela presentes, são examinados.

Anverso e reverso, dissemos das duas partes que compõem o livro que examinamos. Falta apresentar a segunda, nomeada como “As trilhas da sublimação”. Temos, aqui, um novo procedimento. A paisagem conceitual construída pela visita aos textos freudianos, cada um deles comentado em sua própria economia textual mas também articulados uns com os outros, serve agora como repertório ou ponto de partida para acompanhar o que a autora nomeou como “campo da sublimação”: “seu enredamento na gênese dos conceitos fundamentais, com destaque para seu entrecruzamento com a angústia e o recalque e os desdobramentos dessa articulação em função do segundo dualismo pulsional e da segunda tópica” (Loffredo, 2014, p. 18).

Reverso, pois: se na primeira parte os textos eram passados em revista, agora trata-se de alinhar a sublimação com diferentes conceitos. O movimento de pensamento que acompanhamos agora é o da própria autora, que vai desvelando as diferentes articulações possíveis a partir da sublimação, mas na trama conceitual apresentada anteriormente. Sexualidade, pulsão sexual ou autoconservação, pulsão de vida ou de morte, defesa, erotização, simbolização, recalque, recusa ou frustração, desvio de meta ou de objeto da pulsão, perversão, apoio, trauma, narcisismo, aparelho psíquico (na sua primeira ou segunda tópicas), idealização, identificação... A engenhosidade da autora está em mostrar como o campo

1 J. Laplanche, *Problemáticas III: a sublimação*, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 9.

2 S. Mijolla-Mellor, *La sublimation*, Paris, PUF, 2005, p. 14.

3 L. R. Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, Campinas, EDUNICAMP, 1989.

**Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira** é psicanalista, doutorando em Psicologia Clínica, mestre em Psicologia Social e psicólogo pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro do Psia – Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicanálise e do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise.

da sublimação não diz respeito apenas a diferentes conceituações, mais ou menos explícitas, do que afinal é sublimar, referidas a diferentes textos ou momentos da obra freudiana. O que está em jogo é a maneira como o edifício teórico vai sendo construído e reconstruído a uma só vez, num estado de reforma e inacabamento permanentes. É como se autora nos avisasse: para dar conta da problemática da sublimação (e, a bem da verdade, qualquer outra), rigor conceitual não deve ser confundido com rigidez teórica. Tome-mos como uma lição de método.

Este caráter de inacabamento, como apontamos, do edifício metapsicológico freudiano não serve de desculpa para que a autora aceite de forma fácil os problemas que vão ganhando forma ao longo do comentário dos textos e da exposição dos conceitos, ao modo de um *Freud dixit*. Além de expô-los e encará-los, temos também propostas teóricas importantes, resultantes dos questionamentos feitos aos textos e – por que não? – ao próprio leitor.

Temos, por exemplo, a proposta de que existem três teorias freudianas sobre a angústia que podem ser compreendidas num todo coerente e não necessariamente como concorrentes entre si. Ou, quiçá ainda mais instigante, a ideia de que a sublimação opera distintos planos, com movimentos e estratégias sublimatórias em graus distintos de dessexualização e, não menos importante, de ressexualização.

Assim como falamos de recalque primário, haveria uma sublimação primária e sublimações secundárias. Resta pensar as consequências

e reverberações no edifício metapsicológico de uma tal proposta e, não menos importante, pô-la à prova da clínica. Não seria excessivo, aliás, pensar nas implicações para os modelos psicopatológicos e as diferentes técnicas que eles demandam do analista.

Uma viagem em dois tempos, dissemos, mas não exatamente de ida e de volta: não se trata de, a partir do que se constata ao fim da primeira parte, voltar ao começo; nem tampouco de dois tempos distintos de um mesmo trabalho. Se é verdade que a organização do texto permite a leitura de apenas uma ou outra parte, parece-nos que o leitor ganha muito em compreensão do tema se considerar que temos aqui um mesmo tempo para dois trabalhos concomitantes e imbricados: um só é possível e ganha sentido com o outro e vice-versa.

Em suma, é um prazer ter em mãos uma obra de psicanálise que consegue ao mesmo tempo referir-se à tradição, por meio do trabalho minucioso com textos, e dela extrair uma série de questionamentos que revigoram o campo teórico de pesquisa em psicanálise. Não nos consta obra tão detalhada e rigorosa, sem ser engessada ou uma mera repetição de ideias já apresentadas sobre o tema, na literatura especializada, nacional ou estrangeira. É certo que pela problemática abordada, pelos recursos arregimentados pela autora para dar conta de sua proposta e pelo modo como a autora escolheu examiná-la trata-se de trabalho de fôlego, cuja exigência para com o leitor só é equivalente ao que ele, o leitor, terá ganho ao fim dessa trilha. Se houver disposição, indicações não faltam para a próxima viagem.



# Repetição, entre retorno e acontecimento

Paulo Antonio de Campos Beer

Resenha de Dominique Fingerman (org.),  
*Os paradoxos da repetição*, São Paulo,  
Annablume, 2014, 274 p.

Se a repetição pode ser considerada um conceito central para diversos campos e práticas, isso não significa, entretanto, que estabelecer articulações produtivas a partir dos diferentes modos como esse conceito pode ser encontrado seja uma tarefa simples. Muito pelo contrário, pode-se facilmente cair tanto numa pura mesmice, produzida por uma proximidade entre os modos de tratamento do conceito, quanto no seu oposto, pois é possível perder-se na amplitude do tema apresentado. É esse o risco que o projeto organizado por Dominique Fingermann enfrenta com coragem, ao reunir autores de diferentes áreas a partir de um potente articulador para reflexão da temática: o paradoxo presente na repetição.

Embora não se trate de uma obra composta exclusivamente por psicanalistas, é possível reconhecer que mesmo nas mais diferentes apresentações a clínica está presente, ainda que indiretamente. Isso se mostra logo no primeiro texto, com Oswaldo Giacoia Junior, cuja articulação entre Nietzsche e Kierkegaard aponta

o caráter paradoxal da repetição: o repetido só pode ser percebido enquanto tal uma vez que traz semelhanças com algo já vivido, ao mesmo tempo que apresenta diferenças suficientes para que possa ser reconhecido enquanto algo outro. Se fosse exatamente igual, não poderia ser entendido como outra experiência, entretanto carrega consigo traços incontornáveis de algo que já foi. Nesse sentido, a repetição mostra, já de saída, uma tensão interna, que condensa em si um movimento de retorno ao mesmo tempo que um ponto de desidentificação àquilo que se repete.

Desse modo, pode-se pensar, com Nietzsche, a repetição como um modo de subjetivação, de apropriação pelo sujeito daquilo que aparece novamente. Mais que isso, reconhece-se também uma dimensão de escolha, presente na consideração limite de que a vida deveria ser vivida como se cada momento fosse se repetir eternamente, de modo que a repetição seria uma afirmação de algo do mais singular do sujeito: “trata-se de dar à própria vida a forma de uma obra de arte, de tal maneira que se possa viver sem se arrepender de nenhum instante” (p. 23). Nesse ponto Giacoia toma como interlocutor Kierkegaard, a partir do modo como a questão da repetição condensa em si o instante e a eternidade, e se apresenta não somente como eterno retorno, mas também como retomada, reapropriação de si.

Uma reflexão bastante próxima, embora com acento absolutamente clínico, pode ser encontrada no texto de Maria Rita Kehl, que localiza com precisão o duplo caráter da repetição na clínica psicanalítica: se ela aparece enquanto compulsão, como repetição patológica de experiências não elaboradas, também se faz presente enquanto direção de tratamento, uma vez que a apropriação pelo sujeito de sua própria história torna possível um outro modo de viver. Nesse sentido, a clínica não se limita ao sofrimento individual a ser tratado no setting tradicional, mas deve ser pensado também na cultura, como relatado pela autora a partir de sua participação na Comissão da Verdade.

O modo como se lida com determinado momento traumático de uma cultura, marcado pela

**Paulo Antonio de Campos Beer** é psicanalista, mestre e doutorando no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Membro do Laboratório de Teoria Social (LATESFIP – USP), Filosofia e Psicanálise, e da Sociedade Internacional de Psicanálise e Filosofia (SIPP-ISPP). Editor de *Lacuna: uma revista de psicanálise*.

violência e pelo apagamento da alteridade, pode tanto ter como efeito a compulsão sintomática, causada pela negação do vivido e pela repetição de violações que não são assumidas enquanto tais (como vemos na violência policial, apontada pela autora em continuidade com a violência de estado da ditadura), como pode produzir algo novo, processo que passa pela nomeação e pela narrativa do ocorrido. Essa dimensão é trabalhada a partir de uma articulação entre o pensamento freudiano e a obra de Walter Benjamin. A noção benjaminiana de redenção figura uma interessante possibilidade de encaminhamento, que permite explorar uma dimensão incontornável em que repetição e memória se cruzam: “[...] é necessário se recuperar esse passado, com suas lutas e derrotas, a fim de fazer uma aliança simbólica com os antepassados e retomar tais lutas, num outro plano, num outro nível, numa outra ordem, de modo a, enfim, superar a possibilidade de uma infinita repetição de barbáries.” (p. 125).

Freud é retomado em diversos textos, e por meios absolutamente distintos. Se Kehl apresenta a articulação com o pensamento de Benjamin, Christian Dunker opera o conceito de repetição a partir de um embate com Darwin, o qual revela uma grande proximidade entre os autores. As diferentes maneiras como Freud desenvolve a questão da repetição mostram-se não somente compatíveis com o trabalho de Darwin, mas também se pode pensar uma influência mais profunda do que uma leitura desavisada consegue perceber, como, por exemplo, sobre a questão do afeto: “Vemos assim o subsídio darwiniano da teoria freudiana dos afetos. Ao realizar tal duplicação, a repetição abre-se para a emergência de uma posição terceira, que distingue o chiste do cômico” (p. 146). Nesses momentos, uma discussão aparentemente teórica revela-se extremamente clínica.

Freud não é o único autor cuja presença no livro é recorrente. O mesmo pode se dizer de Nietzsche, Kierkegaard, e, especialmente, Lacan, autor referido em diversos momentos por sua abordagem do tema. Vladimir Safatle aponta

que a repetição é desenvolvida pelo psicanalista francês num primeiro momento enquanto obstáculo, e num segundo enquanto acontecimento.

[...] Dessa forma, compreender a construção do conceito passa, principalmente, por reconstruir o sentido dos debates filosóficos nos quais Lacan se introduz por meio de suas apropriações de Aristóteles e Kierkegaard. Tais debates filosóficos, como gostaria de mostrar, adiantavam aquilo que a filosofia francesa contemporânea tentará tematizar anos mais tarde por meio do conceito de “acontecimento”. Neste sentido, o conceito de repetição é o que permitirá a Lacan definir o lugar da noção de “acontecimento” no interior das estratégias clínicas da psicanálise (p. 59).

É nesse sentido que apresenta a divisão entre a repetição imaginária (ligada à fantasia), simbólica (automatismo da cadeia significante) e Real. Se as duas primeiras podem ser entendidas como retorno, a última ganhará um estatuto diverso, ao ser associada a lacunas que estariam presentes na significação, pontos irreduzíveis de resistência à simbolização.

Nesse sentido, a repetição real, para além da reaparição de conteúdos recalçados ou de efeitos da cadeia significante, traz à tona a insistência daquilo que não pode ser absorvido enquanto sentido. Uma situação paradoxal, na qual por um lado se tem a impressão de que poderia haver certa racionalidade naquilo que acontece, por outro tem-se a certeza do acaso, ou, mais especificamente, da fortuna. Aqui o autor traz uma bela imagem, a do desencontro dos amantes: ao reconhecer a porção de desencontro sempre presente nos encontros reais, demonstra-se a incompletude das intencionalidades frente a isso que inevitavelmente se mostra algo a mais. É nesse encontro com o desencontro incontornável, na insistência da impossibilidade da racionalidade, nessa repetição da incompletude que o sujeito pode justamente experienciar aquilo que talvez seja sua faceta mais singular.

De modo ainda mais amplo, a centralidade da questão da repetição na obra de Lacan é

profundamente explorada nos textos de Dominique Fingermann, ao estabelecer uma cartografia dos modos como essa noção é paradoxalmente desenvolvida no ensino do psicanalista francês. Tal esforço, de tamanha verticalidade, poderia causar certa vertigem ao leitor, não fosse a costura entre clínica e teoria que oferece certos pontos de apoio em caminhos sinuosos:

Contudo, se a filosofia extrai dessa temporalidade paradoxal algo que volta, sempre atual e único, nunca passado, se a arte e a música usam seus recursos para produzir o mais novo e surpreendente, se a poesia joga com o seu ritmo para lançar mão de sua rima e da sua pulsação própria, na psicanálise o fenômeno se apresenta quase sempre como um estraga prazer! Uma análise pode chegar até esse ponto de passe, e de extração de seu alcance ético, mais além que sua redundância patética (p. 207).

Seus textos se articulam de modo interessante com a organização do livro, pois desbravam a potência do tema, seja no ensino de Lacan, seja na clínica psicanalítica, e mostram ainda uma abertura para outros encaminhamentos.

E é justamente na pluralidade que o livro ganha um colorido interessante: tanto nas considerações de Luiz Orlandi acerca do modo como repetição e diferença se conjugam no pensamento de Deleuze, como na apresentação de Manuel da Costa Pinto sobre as nuances da repetição na vida e obra do escritor Albert Camus, o caminho que se constrói mostra como o mesmo conceito pode ser retomado de modo inventivo, mas sem causar grandes rupturas. Juliano Pessanha, ao tomar para si a voz de Nietzsche, coloca na forma aquilo que excede os conteúdos, reafirmando a repetição no gesto. Nessa direção, a participação

de José Miguel Wisnik é notória ao apresentar a questão da repetição na poesia e na música, sob a forma de áudio, por meio de um cd que acompanha o livro.

Alguns textos não fizeram parte do ciclo de palestras, mas justificam claramente sua presença no livro. O de Vinícius Castro Soares, em que há um aprofundamento da repetição em Kierkegaard, e o de Michel Bousseyroux, que discute a repetição a partir de uma posição marcadamente psicanalítica, trazem grande contribuição aos que os antecedem. Sergio Fingermann, por sua vez, termina o livro falando da repetição na pintura, de maneira delicada e sensível.

Em linhas gerais, a repetição é colocada no livro como uma questão que vai para além de seu conteúdo racional. Algo que se assemelha, em diversos momentos, à obra de Walter Hugo Mãe, escritor que mostra como se pode, ao mesmo tempo, falar sobre algo e fazer esse algo falar. Trata-se, portanto, de uma excelente curadoria de Dominique Fingermann, uma vez que o livro é capaz de conjugar teoria, clínica e arte, bem como mostra que o caráter paradoxal da repetição pode ser colocado em ato, desvelando seu caráter disruptivo. Se, por um lado, podemos ler este livro apenas como um conjunto de argumentações teóricas, por outro podemos encontrar nele uma possibilidade de leitura (e escuta) implicada que nos convida a experienciar a obra, o que pode vir a causar efeitos inesperados. O paradoxo da repetição coloca-se assim de modo potente, não somente enquanto explicação racional, mas como possibilidade de experiência da obra. Possibilidade que entretanto só existe, acompanhando Juliano Pessanha, quando se está disposto a deixar-se tocar por aquilo que se encontra.

# Pilares do ofício

Camila Salles Gonçalves

Resenha de Marion Minerbo, *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*, São Paulo, Blucher, 2016, 213 p.

Prossigamos, em *flash back*

O livro de Marion Minerbo, *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*, oferece-nos condições para aprendermos e dialogarmos de modo estimulante e à vontade. O fragmento citado situa-se no segundo capítulo, de seis, cujos títulos nomeiam temas interligados pelo percurso associativo das conversas. Este interroga e define conceitos psicanalíticos por meio de exemplos, que vão desdobrando sua complexidade. São eles: 1. Transferência; 2. Escuta analítica; 3. Trauma e simbolização; 4. Pensamento clínico; 5. Sofrimento neurótico; 6. Sofrimento narcísico.

O objetivo da autora é conversar com o outro, *colocando-se em sua pele*. Resulta da história de sua própria formação, integrada pela formação de outros, da qual participa, ensinando e reconhecendo a si mesma e a outrem como praticantes de um ofício *impossível*, o de psicanalista. Parte da empatia “com as angústias de quem se dispõe a ser (eterno) aprendiz de feiticeiro” (p. 9). Tal disposição já conta mais de dez anos, no exercício de transmissão da psicanálise, na convivência com analistas em formação, não só dentro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, mas também em grupos de estudos independentes.

Nas primeiras páginas da obra, encontramos o temário geral, introduzido por meio da explicitação da demanda do jovem analista, protagonista dos *Diálogos*, que faz par com a autora: “Você me disse que gostaria de conversar sobre temas ligados à formação clínica de um psicanalista, e que preferia que os temas surgissem ao vivo, das próprias conversas, sem agenda prévia. Acho ótima a sua proposta. Com que tema gostaria de começar?” (p. 10). Ele responde: “Gostaria de começar com a transferência” (p. 10).

Um eixo que percorre as conversas é a noção de *criança-no-adulto*, valiosa para a exploração de situações clínicas. Consiste em um artifício metodológico que duplica a *pessoa* do analisando, para que sua fala não seja reduzida a expressões racionais conscientes, as únicas captadas por um analista despreparado. Marion Minerbo informa:

## Abertura

Outro dia, recebi uma mulher para uma primeira entrevista. Ela disse, entre outras coisas, que tingia o cabelo de castanho. Não consegui entender o que ela tentava transmitir com essa informação aparentemente fora de lugar (p. 69).

A colocação é feita por um psicanalista em supervisão e, à primeira vista, pode chocar pela banalidade. Que relevância a escuta psicanalítica encontraria em frases como esta? Talvez nos passe pela cabeça que é melhor aguardar, para tomar em consideração, palavras mais inusuais, que ensejem alguma pontuação ou pergunta. Contudo, a aparente falta de importância do dito serve para ressaltar, primeiro, a liberdade com que o supervisionando expressa sua questão; segundo, a disposição da supervisora para receber quaisquer questões e pensar junto. Ela comenta:

Talvez estivesse dizendo que havia aprendido a disfarçar seu sofrimento ou suas dificuldades (os cabelos brancos) por trás de uma aparência de que está “tudo bem” [...] Era um pedido para você escutar a criança-nela e não a adulta que todos veem (p. 69).

ao longo de todo o livro uso a expressão criança-no-adulto para me referir ao inconsciente, cuja manifestação concreta é a transferência (p. 10).

Vejamos como funciona: um dos exemplos refere-se a uma analisanda cuja mãe estava com Alzheimer há quinze anos. Ela tomava providências em relação a suas necessidades e ia à sua casa nos fins de semana, mas não entrava no quarto. Na sessão de análise, disse que não suportava “ver a mãe ‘fora do ar’, desconectada da realidade, incapaz de reconhecê-la” (p. 58).

No diálogo com o analista aprendiz de feiticeiro, a autora comenta que a paciente não aguentava estar com a mãe, incapaz de enxergar a filha enquanto tal e desligada da realidade:

Podemos escutar o adulto, isto é, uma mulher tentando se proteger de uma experiência dolorosa [...] Mas podemos escutar a criança-nela nos contando a história da relação traumática com um objeto primário ausente, desconectado, incapaz de reconhecer e de responder às necessidades do eu (p. 58).

A relação com o objeto primário, nessa etapa do diálogo, já foi abordada, em “Transferência” (p. 15). Retomada por Marion Minerbo, a noção, que dá nome ao primeiro capítulo, em um dos passos sobre seu significado, permite-nos repensar as experiências traumáticas precoces que se dão em uma época em que a criança não tem ainda a “capacidade de interpretação ou de metabolização” (p. 18) suficiente para processar o que ocorre. Entrevemos cenas de um cotidiano em que essa criança, sem recursos para lidar com o ambiente, deixa de se desenvolver psiquicamente. Permanece como uma parte encruada ou enquistada no adulto. Às vezes, toma conta da situação e age. Tudo se passa como se a criança *assombrasse*

o adulto. Trata-se, é claro, do inconsciente, da *criança-no-adulto*.

Quando age a partir do inconsciente, o analisando não sabe por que se comporta desta ou daquela maneira e, às vezes, em alguns casos, pede socorro para o analista. Este, por sua vez, escuta, aquilo que sua formação e sua contratransferência permitem. A propósito, Marion Minerbo lembra ao jovem psicanalista, e a nós, leitores, que a transferência não se dá com a pessoa do analista. Seu interlocutor mostra-se preparado para avançar um pouco mais, ao formular:

É interessante pensar que, para o psicanalista, o paciente não é bem uma pessoa, mas “um precipitado de identificações”. (Risos) (p. 41).

É preciso observar que, a esta altura, os temas dos *traumas* e das *identificações* também foram trabalhados. Apenas faço com que constem aqui, para ressaltar a compreensão progressiva que ocorre no curso dos *Diálogos*, mesmo na impossibilidade de serem agora citados todos os conceitos e teorias percorridos.

O jovem analista prossegue:

E que a contratransferência é a disponibilidade para se identificar com um aspecto da criança ou do adulto que compõem a cena traumática que se repete na transferência (p. 41).

Quanto ao *agir* (*Agieren*), agir a partir do inconsciente, conceito trabalhado de modo aprofundado em livro anterior da autora<sup>1</sup>, ele reaparece sempre em exemplos descritos em estilo claro e vívido, que, como os demais, se impõem à memória de quem descobre a teoria na clínica, ou se sente convidado a repensá-la.

### Breve observação sobre questões de método

O leitor já deve ter se dado conta de que a leitura que estou lhe apresentando não é linear.

<sup>1</sup> *Transferência e contratransferência*, São Paulo, Pearson, 2012.

**Camila Salles Gonçalves** é professora de filosofia, doutora pela USP, psicóloga pela PUC, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, membro do CETEC, Centro de estudos de Teoria dos Campos, autora de vários artigos publicados sobre psicanálise e filosofia e psicanálise e literatura.

Converso, também eu, a partir do que fui levada a destacar, visando compartilhar a experiência de aprendizado, esclarecimento e reflexão crescentes. Creio que um resumo em linha reta tiraria o prazer e o encanto que o texto proporciona. Porém, a apresentação feita pela autora, em “Para começo de conversa” (p. 9), primeira parte do livro (espécie de nota preliminar), “inteiramente escrito em forma de diálogo” (p. 9), não deixa de oferecer um fio condutor.

O tema do primeiro capítulo é *transferência*; o do seguinte decorre de uma questão formulada pelo jovem:

Sei que a clínica depende inteiramente de um tipo de escuta que é diferente da escuta do senso comum, e que a formação psicanalítica é essencialmente a formação dessa escuta. Para falar francamente, acho que é a parte mais difícil da formação (p. 11).

Levada a considerar, no decorrer de suas respostas, que a “escuta contemporânea é uma escuta polifônica” (p. 11) e que precisa “acessar as diferentes formas de expressão do inconsciente” (p. 11), Marion Minerbo assinala que

uma análise serve, essencialmente, para criar a retomada do trabalho de simbolização bloqueado (p. 106).

Ela expõe várias abordagens de *trauma e simbolização* no terceiro capítulo. Os interlocutores percorrem contribuições de autores como Bollas, Roussillon, Ferenczi, Dispaux (ver Bibliografia). O aprendiz mostra-se ainda mais interessado, a partir do que lhe é ensinado a respeito do pensamento dos autores, no que lhe é dado a conhecer sobre “a simbolização primária do retorno do alucinatório traumático” (p. 106) e sobre o “retorno agido do traumático” (p. 106). A dupla está envolvida com o *pensamento clínico* discutido e este constitui o tema do quinto capítulo, em que a autora se dispõe a “resgatar a importância da psicopatologia psicanalítica falando sobre o sofrimento neurótico (diálogo cinco) e o sofrimento narcísico (diálogo seis)” (p. 12).

## Situações clínicas

Ao seguir os diálogos, vamos nos dando conta de como cada capítulo se articula, por assim dizer, *de dentro*, com o seguinte e com os anteriores. Assim, as mesmas noções reaparecem, sob formas que exigem a explicitação de uma complexidade teórica, cuja exposição avança à medida que acompanha as vinhetas clínicas. Um exemplo do uso de exemplos: a revelação da paciente a respeito de tingir o cabelo, que citei nas linhas iniciais, é retomada em “Pensamento clínico” (p. 107), e vemos de que modo serve à assimilação daquilo que é reapresentado dentro de um campo teórico expandido e aprofundado.

Na primeira entrevista, além de trazer a condição *do cabelo*, a paciente dissera “que seu sonho era viajar sozinha para outro país, coisa que nunca havia ousado fazer” (p. 122). Das descrições de sua situação existencial, recorto que ela não tinha a menor voz ativa no casamento. Levava uma vida de *socialite*, mas não possuía talão de cheque exclusivo ou com seu nome em primeiro lugar. Lia vorazmente quando estava só e declarava que marido e filhos achavam que ela era burra. A paciente também dissera que precisava *virar gente*.

A autora, dentre outros comentários, interpreta: “Defendida atrás de uma elegância adequada, leve e alegre (o cabelo tingido), a boa menina, que nunca deu trabalho, havia perdido de vista o que era autêntico e próprio” (p. 122).

Ao longo de sessões, a analisanda, em sua fala, realizava verdadeiras crônicas do cotidiano, seu e do entorno, que tinham *forma estética agradável*. Surgem daí, então, questões de grande relevância: “Seria uma forma de sedução?” (p. 123) (pergunta o jovem analista).

A autora responde acrescentando questões:

Mesmo que fosse algum tipo de sedução, não basta para construir um pensamento clínico. Que função tinham aqueles relatos? O que tentava me comunicar? Eu poderia pensar neles como defensivos da sua depressão, e eram mesmo. Mas o que eu ganharia em denunciar a defesa? (p. 123).

Este exemplo também nos faz enxergar melhor a interligação entre os temas, em um momento em que tipos de *escuta analítica* já foram situados no contexto de várias teorias. Uma análise esclarecedora desses tipos é feita com base na revisão das estratégias de escuta do inconsciente, na história da psicanálise, realizada por Figueiredo (2014). Haveria cinco momentos: o primeiro, da escuta flutuante, proposta por Freud, o seguinte, ainda com Freud e outros, dentre eles Klein, que leva a escutar, além do recalcado, a resistência, os aspectos ligados *ao eu, ao isso e ao supereu*. Aí teria surgido o que o autor citado nomeia “*escuta gestáltica dos sistemas resistenciais do paciente*” (p. 70). O quarto seria o momento bioniano, que, para além da contratransferência “*envolve a revêrie do analista*” (p. 75-76). O quinto, que deveríamos a Kohut e a Winnicott, o da *escuta empática*, na qual o analista estaria com condições de “*escutar o sofrimento emudecido da criança no adulto*” (p. 76).

Encontramos também referência da autora a dois tipos de escuta psicanalítica, o que privilegia o *intersubjetivo*, “*deixando em segundo plano o trabalho psíquico exigido pela pulsão*” (p. 134) e o que o faz em relação ao *intrapsíquico*, que deixa mais na penumbra o trabalho imposto pelo objeto. Vamos constatando que suas várias leituras e investigações permitem-lhe não excluir tipo de escuta algum, dos que são mencionados, e que se mantenha, na escuta polifônica, a escuta psicanalítica contemporânea.

Um dos autores cujas ideias são expostas por Marion Minerbo é Roussillon e, no exemplo retomado, encontramos boa oportunidade também para conhecermos, ou reconhecermos, no contexto, suas contribuições. O autor evocado deu estatuto metapsicológico à empatia, e cunhou o conceito de *identificação narcísica de base*. Grosso modo, pontua a referência à relação da mãe com o bebê e à capacidade que ela pode ter de se comunicar com ele, sentir com ele, reconhecer em si mesma algo que é análogo aos estados emocionais da criança. O analista poderia descrever algo que não é mostrado, não é falado. “*A identificação narcísica de base torna o analista sensível*

e empático ao sofrimento mudo da criança-no-paciente” (p. 77).

A autora diz a seu interlocutor:

O pensamento clínico começa quando o analista se pergunta por qual razão esse paciente não consegue pensar, integrar, sentir raiva, depender e tolerar frustrações. O que, na história de sua relação com o objeto primário, teria impedido tudo isso? (p. 123).

Notemos de que modo ela se abre tanto para a escuta *intra* quanto para a *interpsíquica*, ao apontar tanto a *criança-nela*, da paciente, traumatizada pela relação com o objeto primário, quanto a atitude desta no campo transferencial. Se há tentativa de sedução, a analista não pretende que seja *denunciada*, pois, com isso, nada de favorável adviria ao processo:

ela estava tentando, inconscientemente, “*me contar*”, ou melhor, “*me mostrar*” do jeito possível, a história de sua depressão (p. 123).

Talvez um dos mais árduos caminhos que se abrem para o método psicanalítico seja o de não impedir que surjam sentidos a partir do fenômeno da alucinação. Este é enfrentado pelos dois analistas, sem recuo ou sobressalto, apenas como um momento específico de sua caminhada. O fenômeno é relacionado com formas de “*sofrimento não simbolizado*” (p. 62). Uma mulher que relata suas brigas com o marido, ao ser escutada enquanto *criança-nela*, possibilita que se entreveja o traumático que permanece, inconsciente e insistente, em seus efeitos repetitivos. A paciente relata o que houve, na sequência de uma discussão desencadeada por um atraso do marido:

Quando vi que ele estava pondo a culpa em mim, fiquei com tanto ódio que quebrei tudo o que tinha na sala (p. 65).

Esta é a cena de um sonho, de um pesadelo:

Nessa hora eu acordei assustada (p. 65).

O dia a dia dessa analisanda tem forma de pesadelo. Corresponde ao infantil sofrido e aterrorizado que irrompe, pois nela algo permanece, que não pôde ser simbolizado. Tudo se passa como se a criança-nela de repente visse no marido o gigante que ameaça a criança desamparada, como se emergisse a relação infeliz com o objeto primário. Presenciamos o efeito de sua percepção transtornada que vê “o adulto gigantesco e poderoso avançar com ódio para cima dela” (p. 66). O que foi vivido e não simbolizado retorna.

Mais adiante, encontramos esta perspectiva a partir da qual a psicanalista nos mostra a relação entre *trauma* e *simbolização*:

Se eu tivesse que resumir em uma frase o objetivo do trabalho analítico, seria oferecer condições para que o paciente possa realizar seu trabalho de simbolização do traumático (p. 84).

Neste livro, retomamos a questão da compulsão à repetição, desde a formulação freudiana, até uma competente explanação de contribuições do pensamento psicanalítico contemporâneo. Ao longo das jornadas de que participamos, podemos sentir e compreender os efeitos da noção de *compulsão à simbolização*, no pensamento rente à clínica que nos é revelado. O que não pode ser simbolizado volta, e o método psicanalítico constitui uma oportunidade para que a simbolização ocorra.

Podemos conceber a articulação entre o exemplo da mulher que ataca o marido com casos, até mais graves, de alucinação, seguindo o pensamento clínico que nos é ofertado nesta leitura. O traumático produz uma clivagem tal que a relação com o objeto primário não é superada e reaparece, retorna, nos sonhos, nos pesadelos, no cotidiano, na relação transferencial.

Destaco, ainda, mais esta síntese do texto de Marion Minerbo, a respeito de angustiantes experiências emocionais que ameaçam a sobrevivência do eu:

Mais tarde, situações cotidianas da vida do adulto podem ativar os traços mnésicos de experiências que produziram angústias impensáveis, o que se manifesta clinicamente como fenômenos alucinatórios. É o retorno do clivado. Essa confusão sujeito-objeto caracteriza o funcionamento psicótico (p. 143-144).

É claro que os diálogos não terminam aqui, nem no que está escrito, nem no pensamento do leitor. Esta apresentação é apenas um dos eixos que a leitura estimula a construir, diante da clareza e da engenhosidade dessas reflexões clínico-teóricas. É também um pilar, algo simples e sem ornamentos, que serve de suporte a uma edificação.

O diálogo efetivo é a melhor ou uma das melhores formas de ensino e a mais generosa, quando não precisa exhibir saber.



# O lapso de tempo nas “Notas bibliográficas”

Marilucia Melo Meireles

Resenha de Cristiane Curi Abud,  
*A Subjetividade nos Grupos e Instituições: Constituição, mediação e mudança*,  
São Paulo, Chiado Editora, 2015, 431p.

Selando vínculos entre temas de extremo fôlego – Grupos e Instituições – e sustentado por ampla experiência clínica e teórica de seus articulistas, este livro, organizado por Cristiane Curi Abud, nos apresenta prefácio de Eva Wongtschowski e Vera Zaher, introdução da organizadora e 15 artigos debatidos por autores e participantes em dois encontros realizados em 2012 no Departamento de Psicanálise do Sedes, a saber: II Colóquio sobre Grupos: *o Dispositivo Grupal na Clínica Psicanalítica Expandida, e Encontro Psicanálise e Instituição*.

Resultado de um fértil pensar coletivo sobre temas relativos ao trabalho em Grupos nas ou das Instituições, os autores resumem suas ideias e nos convocam para percorrer diversos campos de aplicação das teorizações grupais, marcadas por suas distinções, pelas particularidades encontradas no exercício da prática clínica e pelos esforços inventivos, criativos e adaptativos.

Logo no prefácio, as autoras reintroduzem, dentre outras ideias, a antiga discussão quanto ao emprego do método psicanalítico nas instituições e sua utilização nos dispositivos grupais,

enaltecendo a oportunidade que esta publicação alcança: “para profissionais que diariamente se veem à frente de situações clínicas difíceis e desafiantes” (p. 14).

Cristiane Abud, na introdução, ressalta o valor da retomada desses temas, enfatizando que “além de constitutivo e mediador, o grupo pode oferecer-se como lugar de mudança intra e intersíquica” (p. 20), afirmação inequívoca e encorajadora para levarmos adiante o trabalho de superação das resistências e dos conturbados processos próprios do campo.

Fernando Silveira coloca o dedo na ferida quando percorre, historicamente, as vicissitudes do movimento psicanalítico grupal, denunciando os prejuízos que recaíram sobre o trabalho clínico com grupos, no Brasil e no mundo. Foi relegado à condição desprestigiada comparada ao nobre e amplamente praticado dispositivo individual – o ouro puro de Freud. Lamentou o que adveio dessa conduta que gerou ausência de trocas e de mútuo enriquecimento conceitual entre essas duas modalidades clínicas. O resultado foi a sustentação do equivocado fosso entre o singular e o coletivo, que perdura até os dias de hoje. Aponta o paradoxo existente, de um lado, entre o incremento de teorizações sobre técnicas grupais, nascidas da práxis dos atendimentos coletivos frente às demandas cada vez mais crescentes e, de outro, os obstáculos institucionais, impedidores de progressos teóricos decorrentes dessas experiências clínicas.

O levantamento histórico empreendido por Silveira explicita o conflito de poder que se estabeleceu no interior das Sociedades Psicanalíticas tradicionais, entre alguns de seus membros e as recém-nascidas Sociedades Psicanalíticas de Grupo. Não por acaso, os psicanalistas destas últimas, além do trabalho precípua que exerciam, nelas encontravam, entre seus pares mais progressistas, espaços de troca para o debate aberto de questões interdidas em suas respectivas Sociedades Psicanalíticas de origem. Assim, foi possível aceitar, acolher e responder ao imperativo clamor social da época, construir as necessárias sistematizações

dos funcionamentos dos atendimentos grupais, enfrentar os conflitos de poder com suas dinâmicas institucionais incluindo, aí, seus embates políticos e a constatação da presença de interdições ideológicas e de práticas de reserva de mercado que resultaram em silenciamentos, mutismos, pautas ocultas e alienação coletiva que grassaram nas instituições ditas oficiais. No entanto, hoje, passados os anos, sabemos que essa independência era relativa, pois esses analistas, que se equilibraram em vínculos duplos pela inserção atravessada em instituições *individuais e coletivas*, permaneceram *vigiados* pela ortodoxia de seus pares, gerando, em muitos casos, acareações, expulsões ou isolamento de seus membros. Apesar de tudo, no entanto, foram tempos necessários<sup>1</sup>.

Mario Fuks nos apresenta relato do convênio estabelecido, em 1984, entre o coletivo de psicanalistas do Sedes e a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Além da oportunidade de lembrarmos – os que naquela época compartilhavam ou acompanhavam os trabalhos desses colegas – os destinos deste projeto, permite aos jovens leitores interessados retomar a histórica coragem, as agruras, o desânimo e algumas alegrias que marcaram o vínculo entre essas duas instituições. Seu relato restitui-nos a memória dos acontecimentos e lutas travadas pelos trabalhadores de Saúde Mental na rede pública durante um período em que ditaduras político-militares no Cone Sul ditavam o cerceamento das liberdades democráticas. As mudanças e reformas dos modelos de tratamentos ultrapassados e desumanos praticados em hospitais psiquiátricos eram cada vez mais urgentes e ganhavam, a cada dia, mais importância, exigindo e pressionando as instituições pelas imediatas transformações. Esse *acontecimento inaugural*, assim denominado por Fuks, permitiu que o convênio operasse um marco, um divisor de águas, quando um grupo de psicanalistas questionou e propôs mudanças radicais nas relações de poder dentro da ordem psiquiátrica, escapando da tão nefasta neutralidade em que, tanto as instituições psicanalíticas quanto as de saúde mental, se mantiveram por décadas.

No âmbito propriamente dito das teorias, encontramos três artigos que articulam conceituações complexas e necessárias: objeto mediador e pensamento metafórico, de autoria de Claudine Vacheret; transferência e contratransferência nos Grupos, escrito por Pablo Castanho, e acoplamento de settings, de Paulo Jeronimo de Carvalho.

A convidada Claudine Vacheret oferece sua contribuição relativa ao campo da mediação, trazendo-nos suas opiniões sobre o pensamento metafórico, enaltecendo, dentre outros ganhos, o favorecimento do acesso aos processos de simbolização. Enfatiza o caráter preventivo que tal trabalho alcança em vários âmbitos, inclusive o desafio que propõe aos profissionais que se valem dessa técnica mediadora.

Castanho parte das distintas conceituações de transferência e contratransferência presentes na literatura psicanalítica para introduzir, passo a passo, essas mesmas categorias no interior dos grupos, tratando, agora, de pensar suas relações de semelhanças e diferenças no interior das duas doutrinas. Destaco a elucidação do conceito de intertransferência desenvolvido por René Kaës, para tratar de um complexo de situações em que ficam incluídas, além da transferência e contratransferência, sob a perspectiva do analista e a situação grupal, as relações com seus pares, sua própria equipe e sobre a instituição instituinte.

Paulo Jeronimo discorre sobre o acontecer, muito frequente nos atendimentos grupais, do que denominou de “excessiva instabilidade do setting” (p. 158), gerador, no limite, de fracassos no trabalho, apesar do estabelecimento do contrato e observância do setting e de haver mútuo interesse entre as partes: dispositivo clínico e demanda institucional. O acoplamento de settings seria, justamente, a condição de possibilidade de se estabelecer o planejamento do setting grupal – desenhado para atender tal tarefa – e o setting institucional, que estaria aberto às surpresas na execução dos processos de mudanças. Jeronimo detalha, conceitualmente, o itinerário de um atendimento clínico grupal-institucional, explicitando

as dimensões existentes e encontradas entre o instituído e o instituinte e suas consequências: flutuações inconscientes, resistências institucionais próprias do processo de implantação de mudanças demandadas, sabotagens. Adverte que a escuta e continência no acolhimento das angústias são os pilares necessários às modulações dessas defesas e impasses presentes nas relações transferenciais e contratransferenciais e na evitação de fracassos ao longo do trabalho. As transformações do setting institucional, quando da implantação de um projeto clínico grupal, é condição necessária para o alcance de um resultado produtivo.

A terceira parte que compõe este livro trata do trabalho de intervenção nas instituições hospitalares em que a temática sobre os somatizadores, o médico, a morte e a pulsão de morte, foi largamente abordada.

Pichon-Rivière dizia que todo ato criador resulta da elaboração de perdas e de morte, mantendo durante sua vida posição crítica sobre o ensino da medicina. Apesar de ser denominada *a mais nobre das profissões*, considerava sua transmissão distante do ser vivo, pela visão fragmentada do doente para o estudante em início de formação, na medida em que, naquela época e ainda hoje, se ocupavam do estudo de cadáveres. Afirmava que sua preferência pela psiquiatria decorria da elaboração pessoal resultante da superação desse dilema. Para a loucura e a dor psíquica, não existe nem anestesia nem formol, dizia ele. A atenção e o cuidado se dirigem ao sofrimento de pacientes vivos, não cadáveres.

Cristiane Abud narra sequência de fatos resultantes da transmissão do ensino médico e os efeitos produzidos nos alunos, gerando graus de tensão e ausência de possibilidades representacionais entre o psíquico e o somático. Dentre outros registros importantes, destacamos a “Aula de Respeito ao Cadáver” (p. 183) realizada em hospital universitário, e a desrespeitosa aposta sobre qual, dentre os alunos, seria o primeiro a desmaiar durante a dissecação do cadáver. Além de descrever

as situações observadas nas aulas de anatomia durante sua pesquisa de doutoramento, avança na análise desse lugar comum, examinando o bizarro que constitui essa e outras situações enfrentadas pelos alunos de medicina, quando não incluem em sua prática a dimensão subjetiva presente entre médico e paciente. Oferece, a partir da literatura psicanalítica e antropológica, equivalentes simbólicos para pensarmos dinamicamente o tabu que envelopa morte e vida.

O psicanalista francês Georges Gaillard traz importante aporte sobre o que denominou ser a exigência, para qualquer trabalhador ou equipe que se dedica a atendimentos de caráter social, de *prestar-se à transferência*. Isso significa aproximar-se sem medo dos pacientes, acercando-se de espaços afetivos arcaicos em que sua condição humana foi dilacerada, dotando-os de um lugar instituído do morto-vivo na sociedade. Propõe, dentre outras intervenções, a terapia do *handicap* como paradigma para trabalhar as atualizações dos aspectos mortíferos, presentes nesses atendimentos. Usando de vinhetas clínicas, ilustra sua contribuição, propondo variados destinos da clínica do *handicap*. Considera necessário, *a posteriori*, espaços de escuta a esses profissionais, sejam reuniões clínicas, grupos de discussão e análise da prática, para o resgate compartilhado e para a drenagem dessas deposições mortíferas.

Maria Laurinda de Souza, Cleide Monteiro e Vera Zaher apresentam o relato da experiência de intervenção realizada, em 2010, em uma equipe multidisciplinar de professores-tutores de uma instituição universitária. Contextualizam a formulação administrativo-burocrática do convite feito por Faculdade de Medicina do Estado de São Paulo e a aceitação de tal convênio pelo Instituto Sedes Sapientiae e pelo Departamento de Psicanálise, percorrendo os meandros que atravessaram para a realização da tarefa. A execução desse trabalho, em grande parte, foi creditada aos valores e práticas partilhados, tornando-se o ponto de confluência e de sustentação para a realização e êxito da empreitada teórico-prática. Descrevem os percalços que foram transpondo

1 M. Velloso, M. Meireles, *A operatividade da psicanálise vivida por Enrique José Pichon-Rivière*, São Paulo, Velloso Digital, 2014, p. 301.

tanto em relação à demanda institucional quanto ao próprio trio que constituía a equipe. Ao final, a construção de espaços de elaboração e de definição de diretrizes para o encaminhamento e execução do projeto comprovou que, de fato, ocorreram atos de invenção e avanço do conhecimento.

A clínica das psicoses, projeto realizado pela equipe multifuncional do CAPS – UNIFESP, foi descrita por Wilma SzarfSzwarc e Antonio Carlos Corrêa. Trata-se de instituição de atenção psicossocial com características singulares e transversais, possibilitando a cada membro e/ou equipe desenvolverem suas potencialidades. Utilizaram a simpática imagem das conhecidas bonecas russas – *matrioschka* – para ilustrarem a composição das equipes, fixas ou móveis, de seus técnicos. Ressaltaram a importância da qualificação dos profissionais, com capacidade individual para acolher o estranho que a situação comporta e de se deixarem afetar por seus conteúdos, zelando pelas equipes, criando instrumentos de elaboração das angústias e de continência para o acolhimento das deposições psicóticas. Os autores privilegiaram apresentar relato do atendimento a um paciente, o processo terapêutico desenvolvido e os acontecimentos inerentes a esse atendimento. O projeto examinado evidencia a preocupação e o esforço da reorganização de elementos caóticos e indiscriminados e o restabelecimento contínuo de vínculos intersubjetivos, dos pacientes e das equipes.

Seguindo a tradição de Pinel (1795) e de Pichon-Rivière (1936), que possuíam clara opinião a respeito da importância dos profissionais de enfermagem vinculados a atendimentos em hospitais psiquiátricos, Christiana Freire apresenta, no capítulo dez, relato de sua experiência (2005-2009) com grupo de enfermeiros numa Instituição, tido como o responsável pelas ações contraditórias e pelo impedimento do trabalho comum mas que, no decorrer do desenvolvimento grupal, foi revelando que o sintoma que esse grupo *problema* carregava era o de ser porta-voz dos conflitos inconscientes de outros grupos de profissionais da Unidade de Internação

Psiquiátrica e da Instituição de Assistência e Ensino. Freire descreve, a partir de sua proposição inicial, a importância de estabelecer as especificidades entre ser enfermeiro de outras unidades do hospital e ser enfermeiro do setor de psiquiatria. Comportamentos sincréticos, indiscutivelmente geradores de circulações de elementos arcaicos e, conseqüentemente, de angústias, dores, cisões e sobrecarga dos mecanismos projetivos, foram, dentre outros, resultado das indistincões encontradas nesse grupo de trabalho.

Rodrigo Blum escreve com humor sério. Para ele, um Projeto se dá no *corner*, no tempo, no espaço, na transitoriedade, nos cantos, nas esquinas, nos apuros, nos becos – em princípio, sem saída e, por princípio, buscando saídas – no corpo a corpo entre psíquico e somático. Ângulo e Plano se oferecem para o encontro de duas ou mais linhas: abertas, fechadas, flexíveis, inflexíveis, chegadas, partidas, início e fim. De 1919 a 1927, Projetos significativos da obra freudiana foram inaugurados. O sujeito freudiano se estabelece na encruzilhada do estranhamento, da luta pulsional, nos becos do desamparo. De um lado, um futuro feliz e próspero cede à tragédia e, de outro, o humor abre saída crítica para o trágico da guerra pulsional. Blum teoriza e dá seus passos. Busca respostas às indagações sobre a tessitura de que é feito um plano subjetivo apoiado pela estética freudiana do humor, diante da angústia, do desamparo, do sinistro, próprios à condição humana. Para ele, o humor na clínica psicanalítica pode se constituir num plano subversivo, elucidativo e revelador de construção subjetiva, quando partes cindidas e alienadas podem ser aproximadas e elaboradas, desenlanchando-se do jogo dual, mortífero, quando o eu se torna refém do gozo alheio. A última parte do ensaio, que denominou de “O Grupo de Segunda-Feira” (p. 327), apresenta o Projeto Terapêutico, enunciado *com suspense*, no início do artigo. Afirmado que o “grupo é o lugar por excelência da figurabilidade e da representabilidade” (p. 326), descreverá os diversos entrecruzamentos do humor, do desamparo e do sinistro.

Utilizando-se de chistes, da ironia e de refinado humor, Blum descreve, na Instituição em que trabalha, as vicissitudes ocorridas entre o fim do Grupo de Projetos das terças-feiras e os inícios de outro grupo, nas segundas-feiras: belo exemplo de quando, do *corner*, a bola faz sua travessia até o gol.

A psicanalista Vera Zimmermann aceitou, a partir de seus estudos acadêmicos, o desafio de se afastar dos cânones da psicanálise para participar da montagem de um espaço escolar em que o objetivo maior era intervir, através da dimensão institucional, na constituição psíquica dos adolescentes estados-limite (Aulagnier). Para realizar a intervenção pretendida, utilizou diferentes técnicas e estratégias terapêuticas singulares, sustentando-se em formulações teóricas que privilegiavam a clínica da psicose e a função do social na constituição psíquica. Zimmermann oferece o meticuloso passo a passo percorrido na investigação clínica, enfatizando as possibilidades de intervenção do psicanalista institucional sem preconceitos e devoções.

No capítulo treze, Eloisa Lacerda conta suas reflexões sobre a empreitada desenvolvida em serviço de atendimento a pais e bebês, numa instituição universitária. Implantado e coordenado por ela em decorrência de exigência instituída pelo Ministério da Educação, envolveu equipe interdisciplinar. Utilizando-se de vinheta clínica, descreve o árduo trabalho de enlaçamento afetivo realizado e o trançado pulsional que foi se constituindo durante o atendimento conjunto dos pais e da criança. A partir da metáfora criada em torno das fitas no cabelo da pequena Quênia e da África tão longínqua, a autora tece as formulações conceituais que foram emergindo do atendimento. Sublinhando a importância dos espaços criados para tornar possível esses encontros clínicos, Lacerda encaminha seu texto na direção de transmitir ao leitor, para além da formulação teórica, o enovelamento dos laços afetivos enredados, a imbricada tarefa e o minucioso trabalho de tecelões de toda a equipe multidisciplinar envolvida na dinâmica institucional e organizacional, assim

como na dinâmica clínica, antes e durante a constituição do serviço.

A Oficina de artes em serviço público de saúde, como condição de possibilidade do acontecer terapêutico com crianças e adolescentes que têm pouco a conversar com os adultos, é o artigo de Mira Wajntal. Recriando, com outros profissionais, esse dispositivo de atendimento e tratamento clínico às crianças do CAPS Infantil da Mooca, descreve a formação de grupos terapêuticos infanto-juvenis, cujos participantes apresentavam déficit de comunicação verbal, parcial ou total, ou, ainda, características estereotipadas de falas e inibições, evidenciando a necessidade de resgatar as marcas psíquicas advindas da história singular e das inscrições que o contexto social forjou em cada uma dessas crianças. O recurso utilizado durante essas oficinas constituiu-se no suporte plástico para que cada participante pudesse recriar seu estilo e forma de ser e estar no mundo. A autora traz excertos clínicos que enriquecem o relato, evidenciando as mudanças operadas pelo trabalho.

O experimento terapêutico *extramuros* realizado por Vilma Florêncio da Silva na UBS de Lauzane Paulista encerra a série de artigos que compõem este livro. Provocada pela demanda crescente e exagerada de atendimentos a crianças encaminhadas pelas escolas da região, decidiu sair do intramuros tradicional dos atendimentos e adentrar os portões escolares, trabalhando com professores e familiares das crianças. A quebra do olhar patognomônico, a escuta e drenagem das angústias que ondulavam no ambiente, trouxeram uma série de ganhos aos professores, às famílias e, sobretudo, às crianças que, em seu complexo processo normal de crescimento, eram vistas, de forma confusa, como doentes. A terapêutica utilizada por Vilma possibilitou ganhos preventivos, já que propiciou a elaboração e o consequente amadurecimento de aspectos infantis pertencentes aos adultos, depositados nas crianças, conturbando o ambiente.

Ao final da leitura destas 431 páginas, resta uma observação: o lapso de tempo nas notas

bibliográficas dos textos que integram este volume. Verificando as referências presentes ao final de cada um, observo que, na sua maioria, remetem-nos a publicações datadas cerca de uma década atrás – bons textos são os que permanecem. Esse

fato faz ressaltar, de um lado, o longo intervalo e a escassez de publicações recentes sobre o tema, e, de outro, o valor, por si só, deste livro, já que vem interromper esse hiato temporal de publicação de novos textos sobre grupos e instituições.

# O vazio ocupável

Plínio Carpigiani

Resenha de Talya S. Candi (org.),  
*Diálogos psicanalíticos contemporâneos:  
o representável e o irrepresentável em André  
Green e Thomas Ogden*, São Paulo, Escuta,  
2015, 448 p.

Esta obra, organizada pela também autora Talya Candi, traz uma sequência de artigos confeccionados a partir de um evento – homônimo ao título do livro – realizado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 2014. A fim de dar continuidade e ainda mais solidez ao tema, diferentes profissionais foram convidados a escrever sobre o conceito de *representação* a partir das concepções dos autores Thomas Ogden e André Green.

Todos os artigos, especialmente escritos, foram transformados em capítulos e agrupados em subtemas no sumário. São eles: Psicanálise e Linguagem; Sonhos e Representação; Limite e Representação; Trabalhando na Fronteira do Sonho; Sobre a Representação: Uma Perspectiva Filosófica e uma Conferência Especial. O número de subtemas proposto mostra a variedade de frentes que o conceito de *representação* adquire nas obras desses importantes autores, e também a abrangência para além dos *estados-limite*. Temos, nesses escritos, casos relatados sobre autismo, tipos de pacientes graves, situações de trauma, etc.

Alguns elementos da obra são aqui oferecidos como *terceiros*, considerando a dualidade

estabelecida entre o leitor e a obra. A intertextualidade entre os capítulos, o modo pelo qual os *analistas-escritores* trabalham teoricamente e em seus consultórios a partir das contribuições de Green e Ogden, são alguns exemplos. Nelson Coelho Junior, no capítulo “As origens da noção de *terceiridade* em Green e Ogden”, nos conta que existem diversas “*figuras de terceira*” (p. 239) possíveis em psicanálise. O *terceiro* como a junção de dois elementos é uma delas.

Para Green (2002), na sessão analítica “Há três objetos: os dois pedaços separados e o objeto que corresponde à sua junção.” (p. 240). Esses dois pedaços, em nosso caso, são o leitor e obra, ao passo que o que corresponde à junção são as interpretações feitas por quem lê. Boa parte desse texto se caracteriza como a própria *terceiridade*: apresentar alguns entre tantos elementos que a obra contém, ainda como pano de fundo, mas que estão para além do conteúdo em si.

A intertextualidade dada entre os capítulos permite duas possibilidades de leitura: o livro pode ser lido de ponta a ponta como um grande compilado dos diversos aspectos sobre o tema proposto, e pode ser usado como instrumento de consulta, capítulo a capítulo, de acordo com a necessidade do leitor e o seu interesse em cada subtema proposto. Os capítulos oferecem começo, meio e fim de um raciocínio, o que não impede que sejam complementares entre si.

O leitor é conduzido, por assim dizer, para *dentro* do consultório desses *analistas-escritores*, que oferecem exemplos clínicos de pacientes em *estados-limite*, pacientes estes que contêm mundos psíquicos bastante rudimentares e são atormentados por uma condição de elaboração psíquica arrastada e difícil. Como cita Talya Candi, no capítulo “Limite e Simbolização: do impasse ao potencial”, são pacientes com “déficit no nível simbólico” (p. 204). Nesses exemplos, o leitor tem a oportunidade de acompanhar a densidade do ofício dos analistas; o modo como compreendem e trabalham para que seus pacientes possam se revitalizar, recuperar ou mesmo adquirir estados mentais mais sofisticados, e assim alcançarem a

capacidade de imaginar, sonhar e falar sobre o próprio mundo mental. Processos aparentemente tão naturais, mas que exigem por demais da potência mental dos pacientes e da competência profissional de quem os atende.

Os textos relatam os modos pelos quais os analistas se debruçam sobre a noção de *representação* e ensinam boa parte do trajeto histórico desse conceito. A começar pelos ideogramas – formas milenares de representar – no capítulo “A propósito de um aparelho de Linguagem”, de José Renato Avzaradel, e nos levam até outra significativa forma de representar o mundo mental, a literatura, trabalhada no capítulo “O risco da confissão verdadeira: sobre literatura e mistério”, texto final escrito por Benjamin H. Ogden.

As concepções teóricas de André Green e Thomas Ogden, *o negativo, a terceiridade, o branco, a ausência, função desobjetalizante* (pulsão de morte), ganham cronologia e espaço pela fertilidade que oferecem ao campo psicanalítico atual. Os escritores de cada capítulo mantêm o ratificado retorno aos autores clássicos e localizam em que momento da construção teórica tais conceitos se destacam. Os *estados-limite* da mente recebem ainda mais atenção e, simultaneamente, a própria psicanálise ganha mais embalo na contemporaneidade à medida que recebe mais compreensões clínicas e produções textuais sobre o tema.

A *representação* adquire historicização e é apresentada em um avançado nível de compreensão e significado, tendo em vista que a obra é resultado de um colóquio que convidou “psicanalistas a refletir sobre a necessidade de postular a existência do irrepresentável no psíquico” (p. 14). O leitor vai deparar com um campo extremamente produtivo e fértil que permite à psicanálise ser ainda mais abrangente.

Outro aspecto fascinante é que, embora a escrita dos capítulos esteja relacionada aos parâmetros de discussão sobre a *representação* para Ogden e Green, os artigos oferecem também pontos de vista dos próprios analistas sobre esse conceito e outros que o circundam, ao explicitarem como encontram e relacionam a teoria

desenvolvida pelos dois autores e a prática, sem que percam o manejo clínico. Há diversos trechos que ressaltam as perspectivas do analista e como cultivam e promovem a *representação* de seus pacientes na busca de preenchimento desses *espaços mentais*. Como exemplo, temos o fragmento de análise que o autor Jean-Claude Rolland oferece no capítulo “O sonho e a situação analítica” ao descrever o caso de uma paciente que realizava o “silêncio por contrainvestimento” (p. 178). “[...] a interpretação teve o poder de inverter esse poder da língua: suprimindo essa ação equivalente a um recalque, restituindo a fala em sua função de enunciação [...]” (p. 178).

Cada *escritor-analista* encontra uma ponta de lança nas contribuições dos dois autores para desenvolver seu trabalho clínico. Seja pela *alteridade*, como escreve Ana Maria Andrade de Azevedo; pelo enquadre, como trata Lawrence J. Brown no capítulo sobre as rupturas no *setting* analítico e perturbações no campo dos sonhos; pelo caminho da *terceiridade* como no texto de Nelson Coelho Júnior, ou mesmo pela *estrutura enquadrante* proposta por Green e descrita no texto de Fernando Urribarri. Vale acompanhar capítulo a capítulo desta interseção. A sequência de textos oferece, assim, maior contato com o conceito de *representação* nas obras de André Green e Thomas Ogden.

Ao manusear o livro, podemos observar alguns pontos estratégicos de leitura que suponho facilitar a compreensão do tema proposto. Sobre os diversos detalhes teóricos e conceituais das obras dos autores contemporâneos Green e Ogden, como citado acima, cada capítulo oferecerá uma perspectiva e uma função na escuta dos analistas aos seus pacientes. Entretanto, recomenda-se ler a Apresentação de Luiz Cláudio Figueiredo ao primeiro contato com o livro e, se for possível, após toda sua leitura, também. Lá está um excelente guia para o leitor, que elucida, exemplifica e introduz o raciocínio necessário para compreender as contribuições propostas.

Também como estratégia de leitura, o texto de Fernando Urribarri parece estar de modo apropriado localizado no meio do livro. Apresenta



uma revisão da “Teoria geral da representação” (p. 188) e da “estrutura enquadrante como matriz da representação e como modelo teórico implícito na clínica de Green” (p. 190), partes do capítulo “André Green: uma metapsicologia contemporânea para orientar a clínica atual. Da estrutura enquadrante à heterogeneidade representativa”, que elucida o que já foi escrito nos capítulos anteriores e fundamenta os textos que se seguem.

Após a visita aos campos da difícil e necessária discriminação dos *estados-limite* e às salas de atendimentos de nossos analistas-escritores, o capítulo que aguarda os leitores mais adiante faz uma relação entre a *representação* a partir da filosofia e a *representação* em psicanálise que, para o autor, necessita “refletir sobre o tema [representação] também no registro do inconsciente” (p. 410). Texto escrito por Alberto Muniz da Rocha Barros Neto chama a atenção dos leitores para a difícil tarefa que é a conceptualização do termo *representação*, e mais, para o fato de que o próprio analista precisa lidar com a incerteza de visar um campo inconsciente tão sutil e esvaziado. Para isso, ele precisa dialogar com outras formas

de conhecimento. “Em primeiro lugar, [...] essas palavras (*representação*) são e devem permanecer sempre ambíguas, instáveis e manter a tendência a escorregar para outras disciplinas do saber ou despertar calorosos debates.” (p.381), uma proposta de *terceiridade* bastante perspicaz.

E por fim, Benjamin H. Ogden, em uma de suas últimas considerações, de seu capítulo contemplado ao fim da obra, chama a atenção do leitor para que:

A psicanálise – assim com a literatura – não esteja aguardando um analista que revelará a verdade, mas um analista que *reestabelecerá a reserva de mistério*; o analista que poderá reverter o curso das coisas e converter o conhecido em desconhecido, quando for o caso (p. 443).

Trata-se de uma afirmação que gera reticências e curiosidade. O leitor não obtém um desfecho que conforte e encerre a obra. Pelo contrário, a conferência transcrita ressalta a importante ideia de que temas desta magnitude não têm desfecho em si, e que o trabalho e o empenho dos analistas são constantes e intermináveis.

# Ficções brevíssimas, metáforas de duplicação e o processo criativo

Fernanda Sofio

Resenha de Renato Tardivo, *Girassol voltado para a terra*, São Paulo, Ateliê, 2015, 104 p.

Com a epígrafe de seu livro, Renato Tardivo anuncia a impossibilidade da tarefa que me incumbe, resenhar seu livro. Cita Merleau-Ponty<sup>1</sup>: “Toda tentativa de elucidação traz-nos de volta aos dilemas” (p. 22-23).

É a única dica explícita de seu profundo e múltiplo conhecimento teórico, além da cuidadosa e informativa apresentação de Nelson de Oliveira; as demais encontramos na forma narrativa, na atenção com as palavras. Escritor, crítico de arte e doutor em Psicologia Social, Tardivo tem amplo conhecimento psicanalítico e das artes, entre elas a literária – sobretudo brasileira – e as artes plásticas, o cinema, a fotografia. Embora resenhar de fato seja impossível, essa paradoxal empreitada induz à reflexão, daí que farei uma espécie de comentário-resenha, não propriamente uma resenha.

Suspeito que Renato, criador de ficções poéticas, aguarde de seu narrador a transmissão de sentidos que ele ainda desconheça. Desconfio, sobretudo, que seus textos alberguem sentidos impensados.

A criação literária como tema de escrita

El arte de narrar es un arte de la duplicación [...] (p. 137)<sup>2</sup>

Em *Girassol voltado para a terra*, é trabalhado de maneira magistral o tema da criação literária, da transposição do que chamamos realidade em ficção, associado ao enigmático processo pelo qual passa um escritor que vira texto, que parindo se duplica, e ao mesmo tempo se reconhece e não se reconhece em seu escrito, sua cria, seu semelhante.

Somos arremessados para esse campo de sentidos nas primeiras palavras, cada uma germinalada com zelo e cuidado, quando o livro nasce – isto é, se é que ele não nasce nas últimas páginas, ao ficar “completo”.

Ora, sendo o livro não para ser lido, mas para ser relido, fato é que sua unidade e seus temas (re)nascem muitas vezes. Com alguma ideia do conjunto, é nítido o objeto criação literária sempre à espreita, desde o primeiro, ou desde os três primeiros microcontos: *Volta*, *Borboleta*, *Metamorfose*, esses títulos-metáfora anunciam o que nos aguarda.

*Volta*

Há dias que, de tão reais, dão a volta toda. Viram ficção. (p. 17)

*Borboleta*

O passado desfilava no pincel que a tingia de vermelho. Seu corpo formigava, estalando. A menina voou. (p. 19)

*Metamorfose*

Ela arrancou o texto à unha, enrodilhou-se em suas frases. Envergonhadas, letras escorriam – como lágrimas – das pernas. (p. 20)

Poderia terminar aqui o comentário-resenha. Tudo está contido nas palavras de Tardivo. Mas vou procurar dizer algo do que implicam. (Resenhar, resumir, simplificar seria deveras ridículo, o leitor há de concordar comigo.) Vale ressaltar que o pedido de interagir com o texto foi feito pelo próprio narrador: “Recepção/ Todo livro é, em certo sentido, uma cadeira vazia.” (p. 55). Podemos pensar que *Girassol* é arte literária no sentido dado pelo crítico Wolfgang Iser<sup>3</sup>: completa-se,

“concretiza-se”, ao dialogar com o leitor. A função do leitor, nesse sentido, é fundamental: “A convergência entre o texto e o leitor traz a obra literária à existência.” (p. 279). Em poucas palavras: o livro não fala sozinho, nem quer.

O gênero literário dessas três ficções, como de tantas outras no *Girassol*, é inegavelmente o microconto – pensamento abstraído em poesia<sup>4</sup>. Sua tinta contudo é evidentemente psicanalítica, e já podemos também chamá-las de *ficções freudianas*, nome cunhado pelo escritor psicanalista

Fabio Herrmann<sup>5</sup>, ou por um seu narrador desdobrado, como (ele?) nos diz. Fica a ambiguidade: quem fala?<sup>6</sup>

No meu entender, a ficção freudiana é uma forma literária abrangente, que categoriza um sem-número de gêneros literários, sempre e quando formem unidade estética produzida como e a partir da *ruptura de campo*<sup>7</sup>.

Não é à toa que a reencontramos aqui. Entre outras, Tardivo é leitor da psicanálise brasileira, a meu ver vertente de nossa disciplina mais apropriada para se considerar a relação qualidade literária/psicanálises, as psicanálises literárias, como tenho discutido<sup>8</sup>. Aliás, Tardivo é leitor no verdadeiro sentido da palavra; quando escreve, é notável como transforma os textos que lê (e, quem sabe, neles se transforma).

Vamos à ideia do primeiro microconto: “Volta/Há dias que, de tão reais, dão a volta toda. Viram ficção.” É um resumo do que o livro nos reserva. De maneira enigmática, Tardivo nos revela que compartilhará suas ficções conosco (seja lá o que o pronome *suas* que escolhi queira dizer, afinal há mais de uma possibilidade). E as ficções do livro nascem de “tão reais”.

Essas tão parcas quanto potentes doze palavras tocam temas entrelaçados fundamentais para a crítica literária e também para a psicanálise contemporânea. São: real, realidade (condensados na palavra *reais*) e ficção. Tardivo (?) os cita, não define. Não explicitamente. Delega esta segunda operação interpretativa, já que a primeira foi da escrita, ao seu leitor. Este pode ser criativo, mas não a ponto de trair a letra do texto. Aceitemos o desafio e ensaiemos: como definir os três termos?

Eis uma aspiração recorrente da crítica literária contemporânea. Para citar dois bons exemplos, consideremos uma resenha de Pedro Meira Monteiro, que toca nesses temas, e um artigo de Silvano Santiago<sup>9</sup>. Meira Monteiro opõe ora real, ora realidade, ora experiência a ficção e, por exemplo, propõe: “[...] a literatura acontece no espaço entre as imagens e a experiência, ali onde descansa tudo o que a memória não pode recompor senão

1 M. Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, São Paulo, Perspectiva, 2000. (Originalmente publicado em 1964).

2 R. Piglia, *Formas Breves*, Barcelona, Anagrama, 2000 (Colección Narrativas hispánicas).

3 W. Iser, “The reading process: a phenomenological approach” *New literary history*, 3, 2, Maryland, EUA, 1972, p. 279-299.

4 Encontrei alguns de seus microcontos em livros anteriores, mas neles o contexto estrutura seus sentidos em configurações diferentes. Para dar apenas dois exemplos, Futuro do pretérito (p. 57) e Ciclo (p. 49) estão no primeiro livro do autor, *Do avesso*, p. 9 (epígrafe) e 31 (um parêntese de uma estória).

5 Fabio Herrmann (1944-2006) era médico e psicanalista. Sua interpretação da Psicanálise ficou conhecida como Teoria dos Campos, uma extensa obra publicada a partir dos anos 1970. Trabalhos póstumos continuam a ser publicados.

6 Sabemos que na ficção quem escreve é o narrador, não o autor. Mas quem dá o título do livro? E, se é o narrador que o faz, porque então assina o autor? O livro a que me refiro, que contém no título o que entendo ser o nome próprio de uma forma ficcional, é *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (F. Herrmann, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002).

7 Ruptura de campo é a ação que define a interpretação e que, ao mesmo tempo, resulta dela. Implica uma “ruptura” na rede de sentidos que vigora na comunicação humana, no que é consensual na comunicação humana, e trata-se de ruptura irreversível. Nesse sentido, Herrmann considerava ser a ruptura “da forma mesma de todo conhecimento legítimo.” F. Herrmann. *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001a, p. 59.

8 Escrever bem uma psicanálise, uma interpretação psicanalítica qualquer, pode implicar versar por um caminho literário. Acrescido a isso, como os psicanalistas buscam “disfarçar” seus pacientes no momento da escrita, o resultado tende deveras a adentrar o campo da estética ficcional, e pode ter muita qualidade. Isso deve ser visto como uma potência da escrita psicanalítica, mas nem sempre o é, principalmente quando se confunde o que seria uma ciência da Psicanálise com sua forma narrativa.

9 S. Santiago, “Meditação sobre o ofício de criar”, *Peixe-elétrico*, 5, 2016 [revista digital].

**Fernanda Sofio** é psicóloga e psicanalista, mestre em psicologia clínica pela PUC-SP e doutora em psicologia social pela USP. Atualmente realiza pesquisa pós-doutoral sobre Arte e Psicanálise no Instituto de Psicologia da USP e na Columbia University. É autora de *Literatura: Psicanálise como forma literária* (Fap-Unifesp/Fapesp, 2015) e de *Psicanálise na UTI: morte, vida e possíveis da interpretação* (Escuta, 2014).

quando se faz, ou se torna literatura. É preciso contar. Se não há compromisso com a ficção, nada do que se viu pode ser vivido como história”<sup>10</sup>. O compromisso com a ficção, a meu ver, implica transformação do que se conta em unidade estética. Já Silvano Santiago fala da mentira que é tornada *verdade poética* na literatura e, em particular, na autoficção.

Contempladas essas duas análises mais a fundo, posso concluir, talvez contraintuitivamente, que é na psicanálise brasileira que os três termos encontrados na ficção de Renato Tardivo se definem melhor: *real* como as regras estruturantes do sentido humano a que não temos acesso pela consciência; *realidade*, não mais em oposição ao prazer ou à fantasia, como poderíamos ler esquematicamente a partir de Freud, pois “afirmar a existência de dois mundos equivale a negar a de um só ou a de muitos” (p. 273)<sup>11</sup>, uma vez que as realidades são tantas quanto os indivíduos que interagem no mundo em que vivemos, e que formam acerca dele perspectivas que se modificam continuamente, mesmo que quase sempre imperceptivelmente; *ficção*, literária bem entendido, é unidade estética criada pelo escritor<sup>12</sup>.

Um conto são duas estórias, ensina Ricardo Piglia<sup>13</sup>.

É de fato tentador concluir esta resenha sem escrever. Tardivo condensa melhor. Mas vimos que vai contra as regras do jogo e, como já prometi, procurarei comentar também *Borboleta* e *Metamorfose*.

*Borboleta*

O passado desfilava no pincel que a tingia de vermelho. Seu corpo formigava, estalando. A menina voou. (p. 19)

*Metamorfose*

Ela arrancou o texto à unha, enrodilhou-se em suas frases. Envergonhadas, letras escorriam – como lágrimas – das pernas. (p. 20)

Difícil ler o primeiro título sem pensar em Franz Kafka, imperador das formas breves, cujos relatos impossíveis-possíveis transformaram a

parábola enquanto gênero literário. Difícil também não pensar no filósofo francês Merleau-Ponty, para quem o mundo se dá a conhecer pelo corpo; nosso saber está no corpo. O texto referido nesta ficção de Tardivo nasce das pernas, mais comumente associadas ao sexo que ao pensamento. Paralelamente, em *Borboleta* uma menina se corporifica a partir de um corpo anterior que formigava. O processo é da carne e é extremo e vivo. Não à toa, a menina foi tingida de vermelho, cor associada à agressividade, à sexualidade e à vida.

Também aprendemos com Merleau-Ponty que o corpo não equivale a suas partes; é inteiro. Havia tinta vermelha, que foi trabalhada a pinceladas, depois houve o corpo, depois a menina. *Quando* uma coisa se transforma na outra é absolutamente misterioso. Semelhantemente, é das pernas que as letras se soltam, escorrem em *Borboleta* – assim como as lágrimas se formam, onde antes não havia, o texto brota do corpo. O sangue, as unhas, as lágrimas sinalizam o luto que acompanha o processo criativo, nesta possibilidade de ler Tardivo.

Havia o nada; depois houve o texto. Também é uma possibilidade de leitura, que toca no mistério da criação, o mistério da vida, por exemplo como lemos no *Gênesis* bíblico. O tema da criação em Tardivo permite tal extrapolação.

Em *Borboleta*, o passado “desfila no pincel”, o que poderia trazer alguma pista de qual seria a matéria-prima da criação: o passado. Mas o passado se foi e não é mais, já diagnosticava Santo Agostinho; e as psicanálises cada vez mais mostram que ele é passível de criação. Estofado sem substância, não possui objetividade, estabilidade. E está em constante mutação.

Mas cria uma menina. Isto é, alguém que comanda o pincel se vale do passado para fazê-lo. No entanto, no passado, antes da narrativa, tampouco havia o narrador.

O livro nos diz que o *après-coup* sim pode ser descrito: “Recalque/ Todo escritor é feito das palavras

que esquece.” (p. 51) Temos um escritor. O que dele nasceu já são palavras esquecidas, as “borboletas-meninas”. E o escritor as esquece. Temos um escritor?

O Merleau-Ponty de Tardivo é freudiano. E talvez ecoe Bataille<sup>14</sup>, tomados os momentos de criação como fagocíticas: o uno se duplica. Os rastros desse Merleau-Ponty *sui generis* se observam em diversos momentos. Há no mínimo duas estórias movediças em cada texto, como nos que lemos juntos: a borboleta é a história da menina. A menina, metamorfose do escritor. Suspeito que há mais.

### Linha de chegada

Perto do momento em que o livro se conclui, em suas penúltimas palavras, encontramos a ficção – um pouco menos breve, desta vez um miniconto, não mais um micro – que recebe o título *Renascido* (p. 95). É uma espécie de tradução torta,

literária, do primeiro nome do protagonista da narrativa e de Tardivo, ambos chamados Renato. Agora, implicado no nome há um renascer. Estamos no fim do livro, e acontece um renascimento. Uma duplicação? O narrador duplicou-se do autor, o livro também. Já vimos como nascem os textos, processo muito mais complexo que o dos bebês.

Aqui é o nome próprio do autor que ecoa a primeira ficção deste livrinho: de tão real, deu a volta toda, virou ficção. De Renato, a re-nato, a Renascido; é a volta. Ora, quem dá a volta toda recua ao lugar de origem. Mas que já não é o lugar de origem. Real/realidade e ficção se encontraram: o mesmo e o diferente estão ao costado.

A ficção *Renascido*, de pouco mais de uma página, talvez possamos pensar paralelamente ao romance que Meira Monteiro resenha em sua referida análise – *Divórcio*, do escritor contemporâneo Ricardo Lísias. Digo isso por serem comparáveis as composições de *Renascido* e de *Divórcio*. No romance, quinze capítulos correspondem a quinze quilômetros da tradicional corrida paulista, São Silvestre, que por sua vez equivalem à trajetória do narrador, organizada na escrita como o que seriam seus momentos, seus capítulos. Inicialmente, Ricardo, o narrador, perde a pele. Depois vai nascendo outro; outra pele, outra carne, outro eu – carne e ser indivisíveis. O processo fora desencadeado por um baque amoroso.

No texto de Tardivo, é o menino Renato de sete anos que se esforça por fazer o trajeto do carro, portão da escola adentro, e que sabe da força que tem sua vontade de correr de volta pro colo dos pais. Sabe e não sabe. “Não compreende o que sente, sabe apenas que é ruim”, explica o narrador. Ele não quer voltar. Quer vencer o passado e avançar para o futuro: em uma palavra, quer crescer.

No entanto, Renato de sete anos é personagem do livro, não esqueçamos, e a forma como o crescimento, um percurso, pode se dar fora descrita anteriormente. Não é encorajador: “Futuro do pretérito/O único destino àquele que viaja.” (p. 57) Nada linear, o crescimento possível se dá “em oito”. Avança, faz a volta toda, se entrelaça com

10 P. Meira Monteiro, “Como falar a verdade? A ética da ficção em *Divórcio* de Ricardo Lísias”, *Celeuma*, 3, dez. 2013 [revista digital].

11 F. Herrmann, “Conclusão: realidade e real na obra freudiana”, in: *Andaimes do Real: Psicanálise do Quotidiano*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001b, p. 267-295. (Trabalho original publicado em 1985).

12 Fabio Herrmann define a ficção mais compreensivamente. “Vamos deixar clara a ideia: ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular. Ficção é uma hipótese que se deixou frutificar até as últimas consequências, [...] mas tende a capturar o investigador, que também é personagem dela, levando-o a crer que sua história é fato” (p. 18). E define a realidade. Ela “mostrou ser uma complexa e mutável construção subjetiva. Ou, para situar com economia o paradoxo, a realidade para a psicanálise é em si mesma muito pouco realista” (p. 27). E ela se opõe à materialidade das coisas. “A materialidade certamente existe e permanece, mas não é assunto psicanalítico” (p. 31). Chamamos realidade “à tentativa sempre precária de representar o real que nos está diante da consciência” (p. 33). “Na ruptura de campo o fato transforma-se em ficção e ganha mais verdade” (p. 40). “O que não há, evidentemente, é uma realidade para lá dos pontos de vista, ou das escutas, ou dos entendimentos, isto todo mundo sabe e todo mundo esquece” (p. 41). F. Herrmann, “Introdução: Psicanálise, ciência e ficção”, in: *A psique e o Eu*. São Paulo, HePsiquê, 1999, p. 7-42.

13 A tese de Piglia, *op. cit.*, se aplica às ficções de Tardivo. Não a desabona o fato de tratar-se de micro e minicontos, as formas mais breves do conto.

14 Crítico literário francês que tratou do tema do erotismo, discutindo inclusive certa “metamorfose” do que é dois em um, e do que é um em dois, no ato sexual e na reprodução humana.

a primeira história, o primeiro momento, retorna no sentido oposto, novamente faz uma volta, e segue adiante, a caminho do próximo retorno: eis a trajetória do pequeno Renato.

O duplo paradoxo está em ser trajeto invisível, para o sujeito e quem o cerca, e além e apesar disso o crescimento acontecer, imaginamos; “renascer” a cada momento, momento e sujeito sempre novos, um novo imperceptível; como o texto que vai sendo parido e, inexplicavelmente, se torna uma menina.

Considerando que a corrida acontece de fato nos dois textos, de Tardivo e de Lísias, não à toa pensamos-los paralelamente. O principal, entretanto, é o tema literário – *o que são ficção e nascimento/criação?* – a meu ver, espinha dorsal de ambos para a qual a metáfora do caminho de chegada apenas sinaliza.

Os dois mostram, não explicam. Qualquer explicitação de dentro de seu campo só pode ser matéria ficcional. Não há pausa da ficção dentro da ficção; ela segue sempre. Explicações quaisquer que porventura se encontrem nas linhas literárias, por diurnas que pareçam, possuem uma verdade que, no máximo, é sempre literária.

Assim, novamente leio as palavras do narrador do livro de Tardivo: “Cara e coroa/Há apenas duas coisas que, no espelho, nada refletem: a verdade e a mentira.” (p. 39). Eis uma abstração sintética do que me refiro: no âmbito ficcional, na estética literária, verdade e mentira são tornadas indistintas, cada uma deu a volta toda, tornando-se a outra. Qualquer objetividade acerca delas reside para além do campo da ficção, da trama que as sustenta, e assim inexistente literariamente falando. No campo ficcional, verdade e mentira interessam não em si, mas enquanto produtoras de sentido.

Hipótese final: Tardivo e Lísias, entre outros, são herdeiros a uma tradição pessoana; criaram uma

espécie de narrador-ortônimo contemporâneo, Tardivo em terceira pessoa e Lísias em primeira. As personagens Renato e Ricardo são protagonistas de suas ficções, tendo nomes (e histórias?) análogos aos de seus autores.

Válida ou não a comparação, é de interesse para o texto de Tardivo o que disse Haquira Osakabe do ortônimo pessoano: “[...] que não corresponde necessariamente à pessoa do autor” (p. 18) “Mas [...] afinal o que é o autor senão aquilo que ele mesmo inventa? [...] Nesse sentido falar-se de um ortônimo [...] não passa de uma valise de fundo falso: no conjunto de seres criados por Pessoa, cabe perfeitamente um Fernando Pessoa que não terá identidade mais real que os demais heterônimos [...]. O fundo da valise pode não revelar nada além dessa inquietante multiplicidade de irrealidades tão verdadeiras quanto nós o parecemos ver” (p. 22)<sup>15</sup>.

Certa vez, há vários anos e como quem nada quer, perguntei ao Renato, este que algo tem a ver e que não tem a ver com o narrador de seu livro: “Você considera sua escrita Literatura ou Psicanálise?” O tema me é caro. Além disso, eu estava curiosa. Sua resposta foi jocosa: devolveu a pergunta na forma de dedicatória ao seu segundo livro literário, publicado em 2011: “Mais um dilema para nós: Literatura ou Psicanálise?” e autografou. Teve razão em não responder no sentido convencional do que é uma resposta. Ao não fazê-lo, Renato devolveu a autonomia ao seu texto, às suas criações. A criatura de um criador é um filho: tem vida própria e cabe aos pais respeitá-la.

Não resenhei o livro de Tardivo, já que a tarefa anunciou-se impossível de largada. Mas pudemos conversar, autorizados pela belíssima forma de escrita e a intrigante escolha de temas poéticos, interpretáveis.

15 H. Osakabe, *Fernando Pessoa entre almas e estrelas*. São Paulo, Iluminuras, 2013.

## Colaboradores deste número

Ana Claudia Patitucci  
Rua Prof. João Arruda, 53  
05016-110 São Paulo SP  
Tel: (11) 3873.3457  
anapatitucci@hotmail.com

Ana Maria Sigal  
Rua Tatuí, 89 ap. 201  
01409-010 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3081-0143  
anasigal@terra.com.br

André Medina Carone  
Rua José Riga 266  
13565-560 São Carlos SP  
Tel: (16) 9 9169 6180  
andremedinacarone@gmail.com

Andréa Carvalho  
Rua Pelotas, 438  
S. Paulo SP  
Tel.: (11) 9 7092-3321  
andrecarvalho@outlook.com

Bela M. Sister  
Rua Maranhão, 584, cj. 42  
01240-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 3666 6443  
belasister@terra.com.br

Camila Salles Gonçalves  
Rua Dr Flávio Américo Maurano, 810  
05656-020 São Paulo SP  
Tel: (11) 3739-4464  
camila\_salles@uol.com.br

Claudia Berliner  
R. Dr. Paulo Vieira, 45  
01257-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 3731-7239  
cberliner@terra.com.br

Cristiane Abud Curi  
Alameda Joaquim Eugênio de Lima,  
881, cj 1105  
01403-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 9 9521-2574  
criscabud@uol.com.br

Cristina Parada Franch  
Rua João Moura, 647/103  
05412-001 São Paulo SP  
Tel: (11) 3081.4386  
crisfranch@uol.com.br

Danielle Melanie Breyton  
Rua Prof. João Arruda, 53  
05016-110 São Paulo SP  
Tel: (11) 3873.3457  
danibreyton@gmail.com

Deborah Joan de Cardoso  
Rua Prof. João Arruda, 53  
05016-110 São Paulo SP  
Tel: (11) 3873.3457  
deborah@santacruz.g12.br

Fernanda Sofio  
Avenida Eng. Luís Carlos Berrini, 1748,  
cj. 1608  
04571-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 9 8101-0363  
fernanda.sofio@usp.br

Gisela Haddad  
Rua Honduras, 587  
01428-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 4329-7304  
gishaddad@yahoo.com

Heidi Tabacof  
R. Jericó, 255, cj. 32  
05435-040 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3031-3613  
h.tabacof@uol.com.br

Jacques André  
andréjac@orange.fr

Kenia M. Ballvé Behr  
Rua Prof. Xavier Simões, 440  
91920-790 Porto Alegre RS  
Tel: (51) 3268-0212  
keniam@terra.com.br

Lucía Barbero Fuks  
Rua Marques de Itu, 837, cj. 62  
01223-001 São Paulo SP  
Tel: (11) 3259-0922  
bflucia@uol.com.br

Luiz Carlos Tarelho  
Rua Marco Antônio Dias Batista, 35/93  
05386-320 São Paulo SP  
Tel. (11) 99611-3906  
lcarlostarelho@gmail.com

Luiz Eduardo de Vasconcelos  
Moreira  
Rua Capote Valente, 989  
05409-002 São Paulo SP  
Tel: (11) 98444-0655  
luizevm@gmail.com

Marcia Regina Bozon de Campos  
Rua Joaquim Antunes, 727, cj 122  
05415-012 São Paulo SP  
Tel: (11) 3085-1592  
marciarbozon@gmail.com

Mania Sciuicca Deweik  
R. Honduras, 587  
01428-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 4329-7304  
maniad@uol.com.br

Maria Aparecida Kfourir Aidar

R. Jericó, 255, cj. 86  
05435-040 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3814-0101  
cidaidar@terra.com.br

Maria de Lourdes Caleiro Costa

Av. Paulista, 587  
01311-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3284-5693  
lourdescosta@uol.com.br

Maria do Carmo Vidigal Meyer  
Dittmar (Lila)

Rua Jericó, 255  
05435 040 São Paulo SP  
Tels.: (11) 3032-2108 / (11) 99970-4699  
lilavidigal@terra.com.br

Maria Lúcia Lima

Maria Marta Azzolini

R. Jericó, 255, cj. 31  
05435-040 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3034-5808  
marta.azzolini@gmail.com

Maria Teresa de Melo Carvalho

Rua Bambuí, 25/1600  
30210-4990 Belo Horizonte MG  
Tel: (31) 99985 7082  
mtmelocarvalho@terra.com.br

Marilucia Melo Meireles

Rua João Moura, 647 cj 101  
05412-001 São Paulo-SP  
Tel.: (11) 3081-2811 / 98425-6501  
marilucia.meireles@terra.com.br

Mario Pablo Fuks

Rua Angatuba, 646  
01247-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3259-0922  
mfuks@uol.com.br

Marta Rezende Cardoso

Rua Gustavo Sampaio, 710/1805  
22010-010 Rio de Janeiro RJ  
Tel: (21) 2543-8630  
rezendecardoso@gmail.com

Miguel Calmon du Pin e Almeida

Av. Ataulfo de Paiva, 341, cj. 709  
22440-032 Rio de Janeiro RJ

Monica Seincman

Rua Rodésia, 273 apto. 41  
05435-020 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3815.4486  
seincman@uol.com.br

Patricia Paraboni

Rua Paul Harris, 136 ap. 06  
97015-480 Santa Maria RS  
Tel: (55) 9107-5677  
pparaboni@yahoo.com.br

Paulo Antonio de Campos Beer

R. Alves Guimarães, 736  
05410-001 São Paulo SP  
Telefone : (11) 99626-0872  
beerpaulo@gmail.com

Paulo de Carvalho Ribeiro

Rua Bambuí, 25/1600  
30210-490 Belo Horizonte MG  
Tel.: (31) 99993-0080  
icaro.bhz@terra.com.br

Paulo Roberto Ceccarelli

Rua Rio Grande do Norte 355/501  
30130-131 Belo Horizonte MG  
paulorcbh@mac.com  
www.ceccarelli.psc.br

Plínio Carpigiani

Rua Havaí, 136 ap. 41.  
01259-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 9 6404-2830  
pliniocarpigiani@hotmail.com

Renato Mezan

Rua Amália de Noronha, 198  
05410-010 São Paulo SP  
Tel: (11) 3081.4851  
rmezan@uol.com.br

Silvia Leonor Alonso

Rua Maranhão 584, cj. 73  
01240-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 3666-2045  
silviaalonso@uol.com.br

Silvio Hotimsky

Rua Ilhéus, 135  
01251-030 São Paulo SP  
Tel: (11) 3862-7743  
silviohotimsky@hotmail.com

Thiago Majolo

Rua Itapeva, 202, cj 54  
01332-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 9 9969-4828  
tmajolo@gmail.com

Vera Zimmermann

Rua Joazeiro, 175  
01253-030 São Paulo SP  
Tel: (11) 3673-6104  
vera@tekowam.com



# Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na Revista *Percurso* pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os artigos enviados para publicação, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por duas páginas contendo, separadamente, os seguintes dados:

♦ **PÁGINA 1:**

Título e nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail.

♦ **PÁGINA 2** (não se aplica a resenhas):

Resumo do artigo enviado, com até cinco linhas, em português, e traduzido para o inglês, com redação ou revisão feita por um profissional da área. Enviar igualmente até seis palavras-chave, em português e inglês.

♦ **NA ÚLTIMA PÁGINA**

Deve figurar o número exato de caracteres do texto, inclusive espaços (limite de 35.000 caracteres+espaços para artigos; 20.000 caracteres+espaços para resenhas), e a data de envio do artigo ou da resenha para a revista.

♦ **TODAS AS PÁGINAS**

Devem incluir número de página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

2. A página de rosto é destacada quando o artigo é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor. Portanto, para identificar de qual artigo se trata, o título deverá ser repetido no cabeçalho de todas as páginas do artigo.

3. Os artigos deverão ser entregues em nove cópias impressas, pessoalmente ou por correio (não é necessário ser via Sedex), à Secretaria do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, aos cuidados de Cláudia Dametta, Rua Ministro Godoy, 1484, cep 05015-900, São Paulo SP, Brasil. Não serão aceitos trabalhos enviados por e-mail.

4. As resenhas devem ser encaminhadas, via email, ao Conselho Editorial de Resenhas:

Camila Salles – camila\_salles@uol.com.br;  
Sergio Telles – setelles@uol.com.br;  
Susan Markuszower – susanmark@uol.com.br;  
Elisa Maria de Ulhoa Cintra – elcintra01@gmail.com;  
Renata Cromberg – renatauc@uol.com.br;  
Janaina Namba – janaina.namba@yahoo.com.br;  
Pedro Mascarenhas – Pedro.mascarenhas@gmail.com.

5. Todos os textos serão analisados em detalhe pelo ple-nário do Conselho Editorial de Artigos ou do Conselho Edi-

torial de Resenhas. O Conselho Editorial de Artigos poderá, eventualmente, solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres. Uma vez aceito o trabalho, um membro destes Conselhos Editoriais transmitirá ao autor do artigo ou resenha eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, a fim de adequá-lo aos padrões da revista.

6. Os artigos enviados devem ter até 35 mil caracteres (com espaços), incluídas as notas de rodapé e não incluídas as referências bibliográficas do final. As resenhas devem ter até 20 mil caracteres (com espaços). Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

7. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por *Percurso*:

♦ **DESTAQUES:**

O que merecer destaque deve vir em itálico; não utilizar sublinhado nem negrito.

♦ **INTERTÍTULOS:**

Colocar intertítulos para facilitar a leitura.

♦ **PALAVRAS ESTRANGEIRAS E TÍTULOS DE LIVROS:**

Devem vir em itálico, sem aspas, quando mencionados no texto.

♦ **TÍTULOS DE ARTIGOS :**

Devem vir entre aspas, em estilo normal, sem destaque;

♦ **CITAÇÕES:**

Devem vir entre aspas, com chamada de nota de rodapé contendo a respectiva referência bibliográfica. As citações de até três linhas devem ser incluídas no corpo do texto; citações de quatro linhas ou mais devem ser destacadas do texto, em parágrafo escrito em fonte menor.

8. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada, e ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

♦ **NOME DO AUTOR:**

Em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.

♦ **CAPÍTULOS DE LIVROS:**

Título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem, cidade, editora, ano de publicação e página citada precedida apenas da letra “p.” Exemplo: N. Bleichmar e C. Bleichmar, “Os pós-kleinianos: discussão e comentário”, in *A Psicanálise depois de Freud*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p. 286. Para livros sem menção a capítulo, apenas o título do livro em itálico, cidade, editora, ano de publicação e página.

♦ **ARTIGOS DE REVISTAS OU PERIÓDICOS:**

Título entre aspas, seguido do nome da revista em itálico, indicando número ou volume, local de publicação, ano e página citada. Exemplo: R. Zygouris, "O olhar selvagem", *Percurso* n. 11, São Paulo, 1993, p. 12. (Não se usa *in* antes do nome de um periódico).

♦ **TEXTOS CITADOS MAIS DE UMA VEZ:**

A partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão *op. cit.* em itálico, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder, *A arte de formar*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 45; segunda citação, Marcia Neder, *Psicanálise e educação: laços refeitos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2009; p.70; terceira citação, Bacha, *Laços...*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A arte...*, p. 134; e assim sucessivamente.

♦ **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos: Levisky, D. *Um monge no divã*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007; Mezan, R. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

♦ **PARA RESENHAS:**

Título da resenha, seguido da expressão "Resenha de", nome do autor, título da obra em itálico, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo: Freud, o fio e o pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz, *Freud e as psicoses: primeiros estudos*, Rio de Janeiro, Xenon, 1994, 274 p. O nome, qualificação, endereço, telefone e e-mail do resenhador devem vir no final do texto, seguindo o solicitado no item 1 destas Normas. Colocar na página de rosto as palavras-chave da resenha: não é necessário apresentar resumo ou abstract.

9. Procedimentos finais:

♦ **PARA ARTIGOS:**

Uma vez atendidas as recomendações do Conselho Editorial de Artigos, o artigo finalizado deve ser enviado, via e-mail, para o seguinte endereço virtual: artigos.percurso@gmail.com. O próprio Conselho Editorial se encarregará de encaminhar o arquivo definitivo do artigo para a Coordenação Editorial. Uma cópia impressa deve ser entregue/encaminhada pelo autor à Coordenação Editorial, aos cuidados de Renato Mezan - Rua Amália de Noronha, 198, CEP 05410-010, São Paulo, SP. Se o envio for via correio, pede-se que não seja Sedex, e sim correspondência simples.

♦ **PARA RESENHAS:**

Uma vez atendidas as recomendações do Conselho Editorial de Resenhas, o texto finalizado deverá ser enviado, via email, para:

Camila Salles – camila\_salles@uol.com.br;

Sergio Telles – setelles@uol.com.br;

Susan Markuszower – susanmark@uol.com.br;

Elisa Ulhoa Cintra – elcintra01@gmail.com;

Renata Cromberg – renatauc@uol.com.br;

Janaina Namba – janaina.namba@yahoo.com.br;

Pedro Mascarenhas – pedro.mascarenhas@gmail.com,

que se encarregará de encaminhar o arquivo definitivo da resenha para a Coordenação Editorial.

10. Uma vez publicado o número, cada autor receberá cinco separatas do seu trabalho, além de um exemplar do número em que ele figura. Os trabalhos recusados não são devolvidos.

11. O *copyright* dos textos publicados em *Percurso* pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na Revista *Percurso*, número tal, ano tal, páginas x-y. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no site da revista: <<http://revistapercurso.uol.com.br>>.

# Onde encontrar *Percurso*

## Belo Horizonte

Livraria do Psicólogo  
Av. do Contorno, 1390  
Floresta  
Tel.: (31) 3303-1013 / 3428-5000  
livrariadopsicologo@livrariadopsico  
logo.net

## Fortaleza

Livraria Lua Nova  
Av. Treze de Maio, 2861  
Benfica  
Tel.: (85) 3214-5488

## Goiânia

Dimensão  
R. 1121, nº 249 – setor Marisa  
Tel.: (62) 3281.4135  
dimens@terra.com.br

## Porto Alegre

Livraria Cultura  
Av. Túlio de Rose, 85 loja 302  
Tel.: (51) 3028-4033 / 3170-4033  
dqmanzano@livrariacultura.com.br

## Ribeirão Preto

Núcleo Tavola – Instituto de Formação e Pesquisa em Psicanálise, Psicologia e Ciências Humanas  
R. Visconde de Abaeté, 210  
Tel.: (16) 3623-5780  
contato@nucleotavola.com.br

## São Paulo

FNAC Brasil – Pinheiros  
Praça Omaguás, 34  
Telefax: (11) 3815.1099 r. 271  
revistaria@fnac.com.br

Livraria APG  
R. Monte Alegre, 948  
Perdizes  
Tel.: (11) 3871-2023 / 3862-9065  
livrariaapg@terra.com.br

Livraria Cultura – Villa Lobos  
Av. das Nações Unidas, 4777 loja 245  
Tel.: (11) 3024-3599 / 3024-3570  
rodrigoh@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Market Place  
Av. Dr. Chucri Zaidan, 902 loja 222  
Tel.: (11) 3474-4033  
gaalmeida@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Paulista  
Av. Paulista, 2073 loja 153  
Conjunto Nacional  
Tel.: (11) 3474-4033  
cgtorres@livrariacultura.com.br

Livraria da Vila  
R. Fradique Coutinho, 915  
Vila Madalena  
Tel.: (11) 3814-5811

Livraria Pulsional  
R. Min. Gastão Mesquita, 132  
Perdizes  
Tel.: (11) 3865.8950 / 3675.1190  
pulsional@uol.com.br

Maura Book's  
Vila Guilherme  
R. José Gonçalves Gomide, 545  
Tel.: (11) 2909.1959 / 3865-1232  
mbooks@uol.com.br

## Sorocaba

Psicologia no Cotidiano  
Av. Presidente Kennedy, 316  
Jardim Paulistano  
Tel.: (15) 3327-2104  
contato@psicologianocotidiano.com.br  
www.psicologianocotidiano.com.br

## Salvador

Colégio de Psicanálise da Bahia  
Urania Tourinho  
R. Alfredo Magalhães, 96, 1º andar  
Barra  
Tel.: (71) 3264-3202

## Uberaba

Ilcéa Borba Marquez  
R. Alfen Paixão, 599  
Mercês  
Tel.: (34) 3312.7761







A Dr. Contábil consiste na prestação de serviços contábeis, tributários, trabalhistas e societários e é composta de profissionais qualificados em constante atualização com o objetivo de atender com segurança nossos clientes.

Nosso objetivo é fornecer serviços de qualidade, com postura ética, diferenciada, competência e eficácia.



Acesse nosso site:

[www.contabil.net](http://www.contabil.net)

Avenida Caxingui 94 Butantã  
CEP 05579 000 São Paulo Capital  
Telefone (11) 3724 9440  
[menossi@contabil.net](mailto:menossi@contabil.net)

Um produto desenvolvido por:

**MEN0551**  
CONSULTORIA CONTÁBIL

## Para assinar *Percurso*

- **Assinatura anual:** R\$ 190,00\* (dois números).
- Por telefone:** ligue para (011) 3081-4851, das 9:00 às 16:30, de segunda a sexta-feira. Você receberá uma ficha de compensação, que poderá ser paga em qualquer agência bancária.
- Por cartão:** ligue para (011) 3081-4851, nos mesmos horários. Tenha em mãos o número de seu cartão. Aceitamos Mastercard, Visa e American Express.
- Por cheque:** envie seus dados pessoais e cheque nominal para  
*Sociedade Civil Percurso*  
a/c Setor de Assinaturas  
R. Amália de Noronha, 198  
05410-010 São Paulo SP

### Autorização para assinar *Percurso* por cartão de crédito

|                                     |                                                                                  |
|-------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| NOME: _____                         | DATA: ____/____/____                                                             |
| ENDEREÇO: _____                     |                                                                                  |
| CEP: _____                          | CIDADE: _____ ESTADO: _____                                                      |
| TELEFONE RES.: ( ) _____            | COM.: ( ) _____                                                                  |
| CIC: _____                          | RG: _____                                                                        |
| E-MAIL: _____                       |                                                                                  |
| Mastercard: nº <input type="text"/> | val.: /                                                                          |
| Visa: nº <input type="text"/>       | val.: /                                                                          |
| AmEx: nº <input type="text"/>       | val.: /                                                                          |
| Quantidade de Parcelas:             | <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 5 |

Remeta este cupom por fax ou ligue, informando seus dados, para:

REVISTA PERCURSO – SETOR DE ASSINATURAS  
R. Amália de Noronha, 198  
05410-010 São Paulo SP  
Tel/Fax: (11) 3081-4851

Você também pode nos enviar um e-mail ([percurso@uol.com.br](mailto:percurso@uol.com.br)) autorizando-nos a debitar em seu cartão o valor da assinatura. Neste caso, seu cadastro será feito pelo telefone. Por favor, tenha em mãos os documentos necessários.

Alunos dos cursos do Instituto Sedes Sapientiae têm desconto de 25% (R\$ 142,50).

Impresso em São Bernardo do Campo SP, em janeiro de 2017,  
no parque gráfico da Paym Gráfica e Editora,  
para o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae